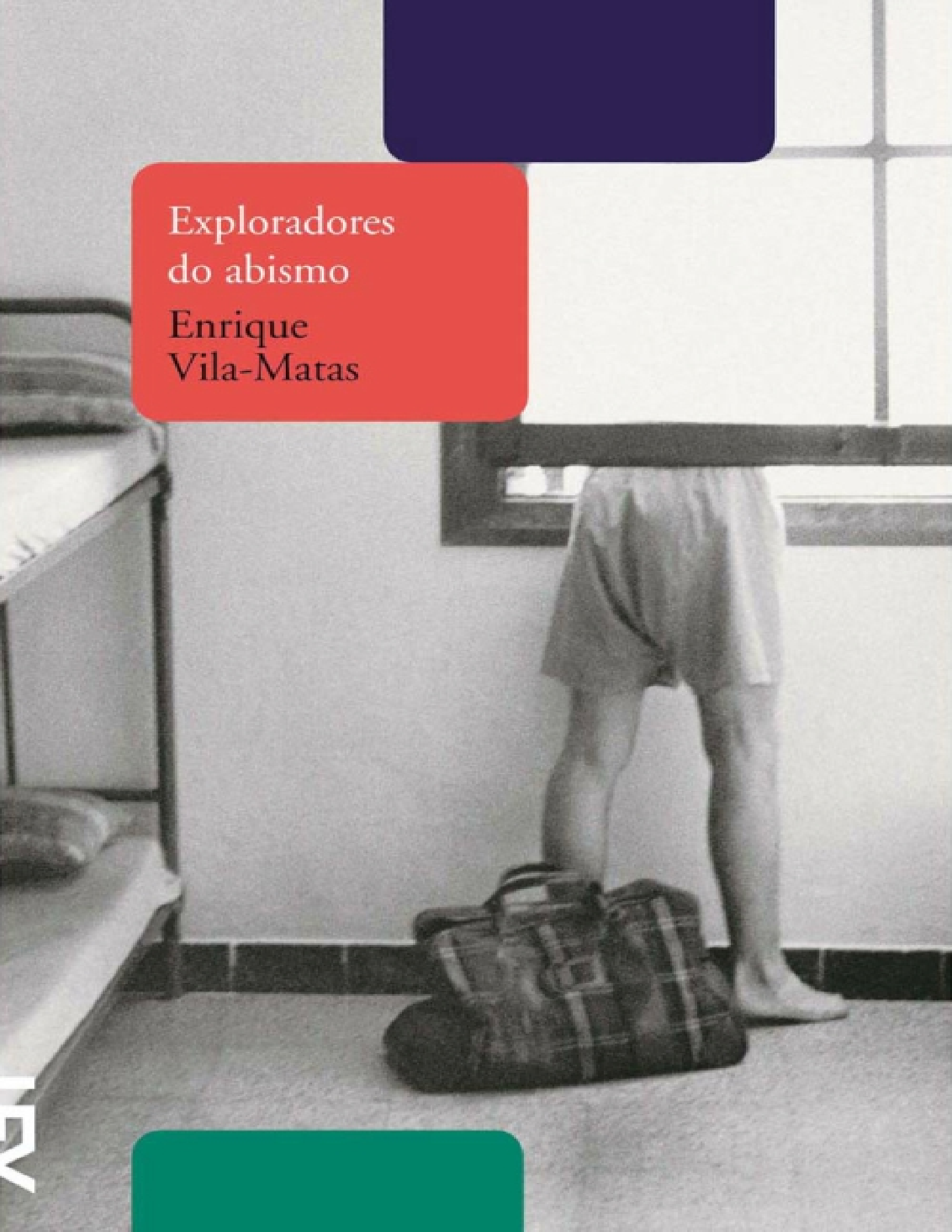


Exploradores
do abismo

Enrique
Vila-Matas

NEW



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Você pode encontrar mais obras em nosso site: [Epubr.club](https://epubr.club) e baixar livros exclusivos [neste link](#).



Enrique Vila-Matas

EXPLORADORES DO ABISMO

Título original: *Exploradores del abismo*

Tradução: Josely Vianna Baptista

COSAC & NAIFY

© Cosac Naify, 2013

© Enrique Vila-Matas, 2007

Editorial Anagrama s.a.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Emilio Fraia

PROJETO DE CAPA Kiko Farkas - Máquina Estúdio

CAPA E COMPOSIÇÃO Tereza Bettinardi

REVISÃO Pedro Paulo Silva e Thiago Lins

PRODUÇÃO GRÁFICA Mariana Tavares Geraldo

1ª reimpressão, 2014.

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vila-Matas, Enrique [1948-]

Exploradores do abismo: Enrique Vila-Matas

Título original: Exploradores del abismo

Tradução: Josely Vianna Baptista

São Paulb: Cosac Naify, 2013

320 pp.

ISBN 978-85-405-0558-2

1. Ficção espanhola I. Título

13-09306

CDD 863

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863

imagem de capa detalhe de fotografia de Josef Koudelka, Barcelona, 1971.

© Josef Koudelka / Magnum Photos / Latinstock.

A tradução de "A partida", conto de Franz Kafka, na p. 21, é de Modesto Carone. In Narrativas do espólio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Esta obra foi publicada com o apoio do

Ministério da Educação, Cultura e Esporte

da Espanha.

FONTE Adobe Garamond

papel Pólen soft 80 g/m²

Impressão Loyola

A Paula de Parma, molto vivace

Índice

[Café Kubista](#)

[Outro conto hassídico](#)

[A modéstia](#)

[Das tripas coração](#)

[Menino](#)

[Os autistas são assim](#)

[Matéria escura](#)

[Nunca fez nada por mim](#)

[Fora daqui](#)

[O dia assinalado](#)

[Amei Bo](#)

[Iluminado](#)

[Vida de poeta](#)

[Vazio de poder](#)

[Exterior de luz](#)

[Um tédio magnífico](#)

[Porque ela não pediu isso](#)

[A glória solitária](#)

[Epílogo](#)

Café Kubista

Vou pensando que um livro nasce de uma insatisfação, nasce de um vazio, cujos perímetros vão se revelando no decorrer e no final do trabalho. Escrever, certamente, é preencher esse vazio. No livro que terminei ontem, todos os personagens acabam sendo exploradores do abismo, ou melhor, do conteúdo desse abismo. Perscrutam o nada e não param até dar com um de seus possíveis conteúdos, pois decerto não gostariam de ser confundidos com niilistas. Todos eles adotaram, como atitude diante do mundo, encarar o vazio. E estão ligados, sem sombra de dúvida, a uma frase de Kafka: “Fora daqui, este é o meu objetivo”.

Vou andando por Praga pensando nisso, vou a passos rápidos, meu corpo levemente curvado, a cabeça um pouco inclinada, serpeando como se rajadas de vento me arrastassem para um lado e para o outro da calçada. Minhas mãos estão cruzadas nas costas, minhas passadas são largas. Uma ansiedade indefinida me assalta, e com ela um abismo mortal e o tédio sereno dos últimos meses, mas esse é um vazio muito otimista. Afinal, não posso esquecer que estou indo ao Café Kubista.

Quando finalmente entro no local, acomodo-me numa das mesas com janelas que dão para a rua Ovocny lembrando que na noite de ontem fui jantar com um amigo aqui de Praga e, ao sair do restaurante, ele me apontou a casa na qual, durante anos, viveu o poeta Vladimir Holan. Eu nunca estivera em Praga, havia chegado a apenas duas horas e tinha a impressão de que ainda não acabara de aterrissar.

Não sabia quase nada sobre a obra desse poeta, mas de repente lembrei que, trinta anos antes, inventei dois versos dele colocando-os, como epígrafe, na abertura de *Novas impressões de Praga*, sexto capítulo do livro mais eufórico de todos os que escrevi na

juventude:

Obscura a negritude / do mármore na neve.

Falei para o amigo que me acompanhava de minha relação mínima e estranha com Vladimir Holan: dois versos inventados não por capricho, mas porque precisava de uma citação que falasse do contraste entre o branco e o preto e não a encontrara em nenhum livro. À medida que caminhávamos pelo bairro de Malá Strana, eu ia me lembrando daquele capítulo sobre Praga de meu antigo livro e contei a meu amigo como naquele capítulo, com versos falsos de Holan incluídos, eu transferira para essa cidade a paixão que sentia, na época, pela *negritude*. Especulara, em meu capítulo, sobre uma Praga branca e nevada em contraste nu e cru com a presença da *negritude* em suas ruas, bares e cabarés. Perguntava-me por que fizera aquilo e nem eu mesmo sabia bem o motivo. “Procurava a discordância, acima de tudo o contraste”, concluí, hesitante e quase envergonhado com a simplicidade de minha busca. “Branco e preto”, disse ele, falando também com simplicidade, como se quisesse se pôr à minha altura. Tanta simplicidade chegava a ser inquietante. Embora não tenha dito isso a ele, o branco e o preto eram, no fim das contas, um dos dilemas simples e eternos de minha vida. Acontece que eu sou simples, muito singelo. No xadrez, por exemplo, sempre joguei com as pretas. Se me oferecem as brancas, eu me esfumo, desapareço; sem o menor sinal de irritação, vou embora tentando disfarçar meu leve espanto. O branco!

O branco e o preto sempre foram um de meus eternos dilemas. Mas por que em minha juventude eu transferira o dilema para Praga, cidade na qual, aliás, eu jamais estivera? Ao chegar ao final da rua Ovocny e ver ao longe o terraço noturno do Café Kubista, decidi tirar a primeira foto de minha viagem. Captei com a câmera a imagem daquele local situado no térreo de uma bela casa cubista. Depois, ao me aproximar um pouco mais do edifício, já na esquina com a rua Celetná, soube que ele era conhecido como o imóvel da Virgem Negra, porque tinha, limitada por grades, aquela virgem

escura na fachada. A casa ostentava um estilo tcheco único, do início do século XX, chamado de “cubismo tcheco”, popular entre os arquitetos progressistas da época. Nela se venerava, exposta entre grades na fachada, a Virgem Negra de Praga, de madeira de ébano procedente das Cruzadas.

Aquela extravagante combinação de cubismo e Virgem Negra me lembrava algo, mas eu não sabia o quê. Logo depois, meu amigo me deixou no Grand Hotel de Bohemia, e fui me deitar. Foi já em meu quarto que, ao pensar distraidamente na primeira e única foto que fizera da cidade, tive uma iluminação e me lembrei de repente que muitos anos antes, em *Novas impressões de Praga*, eu não só inventara dois versos de Holan como, além disso, naquele mesmo capítulo imaginara as luzes de um cabaré ou antro da *negritude*, o animadíssimo Zizkov, que situei justamente nos porões da casa da Virgem Negra. A ideia daquele cabaré surgira depois de eu ter lido numa revista uma reportagem sobre a casa cubista da rua Celetná de Praga e outra sobre a *Antologia negra* de Blaise Cendrars. Da caprichosa associação da Virgem Negra com a *Antologia* viera a ideia de transformar Praga e seu cabaré no centro mundial da *negritude*.

Compreendi que, na verdade, viajara a Praga para reencontrar as origens da invenção do Zizkov e, de quebra, recuperar o espírito dos anos em que escrevia contos com uma ingenuidade muito criativa. Pensei que não convinha ignorar aquele sinal e que a recuperação da lembrança do Zizkov devia vir acompanhada do oportuno gesto de dar por terminado meu livro sobre os exploradores do abismo, o livro de contos que eu estivera escrevendo ao longo do último ano e no qual justamente regressara a minhas origens de contista.

Sentado agora junto à janela que dá para a rua Ovocny, no interior aconchegante do Café Kubista, ponho, simbolicamente, um ponto final no livro. Há nele histórias sobre as diversas formas de relacionar-se com a angústia e também histórias sobre a criatividade extrema que pode surgir, às vezes, quando estamos a um passo do abismo e queremos que esse passo nos mantenha vivos, mas *fora daqui*. São contos que de alguma forma poderiam ser qualificados de “cubistas”, pelo nome do Café em que estou

agora, mas também porque às vezes compartilham com esse movimento artístico o gosto por ampliar as dimensões de certos espaços e por fugir da fixa perspectiva clássica, permitindo que, mais cedo ou mais tarde, a sombra de um ou outro explorador de abismos os atravessasse. São contos que às vezes se parecem com aqueles quadros de Vermeer nos quais os interiores pertencem a Delft, mas as janelas se abrem para o nada, ou seja, para a luz.

Meus exploradores são otimistas e suas histórias, em geral, são as de pessoas comuns que, ao se ver à beira do precipício fatal, adotam a postura do expedicionário e sondam o horizonte plausível, perguntando-se o que pode haver *fora daqui*, ou além de nossos limites. Essas pessoas não são especialmente modernas, pois em geral desdenham o tédio existencial tão em voga, parecendo, antes, gente antiquada e muito ativa, que mantém uma relação desinibida e direta com o vazio. Em alguns casos esse abismo é o centro do conto que protagonizam; em outros, bem diferentes, o vazio pode ser apenas um bom pretexto para se escrever um conto.

Tenho certeza de que não poderia ter escrito todos esses contos se previamente, há um ano, eu não tivesse me transformado em alguém levemente diferente, se não tivesse me transformado em *outro*. É justo dizer que a mudança aconteceu com uma simplicidade espantosa. Um colapso físico, acompanhado de uma rápida perda de peso, contribuiu para isso. De repente, tive a sensação de que havia herdado a obra literária de *outro* e de que agora só precisava administrar sua obra. Desde então, sou alguém que necessita das ligeiras discordâncias com o antigo inquilino de seu corpo, discordar dele leve e sutilmente e, sempre que possível, como uma redundância divertida, fazê-lo *perder peso* em sua argumentação. Vou dar alguns exemplos. Ele não tem o menor interesse pela lenda do Golem, eu tenho bastante. Ele morreria pelo novo, já para mim o mundo sempre foi velho. Ele parecia ter chegado a um beco sem saída, a um abismo final e aos limites da literatura, e eu, por minha vez, sem tanto drama, simplesmente já me sinto *fora daqui* e optei por dar mais um passo e voltar meus olhos para outros espaços, transformar-me num explorador desse famoso abismo que parecia lhe fechar todas as saídas. Se ele dizia

precisar quase desesperadamente de mudanças em sua vida e nos últimos tempos escrevesse obsessivamente sobre a necessidade de mudar, eu me limitei a avançar até a beira do caminho e mudar. Se ele era meio orgulhoso, eu tendo à modéstia, e meus lemas são: discricção, geometria, elegância e calma.

Só concordamos num ponto. Nenhum dos dois esqueceu a manhã em que viu a bela Delia Dumarchey, em Delft, descer de um coche funerário com seu elegante mancar e seu tão lendário olho de vidro. De resto, porém, passamos a ser ligeiramente diferentes em tudo. Se antes, por exemplo, ele acreditava que o romance era uma prática indeclinável, eu sou mais flexível e busco a vida que há nos contos.

Transformado num dissidente de mim mesmo, desde o primeiro momento ficou evidente que uma forma de me destacar de meu antigo inquilino era *voltar ao conto*. Não seria preciso esquecer que ele não pretendia retornar a esse gênero narrativo por considerar que já o praticara suficientemente durante uma etapa de sua juventude, justamente a do cabaré Zizkov. Em amável desacordo, resolvi olhar para trás e voltar ao sorriso original de meus contos de outrora. E foi o que fiz, voltei. A princípio foi como se tivesse resolvido voltar a uma vasta alameda, mas sem retornar exatamente sobre meus passos, e sim dobrando à esquerda e entrando por um beco escuro surpreendentemente amplo. Durante meses dominou-me a sensação de ter misturado, num híbrido estranho, o prazer do reencontro com a dor incerta do risco. Ninguém regressa impunemente ao conto.

Meu reencontro feliz de ontem com este Café Kubista teve algo de plena reconciliação com certos ritmos do passado. Agora, nesta manhã luminosa de Praga e olhando para a rua Ovocny pela qual Kafka, há exatamente cem anos, dirigia-se à rua Celetná e a seu trabalho com *os senhores do Tribunal* nos fóruns, dou por acabado o livro, com a permissão de meu próprio tribunal.

O Kubista é certamente o lugar adequado para isso e creio que a referência a Kafka está mais do que justificada, não só porque estamos em Praga e o livro parece situar-se *fora daqui* (esta é sua meta), mas porque, além disso, até recentemente eu acreditava

que a condição de exploradores do vazio fora definida por Kafka em conversa com seu amigo Janouch. Contudo, há coisa de apenas algumas semanas descobri, com certa surpresa, que provinha simplesmente de um pequeno equívoco, de algo que eu mesmo escrevera num artigo para uma revista, onde havia dito literalmente: “Quero continuar sendo, como disse Kafka, *um explorador que avança para o vazio*, e assim continuar dando sentido a minhas palavras”.

Eu acreditava que meus exploradores vinham daí até que, deve fazer algumas semanas, encontrei casualmente a frase que atribuíra a Kafka e descobri que não se parecia com a que ele dissera. A verdadeira frase era esta:

“Quanto mais os homens marcham, mais se afastam do seu objetivo. Gastam suas forças em vão. Pensam que andam, mas só se precipitam — sem avançar — no vazio. Isso é tudo.”

Então não havia nenhum explorador na frase kafkiana, menos ainda *do vazio*. Certamente a confusão se armou porque o título desse texto era “Explorador que avança”, e eu provavelmente modifiquei a frase de Kafka a meu bel prazer para que tudo se encaixasse com o título.

Mais que se precipitar, meus exploradores se detêm em certos umbrais e, antes de despencar, dedicam-se a dissecar o abismo, a estudá-lo. Têm, no fundo, um sentido festivo da existência, e poderíamos jurar que ouviram estes versos de Roberto Juarroz que encontramos em seu *Poesía Vertical*:

Às vezes parece
que estamos no centro da festa
No entanto
no centro da festa não há ninguém
No centro da festa está o vazio
Mas no centro do vazio há outra festa.

Enquanto vou para essa outra festa, deixo que minha vida

transcorra acompanhada de um tédio sereno, agradável. Discrição, geometria, elegância e calma. Já não me agito, já não sigo pelo lado mais bestial da vida, as estrelas são mapas de abismos exteriores, não suporto a solidão, temo as ciladas do tempo e da idade, a insônia, o tremor dos limites. Pouco a pouco vou conhecendo aquele tipo de tédio magnífico do poeta Álvaro de Campos, que toda manhã, de sua janela, olhava o mundo com perplexidade e dizia que seu coração era “um balde despejado”.

Quem sabe se terminar um livro de contos não seja como despejar de uma só vez um balde no Café Kubista. Vê-lo esvaziar-se totalmente e conhecer seu conteúdo, saber perfeitamente o que continha. E saber disso em meio a um clima risonho, discreto e geométrico. Um clima, no fundo, alegre. Porque minhas funções vitais desta manhã são o sol que cumprimenta os despertares, a descoberta do prazer de ser cortês, a revelação um pouco tardia de que tudo é excepcional, a gentileza manifesta no trato com as pessoas, a impressão de viver em plena tempestade de calma, a satisfação de ter perdido alguns quilos, a gestão da herança literária do antigo habitante de meu corpo, a abordagem suave de uma lógica espartana do trabalho, a crença de que gordos são os outros, a utilização da ironia moderada como um traço de elegância, de tímida felicidade, definitivamente.

Outro conto hassídico

Ordenei que tirassem meu cavalo da estrebaria. O criado não me entendeu. Fui pessoalmente à estrebaria, selei o cavalo e montei-o. Ouvei soar à distância uma trompa, perguntei-lhe o que aquilo significava. Ele não sabia de nada e não havia escutado nada. Perto do portão ele me deteve e perguntou: "Para onde cavalga, senhor?" "Não sei direito", eu disse, "só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar: só assim posso alcançar meu objetivo." "Conheces então o seu objetivo?", perguntou ele. "Sim", respondi, "eu já disse: 'fora daqui', é esse o meu objetivo."

FRANZ KAFKA, "*A partida*"

A modéstia

Há muitos anos venho agindo como espião ocasional no ônibus da linha 24 que sobe pela rua Mayor de Gracia, em Barcelona. Tenho em casa um arquivo de gestos, frases e conversas ouvidas, ao longo do tempo, nesse trajeto, e acho mesmo que poderia escrever um romance tão infinito quanto aquele que Joe Gould queria fazer sobre Nova York, pois roubei e registrei todo tipo de frases soltas, conversas estranhas, situações absurdas.

Um delinquente, certamente modesto, parece ter se apaixonado nos últimos tempos por essa linha de ônibus. Ele é chamado — já é muito conhecido entre alguns passageiros — *o ladrão do 24*. Quando sobe no ônibus, os passageiros que o conhecem avisam os incautos aos gritos: “Cuidado, cuidado, que entrou o ladrão do 24!”.

A cena é sempre emocionante, tem grandeza e até um pouco de épica popular, e me lembra, diferenças à parte, um filme que vi quando menino, no qual pessoas da periferia se mobilizavam para fechar o cerco a um assassino de meninas. O ladrão do 24 já foi detido umas quinhentas vezes, mas é sempre posto em liberdade e volta ao ônibus, onde é muito famoso. Não parece ter interesse por uma linha diferente, nem por outro ônibus. Deve gostar — como acontece comigo — de sentir-se um frequentador dessa linha, ou talvez simplesmente adore se repetir... É parecido comigo num detalhe: nós dois roubamos nessa linha de ônibus. Claro que ele rouba carteiras e eu me limito a furtar frases, rostos, gestos.

Reuni em meu arquivo todo tipo de frases ouvidas, ao longo do tempo, neste ônibus que há anos me leva do trabalho para casa, e vice-versa. Obviamente, algumas frases são troféus de caça melhores do que outras. Uma delas é a que ouvi, certo dia, de uma mulher que estava sentada atrás de mim nos fundos do ônibus: “Do inglês e do francês eu me lembro, mas do swahili eu me esqueci

completamente". Pareceu-me uma frase muito sofisticada para ser dita na linha 24. Ao me virar, vi que eram duas freiras que iam atrás de mim. As duas deviam ter vivido na África e isso na certa explicava tudo, mas continuei achando a frase bastante sofisticada.

Numa outra ocasião, também memorável, de repente um jovem disse para outro, quando iam descer, em voz bem baixa, muito brabo, e todo o ônibus ouviu: "Vou falar isso pela última vez: minha mãe é minha mãe. E sua mãe é sua mãe. Está claro? Você me entendeu?". O problema entre os dois parecia muito sério. Tive vontade de descer com eles e averiguar qual era o drama.

Lembro muito especialmente, entre outras muitas frases ouvidas e anotadas: "Dei-lhe magnólias de presente e nunca me perdoou". E esta outra: "A felicidade está no martírio". E esta: "Se você ganha dinheiro antes dos quarenta, está perdido".

Todas estão anotadas, com a data correspondente. Tenho um dossiê que é de cair o queixo, uma informação formidável sobre o mundo do ônibus da linha 24.

Um dia, ouvi uma mulher contar a seu marido que a lua não é o que pensamos ser: "Não é um satélite natural da terra, e sim um imenso planeta oco, projetado por alguma civilização tecnicamente muito avançada, e colocado em órbita ao redor da terra há muitos séculos". Anotei tudo isso cuidadosamente e também o que disse o marido, que tinha cara de idiota (anotei isso também, o fato de ele ter cara de imbecil): "A lua é a lua e pronto".

Bonita frase a do idiota, algumas vezes eu a digo, gosto de dizê-la.

— A lua é a lua e pronto.

Ninguém sabe por que digo isso, ninguém sabe que vem do que escuto no ônibus. A vida no 24 faz parte de meu arquivo mais íntimo. Até hoje, sempre tive a impressão de que tudo o que se passava nessa linha me dizia respeito diretamente.

O arquivo — como minha vida — foi ficando grande e complexo. E não é estranho, porque sempre houve, nas duas áreas — ônibus e vida —, uma grande quantidade de coisas para anotar. Houve tantos gestos, tantas pessoas, tantas frases... No entanto, há uma semana eu estava concentrado em meus pensamentos e não

espiava nada. Nos últimos tempos, principalmente, há muitos dias nos quais, não sei por que, eu tiro folga de tudo isso. Esqueço que sou um ladrão de frases de ônibus. Segunda-feira passada foi um desses dias. Mas de repente aconteceu algo totalmente imprevisto. Eu estava de pé no sufocante ônibus lotado, encostado distraidamente numa das barras da plataforma central, quando uma mulher que falava no celular disse atrás de mim:

— Vou descer agora, na estação de Fontana. Tenho trinta anos, mas não sei se aparento isso. Não sou nem bonita nem feia. Estou usando um casaco cinza. Bem, nos vemos. Até já.

Estava de costas para mim, de maneira que eu não podia ver seu rosto, a menos que desse dois passos (impossíveis) para ficar na frente dela, ou fizesse um gesto muito forçado com a cabeça, o que, com tanta gente em volta, ia parecer pouco natural. Aquele “não sou nem bonita nem feia” tocou minha alma. Era uma frase que eu já ouvira mil vezes, mas que agora escutava com uma intensidade diferente. Deixou-me completamente preocupado. Pode-se realmente ser algo intermediário? O que teria acontecido na vida daquela mulher para que ela se valorizasse tão pouco e não tivesse problema em formular isso em voz alta? Gostava de ser modesta? Era isso, simplesmente, e não era preciso continuar girando ao redor desse assunto? Ou talvez não fosse ninguém e nem sequer fosse modesta? Achei inquietante que alguém se resignasse a tanto cinza. Vista de costas, era baixinha, estava totalmente vestida de cinza e até seus cabelos pretos pareciam estar ficando cinzentos, usava uma bolsa da Zara que talvez fosse um dado mais útil para identificar-se do que aquele “não sou nem bonita nem feia”.

Planejei segui-la quando descesse em Fontana para ver com quem ia se encontrar, entrar com tudo no começo de um romance real. Mas eu estava chegando tarde demais em casa e não tinha tempo para segui-la por aí. Por outro lado, nunca na vida eu seguira alguém pela rua e não me via fazendo isso de jeito nenhum. Meu espaço é o do ônibus, pensei. E isso me ajudou a reprimir minha ideia de descer.

Pensei também no livro sobre Gérard de Nerval que estava lendo,

e me veio à memória uma citação comovente: “Nunca vi minha mãe. Seus retratos se perderam ou foram roubados. Só sei que se parecia com uma gravura da época, uma gravura da escola de Prud’hon ou de Fragonard e que podia se chamar *A Modéstia*”.

Aquela mulher, toda vestida de cinza, era como a mãe de Nerval? Mas como eu podia saber como era a mãe de Nerval se nem ele mesmo sabia? Em todo caso, podia tentar ver como era a mulher que havia falado no celular. Estava muito curioso para ver se realmente não era nem bonita nem feia. Esperei pacientemente para ver, ao menos, seu rosto. Quando o ônibus parou em Fontana, a mulher se virou bruscamente para mim e começou a abrir passagem em direção à saída. Pude vê-la num primeiro plano perfeito. Um rosto de olhos rasgados e verdes, muito bonito, castigado pela tristeza e pela modéstia, e eu diria que pelo desespero. De repente, senti-me tentado, novamente, a descer do ônibus e segui-la, averiguar com quem se encontraria.

Desceu do ônibus ali em Fontana e tive receio de que na rua Mayor de Gracia sua beleza se atualizasse a cada instante, conforme o aspecto do rosto dos outros. Então percebi que estava até com um pouco de ciúme dela. Era uma mulher cinza, de uma modéstia cativante. Fiquei plantado feito um imbecil ali dentro do ônibus, vendo como, já na rua, ela se perdia entre a multidão que subia pela Mayor de Gracia. Ainda tive tempo, enquanto o ônibus arrancava, de ver como ia cruzando com passantes de todo tipo, provavelmente oferecendo a cada um deles sua melhor imagem.

De noite, sonhei que voltava para casa no 24 e que um ônibus da mesma linha que ia na frente do meu — na realidade os dois iam colados — corria tanto que acabava batendo na estação de metrô de Fontana. Instintivamente, ao comemorar que me salvara graças ao fato de estar no ônibus de trás, olhei para ver se a mulher que me acompanhava em silêncio também estava sã e salva. E estava, era a Modéstia em pessoa, era a mulher vestida de cinza que eu vira algumas horas antes. Lá estava ela, comigo, a salvo. Era ela, continuava usando a bolsa da Zara. E seus olhos agora pareciam mais tristes, rasgados e irresistíveis do que da primeira vez que a vi.

Não quis dar muita importância ao sonho, embora sem dúvida ele a tivesse, e fui trabalhar. Há mais de vinte anos que estou na Fundação Rougemont de Barcelona, onde atualmente tenho um cargo importante. Tive sorte na vida, não posso me queixar. Minha situação financeira é ótima e acho que posso me sentir orgulhoso de minha mulher e de meus três filhos. Passo os finais de semana com a família em Sant Hilari Sacalm, onde temos nossa segunda residência. Eu sempre dirijo o carro — nunca deixo que peguem no volante —, e isso porque preciso espairar dirigindo e, além disso, gosto de correr bastante. Às vezes o automóvel me parece o símbolo do que alcancei.

Sou muito pretensioso, embora as pessoas quase não percebam isso, porque me reprimo o mais que posso. É essa repressão que certamente me leva a correr tanto com meu carro quando saio de Barcelona. E pode ser que eu corra tanto só porque, de algum modo, embora esteja apenas dirigindo bem rápido pela estrada, eu precise exteriorizar, sem incomodar ninguém, de forma privada, o orgulho que sinto por tudo o que consegui na vida. E não vou exteriorizar isso justamente no ônibus, que para mim sempre é, por sorte, um banho de humildade, muito útil para eu não acabar me transformando no ser mais vaidoso na terra.

Mas eu me reprimo, me reprimo muito. No elevador, com os vizinhos, por exemplo. Quando subo com um deles, gostaria de poder contar de minhas grandezas, e que soubessem de como tudo vai bem comigo. Dentro de algumas semanas vou ser condecorado em Paris por méritos no trabalho. Pois bem, levo isso bem calado comigo. No entanto, gostaria de poder dizer, de gritar isso agora mesmo a todos os vizinhos do prédio. Porque eles parecem pensar que eu sou um pobre diabo. Claro, eles me veem descer do ônibus, sempre tão cabisbaixo e modesto! “É muito cômodo porque me deixa na porta”, explico, mas eles parecem pensar que faço isso porque ando curto de dinheiro e só gasto em gasolina nos finais de semana.

Enfim. Tive esse sonho com o ônibus acidentado, talvez um sonho ligado a minha frustração por eu, no dia anterior, não ter decidido seguir pela rua a mulher da roupa cinza que, sem saber,

castigou-me com sua tristeza e modéstia. Depois, no escritório, não conseguia tirá-la da cabeça. De tarde, ao voltar do trabalho, no ônibus, aconteceu uma coisa totalmente imprevista. Na parada de Fontana, um ancião deficiente esperava para subir com sua cadeira de rodas. E o motorista acionou imediatamente os lentos mecanismos da rampa para que aquele homem pudesse subir no veículo. Mas a rampa emperrou, talvez por não ser muito usada. Eu, de fato, jamais vira um deficiente subir no 24. Depois de cinco minutos de incerteza, todos tivemos que descer do ônibus porque ele tinha quebrado. Não ficou claro se o veículo quebrou devido à tentativa de se colocar a rampa ou se simplesmente havia sido uma coincidência casual. O fato é que todos nós tivemos que descer e esperar a chegada do próximo ônibus. Pensei que a situação guardava certo paralelismo com o sonho da noite anterior, uma vez que havia também um primeiro e um segundo ônibus, e o da frente tinha se acidentado, e, ainda por cima, tudo acontecera justamente em Fontana.

Seja como for, a avaria me devolveu plenamente a lembrança da mulher de olhos rasgados e tristes da tarde anterior. Procurei-a, quem sabe ela estivesse ali. Comecei a pensar que talvez ela passasse um dia inteiro dando voltas ao redor da estação de Fontana. Não podia evitar, a mulher cinza me deixara muito intrigado ao se definir como *nem bonita nem feia*. Era curioso. Uma frase que eu ouvira milhares de vezes e que nunca me dera o que pensar, pois sempre me parecera normal e irrelevante, agora me inquietava, e muito, e de repente toda minha vida parecia girar em torno dela.

Procurei-a entre a multidão, mas não parecia haver nenhum sinal dela. Fiz a mesma coisa na quarta e na quinta, principalmente ao passar pela estação de Fontana. Na sexta fui almoçar com alguns colegas da Fundação num restaurante perto das Ramblas. Havia muita gente aglomerada ao redor das chamadas "estátuas vivas". Uma de Che Guevara, especialmente, fazia sucesso, mas todas as outras também despertavam a atenção dos turistas, uma do jogador de futebol Eto'ó, outra de dom Quixote, uma de Evita Perón. Só uma delas não tinha público e era incrivelmente discreta.

Pois era quase imperceptível, como se não existisse, sua imobilidade era absoluta. Quase esbarrei nela, porque não a vi até que ficou bem diante de mim. Tratava-se da representação de uma mendiga — eu diria que londrina — do século XIX, mas havia algo estranho nela, que fazia com que passasse completamente despercebida aos olhos dos turistas, dos transeuntes em geral. Vestia uma roupa esfarrapada de cotelê cinza que chegava quase até o chão, onde havia uma caneca de metal, também cinza, para as moedas. É a Modéstia, pensei admirado.

No dia seguinte, dei a desculpa da chuva para não sair no fim de semana. E no domingo pela manhã, ou seja, ontem, quando o sol voltou a sair, levei a família para ver uma exposição de Fragonard num museu na parte alta de Barcelona. Pensei que ali podia dar com alguma pista para averiguar onde se encontrava, caso existisse, *A Modéstia*, a gravura da escola de Prud'hon ou de Fragonard de que falava Nerval. E também pensei que aquela não deixava de ser uma forma de me sentir, de algum modo, próximo de algo relacionado com a mulher cinza.

— Quando vão lhe dar a medalha? — perguntou meu filho mais velho, pegando-me de surpresa.

Ele já tem dezessete anos e continua acreditando em mim, e nesse momento não pude evitar um sentimento forte de orgulho por ele e também — por que não confessar? — pela medalha que vou receber. Depois, quase imediatamente senti vergonha de minha reação vaidosa e, para corrigi-la, dediquei-me a intensificar a busca de alguma pista sobre a gravura e a pensar em pessoas que não têm uma opinião elevada sobre si mesmas, ou seja, pessoas modestas.

Na livraria do museu encontrei, quando menos esperava, um livro sobre a escola de Prud'hon, e não hesitei em comprá-lo imediatamente. Não havia ali nenhuma imagem da gravura que eu procurava, mas vi que era verdade que esta existia e era da escola de Prud'hon (estavam, pois, descartados os discípulos de Fragonard) e encontrei informação suficiente para procurá-la na internet. De tarde, em casa, com a ajuda de minha filha mais velha, encontrei no Google uma foto da gravura. A Modéstia era uma bela

mulher, aquela figura na qual Nerval acreditava ver sua mãe. Acho que me apaixonei por aquele retrato da gravura, porque agora levo na carteira a fotocópia que minha filha fez da imagem para mim.

— Sabe que foi muito boa a ideia de não ir a Sant Hilari? — disse ontem minha filha pequena quando a tarde do domingo já declinava e todos nós nos sentíamos muito felizes vendo um grande filme na tevê.

Hoje, segunda-feira, ao voltar do trabalho, ouvi uma mulher dizendo a alguém pelo celular:

— Não é isso, mas você está bem perto, quase do lado. Te amo. Você é o melhor do mundo.

Pensei que se dirigia a mim. Virei-me e a decepção foi imensa, não porque as frases não fossem para mim, mas porque aquela mulher não era nem um pouco parecida com aquela que eu procurava, e da qual levava apenas uma imagem na carteira. A mulher falava com o namorado, e continuou fazendo isso.

— Um bulbul é um rouxinol persa, pensei que você soubesse.

Disse isso de modo muito peculiar, mas nem tive vontade de anotar. É triste dizer isso, mas acho que comecei a perder o interesse pela caça de frases, o interesse pelo mundo, por quase tudo. De um dia para o outro, estou começando a perder o fôlego. É como se no caçador ancestral que há em mim a curiosidade e a atenção, a agilidade e a paciência necessárias, estivessem começando a falhar. Como se agora só me restasse um interesse exclusivo por voltar a cruzar com ela e poder lhe dizer, não sei, poder lhe dizer minhas mais modestas verdades: que estou envelhecendo, que já não sou tão bom caçador de frases, que as medalhas já não me dizem muito, nem o mundo, só ela.

Das tripas coração

Há um ano, voltei a escrever contos, mas sem perceber que na verdade continuava com os hábitos do romancista. Continuava utilizando um *tempo* moroso, nem um pouco adequado para a narrativa breve. As frases se alongavam sem pressa e se concentravam pesadamente nos detalhes. Até que compreendi que assim eu não ia a lugar nenhum. Tinha de ser mais consciente de que havia retomado o conto e era obrigado a ter um senso de concisão que o romance não pedia. Mas o maior conflito não procedia apenas desse lastro dos maus hábitos adquiridos como romancista. A tensão mais forte era provocada pelo esforço árduo de contar histórias de pessoas normais e, ao mesmo tempo, ter de reprimir minha tendência a divertir-me com textos metaliterários: o esforço árduo, em suma, de contar histórias da vida cotidiana fazendo *das tripas coração*, tal como me haviam exigido os que me odiavam, que me haviam reprovado excessos metaliterários e “ausência absoluta de sangue, de vida, de realidade, de apego à existência normal das pessoas normais”.

Sem saber que meus detratores reprovariam também o contrário, ou seja, criticariam qualquer coisa que eu fizesse, entreguei-me com toda boa vontade aos contos com pessoas normais, de carne e osso, sangue e tripas. Não que isso fosse algo antinatural para mim, mas desde o primeiro momento me incomodei bastante com as tripas, o suor, o cheiro, as frases vulgares e as lágrimas de meus personagens. Não podia esquecer o quanto eu me identificava com o Paul Valéry que assegurava que sua mente não fora feita para os romances tradicionais, uma vez que neles as grandes cenas, as cóleras, as paixões, os momentos trágicos, longe de exaltá-lo, alcançavam-no como clarões miseráveis, estados rudimentares nos quais toda a burrice anda à solta, nos quais o ser é estupidamente

simplificado.

Meus detratores também me recriminavam por eu ter mitificado tanto o literário. Não permitiam que eu dissesse o que, por exemplo, deixam Francisco Ayala dizer perfeitamente, talvez por ele já ter completado mais de cem anos, idade na qual tudo se perdoa: “Eu digo que a literatura é o essencial, o básico. Tudo o que não for literatura não existe. Porque, onde está a realidade? Uma árvore é uma árvore porque alguém a nomeia. E ao nomeá-la está suscitando a imagem inventada que tínhamos. Mas se você não a nomeia, a árvore não existe”.

Fiz das tripas coração para lidar com as secreções e exsudações de meus personagens, fiz um esforço incrível para mostrar “apego à existência normal das pessoas normais”. E ultimamente já me sinto bem adaptado a minha nova vida asquerosa. No fundo, sempre me impressionaram contistas como Raymond Carver, com todas as suas histórias de garçonetes e caminhoneiros e outros seres anódinos perdidos no cinza de um cotidiano esmagador. Reconheço que é um dos gênios do conto. Também gosto desses autores que, por exemplo, descrevem um campo de batatas com uma precisão magistral. Mas sempre tive dificuldade para fazer isso. Se precisava descrever um campo de batatas, eu descrevia, mas eram batatas germinando num porão, por exemplo, e acabava tendo de corrigir a mim mesmo, batendo sadicamente na mão com a qual escrevia aqueles surrealismos.

Dediquei-me a falar de seres comuns e vulgares, ou seja, de indivíduos irritados, apopléticos e analfabetos, mas passei mal, muito mal. E tudo para que dissessem que mudei um pouco meu estilo. É absurdo porque no fundo eu deveria saber que para mudar de estilo basta mudar de tema. Passei mal porque suei muito com meus personagens. Os de meu primeiro conto, eu não consegui esquecer. Passavam o dia enfiados em minha cozinha, discutindo enquanto lavavam os pratos. Discutiam por qualquer coisa. Era um desses casais que sempre estão literalmente atirando pratos na cabeça um do outro. Eles me chateavam, mas com eles me tornei preciosista, nem um erro na hora de abordar, com precisão, sua imensa vulgaridade. O grande problema veio quando descobri que

nunca saíam de minha casa. Eu me levantava à meia-noite, por exemplo, para buscar alguma coisa na geladeira, e lá estavam os dois, encostados na parede do corredor, junto da cozinha: insones, sujos. Um dia, ouvi-os comentar que tinham se associado ao Clube das Pessoas Normais. Que graça, que personagens deliciosos! Embora eu veja neles carne, nariz e osso em demasia. Além do mais, quantos contos já não terão sido escritos sobre as mesmas bobagens?

No entanto, para não cair em desespero, comecei a aceitar que esse casal e outros de sua condição humana e vulgar são muito apreciáveis e que suas vidas mínimas de pessoas normais devem ser escritas em minha casa da ficção. Além do mais, diabo!, agora eu vivo, no fundo, bem satisfeito por ter retomado o conto e gosto quando vejo pessoas que ainda são simples, que são como pobres cobaias repetindo estupidamente os erros de sempre de todas as pessoas que passaram pelo mundo. Acho que no fundo sinto fascínio por todas essas senhoras e senhores tão enormemente vulgares, com seu nariz e suas tripas e sua batata e, enfim, com todas essas coisas tão bem postas e sua existência normal de pessoas normais, normalíssimas. Além do mais, diabo!, a ideia não era, afinal, mudar de estilo?

Menino

1

Se meu filho sair vivo da intervenção cirúrgica a que será submetido, vamos comemorar em família e com uma piedosa festa seu sexagésimo aniversário. Já são muitos os anos que meu filho Francisco, que todos conhecemos por Menino, está fazendo. Mas, com certeza, não acho que vou ficar muito alegre se ele continuar vivo.

Porque, para falar a verdade, Menino foi insuportável desde menino.

— Por que você me engendrou? — perguntava aos seis anos, com sua surpreendente linguagem elevada, que incluía nada menos que o verbo *engendrar*.

Em compensação, eximia de qualquer culpa sua mãe, a quem, numa atitude meio gratuita, sempre perdoava tudo.

— Mamãe é inocente — afirmava Menino, e dizia isso com essa linguagem elevada, mas também cheia de caprichos, que carrega até hoje. Será que ele sabia, naquela idade, o que significava dizer que sua mãe era inocente? Inocente de quê? Isso me tirava do sério.

— Inocente de quê? — eu perguntava, exasperado.

Ele não respondia, só me dedicava olhares ternos, e eu preferia pensar que meu primogênito não sabia muito bem o que estava dizendo.

Os outros filhos — duas meninas e três garotos — eram normais e, se me permite a cafonice, um encanto. Uma historiadora, uma professora, dois arquitetos e um designer. Tudo perfeito, mas Menino sempre foi um caso à parte.

— Não quero seguir essa carreira — disse-me um dia, quando ainda não tinha completado vinte anos e, a contragosto, estudava arquitetura, conforme minha vontade.

Não queria ir por esse caminho, não queria ser arquiteto como eu (o que, no fim das contas, apesar do contratempo para o negócio familiar, era algo razoável e até aceitável), mas ele não queria, principalmente, ser parecido comigo em nada, quando na verdade ninguém lhe pedira isso.

Um dia pegou uma carona e fugiu de Barcelona e da Escola de Arquitetura e se plantou em plena revolução do Maio Francês. Chegou a Paris no dia em que completava vinte anos. Quando voltou, tive uma grata surpresa. Eu deixara de ser o único culpado de tudo. O batalhão de culpados tinha se ampliado e abarcava agora uma grande quantidade de pessoas. Passaram a ser culpados do que acontecia com ele: seu pai, a arquitetura capitalista, os três cabeleireiros do bairro, todos os meus amigos, o carvoeiro e o guarda municipal aposentados, os atendentes da confeitaria da esquina, o vendedor de jornais, e até aquelas jovencinhas com as quais cruzava brevemente pela rua e que, por andarem depressa demais, não se deixavam observar o suficiente.

Naquele ano já não voltou para a arquitetura — deixou que dois de seus irmãos seguissem a carreira — e passou a se dedicar à atividade meio ridícula de me chatear o tempo todo. Pedir uma explicação convincente sobre o motivo de tê-lo engendrado era uma das coisas mais frequentes daquela época. Um pesadelo. Num dia em que eu não aguentava mais, nós nos sentamos para conversar em meu escritório. Sempre vou me lembrar que lá fora chovia muito e que a chuva parou justamente quando nosso breve encontro acabou. Ele queria me falar do cinema de Godard e eu preferia que falássemos de minha culpabilidade por tê-lo trazido a este mundo. Acabamos falando do segundo.

— Só quero que você me explique — disse-me — por que, há alguns anos, naquela Semana Santa que toda a família passou em Málaga, você nos reuniu uma tarde no salão do hotel para nos explicar que estava passando por uma crise de fé cristã. Lembra? Eu tinha quatorze anos, meus irmãos eram bem pequenos...

Eu me lembrava perfeitamente. Falara com meus filhos em plena crise nervosa provocada por minhas dúvidas sobre a ressurreição da carne e, em geral, minhas dúvidas sobre qualquer crença religiosa.

— Só quero saber — continuou Menino — por que você reuniu seus filhos para lhes dizer que se sentia na obrigação paterna de informá-los de que um dia teríamos de morrer, que nascemos para morrer e que não há outra vida depois desta. Achou legal o que fez?

Eu não agira bem, mas não estava disposto a admitir isso para meu filho.

— Você disse isso também para o Javercito — continuou Menino —, que na época tinha cinco anos. Disse que ele ia morrer. Será que naquele dia você, na verdade, não estava querendo ver todos os seus filhos mortos e bem enterrados? Será que na verdade você nunca considerou uma boa ideia ter filhos?

— Não diga bobagens — freei-o como pude. — Talvez tenha sido apenas minha forma de me vingar de você, que desde menino me perguntava porque eu o engendrei. E ainda continua com a mesma conversa. Você sempre foi e continua sendo um chato, Menino.

— E você muito irreflexivo ao me dar a vida sabendo que me dava a morte. Devia me explicar isso. Além do mais, está em dívida comigo.

Ergui lentamente os olhos e, ao ver que a chuva tinha parado, abri a janela para fingir que estava ocupado no gesto de abri-la e para que compreendesse que eu não ia lhe responder, de maneira nenhuma. Senti o cheiro bom, ancestral e ao mesmo tempo novo, da terra molhada. Disse a ele que fosse embora, que gostaria de dar um passeio sozinho. Já na rua refleti sobre as palavras de meu primogênito e disse a mim mesmo que Menino sempre conseguia me chatear, mas que nesse dia tivera mais sucesso do que nunca.

Hoje fui visitá-lo em sua casa e compartilhei com ele e sua bela mulher martiniquesa um excelente chá paquistanês (comprado, disseram, não sei em que loja monumental de Londres), e quando ela saiu um pouco para buscar umas garrafas de água mineral no supermercado paquistanês ali de baixo (tudo é paquistanês, pensei), Menino aproveitou para me dizer que no começo costumava esquecer a operação que o aguarda, “se, digamos,

ninguém ficava me lembrando dela”. Mas agora, diz, “a operação já está aí, cada vez mais, eu diria que está cada vez mais perto do meu corpo”.

Senti certa pena e quis mudar de assunto e lhe falei de alpinismo, esporte que continua me fascinando, embora já não o pratique. De fato, o alpinismo foi o hobby favorito, tanto de Menino quanto meu, durante muito tempo. Incentivei esse hobby em todos os meus filhos, embora nem todos tenham respondido com o mesmo entusiasmo e a vontade de Menino. O assunto não lhe interessou nem um pouco e interrompeu-me para insistir em sua inquietação por seu iminente ingresso no hospital para ser operado.

— Isso vai passar rápido, você vai ver — disse-lhe.

Produziu-se um silêncio no qual, embora vontade não me faltasse, estive prestes a lhe dizer que comecei a escrever estas notas sobre ele, mas no fim não quis que soubesse que, às portas da operação (não quero assustá-lo ainda mais) me propus comentar por escrito algumas das circunstâncias boas e ruins de minha relação com ele, e também alguns dos momentos mais memoráveis de sua irregular vida de pesquisador do que possa existir além da vida, ou seja, alguns dos marcos pitorescos de sua biografia de suposto rastreador incansável das zonas de sombra do conhecimento humano.

Propus-me comentar, pois, certos momentos de sua vida e, de quebra, recuperar também alguns momentos da minha. Acho que faço tudo isso movido pela crença íntima, sem dúvida questionável e supersticiosa, de que, enquanto estiver comentando as coisas de Menino, de alguma forma estarei rezando por ele, talvez acendendo velas que tragam muita sorte a sua iminente operação no hospital. Já queria vê-lo morto, mas é meu filho.

Não sei se algum dia ele ouviu falar do cineasta Werner Herzog, que em certa ocasião foi andando de Munique a Paris para salvar sua amiga Lotte Eisner. “Quando eu chegar, ela terá saído do hospital”, afirmava. E foi o que aconteceu. Do mesmo modo que, oito anos mais tarde, Eisner, que mal podia andar, nem enxergar, pediu que a libertasse do feitiço. Depois de duas semanas, Lotte Eisner falecia.

Eu preciso, como pai, fazer algo por meu filho — alguém diria agora que já fiz o suficiente por ele na vida — e acho que essa recuperação de momentos do passado vai me servir para evitar que eu tenha de mim mesmo uma imagem de braços cruzados que não poderia suportar.

— Não deixo de pensar que fundamentalmente eu agora *espero* — disse-me, rompendo o silêncio.

E passou a me contar que agora pertence àquele vasto grupo dos que se amontoam na saúde pública à espera de que, por exemplo, num de seus hospitais, façam-lhes uma *análise clínica*. De fato, já viu várias vezes todos esses trabalhadores filiados à Previdência Social. Fez parte da massa amorfa em muitas ocasiões. Longas esperas, por exemplo, para uma simples picada, um exame de sangue, “o que os médicos de hoje e as pessoas simples de hoje chamam de *análise clínica*”. Sente-se parte desse exército.

— Sou alguém — concluiu — que essencialmente *espera* e que, embora aparentemente esteja em casa, na verdade amontoa-se nessa massa amorfa sem limites, que se perde na escuridão.

Suas palavras me pareceram ridiculamente transcendentais, mas isso, nele, não me surpreende.

— Vivo fora da vida que não existe — acrescentou.

Por sorte, nesse momento Claudine, sua mulher, voltou. Ela sempre me pareceu realmente bonita, flexível, protótipo das mulheres caribenhas. Tem uma estrutura óssea belíssima, tão fina quanto a dos gatos, e é um prazer vê-la se movimentar. Voltou com as garrafas de água mineral e me perguntou se eu queria mais chá paquistanês ou algum outro docinho.

Menino nem me deixou responder e começou a dizer que no começo ele não percebeu que estava na antessala.

— Que antessala? — perguntei, resignado a ouvir qualquer coisa.

Ele me contou que, alguns dias antes, tinha acabado de voltar do hospital, de submeter-se a uma *análise clínica*, e estava em casa ouvindo “música melancólica de Debussy” quando observou que tudo que o cercava era o mesmo de sempre — por exemplo, Claudine estava cantando na cozinha, como em tantas manhãs —, tudo era igual, mas de repente observou que a luz não era normal,

era muito mais real, com um poder luminoso que ele não conhecia. No começo, ele se perguntou se por acaso não teria tomado, sem querer, uma droga forte. Mas logo notou que o que se passava era somente a transformação de todo o seu mundo sem que ele percebesse. Deu-se conta disso quando por fim reparou que a luz não era exatamente natural. Continuava vivendo em sua casa, Claudine cantava na cozinha e tudo parecia quase normal, mas ele já estava nessa antessala ou zona intermediária entre a vida e o outro mundo. E o mais satisfatório de tudo era que Claudine estava com ele nessa região dos espíritos. “E agora você também”, acrescentou, com uma expressão de aparente cordialidade.

Nesse momento, lembro-me de ter olhado ao meu redor para ver se tudo era mais real do que antes e, de passagem, comprovar se eu também estava na antessala, e lembro-me, ainda, de ter tido a impressão de que o único que havia mudado ali era meu filho. Eu, na melhor das hipóteses, era alguém que esperava ingressar um dia nessa antessala, nessa zona intermediária que para Menino já parecia tão familiar.

— Na antessala ninguém é niilista. Então deixe isso de lado — disse-me de repente, de forma muito contundente. — E nela não há céticos. Acreditamos na dignidade do homem, no valor da ciência, na verdade relativa da arte. Não estamos desprovidos de crenças para nos sentirmos completamente desolados. A desolação aqui é vista como o fruto de uma escandalosa estreiteza de pontos de vista. A desolação é vista simplesmente como uma estupidez. Ah!, e na antessala não se reza.

Perguntei-me por que ele teria falado em rezas. Talvez tenha lido meu pensamento e tenha descoberto que desde ontem ando aplacando minha consciência pesada (a que me leva a querer, sem rodeios, que ele morra) e que para aplacá-la procuro lhe dar sorte rezando ou, o que dá na mesma, escrevendo estas notas que procuram mantê-lo na vida e continuarão procurando isso nos próximos dias, por mais que — movendo-se em sua zona intermediária entre a verdade de ficção e a própria verdade suntuosa — Menino diga que sua vida já ficou para trás.

Em todo caso, com sua capacidade de sedução nesse momento

ele conseguiu o milagre, por assim dizer, de fazer com que eu também me sentisse na zona intermediária, ou seja, em sua antessala ou sala de espera. Conseguiu. Sempre teve dons de embusteiro comigo. De repente, pude ver até a cor de abismo da parede do fundo de sua sala de estar.

— Já é tarde — disse.

— Para tudo — respondeu automaticamente.

Fez isso como em nossos melhores tempos, quando nosso lema era *Já é tarde para tudo*: legenda que sempre aplicávamos a nós mesmos como forma de consolo toda vez que naufragávamos em nossas sondagens sobre o além, em nossas esforçadas indagações sobre outros mundos: nossa perseguição de dados que contribuíram, em lugares às vezes muito remotos, com informação sobre a essência da condição humana, da solidão em face da imensidão do universo, da origem da vida...

Como em nossos melhores tempos, sim. Só que de repente estávamos numa imprevista antessala e talvez, pela primeira vez na vida, tivéssemos avançado em nossas pesquisas de tantos anos. Era como se de repente nós dois estivéssemos justo na mesma hora, nem um pouco tardia, precisamente. Na hora exata. Como se tivéssemos acertado os ponteiros e também, finalmente, tivéssemos sabido *ver algo*. Eu precisava tanto acreditar nele, ainda que não acreditasse nem um pouco! Pensei bem e, valendo-me de certo cinismo, disse então para mim mesmo que, de fato, acreditar ou não acreditar nele não fazia diferença; o importante era que a antessala, essa provisória zona intermediária, parecia um primeiro destino lógico para nós dois e uma recompensa quase merecida, por nossa longa trajetória de pesquisadores incansáveis da natureza do outro mundo.

Despedi-me e fui, sozinho, para o corredor em busca da saída. Claudine cantava na cozinha uma peça, insolitamente alegre, de Debussy.

— Volto amanhã — disse eu, já junto à porta.

— E sobre aquilo? — cutucou-me então Menino de sua poltrona da antessala.

Fiquei quase perplexo, sem entender, no começo, o que ele

estava dizendo.

— Aquilo? — perguntei.

Um breve silêncio.

— A ajuda — disse gritando.

Ah! Ele estava me lembrando que precisa de dinheiro. Está arruinado, precisa de minha ajuda, como antes. Tive a impressão de que ele sabia de cor tudo o que ia me dizer. Sobre a doença, os gastos com a operação, a miserável essência da condição humana, a ruína depois da fortuna furtiva, a vida que é uma catástrofe, etcétera.

Embora não tenha me surpreendido, considerei pouco delicado o momento escolhido para me lembrar que devo lhe transferir dinheiro. Incomodou-me também sua forma de dizer isso. Fiquei aborrecido e decepcionado. Decidi fazer seu jogo sem informá-lo de que minhas simpatias por ele de repente desmoronaram, e com isso afundaram também sua antessala e a cor de abismo e suas imposturas ilimitadas. Uma pena. Eu fizera um grande esforço para ajustar sua hora à minha e nos encontrarmos na hora exata, mas as formas, concretamente essa forma nada elegante de me lembrar que devo continuar a ajudá-lo, acabaram estragando tudo.

Compreendi que fora um ingênuo ao ficar rezando para que ele saísse vivo da operação. Nesse momento decidi que só queria vê-lo morto. Ele procurou, conseguiu fazer que eu me cansasse de tanto ajudá-lo. É um vadio triste, um cafetão do próprio pai, um morto-vivo, um falso explorador do enigma do mundo, o ser mais superficial da terra.

Pensei em lhe dizer que para quem estava na antessala do outro mundo ele parecia muito materialista, mas me calei. Preferi que continuasse sendo feliz acreditando que voltara, como outrora, a hipnotizar-me, nesta ocasião com sua difusa antessala de paredes cor de abismo.

— Amanhã você terá esse dinheiro — disse eu, finalmente.

E saí. Batendo a porta. Deixei para trás uma antessala tão fria que ir para a rua foi como lançar-me ao inesperado calor do abismo.

2

Quero ver nessa sua última viagem fantasmagórica a essa zona de espera ou antessala cor de abismo a consequência lógica de nossa excêntrica trajetória ao longo de todos esses anos. Anos em que nós dois pesquisamos e falamos como possessos sobre o tema inesgotável da vida após a morte, eu sempre como modesto assistente nessas pesquisas, sempre voluntariamente na retaguarda de meu filho, como se com isso estivesse expiando minha culpa por tê-lo trazido ao mundo.

Sim, sempre fui, com algumas breves interrupções, seu atento assistente desde aquele distante dia de 1972 em que, ao regressar de seu convulsivo serviço militar em Cartagena, falou-me com estranha emoção do não menos estranho vulcão Licancabur, situado na fronteira do Chile com a Bolívia. “O lago que há lá em cima”, disse-me, “é o que se situa na maior altitude do mundo e contém, segundo os indígenas do lugar, as almas de todos os mortos que já existiram no mundo.”

Ao que parece, segundo se comentava entre as pessoas do deserto do Atacama, era nesse lago que todos nós, os seres vivos, íamos parar ao morrer. “Deve estar muito cheio”, comentei com inevitável ironia, enquanto acendia calmamente um cigarro. Nessa época eu já me acostumara a encarar com tranquilidade as coisas de Menino. Produziu-se um longo silêncio, durante o qual tive a impressão de que meu filho me olhava com uma raiva notável. Parecia mais ansioso do que nunca e eu não sabia o que me esperava quando ele retomasse a palavra. Finalmente veio me dizer que só queria se plantar na base do Licancabur e escalá-lo, ver se todas aquelas lendas estavam ligadas a alguma realidade. “Para isso peço sua ajuda”, concluiu, “agradeceria que se transformasse em meu patrocinador e assistente”. Sorri. “Deve querer dizer que eu o ajude financeiramente”, corrigi-o. “Não. São coisas diferentes. Assistente você pode ser a vida toda, se quiser. Assistente é um trabalho muito específico, já o patrocinador é

etéreo e provisório. Patrocinador e assistente, nem mais nem menos, exatamente o que eu lhe disse”, esclareceu, todo orgulhoso.

Conseguira me surpreender mais uma vez. E não demorou a fazer isso novamente quando disse que estava pensando em organizar uma exposição de fotografias “sobre o que descobríssemos”. Depois passou a me dar certos detalhes. Por exemplo: Licancabur queria dizer, em kunza, que era um dialeto atacamenho, *povo de cima*. Havia também os que, cristianizando-o, chamava-o de *aldeia do céu*, ou mais diretamente de *céu*. Começou a me dar muitos detalhes desse gênero e a me envolver cada vez mais na pesquisa sobre as almas do além-mundo que possivelmente estavam todas refugiadas no alto do vulcão chileno.

— Descobriremos a verdade do além — ele me dizia.

— Atenção! Pois aqueles que buscam a verdade sempre acabam merecendo o castigo de encontrá-la — eu o advertia.

Estavam chegando os penosos e tórridos dias de agosto, um mês insuportável em Barcelona. E decidi que não seria má ideia dedicá-lo ao alpinismo, que esse era, definitivamente, meu hobby favorito. Mas, depois de topar essa viagem com meu filho mais velho rumo ao frio das alturas de Licancabur, impus como condição que, antes de escalar o vulcão de seis quilômetros de altura, passássemos por terras argentinas e descansássemos alguns dias em La Cumbrecita, povoação cordobesa situada no sopé do monte Champaquí, um povoado que eu adorava e onde podia apreciar-se (a localidade tem raízes suíço-alemãs) uma grande e original variedade de arquitetura alpina, uma espécie de edificação que sempre me atraiu. Minhas desesperadas esperanças estavam em conseguir que esse tipo de arquitetura interessasse Menino, que via crescer diante de meus olhos como um alarmante — cada dia mais — filho desencaminhado que estava se perdendo na vida enquanto inventava seu próprio personagem. Então impus como pré-requisito ao financiamento de nossas pesquisas no alto do Licancabur chileno que primeiro passássemos umas férias em La Cumbrecita. E Menino não teve saída senão aceitar. Os dias nessa localidade argentina foram agradáveis, mas nunca vi ninguém menos interessado em arquitetura que meu filho; interessava-se por tudo, até pelas coisas

mais insignificantes de La Cumbrecita, contanto que não tivesse que olhar nem a menor viga de uma construção alpina.

Finalmente viajamos para o vulcão chileno. E num dia do qual me lembro muito bem, um dia no começo de agosto daquele ano de 1972, iniciávamos junto a vários guias (vestidos num estilo parecido com o dos sherpas do Himalaia, estilo que entrara na moda no mundo das escaladas) nossa rota a pé, rumo ao vulcão. Pegamos a estrada chilena 241, que pelo menos na época (não sei como estará agora) partia de San Pedro de Atacama. Começamos a andar na direção do sopé, primeiro, do vulcão Juriques, onde horas depois montamos o acampamento alto. Na manhã seguinte, andamos por uma rota de vários quilômetros rumo a um pequeno porto; um caminho agradável por colinas suaves e pequenas quebradas onde topamos com impressionantes formações rochosas esculpidas pelo vento, que Menino fotografou com grande voracidade. Alcançado o monte, iniciamos uma caminhada transversal pela ladeira do Juriques sem ganhar nem perder nenhum dos 4.700 metros de altura alcançados, encontrando finalmente um novo local bom para acampar: um lugar com uma bela paisagem à beira de um vale suave que descia da cratera do vulcão. Ali pudemos montar um acampamento mais ou menos protegido do vento, também amplamente retratado pelo incipiente fotógrafo.

No dia seguinte, continuamos rodeando o vulcão tentando não perder altura, até que alcançamos um novo monte, situado entre o Licancabur e o Juriques. E aí começamos o que se podia considerar, propriamente, a subida em direção ao lago mais alto do mundo. Fomos subindo por uma vereda que tinha de um lado e do outro grandes penhascos e lavas enormes. Progredimos comodamente até sermos freados por uma pequena muralha de rocha que, certamente, desenhei num caderno que lamento ter perdido, e depois de vencer esse gigantesco muro com uma escalada mais simples do que pensávamos, fomos subindo por rochas cada vez menores, onde a marcha começou a virar para o lado boliviano do vulcão, até que chegamos à borda abrupta de um despenhadeiro pelo qual vimos que era possível subir facilmente por um solo mais firme até a base do falso cume, onde realizamos pequenos passos

de escalada muito simples, para depois nos deslocarmos entre rochas e solo firme com declive pouco acentuado. Assim chegamos ao cerro situado entre o cume real e o falso; e dali empreendemos um traslado (ou o que chamamos entre nós de *acarreo suelto*) até que apareceu diante de nossos olhos, a cem metros e em meio a um frio descomunal, a cratera do vulcão e o lago que se encontra em seu interior, o lago mais alto do mundo. Continuamos avançando em direção ao cume, e quando chegamos lá só conseguimos ver um humilde, modesto, simplório lago completamente gelado.

Debaixo do lago, ocultos, pode ser que estivessem Deus e os anjos e todos os mortos e demônios que já houve no mundo e que haverá. Mas certo senso comum me dizia que, tal como eu sempre imaginara, não havia nada do outro mundo sob aquela superfície de gelo. Menino parecia se recusar a aceitar o fato e começou a fotografar a *aldeia do céu*, por mais que ali não se visse nenhum morto em vida, nenhuma alma errante (que não fossem as nossas) e nem sequer um único morto. Aldeia não havia e o céu estava próximo, mas aquele lago não encobria nenhum céu nem nada parecido. Não se viam defuntos passeando no além. Na verdade, o que se via era o que se esperava ver. Também não era para causar nenhuma surpresa. Menino, impassível, continuava tirando fotos como se nada tivesse acontecido. Até que resolveu falar demoradamente (como se quisesse encontrar uma justificativa para nosso fracasso evidente) “de sendas que não levam a nenhum lugar, e que, no entanto, devem ser percorridas, pois vai que algum dia alguém encontra algo, não se sabe muito bem o quê”.

Para não chorar, decidi rir ternamente de sua ingenuidade. “Mas nossa senda nos levou, sim, a algum lugar”, disse-lhe, “conduziu-nos a este mísero lago congelado e nele não se vê nenhum mistério. Não há uma única pista que nos leve a pensar que estamos prestes a entrar em contato com um mundo no qual se instalaram ou se refugiaram os mortos do universo”.

Ele captou, claro, que eu estava me queixando e que, além disso, ria dele (ria também de mim, mas isso ele não captou) e então, lançando-me um olhar mais gelado que o lago, decidiu fazer rancho

à parte com os sherpas. Rancho à parte literalmente, porque comeu com eles e falou — se bem ouvi — de assustadoras e insanas histórias do além-túmulo. Depois voltou, como se tivesse se arrependido de me deixar sozinho (talvez com medo do que pudesse pensar dele ali, sozinho), e logo notei que se aproximava com certa boa vontade, como pude comprovar quando disse, buscando minha cumplicidade: “Já é tarde para tudo”. Era nosso lema comum e o que talvez mais nos unisse. Apertamo-nos as mãos. Pensei que o perdoava. Olhei ao meu redor: a neve, se eu conseguia isolá-la da paisagem, oferecia fulgores próprios de sua enigmática genialidade e conseguia, em sua solidão radical, resplandecer como nunca. Sua luz era ofuscante e minha sensação perdurou por longo tempo, até que, de forma inevitável e talvez inoportuna, fiquei me lembrando com saudade dos dias em que meu mundo privado era uma festa, ou melhor, era um bar de Londres onde, montado numa banquetta de mogno, apoiado no balcão reluzente, eu provara em certa ocasião o melhor coquetel de gim da minha vida.

— Não há nada aqui — sentenciou o próprio Menino.

— De fato, não há nada, é evidente — respondi-lhe com fleuma britânica, imaginando-me, na verdade, no balcão do bar de Londres, onde havia justamente muitas coisas, todas atraentes.

Meu primogênito deve ter intuído o que eu estava pensando porque voltou a me olhar com desconfiança, como se tivesse sido capaz de ver o gim imaginário e este lhe tivesse causado uma profunda estranheza. Ficou calado por um bom tempo, até que o vi baixar a cabeça e se afastar lentamente e penetrar numa franja de luz amarela provocada pelo sol e, de repente, como se tivesse se sentido capturado pela franja, reagir de forma estranha ao dar um passo cambaleante para a frente, como se pretendesse dar um passo além do abismo e conseguir a primeira fotografia do além.

Deve ter sido quando descíamos do Licancabur que meu primogênito começou a moldar seu personagem de reputado (ou talvez seja melhor dizer de aparente) especialista na estranheza. Lembro que ao chegar ao primeiro porto da descida, de repente se aproximou para me dizer que estava sendo invadido por uma estupefação, que definiu desse modo: “Uma grande estranheza, não por não termos encontrado almas do outro mundo, mas por eu ter sentido esse lago gelado do cume literalmente na têmpera, como a parede sente a ponta do prego que vão introduzir nela; ou seja, eu não o senti.”

A verdadeira estranheza, nesse caso concreto, estava evidentemente no que ele mesmo acabara de dizer, e não era preciso ir procurá-la num lago no topo de um vulcão chileno nem em qualquer parte que não fosse nele mesmo. A estranheza, definitivamente, era ele. Depois, nos dias, meses e anos seguintes, foi cultivando esse tipo de tendência que sempre passava pelo crivo de uma norma rígida: jamais esquecer que tudo o que era familiar e cotidiano era estranho e, por outro lado, o excepcional devia sempre parecer algo perfeitamente normal. Assim, para dar um exemplo entre milhares, deparar comigo e com sua mãe na fila para entrar num cinema lhe parecia sumamente estranho. Coisas assim.

Naturalmente, nunca ninguém pôde negar sua assombrosa facilidade para ver a estranheza onde as pessoas comuns são incapazes de vê-la. De fato, sua expedição ao Licancabur transformou-se numa exposição de fotografias desconcertantes, onde aparecia de forma irritantemente tocante a indagação sobre o lago gelado e a *aldeia do céu*. Parecia feita de propósito para me aborrecer, pois mal se viam nessa exposição fotos do vulcão ou do lago gelado e não havia nem sinal de que a expedição tivera por objetivo uma indagação sobre os mistérios do mundo e do além. Tanta conversa para nada. A estranha exposição — que durou quatro dias numa sala de um bairro obscuro, sem o menor sucesso, salvo entre a família: desfilaram por ali todos os nossos parentes possíveis e imagináveis — dedicava-se a mostrar algo bem diferente do que tinha sido nossa aventura. O que Menino

apresentou ao público foi, antes, uma sucessão de imagens de nuvens entrevistas sobre os céus do Chile e da Bolívia, uma espécie de catálogo geral de esquisitices, começando pelo próprio autor, que era a primeira esquisitice de todas.

Como fotógrafo, meu filho estreou com o pé esquerdo, e depois daquele primeiro ensaio artístico frustrado eu mesmo tive de continuar a financiar seus gastos. Diferentemente de suas irmãs e de seus irmãos, que logo aprenderam a ganhar a vida, meu ardiloso primogênito instalou-se numa atmosfera de obstinada picaretagem: acreditava (às vezes justificadamente) que ganharia minha admiração sendo um pesquisador incansável do além da vida, uma atividade que não lhe auferia benefícios econômicos e que exigia a bondade de minha ajuda financeira.

Ajudei-o em muitas de suas pesquisas. Em 1984, por exemplo, financiei integralmente sua viagem à selva amazônica da Colômbia e do Peru, para onde foi a fim de seguir os rastros de William S. Burroughs nos dias em que este procurava ter experiências com o yagé, ou ayahuasca, uma planta de míticas propriedades alucinógenas e telepáticas que permite “conectar-se com os raios de presenças espectrais de nossos mortos e começar a ver ou a sentir o que nos parece que poderia ser o Grande Ser, algo que se aproxima de nós como uma grande vagina molhada ou grande buraco negro divino através do qual deparamos, de forma muito real, com um mistério que nos chega envolto em serpentes de cores”.

Menino se instalou em Mocoa, capital de Putumayo, uma cidade horrível que acabava de ser devastada por uma inundação e na qual só encontrou maquinaria enferrujada por todo lado e águas pantanosas em pleno centro da povoação: as próprias “ruas sem iluminação, em que a gente afunda no barro até os joelhos”, de que falara Burroughs. Segundo o que Menino contou ao voltar, nessa cidade horrível ele conseguiu organizar uma inesquecível expedição à selva que o levou até um xamã que oficiou exclusivamente para ele a cerimônia da ingestão da beberagem obtida de uma exótica mistura da qual participava a ayahuasca, planta que, segundo me escreveu numa carta, “fez com que, de cara, não só tenha

conseguido escutar o fantasma que se aproxima de nossa mente, como também tenha conseguido uma conexão com raios de presenças espectrais que sofrem uma transfiguração ao entrar em contato com uma única Coisa misteriosa que é nosso destino e que antes ou depois vai nos matar...”.

Sua experiência, pelo visto, foi apavorante. Como se não bastasse, a ayahuasca zombou dele, contou-lhe péssimas piadas espanholas e, algumas horas depois de tê-la ingerido, mostrou-lhe seus filhos mortos. “Mas se você não tem filhos”, disse eu, no ato. E Menino me explicou que se tratava de filhos potenciais, filhos seus que poderiam ter existido em algum momento. Não havia por que achar isso estranho. Quanto mais a pessoa se saturava de ayahuasca, mais fundo chegava: visitava a lua, via os filhos mortos, Deus, via os espíritos das árvores.

Dito de outro modo, Menino sentiu-se diante do próprio Nariz de Deus e chegou a ter a sensação de que podia se enfrentar com a Pergunta ali, naquele exato momento. Claro que para isso, para se enfrentar com a Pergunta, era imprescindível morrer. Morrer o levaria a compreender tudo e, de quebra, a se livrar de um grande problema, que não era outro senão esse Grande Ser que todos temos dentro de nós.

Não houve contatos com o além no alto do vulcão Licancabur nem em nenhum outro lugar, mas nas selvas de Putumayo ele tivera a experiência mais importante de sua vida — pena que eu não pude compartilhá-la — e dera de cara com o Grande e complexo Vazio.

Dali voltou com uma caixa cheia de abuarasca, que não era a mesma coisa que ayahuasca, mas um sucedâneo que eu podia experimentar quando quisesse, pois ele aprendera a preparar a gororoba. Além disso, aprendera as canções que o curandeiro cantarolava quando, mantendo um tom bem suave e repetido, e depois cambiante, ia preparando a excepcional e inspirada mistura.

Depois de muito hesitar aceitei que Menino fosse meu xamã, com a condição de que ele também tomasse a viscosa e repugnante bebida. Esperamos uma viagem a Ibiza para tentar uma conexão com nossos mortos e com o Olho de Deus. E o resultado

da longa cerimônia foi o nada, um vazio absoluto e cósmico, não vimos sequer o Nariz de Deus. Aquela gororoba de abuarasca não surtiu efeito em nenhum de nós dois. No máximo, conseguiu incidir em meu sonho naquela noite — vivíamos numa casa pela qual antigamente havia passado um caminho de cabras —, quando pensei perceber que os gozos desta vida não eram *meus*, pertenciam a alguém que vivia dentro de mim e que tinha forma de cabra e um evidente medo de ascender a uma vida superior.

4

Embora eu tenha dado mais de um ultimato, Menino completou cinquenta e um anos sem nunca ter trabalhado, ou melhor — precipitei-me e não seria exato —, sem ter trabalhado em nada que não fosse a fotografia, sempre fracassando com suas exposições, uma mais desconcertante que a outra. Sua expedição em busca de experiências com a ayahuasca, por exemplo, resultou numa série de fotografias insípidas expostas na sala de uma caixa econômica de Granollers; nelas se podia ver uma sucessão absurda de imagens muito ampliadas de micróbios encontrados na superfície das folhas de ayahuasca. Não lhe faltavam câmeras tecnicamente muito avançadas, mas todo o resto era um desastre, uma vergonhosa arte de micróbios.

Para mim era uma coisa decepcionante e cada vez mais irritante o fato de nunca aparecer em suas exposições de fotografias aquilo que, em particular, supostamente tanto o preocupava e com o que tanto me chateava: a vida depois da morte, a essência da condição humana, nossa espantosa solidão no universo, as visões que certas drogas perigosas propiciavam, o primeiro passo depois do abismo, a experiência do vazio... *Y así fueron pasando los días*, como dizem numa canção ligeira. E eu desesperando, sempre bancando seus gastos e as variadas expedições exigidas por suas peculiares pesquisas (que jamais ocuparam um lugar em suas exposições de fotografias sem talento), sempre por trás, financeiramente, do

esbanjamento que a preparação de cada uma de suas exposições originava; exposições sempre ligadas inicialmente, no período em que ainda eram apenas um projeto, à busca de “uma verdade que é ocultada da humanidade desde o começo dos tempos”, mas que acabavam, quando as apresentava em público, silenciando sobre suas pesquisas sobre o além ou sobre verdades ocultas, e apresentando, em troca, imagens insossas vagamente relacionadas com as inquietações iniciais.

Não que eu acreditasse literalmente que meu primogênito fosse encontrar certas verdades ocultas sobre o outro mundo, mas nunca se sabe, e, por outro lado, eu não queria deixá-lo na mão, sem um euro, e acabava sempre custeando suas pesquisas, e até acompanhando-o em longas conversas sobre o tema da vida depois da morte ou em alguma dessas aventuras que depois — eu via a coisa chegando, mas sempre acabava caindo na armadilha — não apareciam em parte alguma de suas fotografias.

Sempre eu por trás de seus projetos que acabavam em descabros que ignoravam esses planos, pois no fim suas exposições (que ocorriam em locais cada vez mais insignificantes) tratavam de assuntos que não tinham nada a ver com os fantasmas da outra vida nem com os projetos metafísicos que ele ia me vendendo e dos quais, idiota que sou, às vezes eu participava como assistente.

Sempre eu por trás dele, financiando suas buscas, por meio da imagem fotográfica, do segredo do universo. Até que chegou aquele dia de abril de 1999 no qual decidi que não ia mais lhe dar dinheiro. Menino completara cinquenta e um anos e já era hora de ele enfrentar a realidade como todos os seus irmãos haviam feito. Podia continuar sendo seu assistente, até mesmo seu *sparring* nas conversas sobre o grande mistério do mundo, mas não queria continuar a ajudá-lo financeiramente. E lhe disse isso pelo telefone, e nesse mesmo dia Menino apareceu indignado em meu escritório de arquitetura. Eu acabava de lhe fechar a torneira do dinheiro, justo quando ele se dispunha a alistar-se na *troupe* de Maurice Forest-Meyer, “um famoso e maravilhoso equilibrista” (para mim, um completo desconhecido), um acrobata célebre e excepcional

que ele acabara de conhecer e com quem descobrira o encanto singelo — muito superior aos encantos do alpinismo — da arte de andar na corda bamba.

— Finalmente encontrei alguém que enfrenta verdadeiramente o vazio, não como eu, que passei mais de cinquenta anos só flertando com o abismo, mal me atrevendo a beirá-lo — disse muito sério.

Segundo ele, o que seus amigos da *troupe* faziam, aquilo sim era aproximar-se do mistério do vazio. Estava tendo, já havia alguns dias, aulas de equilíbri­smo e acreditava que se aproximaria em profundidade do tema do abismo quando se atrevesse a realizar sua primeira exibição em público. Não tinha medo de cair porque o equilíbri­smo era uma arte da vida, não da morte. Planejava canalizar todas as forças positivas nessa experiência — um ano na companhia daquela *troupe* por toda a Europa — para fotografar o vazio do alto da corda bamba. Seria a primeira exposição mundial de fotografias feitas sobre o vazio nu e cru. Finalmente poderia ir além do nada absoluto em suas fotografias. Chegara a hora de expor de verdade suas preocupações de sempre em torno da vida que há depois do abismo que se segue à morte. O funambulismo era uma atividade perfeita porque não demandava nenhuma explicação, baseava-se na emoção de contemplar e fotografar o vazio, o que não deixava de ser um modo muito importante de explorá-lo.

Fez uma pausa, como se tivesse engasgado. Embora no fim eu tenha visto que o que ele estava era com soluço. Foi nesse momento, ainda que pudesse ter sido em qualquer outro momento ou dia. Sem dúvida foi algo que mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer, não era possível que eu fosse sempre tão pouco perspicaz e tão inocente. Poderia ter sido em outro dia, mas aconteceu justo naquele momento, no exato momento em que apareceu esse soluço. Foi horrível, foi dessas coisas que você sabe que não vai esquecer nunca mais. Compreendi de repente o que minha mulher desconfiava já fazia tempo e que eu me negava a ver ou aceitar.

De repente, nesse exato momento, vi claramente que o lance de Menino sempre fora uma notável impostura. Quase tudo era teatro,

e quase tudo escandalosamente imoral: seus discursos sobre o abismo, por exemplo, e suas inesgotáveis atitudes de estranheza nunca passaram de meros pretextos para me tirar dinheiro. Atroz assim, simples assim. Era provável, mesmo, que a arte da fotografia não lhe importasse um pingo. E quanto a sua porcentagem de interesse real pela estranheza, era mínima, era um interesse abaixo de zero e congelado sob uma camada fria, talvez a mesma camada gélida que um dia ele vira no topo do Licancabur.

Sem perceber que, numa mínima mas suficiente contradição dele, eu acabara de advertir, horrorizado, que o famoso Maurice Forest-Meyer existia, mas essa história de que era amigo dele só podia ter sido inventada, não lhe ocorreu nada melhor do que se recuperar do soluço e voltar a falar comigo, dessa vez de novo sobre “sendas que não levam a lugar nenhum, e que no entanto devem ser percorridas, pois vai que antes alguém encontra alguma coisa, não se sabe muito bem o quê”. Depois deu de filosofar em torno “do enigma, não necessariamente eterno que o ser humano encarna, não necessariamente eterno porque intuo que está chegando a hora dos que saberão cruzar o umbral e dar um passo além...”.

A que ponto chegamos. De repente passou a ser profundamente repulsivo para mim escutá-lo. E decidi que a torneira do dinheiro estava fechada para ele. Expliquei que, tal como lhe comunicara pelo telefone, a partir daquele dia não haveria ajuda de qualquer espécie. Afinal de contas, eu já estava chegando aos oitenta anos e sentia a necessidade de administrar melhor minha fortuna pessoal.

Mas tudo indicava que o que eu lhe dizia era inútil. Menino parecia não entender por que eu reagia daquela forma. Além do mais, chegara a dar por certo que sempre conseguia me enganar. E sua cara de profunda estranheza — parecia que naquele exato momento ele se transformara para sempre num profissional absoluto do espanto fingido — era todo um poema. Perguntou-me se sabia o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Lembrou-me muito bem daquele momento, tão cômico. Sorri com a mesma fleuma britânica com que havia sorrido para ele, muitos anos antes, no topo do Licancabur. Expliquei que não havia nada a fazer, que era monstruoso que com sua idade eu continuasse lhe repassando

tanto dinheiro. E me atrevi a dizer que já bastava dessa história de brincar de ser sempre um eterno menino, parado com impertinência em qualquer umbral (traço totalmente infantil), olhando tudo com estranheza e sem se atrever a dar um único passo para instalar-se de uma vez por todas naquele mundo adulto que tanto o assustava.

Perguntei se ele havia reparado em seus irmãos exemplares e se havia percebido que eles não viviam em umbral nenhum. Nenhum deles passava o dia às voltas com a pergunta sobre o que há no além. Em vez de passear com uma câmera fotográfica pelas nuvens, já era hora, disse-lhe, de penetrar nessas nuvens e de não ficar mais imóvel diante da névoa.

— Você quer me fazer chorar — limitou-se a dizer.

Durante os meses seguintes, e como nessa ocasião não me custava nenhum dinheiro, concordei em posar para uma exposição de retratos de “pessoas da burguesia catalã” que ele disse estar planejando. O sucesso dessa exposição fotográfica — comigo como único retratado — foi espantoso. Quem diria? Vendeu as fotos e todas a um preço muito bom. É claro que muitas foram compradas por meus numerosos amigos e funcionários e que, além disso, minha condição de arquiteto famoso ajudou nas vendas das fotos em geral. Até foram compradas, certamente, por alguns enviados de meus inimigos, que devem ter adquirido uma delas para levá-la para casa e rir à vontade. Mas o fato é que ele vendeu todas e, pela primeira vez na vida, Menino deixou de depender economicamente de mim por um tempo. Chegou a se transformar num artista bastante conhecido e endinheirado, e tudo graças ao inesperado sucesso de sua coleção fotográfica *Rostos de um só arquiteto*. Manteve a fama aproximadamente por um ano. A fama durou pouco, e o dinheiro ainda menos.

5

Agora Menino está arruinado, em todos os sentidos. Vê-se isso facilmente ao se entrar em sua casa. Hoje, conforme o prometido,

fui vê-lo novamente. Ele não sabe que eu chego a querer vê-lo morto. Disse-me que o medo da cirurgia o corrói. No entanto, vi-o também muito convicto de ter recuperado suas faculdades de enganar-me. Pensa que acreditei de pés juntos em sua história de ontem, a de que está na antessala do outro mundo. E como está sem um euro — gastou tudo com um grosseiro senso de esbanjamento e, por outro lado, suas recentes exposições metafísicas sobre asas de borboleta ampliadas a um tamanho descomunal e, principalmente, a última, a metafotográfica, não contaram com a menor aprovação do público —, parece estar esperando apenas que eu volte a lhe repassar dinheiro. Ou talvez espere algo mais: que repasse dinheiro e dê alguma ideia nova que lhe permita fazer outra exposição sobre mim, outra que lhe devolva seu breve, fulgurante período de esplendor profissional.

Contou que nesta manhã começou a ir à ala de infectados do hospital para receber uma injeção intravenosa, parte de um tratamento de cinco dias que tentará liquidar um estranho micróbio, uma bactéria que o infectou (ele gostaria de fotografá-la e ampliá-la, mas não sabe como) e que os antibióticos não conseguiram liquidar por via oral.

Disse-me que o lugar é estranho, que é — como não! — a própria estranheza. À primeira vista, pela forma de suas poltronas, parece um salão de beleza feminino. Os infectados não são muitos, uma seleta minoria. É bem sabido, claro, que numa minoria seleta há uma maioria de imbecis. Aqui eles estão em profusão, nesse espaço para infectados que não deixa de ser um anexo da antessala na qual transcorrem seus dias atualmente. Nesta manhã o destino sentou diante dele um castelhano de pura cepa que dizia ter vivido na Manchúria...

Nesse ponto deixei de ouvir meu filho. Meu filho, que já não espera nada deste mundo que não seja meu dinheiro, o que não o impediu de estender-se, demoradamente, falando de sua ala de infectados, e de seguir depois com sua verborragia cega e me contar, por exemplo, que já não lhe interessa a aventura, mas aquilo que rodeia essa *linha de sombra* que há em sua antessala, essa linha que “quando alguém a cruza só encontra um espaço

desconhecido no qual é preciso aprender tudo, embora nada ali se esclareça, porque só há mais sombras...”.

Ficou dizendo coisas nesse estilo durante um bom tempo, como se realmente já tivesse morrido, ou estivesse na antessala do vazio, o que, dependendo do ponto de vista, é a mesma coisa. Mas eu também o vi mover-se como se nunca fosse morrer e, sem o saber (por isso, no fundo, sua atitude é um pouco ridícula), comportar-se como se fosse, salvando as insuperáveis distâncias, o próprio Sócrates na tarde em que, depois de beber a cicuta, continuou levando sua vida como se nada estivesse acontecendo; Sócrates continuou aquele dia com sua atividade normal: falou com os amigos que foram visitá-lo na prisão, olhou várias vezes pela janela para ver se ia chover... Mas a verdade é que, se há alguém com quem meu querido fraudador não se parece em nada, mas absolutamente em nada, é justamente com Sócrates.

Para começar, falta-lhe nobreza de espírito, e depois vem todo o resto. A meu mercantilizado primogênito, ao comerciante de angústias não verdadeiras e especialista na mais falsa estranheza, ao fotógrafo de asas de borboleta sobra charlatanismo e imoralidade ao ganhar a vida com a inquietação humana das perguntas sem resposta, e bem acima de tudo lhe sobra encenação.

Quando entrei em sua casa, por exemplo, estava tocando “Aqui o tempo se transforma em espaço”, a canção entoada pelos cavaleiros do Graal na ópera de Wagner no momento em que Parsifal entra com passo solene no recinto onde se oculta o cálice. Ele pretendia com isso, imagino, simular que em sua antessala do outro mundo o tempo se transformara em espaço, em eternidade. Certamente queria me submergir na recriação de um mito atemporal, pois sabe — eu lhe ensinei isso — que a busca do Graal é própria de todos os tempos. Ficaria pálido se soubesse que ontem voltei a considerar simplesmente imoral tudo o que ele faz e que, além disso, por mais que eu tenha passado dos oitenta, continuo desperto e cada dia mais lúcido, e embora deliberadamente o faça acreditar no contrário, não me deixei enganar pelo pateticismo nem pelo realismo de sua antessala do vazio, onde minha vista só agradece os belos passos ágeis, suaves, ondulantes, às vezes

agressivos ou altaneiros, especificamente caribenhos da bela Claudine.

Falso explorador do abismo, Menino ignora que tanto o tráfico mercantil da angústia vital não sentida, quanto as emoções simuladas infligidas a pessoas queridas, acabam custando muito caro.

Hoje, em sua antessala, não aguentei nem vinte minutos. Vendendo-se fazer tão infantilmente de asno, não podia deixar de pensar que “ser bom” com alguém leva quase sempre este a reduzir-se à escravidão. Deveria ter percebido tudo isso muito antes e teria me poupado de acabar desejando a morte de Menino.

Chega. Sem poder aguentar mais, saí batendo a porta e deixando para trás meu filho com suas fantasias da ala dos infectados ou do anexo de sua antessala do inferno e seus delírios da Manchúria. Porque vive no inferno, embora não saiba disso. Amanhã também irei vê-lo, mas nunca mais receberá um centavo meu. Não sabe disso, claro. Como saberia? Vejo-o achar tudo tão estranho que acho impossível que realmente chegue, algum dia, a estranhar alguma coisa.

Menino tem uma ideia tão vaga da estranheza, que essa mesma vagueza constitui para ele a definição de estranheza. Eu o odeio. É só um miserável profissional da estranheza. Vai morrer, como todos nós vamos morrer. E se ele não gostar, problema dele. Também não deveria se queixar tanto. Por acaso eu não o avisei com bastante antecedência, naquele dia da Semana Santa em Málaga, quando lhe disse que havia nascido para morrer? Não sei por que ele se lamenta. Agiu de tal forma nesses últimos dois dias que parece que faz tudo isso para que eu o liberte do feitiço e pare de rezar por ele. Se era isso, conseguiu, sem dúvida. Menino partirá, como todos. Eu o avisei em Málaga. Em seu caso — ele merece —, partirá sem minhas preces. Pode ter certeza disso. Suas leviandades me deram indigestão.

Afinal de contas, é sempre assim, sempre a mesma coisa para todos. E Menino não vai ser exceção, por mais que ele queira. É sempre assim. Somos empurrados para o jogo da vida, ensinam-nos as regras, e quando você se descuida, já está na antessala, já está

morto. É sempre assim, mas se por acaso você é meu primogênito, morre duas vezes. Na segunda, eu mesmo lhe proporcionarei a morte. Você não chega a comemorar os sessenta anos. Morre por ser superficial, safado, por ser metafotógrafo, por ter feito comércio, somente, com as perguntas essenciais do homem, por ser um deplorável cafetão de seu pai, por ser um falso explorador do abismo, por ter refletido o mundo em imagens com tão pouca perícia, por não ter levado a sério o tema de nossa solidão no universo. E porque já fez aflorar inteiramente o demônio que sempre levei dentro de mim. Você morre duas vezes, sim. Pela simples razão de que seu pai lhe deu a vida para matá-lo. Veja só, Menino, você estava certo ao desconfiar, naquele dia em Málaga eu via todos os meus filhos mortos. Eu os via tal e qual agora estou vendo você, ainda que agora eu o contemple um pouco mais de cima do que na época, eu observo você em silêncio do ponto mais alto do Nariz de Deus, dias antes de você entrar na sala de cirurgia. E percebo que não há nenhuma esperança para você, nenhuma. Assino nesta linha seu atestado de óbito, Menino. Você viajará da antessala à sala com uma velocidade superior à que esperava. E já irremediavelmente morto você se perguntará, pela primeira vez a sério, o que está fazendo tão ausente na mais escura das brechas de meu universo, Menino.

Os autistas são assim

1

Luc sempre foi apaixonado por plateias vazias. Desde menino costumava pensar nelas mas, na época, para que isso acontecesse era preciso que chovesse e que ele se sentisse protegido, ao lado do irmão, na casa dos avós. Lá, ao ouvir as primeiras gotas de chuva deixava de fazer a lição e começava a se imaginar representando diante de um auditório vazio de alguma cidade perdida. Em seus devaneios, as cidades variavam, mas o auditório vazio era sempre o mesmo, e muito parecido com a plateia deserta do Moulin Rouge, o teatro que ficava ao lado da casa de seus avós em Paris. Num já longínquo dia chuvoso, Luc deparara com essa plateia vazia quando, de manhã cedo, uma amiga de sua avó levou sua irmã e ele para ver o teatro vazio. O silêncio espectral e a solidão da plateia deserta, unida ao gotejar manso e repentino da chuva no telhado, marcaram indelevelmente o pequeno Luc.

Daquele dia em diante a associação entre auditório deserto e chuva gravou-se em Luc. E hoje pode-se dizer que, por trás desse fascínio por plateias vazias, na verdade havia o medo oculto do jovem Luc de entrar em cena, seu medo de pôr tudo a perder e de perder tudo devido a sua natural falta de jeito e à timidez exagerada que tanto contrastara com as ousadias vitais e as habilidades sociais de seu irmão caçula, o famoso Maurice Forest-Meyer.

O discretíssimo Luc era a timidez em pessoa, e isso no fundo o magoava. Caçoavam dele por causa disso. Um dia, quando já estava com quarenta anos, soube pelo correio que no sorteio anual de sua paróquia coubera a ele, justamente a ele, uma

extraordinária viagem de lazer a Estocolmo.

Que estranho, disse para si mesmo.

Luc era um ser muito solitário e triste, sem o menor atrativo. Era um desses pobres de espírito que se habituam a utilizar sua modesta inteligência em tarefas monótonas e ingratas. Aquele prêmio era demais para ele, pois Luc, em quarenta anos de vida, mal se movera de Paris, de sua paróquia, do bairro. Acabara de passar pelo transe de uma delicada operação cirúrgica e se dedicava a viver uma convalescença serena e prudente. Depois da operação perdera mais de quinze quilos, a cor de sua pele havia melhorado, e chegara a rejuvenescer dez anos, pois dava a falsa impressão de ter recuperado o talhe esbelto de sua juventude. Não sabia se isso o alegrava. Era realmente muito tímido. E também era, diga-se de passagem, a própria vulgaridade. Exceto por esse amor peculiar pelas plateias vazias, Luc era de uma vulgaridade esmagadora. Nunca se apaixonara na vida. Nunca ia ao cinema. Não falava muito com as pessoas, quase não se relacionava. Trabalhava num sombrio escritório dos Correios do bairro. Suas roupas eram todas cinzas, como se essa redundância fosse necessária para lembrá-lo de que ele era de um cinzento incomensurável. Era apático e apolítico. Era muito raro vê-lo sorrir. Era completamente calvo e no escritório o chamavam de Monsieur Hire, como aquele personagem que o ator Michel Blanc encarnou no cinema. Depois da importante operação, os médicos lhe haviam recomendado que não se movesse muito e que demorasse o máximo possível para voltar a trabalhar, pois por um tempo os pontos de sua cicatriz interna corriam o risco de se abrir.

Luc sempre fora vagamente infeliz, portanto quase não tinha história, só lembranças nebulosas. Não via nada além dos aspectos lânguidos do cotidiano. Não queria de maneira nenhuma que sua vida melhorasse. Sua máxima ambição neste mundo era a de apertar algum dia a mão de algum artista ou governante importante e dizer-lhe que era irmão mais velho de Maurice Forest-Meyer. Acreditava que ia acabar encontrando a mulher de sua vida, mas sabia que isso era muito difícil porque o tempo fora passando e ele nunca encontrara nada, e também não dava para ignorar o fato

de que ele se comportava diante das mulheres de modo um tanto estranho, não só porque as olhava com algum receio (davam-lhe certo pânico), como porque, se um dia ficava a sós com uma delas, sua sensação de miséria espiritual e de isolamento eram tão grandes que, depois de perder as esperanças de encontrar algo para dizer a sua interlocutora e sendo incapaz de cortejá-la, acabava, por falta de assunto, falando angustiosamente de si mesmo e de sua lamentável mediocridade.

Na palma aberta de sua mão esquerda via-se perfeitamente que a linha de sua vida era reta durante um longo período de tempo até que de repente se quebrava: a linha continuava, mas torcida. Sua doença grave e a operação pareciam as responsáveis pela mudança brusca na direção dessa linha. A passagem pela sala de cirurgia parecia, pois, marcar um antes e um depois no curso, até então retilíneo, de sua vida. Em certo sentido, aquele prêmio inesperado no sorteio da paróquia podia ajudá-lo a iniciar a nova etapa. Afinal de contas, o prêmio só podia melhorar sua vida. Mas Luc, por essa sua vontade de não melhorar em nada, não sentiu o menor entusiasmo diante da ideia de viajar, só foi capaz de uma sensação de tédio imenso e de estranheza. Que fazer com aquele prêmio tão extravagante? Por outro lado, como se mover sem pôr em risco os pontos de sua cicatriz interna e sem alterar a paz na qual devia transcorrer sua convalescença?

Além disso, havia algo estranho em toda aquela história do prêmio da paróquia, pois ele jamais soubera que na igreja do bairro sorteiassem algo, embora fosse evidente que os papéis que acabava de receber levavam o selo da paróquia. Tudo parecia indicar que não era uma brincadeira de mau gosto dos amigos. Mas, pensando bem, de quem, se ele não tinha amigos? A viagem, para piorar, devia acontecer em menos de quinze dias. Do contrário, perdia-se todo o direito sobre ela. Era muito estranho tudo aquilo. Mas Luc era tão tímido que nem se atrevia a perguntar se era uma brincadeira, pois o padre tinha um gênio difícil e lhe inspirava certo medo e respeito.

Luc era tão tímido que nem sabia como fazer para renunciar à viagem. Amava seu próprio tédio e desejou com todas as forças que

tudo aquilo não passasse de um engano ou de uma brincadeira de mau gosto do padre do bairro, mas este, sem que Luc tivesse perguntado, disse que não se tratava de nenhuma brincadeira e lhe confirmou por telefone, com grande número de detalhes, a veracidade do prêmio.

Pela primeira vez na vida, inesperadamente, como que movido por um impulso obscuro, Luc se afastou da linha discreta e reta de sua vida e, atrevendo-se a deixar de ser tão tímido, quase gritou para o padre.

— Mas é que não quero nem posso viajar — disse.

A frase, e seu tom, saíram do fundo de sua alma. Silêncio do outro lado da linha telefônica.

— Veja só, senhor padre — acrescentou baixando a voz —, sempre pensei que há muitas maneiras de chegar e que o melhor é não partir.

O padre parecia continuar atônito do outro lado da linha e só se ouvia sua respiração entrecortada de homem obeso e asmático. Luc prosseguiu:

— E depois tem o problema de minha cicatriz interna. Sua Santidade já sabe que estou recém-operado e preciso ter uma convalescença tranquila?

Arrependeu-se de ter chamado aquele simples vigário de sua Santidade. Como é possível que o tivesse chamado assim? Estava excessivamente nervoso por ter perdido sua timidez? Ou perdera de repente a timidez de uma vida inteira por estar nervoso? Luc começou a se desculpar de mil maneiras diferentes. Até que o padre interveio e passou a desculpar-se também dizendo que sentia muito, mas que renunciar ao prêmio o obrigava a tramitar uma licença especial do episcopado, e essa licença só poderia ser obtida com um papel timbrado que era difícil de conseguir, pois antes era preciso realizar sete — sim, ele ouvira bem: sete — complicadas gestões em outras tantas paróquias de Paris e obter delas papéis timbrados de alto custo, e depois mandar um papel final para o bispado, que era, ao fim e ao cabo, o patrocinador daquele prêmio que parecia incomodá-lo tanto.

— De modo — concluiu o padre — que é muito mais simples

acatar o resultado do generoso sorteio e fazer a viagem.

Luc disse a si mesmo que o clérigo cometera um lapso ao utilizar o verbo *acatar*, certamente porque no fundo pensava que aceitar o generoso mas também enfadonho e inoportuno prêmio equivalia a acatar uma ordem.

Era meio-dia de uma quinta-feira daquele agosto abrasador e o bairro de Paris onde Luc morava estava tão deserto quanto uma plateia vazia. Se tivesse começado a chover naquele momento — algo que podia não demorar a acontecer, pois grandes nuvens escuras se aproximavam a oeste —, Luc teria encontrado uma combinação inédita para rememorar seu velho encantamento: a chuva misturada com a imagem do bairro visto pela primeira vez como um teatro vazio.

Por que se deslocar para a distante Estocolmo, que sentido tinha se mover daquele bairro, daquela plateia deserta familiar e amável onde, ainda por cima, avizinhava-se a tempestade? Estava convencido, também, de que toda viagem sempre era um percurso pela realidade desagradável do desconhecido e que, ao chegar ao destino, não era possível querer dar senão com a desilusão e o nada.

— Fazer a viagem! Há muitas maneiras de chegar, senhor padre. Mas a melhor de todas é não partir.

— Você tem ideia fixa — disse o clérigo. — Percebe como repete as coisas obsessivamente? E também é um tanto ingrato. Qualquer um de meus fiéis, em seu lugar, estaria dando pulos de alegria. Parece mentira que exista gente que reaja como você.

— Ah! Tudo isso, senhor padre, não passa de um sério contratempo, acredite. Não gostaria de criar entraves às iniciativas suecas do senhor bispo, mas seria conveniente que o senhor mesmo explicasse que acabo de sair de uma operação grave e que nesse momento estou meio capenga.

Calou-se por alguns instantes e pouco depois, possuído por uma nova perda de timidez, disse o seguinte:

— É que eu nem saio de casa. Estou de licença do trabalho. Não fui nem visitar meus colegas dos Correios. Na igreja, nos últimos domingos, o senhor deve ter notado minha falta. Vontade de

cumprimentar meus colegas de trabalho não me falta, e no fundo eu até gostaria que vissem o bem que a convalescença está me fazendo e como estou renovado. Não sei se o senhor sabe, padre. Eu me sinto *outro*. Melhoro a cada segundo que passa, é uma sensação única. Embora também seja verdade que a doença e a operação me deixaram mais vulnerável do que antes...

Mesmo sem mencionar, Luc pensou que talvez houvesse uma conexão secreta entre coisas tão díspares quanto sua progressiva perda de timidez, seu sentimento de vulnerabilidade e o prazer imenso que, a cada segundo que passava, seu agradável estado de convalescença ia reforçando, essa melhora lenta de sua saúde num formidável *crescendo*.

— De jeito nenhum — disse — eu faria uma viagem, não iria nem mesmo ao bairro do lado. Se tem uma coisa que pode estragar tudo é justamente isso, qualquer movimento absurdo de minha parte. Estocolmo! De jeito nenhum, senhor padre. Muito menos com o bairro do jeito que está agora. O senhor viu, padre? Parece um pátio vazio.

— Vazio de quê?

Luc pensou bem em sua resposta. Minutos antes, quando ainda era muito tímido, não saberia como responder àquela pergunta tão íntima, uma vez que, sem o saber, o padre referia-se à única coisa em Luc que, secretamente, escapava de sua vulgaridade geral como pessoa: seu amor pelas plateias vazias. Pensou bem no que ia dizer e finalmente alfinetou o padre com esta:

— É que eu sou um dos que viu tudo se esvaziar. Portanto, sou um dos que sabe o que é que preenche tudo.

O padre pediu-lhe que repetisse a frase porque não a havia entendido. Mas Luc se negou a fazê-lo, porque no fundo ele tampouco a entendia. Tinha sensações estranhas, como se o que acabara de dizer tivesse surgido de sua cicatriz interna, ou de seu *eu* renovado. Ficou tão absorto em seus pensamentos que ao voltar ao mundo real o padre já começara a confessar a verdade, toda a verdade.

— Bem, meu filho, foi horrível, mas é que me pediram que fosse cúmplice e eu não soube dizer não. Mas tudo isso foi uma

brincadeira, pouco engraçada, reconheço, de vários paroquianos. A única coisa que sorteamos na reunião de ontem, quinta-feira, foi o paroquiano a quem daríamos uma alegria efêmera. E saiu sua ficha, sinto muito. Como eu ia saber que você tinha acabado de ser operado e tudo o mais?

Uma alegria efêmera! Luc ficou pensando que a graça de entrar num período de restabelecimento da saúde e de começar a aproveitar os poderosos encantos de uma convalescença estava justamente num estado de serenidade alcançado à força de contínuas alegrias efêmeras: uma substituía a outra com uma rapidez elementar e da maneira mais oportuna, ou seja, justo quando a alegria da anterior começava a definhir, a perder vigor.

Teve a sensação de que toda convalescença é uma fortaleza, ao mesmo tempo frágil e sólida, construída à custa de alegrias efêmeras.

A alegria seguinte, sem dúvida, não apresentava problemas: consistia simplesmente em se livrar do padre sinistro.

— Eu não acredito em Deus — disse Luc de repente.

Não obteve resposta. Teria morrido? Teria falecido do susto, da asma, da obesidade? Uma boa alegria efêmera podia ser livrar-se literalmente do padre que inventava prêmios. Matá-lo de verdade. Ir à sacristia que ficava virando a esquina e assestar-lhe um belo golpe com um martelo sueco e acabar com ele. E depois ir atrás dos paroquianos, atrás de todos aqueles babacas que só sabiam se divertir daquele jeito idiota. Ir atrás deles e afogá-los com um manto de prantos suecos. Ou dar uma passagem para cada um para o polo Norte, ou para Estocolmo mesmo, que ficava mais perto.

— Morreu? Tem certeza de que está aí? O senhor já não é um presunto, um coitado de um defunto? — perguntou Luc.

— A verdade é que... — começou a dizer o padre.

— A verdade é verdura... — disse Luc, contundente.

— Eu sei, meu filho.

— Pois pode engoli-la.

— Como?

— Coma.

Luc logo desligou o telefone e ficou aliviadíssimo, aproveitando agora ao máximo seu estado de convalescença, construído cada vez mais à força de alegrias efêmeras, que para ele pareciam ir se trançando com uma facilidade espantosa. O passo seguinte seria olhar pela janela que dava para a Rue Tintarella. Sempre acreditara que o curioso nome da rua onde morava vinha de uma famosa canção italiana e levava anos para descobrir que na verdade ela se chamava assim devido a Joseph Tintarella, um arquiteto franco-italiano do século XVIII. O passo seguinte consistiria em olhar pela janela e decifrar que alegria imediata podia lhe oferecer a casa da frente ou, na falta dela, o pavimento, a rua.

A primeira coisa que viu foi a vizinha gorda da janela da frente, a que sempre resmungava, molhando pão numa jarra de mosto. Achou a imagem tão horrível que resolveu olhar fixamente para o mosto, e então imaginou que este era de um azul-turquesa por onde singrava uma nave suntuosa em cuja reluzente proa de bronze podia ver-se de pé e fitando o horizonte, solene e grande, o rei do Gabão e da Suécia. Ao olhar melhor, com mais atenção, descobriu que aquele rei era ele mesmo, em pessoa, só que navegando num navio que deslizava pela superfície do mosto da vizinha. Não havia sombra de dúvida de que naquele meio-dia Luc estava não só perdendo sua habitual timidez, como, além disso, sua imaginação parecia estar se soltando pela primeira vez na vida.

Mas então, por que era rei, ao mesmo tempo, de dois países tão diferentes quanto o Gabão e a Suécia? E apurando um pouco mais a questão: por que o Gabão? O lance da Suécia ainda parecia justificar-se pela brincadeira idiota da paróquia, mas o do Gabão...

Uma hora depois, caminhando pelas ruas quase desertas da plateia vazia na qual seu bairro se transformara, chegou às margens do Sena, onde já havia mais gente. Junto a Châtelet, entre o Louvre e a Pont de Sully, uma placa anunciava que havia ali uma dessas praias artificiais inventadas para o verão pelo prefeito da cidade. No letreiro lia-se *Paris Plage rive droite*, assinalando um trecho do rio que fora transformado numa paisagem taitiana, com palmeiras e areia fina. Luc preferiu vê-lo como uma fração de um de seus dois reinos e decidiu que aquela, na verdade, era uma

paisagem gabonesa. Dito e feito. Dilatou as pupilas, desafiou sua imaginação e saiu vencedor do desafio porque pouco depois conseguiu ver o clarão da lua e ouvir o mar que murmurava, prateado, atrás de uma cortina de coqueiros. A selva era formada por árvores pitorescas, mangues cujas raízes brotavam da terra e alcançavam a altura de um homem, pálidas paineiras, de tronco triangular, com folhas só na ponta da copa. Cipós e sarças por toda parte. Gabão no Taiti. Taiti em Paris. E a Suécia? Chegou a pensar em ir ao aeroporto, comprar uma passagem e de Estocolmo mandar um cartão-postal para o padre: "Bronzeando-me ao sol da meia-noite. Tempo sublime e muito pão de centeio. Sou tratado como um rei. *Bons baisers*, muitos abraços para aqueles paroquianos imbecis".

Pensando bem, não seria possível dizer que ele, desde que saíra do hospital, tinha síndrome de Estocolmo? Essa conhecida síndrome era um estado psicológico no qual a vítima de um sequestro, ou a pessoa detida contra sua vontade, desenvolvia uma relação de cumplicidade com seu sequestrador. Era conhecida por esse nome desde o roubo, em agosto de 73, do Kreditbanken, no bairro de Norrmalms, centro de Estocolmo. Tinha sido um assalto a mão armada no qual os sequestrados sempre se sentiram mais do lado dos sequestradores que do lado da polícia.

De fato, ele tinha a síndrome. Desde que saiu do hospital, Luc percebeu como a saudade dos carinhosos cuidados de enfermeiras e doutoras fora tomando conta dele. A cada dia era mais forte a saudade da época em que se sentira maravilhosamente sequestrado pelo controle rigoroso dos médicos. Afinal de contas, a experiência do hospital fora a mais intensa de toda sua vida monótona. Recebera uma atenção que não tinha desde os tempos em que sua avó estava viva. No hospital pudera sustentar monólogos ególatras com os médicos, falar de si mesmo o tempo todo e de suas vivências de doente e comprovar que sempre o escutavam. Só quando ele era criança sua avó lhe dera tanta atenção. Depois, mais ninguém neste mundo se ocupara dele. Sua lembrança dos dias no hospital era aconchegante.

O pequeno drama para ele era que, depois de chegar a bom

porto a difícil operação, a convalescença o lançara nas trevas exteriores. A recuperação o deixara em estado de serenidade e beatitude, mas também instalado no duro vazio criado pela ausência repentina da dinâmica médica a que Luc tanto se acostumara. Queria inspecionar as paisagens desse vazio desesperador e passava o dia ruminando, cismando no que estava acontecendo com ele desde que se dedicava só a convalescer e já não lhe era permitido ter trato com os médicos. A doutora Cadet, muito especialmente, negara-se a voltar a vê-lo no momento.

— Você já está operado. Agora trate de repousar, e chega de tanto dengo — dissera-lhe a doutora, a mesma que um dia ousara insinuar que ele era autista.

Luc, naquele dia, ao ouvir que podia ser autista, ficara petrificado.

— Você não se comunica com as pessoas, não é mesmo? — dissera a doutora. — Sempre viveu isolado, não é mesmo? É a única explicação que encontro para que tenha passado tantos anos sem dizer a ninguém o que estava acontecendo, ocultando seus males físicos e sem ir ao médico. Não entrou em coma por puro milagre. Conseguimos salvar sua vida por uma série de felizes acasos. Mas não é normal, meu caro. Estive observando-o atentamente, e me desculpe, mas você tem os mecanismos típicos do autismo.

— Que mecanismos são esses? — perguntara Luc, aterrorizado.

— Uma espécie de rigidez nas estruturas mentais faz com que fique sempre centrado numa ideia fixa que nunca varia. Você é repetitivo, obsessivo. Se vê uma porta só verá essa porta durante dias. Será incapaz de ver outra porta diferente.

Luc não podia acreditar, mas, de qualquer modo, pensava que a doutora o achava esquisito mas ele também a achava esquisita. Ela era diferente de todos os médicos do hospital. De quarenta anos, miúda e musculosa, cabelo cortado a *la garçonne*, muito nervosa, com um discurso às vezes disperso (podia abordar três assuntos e alcançar três níveis de pensamento ao mesmo tempo), outras extraordinariamente nu e cru, preciso, a doutora Cadet, com seu juvenil ar adolescente, animava-o muito e o fazia rir, deixava-o de

bom humor assim que a via, apesar de ela ter sempre uma tendência negativa, uma tendência a lhe dizer as coisas sem maquiá-las, brutalmente, até o dia em que fez tudo andar ao contrário e decidiu que não tinha mais nenhuma coisa horrível a dizer a Luc, pois ele já podia se considerar curado e não precisava de nenhuma assistência médica.

— Tem certeza? É estranho que eu já esteja bom e que não precise de nada... — dissera Luc.

— O que posso dizer? Desde hoje você tem alta médica. Comece uma nova vida. Aproveite uma lenta e agradável convalescença, com todas as possibilidades que uma boa recuperação oferece. Não precisa voltar aqui para nada.

— Mas eu gostaria de poder voltar — protestou Luc.

— Para quê? Para rir? Não pense que eu não percebi que quando você me vê não para de rir de mim. Você tem ideias bem rígidas e nem se informa direito sobre seus problemas de saúde. No entanto, fica rindo, e rindo, e se repetindo, e se repetindo em tudo, como o autista que é. Ninguém lhe disse isso antes, não é? Vive completamente sozinho, não é mesmo? Alguma vez alguém já cuidou de você?

Luc ficou tão quieto que parecia não querer se mover do consultório. Pensou: ela também tem certa tendência autista, ela também se repete ou pelo menos repete o verbo *repetir*.

— Minha avó — disse Luc.

— Quando? — perguntou a doutora, capciosa.

— No século passado — disse Luc baixando a cabeça. — Escute, doutora. Gostaria de poder voltar. Não tenho certeza de estar preparado para receber alta.

— Está vendo? Você se repete, e se repete. É um caso clínico, mas que não diz respeito a minha área.

Então a doutora — cada vez mais esquisita aos olhos de Luc — decidiu preparar-lhe uma armadilha, à guisa de exemplo, para que ele visse até que ponto tinha certo autismo. Pediu-lhe que imaginasse estar encarcerado. E que conjecturasse também que um dia conseguia fugir da prisão por um buraco. Ele era capturado e preso de novo. E descobria que tinham tapado o buraco. Pediu-lhe

que imaginasse tudo isso e depois perguntou se ele não tentaria outro método de fuga. Luc disse que não sabia.

— Eu já imaginava — disse a doutora. — Está vendo? Você tem ideias fixas e inamovíveis. Os autistas são assim. Um autista ia querer repetir sempre o mesmo método de fuga. Vê como eu tinha razão em vê-lo do modo como o vejo? Pois você fica ruminando o que está acontecendo agora com sua doença quando, na verdade, já está tudo acabado. Mas, claro, seu cérebro não tem ductibilidade para se adaptar às situações variáveis do entorno e se relacionar com elas. Sabe o que é ductibilidade?

— Acho que sim, mas me diga, você está me expulsando daqui, não é? — atreveu-se a perguntar Luc.

A doutora, como resposta, abriu a porta enquanto lhe indicava com o olhar que no corredor havia muitos pacientes esperando para serem atendidos.

Meio vexado, Luc enveredou pelo corredor sombrio pensando se devia comprar uma passagem para a Suécia e enviar de Estocolmo o pérfido cartão-postal para o padre. Seria capaz de uma coisa dessas? Passara vinte anos economizando dinheiro, então aquela viagem estava perfeitamente ao alcance de seu bolso. E enquanto se perguntava se devia se aprofundar mais no assunto do vazio criado pelo desaparecimento das idas ao hospital e também se perguntava se com sua síndrome de Estocolmo devia partir justamente para Estocolmo, começou a caminhar de volta para sua casa na Rue Tintarella, voltou a andar pelas ruas desertas da plateia vazia de seu bairro. E de repente foi assaltado pela dúvida, pensando se esse seu amor pelas plateias sem espectadores não estava delatando uma carência notável de habilidades sociais, um medo do mundo, um mais que provável autismo.

E se a doutora Cadet estivesse coberta de razão quando dizia que nele se encontravam todos os sintomas máximos do autista, ao mostrar-se tão rígido em suas obsessões de quem tem ideias fixas? Foi andando sob a luz estranha do meio-dia tempestuoso até que conheceu esse tipo de desconcerto que a gente sente quando se perde num caminho no qual parecia difícil se perder, por ser um caminho habitual, o mais familiar de todos.

Onde estava? Tinha se esgueirado de repente por trás dos madeirames da realidade? Olhou para o céu e viu perfeitamente como este mudava de um cinza gelo para um lilás exasperado. Chegaram as primeiras rajadas da tempestade e algumas nuvens carregadas choveram sobre os telhados de Paris entre o murmúrio enfático do vento. Luc se perdeu por longos instantes, como quem se perde, noite fechada, no corredor de sua própria casa. Estava apaixonado por plateias vazias, principalmente quando chovia. Mas não estava apaixonado por plateias desconhecidas. Contudo, não se desequilibrou muito e, embora mais devagar, continuou andando até que a chuva parou e a luz clareou um pouco e ele finalmente conseguiu se orientar. Não podia estar mais perto de sua casa, pois acabava de dobrar a Rue de Porcherons e já se encontrava na esquina da Tintarella, junto ao escritório dos Correios do qual estava de licença, mas no qual trabalhava desde tempos imemoriais.

Entrou para cumprimentar os colegas que faziam o turno da tarde. Mas talvez por ter chegado bastante irreconhecível, pois estava ensopado, ou talvez por ter perdido quinze quilos e ter rejuvenescido, demorou a ser visto por eles. Queria medir o estado de suas relações com o exterior agora que estava deixando a timidez para trás. E queria também que eles vissem como sua recuperação ia bem e que admirassem seu esplêndido aspecto físico depois da intervenção cirúrgica. Mas ninguém parecia notar sua melhora. Todos andavam muito atarefados de um lado para o outro com suas cartas e pacotes registrados. Luc, de pé em meio àquilo tudo, esperava que alguém prestasse atenção nele e em seu magnífico novo aspecto. Mas como parecia invisível ou então era indiferente a todos, não teve outro remédio senão intervir para, ao menos, poder ser percebido e visto.

— E aí, crianças — disse. — Será que ninguém notou como estou saudável e jovem?

Estupor, risadinhas, alguns rumores. Um trovão, que chegava atrasado depois da tempestade, soou à distância.

— Mas você continua bem careca, Monsieur Hire — disse alguém. O comentário incomodou-o enormemente. Tanto que naquele

mesmo instante resolveu se vingar, ir para um país distante e deixar todos eles ali com seus envelopes registrados. As grandes decisões sempre foram tomadas assim, dessa forma bem repentina.

— Crianças — anunciou de repente, como se acabasse de decidir, e de fato era isso, acabara de decidir, por pura indignação e raiva, naquele momento —, vou para a Suécia. Ouviram bem? Monsieur Hire vai para Estocolmo. Ganhei o concurso da paróquia.

Novas risadinhas e rumores e alguns, só alguns, perguntando-se que tipo de concurso estranho seria aquele. Passou por um momento de depressão, que foi aumentando quando um colega se aproximou dele e o fez sentar-se numa cadeira para que não se cansasse demais. “Você está bem?”, alguém perguntou. Sentado ali na cadeira, voltou a sentir-se um pobre doente. Entrara na repartição para que admirassem seu porte juvenil e sua recém-estreada forma, mas não haviam demorado nada para transformá-lo num ranzinza fatigado. De pouco lhe servira entrar com aquelas pretensões de convalescente feliz. Disse para si mesmo que se quisesse continuar aproveitando aquela recuperação que ia *in crescendo*, devia procurar imediatamente novas alegrias efêmeras com as quais pudesse ir fabricando sua vida de homem recuperado. Para tanto, a primeira coisa que devia fazer era partir dali, e foi isso, de fato, o que ele fez de forma fulminante. Saiu direto para a Rue Tintarella. Sem se despedir. E dali, para sua casa, onde rapidamente arrumou a mala para a Suécia, na realidade uma sacola de plástico de uma grande loja de departamentos, pois mala ele nunca tivera e tempo para comprar uma ele não tinha.

2

Algumas horas mais tarde, Luc estava sentado no convés de um barco que dava voltas pelo porto de Estocolmo. Levava o livro de uns físicos japoneses que sustentavam que o universo era na realidade um “pluriverso”, assim eles o chamavam. Luc, ao comprá-lo no aeroporto, deixara-se guiar pelo que diziam na quarta capa,

onde se falava de uma teoria inflacionária do cosmo. Não entendera muito bem que espécie de teoria era aquela, mas pensou que o assunto podia entretê-lo. Começara a ler no avião e ficara tão fascinado com a questão enigmática do pluriverso que não conseguira largar o livro, nem mesmo ao chegar ao hotel em Estocolmo. Pelo que entendera, os físicos japoneses sustentavam que o universo não é um, mas muitos, e não tem começo nem fim, apenas infinitas repetições. Segundo eles, tudo ocorre várias vezes ao mesmo tempo em infinitos universos. Existem mundos múltiplos em bolhas fractais, do mesmo modo que nossas existências se repetem.

Pois então, pensou Luc, o universo é autista. E parecia pensar isso para consolar-se. O que mais tocou sua alma foi que, segundo os físicos japoneses, é bem provável que nossas vidas continuem de bolha em bolha no pluriverso. Tudo ocorre várias vezes ao mesmo tempo em infinitos universos. Nossas vidas se repetiam? Luc pensou que se isso fosse verdade, podia ser muito chato para ele. Sem ir muito longe, podia ser muito entediante que o obrigassem a reviver, várias vezes, os anódinos primeiros quarenta anos de sua vida. Sua viagem à Suécia estava valendo a pena, mas ter de cruzar novamente quarenta tediosos anos cada vez que entrasse numa bolha fractal lhe parecia simplesmente assustador.

Aqueles físicos japoneses tinham chegado a todas essas conclusões a partir da ideia inicial de que o universo, no princípio, passara por "uma fase de expansão exponencial provocada por uma pressão negativa da densidade da energia do vazio". Parecia convincente tudo o que eles diziam, mas difícil de compreender. O que seria, por exemplo, a pressão negativa da densidade da que...?

Luc fechou o estranho e pequeno livro japonês e disse para si mesmo que talvez não tivesse entendido bem por culpa da tradução francesa. O fato é que não lhe convinha que aquela teoria inflacionária fosse verdadeira. Uma grande chatice, pensou. E depois resolveu se entreter com outras coisas. Dedicou-se a passar em revista os meios de locomoção que havia utilizado ao longo daquele dia tão entremeado de alegrias efêmeras e de tantas

peripécias: táxi para o aeroporto Charles De Gaulle, avião da SAS, trem de alta velocidade sueco (o Arlanda Express), ônibus da linha 95 e barco turístico. Utilizara até cinco meios de transporte em poucas horas para agora estar sentado num banco de madeira, ali no convés daquele barco, em pleno mar Báltico. Para alguém como ele, que não viajara em quarenta anos, a impressão era poderosa e beirava as margens do irreal.

Não fosse porque o “dia perfeito” não existia (segundo sempre lhe dissera sua avó), teria pensado que aquele fora um dia muito bem-sucedido, muito pleno, sem dúvida intenso, e também muito marcado pelo espetacular contraste com o resto de sua vida, tão anódina. E pensar que tudo aquilo acontecera só porque um padre lhe telefonara, e porque uns funcionários imbecis, colegas de trabalho, tinham-no chamado novamente de Monsieur Hire apesar de ele ter se tornado apolíneo! Uma série de circunstâncias excêntricas o levava, em muito poucas horas, até aquele barco que navegava pelo Báltico. Já que estava ali, já que era um fato irreversível ele ter se plantado na Suécia num piscar de olhos, tentaria não prejudicar o bom andamento de sua convalescença. No dia seguinte, quase não se moveria de seu quarto de hotel, tentaria repousar como convinha a seu frágil estado de recuperação depois dos avatares da sala de cirurgia. Uma coisa estava bem clara para ele: não devia se cansar muito, pois corria o risco de pôr a perder em poucas horas todo o excelente processo de seu restabelecimento. Isso acabou lhe dando uma ideia. Não tivera ideias durante quarenta anos, mas agora elas pareciam brotar do campo mais fértil. Tratava-se de uma ideia um pouco perversa, condicionada pela síndrome de abstinência cada vez mais intensa causada pelo desaparecimento da dinâmica médica a que tanto se acostumara. Sua ideia se apoiava no fato de que, quando voltasse a Paris, não só iria banhar-se de vez em quando em seu Gabão taitiano, como fingiria ter castigado seu corpo na Suécia e ter posto em perigo sua convalescença e tentaria fazer com que a doutora Cadet, ainda que a contragosto, aceitasse cuidar novamente de seu instável estado de saúde.

“Com certeza eu cometi um erro ao não respeitar o repouso que

toda recuperação exige”, diria a ela. E já se imaginava voltando a discutir com a doutora, e ela dizendo: “Talvez muitos casos de timidez extrema ou de inibição social ocultem um tipo de autismo.” Ele, reticente: “Tem certeza, doutora?” E ela: “Tenho. Os autistas são egocêntricos como você, vestem-se com desleixo, como você, saem de casa sem se pentear, olhou-se no espelho?, suas relações familiares são difíceis, não têm a menor habilidade social, como você, recorrem a longas caminhadas em Estocolmo para se cansar e fazer com que sua cicatriz interna se rompa para depois vir ao meu consultório olhar minhas pernas...”

De noite, em Estocolmo, já instalado no quarto 212 do velho Hotel Terminus, diante da estação Central, na noite do dia “quase perfeito”, dedicou-se por um bom tempo a ler num jornal sueco a página das ofertas de emprego: uma página que foi lendo muito devagar, levando todo o tempo necessário (que na realidade era todo o tempo do mundo, porque jamais iria entender tudo o que estava dito ali, era como se estivesse lendo o livro dos físicos japoneses), levando todo o tempo que requeriam aquelas colunas compridas cheias de sinais e códigos misteriosos.

No mundo, pensou, existe todo tipo de trabalho, e a verdade é que todos parecem melhores do que o que tenho nos Correios. E também pensou em como era significativo que todas as ofertas daquela página do jornal sueco se alinhasssem claramente divididas em caprichados espaços, como se pertencessem a um de seus mapas onde se distribuem os túmulos de um cemitério novo.

Deu uma olhada novamente no livro dos físicos japoneses. Leu, agora distraidamente, algumas frases que diziam ou entendeu que diziam que, no final das contas, o universo são bolhas fractais e que uma bolha produz outras, e estas produzem outras, e assim infinitamente, e nós vivemos nossa vida mas a vivemos repetida, como se fosse um vídeo biográfico que viajasse por diversos universos, vivemos essa vida várias vezes...

Que estranho, pensou.

E dormiu. Sonhou que repetia cem vezes o gesto de abrir o zíper do vestido cor-de-rosa de uma bela e nervosa japonesa que dizia chamar-se Kumiko Duvidú.

Não havia dúvida de que sua personalidade estava evoluindo. No dia seguinte, ao acordar, Luc disse para si que Monsieur Hire estava mudando e que, nesse ritmo, logo não seria reconhecido pelos malditos funcionários dos Correios. E teve a impressão de que diante das contínuas mudanças que a convalescença estava provocando, ele chegava a ficar ansioso, embora também um pouco temeroso, com a surpreendente continuidade das alegrias efêmeras que iam se encadeando em sua vida. E as alegrias breves não cessavam. Por exemplo, ao acordar, tinha ligado a tevê e a música dos Beatles que estava tocando naquele instante (“When I’m sixty-four”) deixara-o extraordinariamente feliz e com um intenso e insólito senso de humor, que o levou a perguntar-se se não teria viajado a Estocolmo apenas para abrir cem vezes o zíper do vestido de Kumiko Duvidú. Ficou rindo sozinho. Foi muito estranha aquela risada, completamente insólita nele. E também foi outro momento de alegria efêmera.

Será que ele era autista mesmo ou simplesmente estava na Suécia e ali não conseguia se comunicar com as pessoas porque não falava a língua nem conhecia ninguém? Conheceria algum dia a garota chamada Kumiko Duvidú, como a do sonho? Que seria dele quando completasse sessenta anos? Chegaria a completá-los? Levaria uma vida muito afastada da timidez que tanto o castigara? A doutora Cadet continuaria a acusá-lo de ter todos os sintomas do autista? Desde que a doutora insinuara isso, ser autista era a obsessão da qual não conseguia se livrar em nenhum momento.

Antes da doutora ter cruzado sua vida, jamais passara pela cabeça de Luc suspeitar que ele podia ter surtos de autismo, ou melhor, sofrer mesmo de autismo. E Kumiko Duvidú? Seria possível que existisse realmente e o ajudasse a deixar de ser autista? Ela, de qualquer modo, ao menos no sonho, era parecida com a doutora Cadet quando esta assumia um ar nipônico e perguntava a Luc por que ele repetia as coisas cem vezes e por que era tão nervoso. Luc tinha a impressão de que a doutora podia ajudá-lo a sair desse autismo e do nervosismo que ele lhe provocava. “Permita, senhorita Cadet, que eu dê risada, já que do meu ponto de vista a senhora é que é nervosa...”, às vezes Luc pensava em ousar lhe dizer, quando

ela comentava que o achava obsessivo nas ideias e nervoso demais e dizia que ele repetia muito sempre as mesmas coisas. A doutora Cadet também não se repetia? Kumiko Duvidú era uma cópia da doutora?

No dia seguinte, como não estava muito disposto a caminhar e a se cansar (outra coisa era que, ao voltar a Paris, pudesse dizer a todo mundo que se cansara muito e que mandara às favas sua convalescença), poupou suas forças e dedicou-se somente à refinada atividade de meditar, na confortável poltrona de seu quarto, acerca dos diversos universos e de suas bolhas paralelas. Dedicou toda a manhã a isso. Os universos e bolhas se misturaram em seus pensamentos com suas reflexões, superficiais e ao mesmo tempo profundas, sobre a morte. Eram meditações parecidas com as que tivera no hospital de Paris, onde pudera pensar como nunca antes em sua vida. Lá, naqueles dias no hospital, acostumara-se a pensar todo dia no silêncio do universo, por exemplo. Já havia pensado muito em tudo isso em outras ocasiões, mas nunca com a angústia que, no hospital, acompanhara esses pensamentos. O silêncio do universo! Às vezes acreditava estar contemplando-o. Mas acreditar que alguém podia observar esse silêncio era ligeiramente ridículo e absurdo, pensava Luc. O silêncio jamais poderia ser visto. Mais que contemplá-lo, podia, em todo caso, estudá-lo, explorá-lo, pesquisá-lo, supondo que se pudesse pesquisar algo que não existia.

Ali, naqueles dias no hospital, o pânico surgira em sua vida de uma forma mais contundente do que nunca. Medo de morrer, medo de ter medo. Mas compensava os surtos de pânico com sua admiração pelo altruísmo das enfermeiras. Chegou a ficar tão obcecado com a abnegação delas que um dia, quando o levavam para a sala de ecografia e viu que a porta automática do elevador coletivo se abria sozinha, admirou o altruísmo, a filantropia, a generosidade daquela porta que se abria diante dele.

Estava muito sensível. E era o único de todo o décimo andar que não recebia visitas. Todo dia, quando a noite caía no bairro onde ficava o hospital, ele esperava por um momento que considerava único e fantástico. Numa casa do outro lado da rua, fechava-se

sempre, inexoravelmente, pontual em sua hora diária, uma janela. Para Luc, presenciar aquilo todos os dias era como ter um camarote de luxo de onde podia assistir diariamente ao instante mais fantástico e secreto da cidade. Esperava por esse momento com verdadeira devoção. Sentia que nesse momento mágico alguém se envolvia numa capa e se dispunha a sair de noite. Já que ele não podia fazer isso, Luc imaginava que o vampiro da casa defronte o fazia.

Luc se lembrou de tudo isso lá em sua poltrona do quarto de Estocolmo, naquela primeira manhã de seu primeiro dia de permanência num país estrangeiro. Em seus pensamentos e lembranças o hospital sempre estava em primeiro plano. Lembrou-se daqueles modestos cafés da manhã que no décimo andar lhe davam todas as manhãs com uma desconfiança estranha, como se já os tivessem oferecido em vão a muita gente e temessem que ele também os recusasse. Adorava, de qualquer maneira, aquele momento, que era precedido de outro menos feliz: a invariável injeção intravenosa com destino à *análise clínica* do dia. Eram dois momentos que inauguravam, como um ritual intocável, a jornada. Um instante bom e outro nem tanto. No decorrer do dia, apagava-se o momento ruim e só restava a saudade, a lembrança do sóbrio café da manhã, oferecido com uma desconfiança estranha.

Em parte, estava muito claro que toda sua síndrome de Estocolmo se devia à falta que sentia daquelas longas horas passadas no hospital, aquelas horas em que finalmente conseguira refletir sobre o mundo, sobre nossa vulnerabilidade congênita, sobre a fragilidade do ser humano. Adoecer gravemente o levava por fim a enfrentar, com rigor variável e que dependia do humor do dia, as questões essenciais da vida. E também a começar a ter um discurso, digamos, pessoal, ainda que fosse um discurso mimético em relação ao dos médicos. Quase sem perceber, Luc havia mergulhado na dinâmica da linguagem clínica e ficara apaixonado por ela, pois começara a senti-la como própria. Era quase como se tivesse começado a estudar Medicina. Para ele, estar fora do hospital e longe da doutora Cadet representava, entre muitas outras coisas, sentir-se expulso da indagação que iniciara por conta

própria a fim de averiguar qual era seu verdadeiro grau de autismo.

Durante as noites, quando parecia não haver mais ninguém no hospital, Luc aprendera a avaliar como sua figura era ínfima no conjunto do universo, mas pelo menos ele podia sentir que estava vivo e que era algo, certamente microscópico, mas, ao fim e ao cabo, era algo. Perceber sensações desse tipo para ele era como capturar pequenos sinais de vida na plateia vazia daquele teatro mudo no qual às vezes, durante longas noites, o hospital parecia transformar-se.

Na tarde daquele primeiro dia de permanência em Estocolmo, tentando não se cansar muito, deixou sua poltrona matinal e meditou sobre os universos e as bolhas paralelas enquanto andava e inspecionava o interior do Kreditbanken, no bairro de Norrmalms, e ao fazer isso parecia estar pesquisando a própria síndrome.

Ao entardecer, acabou montando seu quartel-general no número 102 da Drottninggatan, num bar italiano chamado — pequeno acaso que parecia fechar o círculo de sua viagem — Tintarella di Luna. Ali magníficos *panini* eram servidos por garçonetes que tinham certo ar japonês, e o lugar lhe pareceu ideal para mandar cartões-postais, embora não tenha demorado a reparar que, além do padre e do hospital, não tinha mais ninguém para quem enviá-los. Mandou um vingativo texto envenenado para o padre: “Aqui, no Tintarella de Estocolmo, a garçoneite se chama Kumiko. Ku-mi-ko. Sou autista. Por isso repito tudo. *Bons baisers*. E até a volta, seu sacana”.

3

— Não fui eu — disse a doutora Cadet — quem instituiu a norma, e também não gosto da bendita regra, mas se eu abrir uma exceção para você, terei de fazer isso novamente com o seguinte.

— Seria uma grande ideia — respondeu Luc. — Assim essa regra que você não instituiu e da qual também não gosta deixaria de existir.

De volta a Paris, Luc, que tentara sem sucesso ver a doutora em seu consultório, conseguiu ao menos conversar com ela por telefone.

— Só quero que saiba que me cansei muito na Suécia e que na certa estou anêmico. Deveriam me examinar, acredite. Tenho problemas com a cicatriz interna e me sinto fraco.

Ia acrescentar: “A Suécia me deixou exausto”. Mas achou que não era oportuno.

— Olhe só você com suas ideias fixas! Como devo dizer que já lhe dei alta e que não vou reabrir seu histórico médico agora só porque você viajou para o exterior?

— Tenha dó, doutora.

Nem dó nem piedade. A doutora Cadet não estava disposta a isso. Pois deveria, pensava Luc. O fato é que havia algo estranho em todo esse empenho dela em não querer saber nada de seus achaques. Por fim, Cadet cedeu um pouco, disse que fosse ao ambulatório devido ou então que fosse consultar um urologista, que era quem devia examinar o estado da cicatriz.

Luc, já imaginando que ela acabaria fazendo essa recomendação, pensou que esta não era tão ruim para seus planos. Aproveitando a hora marcada para ser examinado pelo urologista, esgueirou-se pelos corredores do quinto andar, onde Cadet atendia. Discretamente, sentou-se ao lado dos pacientes que aguardavam a doutora aparecer. Ouviu uma das doentes dizer a seu marido: “Passei a manhã toda dobrando camisas, enrolando meias... E ninguém me agradece, nem agora, que estou sofrendo deste mal...” Luc decidiu mudar de cadeira no ato, porque o mal a que aquela mulher se referia era muito misterioso e, principalmente, não parecia augurar nada de bom. Luc tinha mais medo do contágio do que de qualquer outra coisa no mundo.

De repente, houve uma aparição fulgurante da doutora e ele tomou as devidas precauções, escondeu o rosto com um jornal e ficou um bom tempo lendo as ofertas de emprego, ofertas mais compreensíveis e talvez por isso mais mortuárias e horríveis que as que lera em Estocolmo. Esperou, com toda a paciência do mundo, que Cadet atendesse todos os seus doentes. Por volta das duas da

tarde só restava ele esperando no corredor. Já sabia de cor todas as ofertas de emprego. A doutora se despediu do último paciente na porta, e ao olhar para o corredor escuro ela o viu, sorrindo enquanto se levantava disposto a entrar no consultório.

— Ora, como se atreve? — perguntou ela na entrada da porta. — Por acaso você pensa que isso é como vir me buscar na saída de um colégio de freiras? O que houve com a cicatriz?

— Você não tem frieza profissional? — disse Luc, que havia preparado, com muita antecedência, essa frase.

Conseguiu desconcertá-la por um instante.

— Por que está me dizendo isso? — perguntou finalmente a doutora. — Por que me interessa friamente por sua cicatriz? Veja, ocorre que sua cicatriz não é do meu departamento.

— Como você pode dizer algo tão selvagem?

— Já disse isso outras vezes. Mas claro, como você é a rigidez mental personificada... Você, senhor Luc Forest-Nãoseioquemais, é um sujeito muito obsessivo, repetitivo, autista.

Luc recuou, apavorado ao ouvir a palavra *autista*, recuou como se fosse um vampiro e acabassem de lhe mostrar um crucifixo ou uma réstia de alhos.

— Não posso entrar no seu consultório? — acabou perguntando.

— Para quê? Para que eu veja uma cicatriz que não se vê? Gente!

Teve a impressão de que estava rindo dele. E reagiu deixando para trás qualquer vestígio de timidez. Disse, bem ali na entrada do consultório:

— Eu soube que existem pessoas extremamente autistas mas muito inteligentes e que, por isso, são capazes de escapar de um diagnóstico de autismo.

Só faltou Luc dizer: “Poderia ser o seu caso, doutora Cadet”.

Aí foi ela quem recuou, apavorada. Parecia não conseguir acreditar no que ouvira. Luc havia insinuado que ela disfarçava seu autismo? Para dizer isso Luc se baseava no fato de ela vir repetindo nos últimos dias que não podia atendê-lo e que ele fosse ver um urologista?

Decidiu fazer a pergunta a Luc sem rodeios. Durante anos, em seu círculo íntimo, ela fora acusada de ter, em sua vida cotidiana,

ideias muito obsessivas e repetitivas. Talvez fosse autista e não soubesse, e Luc tivesse acertado por acaso. Mesmo com medo de perguntar e de inverter a autoridade de seu jaleco branco, dando a dianteira a um paciente, por fim atreveu-se e foi em frente.

— Você acha que eu sou autista? — perguntou subitamente.

— Para você ser totalmente autista só falta aprender a olhar repetidamente pela janela. Repetidamente, repetidamente.

Com um gesto instintivo, ela olhou para a janela do consultório, momento que Luc aproveitou para sussurrar em voz baixa, inaudível:

— Agora estou entendendo tudo. Fora daqui, sinto um vazio imenso, sinto falta de toda essa atmosfera sinistra.

A doutora continuava olhando pela janela, como se também estivesse hipnotizada pelo clima do momento, talvez daquele lugar. E Luc aproveitou a deixa para entrar no consultório.

— Bem, sente-se — disse a doutora, como se aceitasse o inevitável e sentisse ter sido vencida por alguma coisa, por um sentimento indecifrável, quase uma fatalidade.

— Dá azar olhar o mundo sempre de soslaio — disse Luc, sentando-se. — É melhor observá-lo sempre de frente, olhar repetidamente pela janela dos lugares onde trabalhamos. Eu faço isso no meu escritório dos Correios.

Longo silêncio. A doutora parecia estar ruminando uma ideia.

— Quanto você ganha nos Correios? — perguntou finalmente.

Luc ganhava tão pouco que aumentou no ato seu salário. Deu um valor bem mais alto em euros e inventou uns pagamentos extras no verão e no Natal.

— Nós — disse ela —, não poderíamos lhe pagar tanto, mas eu ando precisando de um assistente. Alguém, digamos — sorriu —, tão autista quanto eu. Alguém que seja meu cúmplice em certas coisas. Você aceitaria esse emprego? Poderia começar a trabalhar quando sua ferida interna estiver cicatrizada. Para saber se já está em condições, deverá antes visitar o urologista. Sinto muito — sorriu —, tenho ideias muito fixas, você sabe, sou autista.

A doutora lhe mostrou os papéis de seu novo trabalho como assistente, todos timbrados e todos em ordem. Para Luc aqueles

papéis lembravam vagamente — mas só vagamente — aqueles com os quais o padre tentara fazê-lo acreditar que ele ganhara o prêmio da paróquia.

Só algumas horas depois, ao voltar para casa, Luc começou a ver o que havia sido sua recuperação e a entender em que consistiam, realmente, as mudanças ocorridas em sua vida em tão pouco tempo. Não eram grandes, eram mudanças pequenas, mas extraordinárias. Pela primeira vez teve consciência de que, diferentemente de quando era um ser totalmente insignificante, agora era ao menos um assistente que emitia pequenos sinais de vida numa plateia vazia.

Matéria escura

Tinham ficado repentinamente sem linha telefônica, e embora isso possa acontecer, eles não conseguiam entender, não viam explicação para aquele contratempo. Estavam chateados, principalmente, com a sensação de isolamento causada pela falta de linha.

— Não haveria um fantasma entre nós, não? — chegou a dizer Albert.

Na tevê, um astrônomo da Universidade do Arizona afirmava ter descoberto, juntamente com outros colegas, a primeira prova direta do que conhecemos como matéria escura do universo.

“Essa matéria”, disse o astrônomo, “não pode ser *vista* porque não emite nem reflete luz suficiente, mas estamos convencidos de que ocupa uma grande parte do universo. A matéria comum, que é o que podemos ver, ocupa cinco por cento, e o resto é essa energia escura...”

— Que energia será essa? — disse Lydia.

— Espere — disse Albert —, quero ouvir o que esse especialista está explicando. Eu já sabia que acabariam encontrando alguma prova da matéria escura.

“Até o momento”, continuou o astrônomo, “nós só podíamos intuir a existência da matéria escura por meio de seus efeitos gravitacionais sobre a matéria comum. Agora descobrimos o que seria o selo gravitacional da matéria escura. Esse selo se criou devido a uma separação violenta da matéria escura e da matéria comum em consequência de uma gigantesca colisão de dois grandes grupos de galáxias. Esta é a primeira prova direta de que a matéria escura deve existir e que, além disso, deve constituir a maior parte da matéria do universo...”

— Lembra do revólver de brinquedo e do coldre que você usava

no dia em que o conheci? — perguntou Lydia.

— Me deixe ouvir, pelo amor de Deus.

— Você estava tão bonito armado daquele jeito! — disse, e soltou uma pequena gargalhada.

— Me deixe ouvir, por favor.

O pesquisador do Arizona continuava falando e agora explicava que, ao observar a colisão cósmica, os cientistas pensaram que, se a matéria escura existisse, a maioria da massa nos grupos estaria situada ao redor das galáxias. Mas se a matéria escura não existisse, então a massa desses grupos estaria num difuso gás quente. Isso ocorreria, sem dúvida, pelo fato de que os grupos de galáxias contêm dez vezes mais massa em forma gasosa que em forma de estrelas.

— Você viu a forma gasosa do seu cientista? — interrompeu Lydia. — E ainda por cima vai e fala dos grupos de galáxias e estrelas e das formas — riu estrepitosamente — gasosas. Está falando de si mesmo! A forma gasosa é ele!

— Não — disse Albert. — Ele está falando de uma descoberta importante. Sempre me interessei por esse tema da matéria escura. E vou lhe dizer uma coisa. — Fez uma longa pausa. — Sim, Lydia, vou lhe dizer uma coisa. Não há dúvida de que existe um mundo invisível. É, é, meu bem, não faça essa cara. Há uma matéria escura que não pode ser *vista* mas que ocupa quase todo o universo.

— Ah, Albert! Você está repetindo o que acabou de ouvir esse homem do Arizona dizer. Me diga uma coisa, não podemos ver essa matéria nem mesmo apagando a luz? — perguntou ela, caçoando.

Tive a impressão de que Albert não sabia muito bem o que responder.

— Bem — ouvi-o dizer, hesitante —, é claro que essa matéria é escura por algum motivo. Do contrário, poderíamos vê-la, ou seja, não seria escura... Enfim. Bem, olhe, você me deu um nó na cabeça, conseguiu.

Lá fora o céu estava muito limpo e era visível uma profusão de estrelas a oeste, lá onde as luzes da cidade não as ocultavam. Eu era o vizinho do andar contíguo ao de Lydia e Albert, e estava

sentado bem no umbral de meu terraço, de onde não os via mas os ouvia perfeitamente. Não tinha nada melhor a fazer porque era domingo, meu dia de folga, e, além do mais, estava subitamente muito interessado em saber como acabaria aquela farsa de Albert, simulador de um repentino interesse pela matéria escura. Podia imaginar os gestos e movimentos deles porque os via todos os dias, nós nos cumprimentávamos na escada ou no elevador, e às vezes eu encontrava Lydia e Albert no bar da esquina e estudava seus gestos, movimentos, escutava atentamente suas conversas, às vezes discussões. Eles me divertiam muito, principalmente aos domingos. Eram tão comoventes...

Já eram dez da noite. Era um dia de outono meio frio, impróprio para a época. Albert mancava, quanto a isso eu não tinha nenhuma dúvida. Vira-o mancar nos últimos dias, e na certa ele continuava igual. Ainda não tinha se recuperado da grave operação a que fora submetido semanas antes. A convalescença ia ser longa.

Na tevê, o astrônomo da Universidade do Arizona continuava informando sobre o avanço científico, sobre sua confirmação de que a quarta parte do universo era invisível, era matéria escura.

— Esses cientistas avançaram um pouco. Pelo menos agora eles sabem que a matéria escura realmente existe — disse Albert.

— Ah! Mas ainda estamos nessa? Você vai se recuperar, Albert, você vai ver. Por que não muda de canal?

— Você anda pensando que eu relaciono a matéria escura com minha lesão, com o futuro escuro de minha lesão, e prefere que eu mude de canal e pense em coisas diferentes. Não é isso?

— Não. Só quero que mude de canal. Se o telefone estivesse funcionando, eu ligaria para alguém e me distrairia. Você me deixa nervosa. Sempre vê intenções estranhas por trás das coisas mais simples que falo. Se estou sugerindo que mude de canal é simplesmente porque estou sugerindo que mude de canal, mais nada. Por que sempre quer ver algo mais por trás de minhas palavras? Isso é insuportável em você.

Talvez ele fosse insuportável nesse aspecto — sem dúvida sua mulher era mais capacitada do que eu para saber —, mas Albert tinha toda minha simpatia, mesmo que fosse apenas por andar

mancando depois de sua operação e me dar pena.

De repente, o som da tevê mudou e entendi na hora que acabavam de passar para outro canal. Agora viam uma reportagem sobre pessoas para as quais desafiar a morte e a gravidade era parte da rotina. Os comentários estavam a cargo de um equilibrista francês, muito conhecido desde que em 1994 realizara uma genial e atrevida caminhada sobre a corda bamba entre as duas torres do World Trade Center. Mas o equilibrista, com sua voz harmoniosa, não falava de equilíbrio, e sim das façanhas da senhorita Samantha Morgan, que todos os dias, na Flórida, subia numa motocicleta e descrevia círculos perpendicularmente ao solo, a cem quilômetros por hora, e rindo sem parar.

— É a coisa mais incrível que eu já vi — disse Lydia, sem dúvida tentando fazer com que Albert se interessasse pelos malabarismos de Samantha Morgan e não pedisse para voltar ao bendito canal da matéria escura.

Samantha Morgan trabalhava no autódromo Muro da Morte, um círculo móvel de nove metros, que tinha cinco de altura e parecia um velho depósito de água ou um armazém de madeira.

“Nesse círculo”, dizia o equilibrista, “os motoristas parecem desafiar tanto as leis da física quanto o senso comum. Dão algumas voltas na roda até que vão rápido o suficiente para fazer com que sua moto se cole à parede. Não usam capacete, porque a gravidade exerceria tal força sobre ele que os pilotos não conseguiriam manter a cabeça erguida de jeito nenhum.”

De repente, perguntavam à senhorita Samantha Morgan por que ela escolhera aquela ocupação incomum, e ela respondia o seguinte: “Eu me apaixonei pelo Muro. Por outro lado, se a roda patina quando você está na parede, mas você mantém o controle e não cai no chão, sente uma espécie de pique.”

— É incrível — disse Lydia. — Você ouviu? Ela sente um pique.

— Sei — disse Albert —, mas se a pessoa cai no chão, o pique é sufocado pela morte. Ou pela dor. É claro que essa mulher está pior do que eu. Deve ter todo tipo de parafuso e placa e eu não estranharia se tivesse também uma prótese vertebral. Que horror. Quantas vezes deve ter se estatelado?

— Não sei o que está acontecendo hoje, mas é muito estranho tudo o que estão dando na tevê. Parecem ser programas para um público minoritário, não? Além disso, você percebeu que a voz do locutor, do equilibrista, é idêntica à do nosso vizinho? — disse Lydia.

Voltaram a mudar de canal.

— Você muda de programa — protestou Albert — porque pensa que essa voz do locutor me faz pensar automaticamente em minha lesão. Não é mesmo? Pensa que ao ouvir o locutor eu me lembro que hoje de manhã nosso vizinho se interessou por minha saúde no elevador. Não é isso?

— Você vê coisa demais por trás de tudo o que eu digo. É o que menos suporte em você. Vou falar de novo: você deveria ver as coisas com mais simplicidade, não relacionar tudo com sua maldita lesão no joelho.

— Sabe o que eu sonhei ontem? — disse ele, provavelmente para mudar de assunto.

— Eu apareci no sonho?

— Apareceu. Estávamos num ginásio horrível de um hotel de luxo e de repente eu pegava uma coisa no chão. E sabe o que era? Uma seringuzinha cheia de sangue. Espantoso. Todo o ginásio era, na verdade, um hospital camuflado dentro do hotel. Estava chovendo. E eu lhe propunha que saíssemos dali e fôssemos até o amplo terraço de um bar que havia junto do hall.

— E eu dizia que sim, claro...

— Nada disso, você dizia que não queria ir, estava super teimosa. Tudo isso acontecia naquele hotel onde eu não pago. Você sabe — repetiu Albert —, o hotel onde eu não pago.

— Sei. Naquele hotel que não existe e com o qual você sonha às vezes?

— Exato.

— Onde lhe cobram muitas vezes uma conta de mais de vinte anos...

— Exato. E que eu nunca pago. Sempre estão a ponto de chamar a polícia, mas no fim eu consigo escapar daquela situação.

No novo canal apareceu a figura do Papa polonês, Wojtila, imagens de seu funeral em abril do ano anterior. Albert murmurou

algumas palavras incompreensíveis, possivelmente sobre Karol Woijttila, e quase instantaneamente houve outra mudança de canal. Passaram para um de som muito estridente e no qual se podia ouvir música pop dos anos oitenta, e então Albert sentiu-se invadido por uma repentina nostalgia, pois era a música que ouvia quando menino e que agora voltava para ele. Deve tê-lo abalado — sobre coisas como essa, e como tantas outras, não tenho controle absoluto — essa volta imprevista do passado. Deve ter se comovido, porque pouco depois ouvi-o chorar mansamente. Voltavam para ele os dias de ontem, em forma de presente. Na certa acabara de descobrir que o tempo continuava ali, que o passado imperturbável sempre estivera escalado junto dele, no mesmo time da vida. Na certa acabara de descobrir que o passado está se dando e aflorando a todo instante, está se dando no presente. O tempo não é como pensam os tristes humanos, nunca perde tempo com passatempos.

— Não mude de canal, mesmo que você caia no absurdo de pensar que essa música me faz pensar em minha lesão e me deprima. Não mude, por favor — pediu Albert.

— O pior de tudo é que você relaciona também essa música com sua lesão. Você não me engana. Acho que do jeito que as coisas vão não poderá mais ver tevê. Pensa que tudo tem a ver com sua lesão no joelho. Será que não percebe? Vai ter que ir lavar pratos na cozinha comigo. Precisa se distrair um pouco e não ficar cismando nos pinos do seu joelho.

— Estamos indo bem esta noite — disse Albert.

— Mas esse seu problema no joelho logo será um lance do passado, você vai ver. O que realmente está quase se eternizando é algo que, como casal, deveríamos praticar mais vezes de noite e que já estamos sem fazer há semanas...

Silêncio prolongado.

De repente, o cientista do Arizona voltou. Albert na certa assumira o controle e mudara de canal novamente. Agora o pesquisador estava dizendo que a teoria geral da relatividade sugeria que a terra estava imersa num banho contínuo de energia procedente da interação gravitacional de estrelas e objetos celestes

distantes. De acordo com essa teoria, a energia liberada por uma grande perturbação cósmica, como, por exemplo, a explosão de uma estrela, propagava-se em forma de ondas gravitacionais que, em seu avanço, distorciam a morfologia de qualquer região do espaço-tempo que atravessassem. Diante de tais perturbações o espaço-tempo, literalmente, tremia.

— Talvez a matéria escura seja Deus, ou você há de convir comigo, pelo menos, que ele não é visível, ainda que agora, se entendi bem, os cientistas andem dizendo que têm provas de sua existência — interveio Lydia de repente.

Houve um longo silêncio, que aproveitei para descansar de minha espionagem e olhar para o oeste, na direção do céu estrelado.

— Talvez Deus seja nosso vizinho — disse Albert.

— Bem, agora que você disse isso... Sempre achei que nosso vizinho nunca se instalou no apartamento dele, que na realidade ele sempre esteve ali, no umbral de seu terraço, sentado. Acha que ele é Deus?

— É o espaço, é o tempo, é Deus, é a divina matéria escura, e agora só falta ele tremer e fazer um milagre para que meu joelho sare e eu pare de mancar.

Pois bem, pensei, estais extrapolando. Naturalmente, estais jogando pesado, como se fôsseis Samantha Morgan e houvésseis se apaixonado pelo Muro da Morte, que nesse caso também seria eu.

Pois bem, pensei, estais acertando, embora eu não vá lhes confirmar isso agora, mas é verdade, eu sou o Muro, a matéria escura, o vizinho, o espaço, o tempo, o puro tremor. Estais divinamente orientados em vossas pesquisas.

Nesse instante apareceu na tevê a primeira imagem que os astrofísicos conseguiram captar da matéria escura. E lembrei-me de quando a expressão *estar na lua* perdeu seu sentido cômico com a primeira foto de um astronauta que havia alunissado. Era cabível esperar que algo parecido fosse acontecer com aquela foto da matéria escura. Albert e Lydia continuariam sem saber o que viam exatamente, mas era evidente que o antigo mistério da matéria escura deixara de ser tão enigmático a partir do momento em que pelo menos era possível ver sua forma.

Por um momento tive vontade de deslizar uma breve nota para eles por debaixo da porta, que dissesse isto: "Só precisam vir me ver aqui em casa se quiserem uma foto bem completa dessa matéria escura que tanto preocupa vocês".

— Me faz um favor? Deixe seu joelho em paz — disse Lydia.

— Para que isso seja possível — respondeu Albert —, teria de acontecer um milagre. Que Deus me livrasse desse mancar, por exemplo.

"Em suma", concluiu o astrônomo do Arizona, "trata-se de uma grande mudança, pois agora todas as teorias da gravidade têm de partir do fato de que a matéria escura existe."

— Em suma — disse Albert —, trata-se de uma grande mudança, pois agora eu estou esperando que a matéria escura conserte meu maldito joelho.

— Você é terrível! — disse Lydia, ameaçando chorar. — Precisa andar direito de novo, concordo. Mas vê como eu não estava enganada? Tudo o leva a pensar, sempre, na lesão.

— Você sugere alguma coisa melhor para fazer? — disse Albert, tirando o fone do gancho e comprovando que continuava sem linha.

— Jogar de outro jeito, Albert. Simplesmente isso, jogar de outro jeito e não pensar tanto no joelho. Você podia usar de novo o revólver de brinquedo, por exemplo, e aquele coldre ridículo que usava no dia em que o conheci. E me amar.

Percebi que Lydia estava bem perdida depois de ter dito abruptamente "E me amar". Como se ao sugerir isso a Albert tivesse sumido num estado de grande liberdade, mas selvagem caos.

— O que você está falando? — perguntou Albert. — Ficou louca?

— Me ame — disse Lydia —, me ame.

Tudo na harmonia geral pareceu se desorganizar ligeiramente. Algo se rompera em algum lugar, porque agora se ouvia novamente a voz do equilibrista francês falando que, como Samantha Morgan, todos nós devíamos ter a ousadia de desafiar o desconhecido e, principalmente, voltar aos dias do amor.

— Mas se até o vizinho diz isso. Voltar ao amor. É, estou louca. Mas me ame. Já faz uns minutos que estou fora de mim, que não

sou mais eu — disse Lydia.

— O equilibrista está dizendo isso, mas é que o equilibrista ficou louco e você, que eu saiba, não — disse Albert.

Podia ter influído um pouco na ligeira desordem da harmonia geral o fato de, duas horas antes, coincidindo com o corte da linha telefônica dos vizinhos, um de meus dez computadores ter pifado, logo o mais novo e potente de todos, o que só estava há dois dias em casa.

O reluzente último modelo Kowsky27W, orgulho de minha grande mesa giratória, pifara sem mais nem menos, num silêncio estranho e inquietante, e eu o deixara assim, quebrado, esperando voltar a ele mais tarde para tentar consertá-lo. Mas a coisa tinha ido de mal a pior e ele estava começando a guinchar, ao mesmo tempo que na tela se acendia uma escandalosa luz vermelha intermitente. Não tive remédio senão tentar consertá-lo. E ao entrar na sala da grande mesa giratória vi algo que não percebera antes: aquele lugar parecia uma sala de controladores aéreos em miniatura.

Quando, minutos depois, com os guinchos cada vez mais fortes, voltei ao umbral do terraço sem ter conseguido consertar nada, ouvi Albert dizendo que fora hipnotizado pela voz do equilibrista francês, que, por sua vez — tal como eu mesmo pude comprovar — também sofria de um leve transtorno mental, ou ao menos era o que parecia, pois mudara sua voz de locutor transcendente por um tom descontraído, e, beirando o obsceno, dedicava-se a comentar alguns aspectos da vida particular da senhorita Samantha Morgan.

Pouco tempo depois, mais do que mudar de canal, tudo havia mudado. E os guinchos iam aumentando de potência, e desequilibravam qualquer um.

— É isso, estou louca. Já faz alguns minutos que não sou mais eu — continuava dizendo Lydia.

— Escute, Lydia, você não acha que devíamos falar com o vizinho? — perguntou Albert.

— Claro. Pedir a ele que lhe cure a manqueira.

— Não, perguntar sobre esses guinchos — disse Albert gritando.

Voltei ao computador avariado e o desconectei. A calma voltou, pelo menos em minha casa. Quanto ao casal do lado, ao voltar ao

umbral do terraço percebi que tinham ido para a cozinha, onde tudo indicava que estavam fazendo amor com uma fúria incomum, e certamente no chão, porque em seu furor amoroso davam um ou outro pontapé em minha parede. Disse com meus botões que, de qualquer modo, tinham escolhido um bom lugar para sua febre. A cozinha era de onde eu melhor podia ouvi-los. O que acontecia junto do fogão podia ser ouvido de forma sublime se eu abandonasse minha posição no terraço — idônea apenas para ouvir o que acontecia na sala de estar dos vizinhos — e fosse até minha própria cozinha, ambas separadas por uma parede frágil.

Minutos depois, estavam lavando pratos e pareciam ter sossegado um pouco, junto com meu Kowsky27W. Agora, conforme pensei intuir, Lydia lavava os pratos e Albert os enxugava.

— Para mim, enxugar pratos é a forma de demonstrar como sou politicamente correto — ouvi Albert dizer.

— Não diga bobagens e enxugue.

— Com certeza serei recompensado por isso. Deus vai me ouvir.

— Ele ouve você — determinou Lydia.

Tive a impressão de estar vivendo um momento de plenitude absoluta. Nenhuma objeção a que as coisas seguissem esse rumo. Ao contrário. Com seus comentários, o casal do lado estava me ajudando a recuperar a confiança em meus poderes. E mais, estava permitindo que eu recuperasse aquela velha sensação de que o mundo inteiro estava se criando inesgotavelmente e, além disso, de que eu o estava criando, ou seja, o mundo estava em minhas mãos. E de fato, era assim, eu estava mesmo. Sei muito bem do que estou falando porque me considero um bom teólogo. O mundo estava em minhas mãos. Ainda que, para sermos justos e exatos, seja preciso esclarecer que estava nas mãos de meus dez computadores. Eu até me esquecera de contar as horas e os dias que passava trancado em casa com eles.

— Precisamos tomar coragem e ir até o vizinho, por mais estranho que ele nos pareça, para que nos deixe usar o telefone, e já aproveitamos para perguntar o que eram aqueles chiados de cafeteira prestes a explodir. Precisamos avisar a companhia telefônica de que estamos com o aparelho quebrado — disse Lydia,

e depois de tantas palavras seguidas e tanto esforço deve ter ficado com uma das mãos dentro de um copo, ou algo parecido, não para lavá-lo, apenas o segurando sobre a água.

Albert perguntou o que fazia com a mão colocada daquela maneira.

— O que importa? Estava dizendo que precisamos avisar do nosso defeito. Precisam consertar o telefone.

— Hoje à noite ainda?

— Nosso defeito *estranho* — disse ela, marcando as vogais e com a voz muito empostada e grave.

— Está dizendo isso porque fizemos amor depois de tanto tempo de abstinência? Isso é um defeito *estranho* para você ou, ao contrário, é um simples conserto?

— É o cúmulo. Digo alguma coisa e você vê um fundo falso em tudo — disse ela, enquanto começava a lavar o copo, certamente virando-o na mão como se estivesse dando uma forma a ele.

— Deve estar contente porque pelo menos nesta ocasião eu não pensei no joelho.

— Que horror — gritou. — Falando outra vez de sua lesão, de novo.

— Andei observando essa fotografia da matéria escura — disse Albert de repente, com um ar misterioso.

— E daí? — Lydia deve ter olhado para ele pensando que voltaria a falar de sua lesão no joelho.

— E tive a impressão de que havia bem no centro da imagem uma sombra — disse Albert, deixando suspenso no ar um prato que supostamente devia tratar de enxugar.

Ela se vingou do que ele perguntara sobre o copo um pouco antes e quis saber o que ele estava fazendo com o prato colocado daquela maneira. Albert continuava ensimesmado e repetiu que tinha visto uma sombra bem no centro da matéria escura.

Lydia parecia estar com vontade de se chatear novamente.

— A sombra de uma mulher, obviamente. De que raça? — acabou perguntando.

— Como assim, de que raça?

— Pois estão você viu uma mulher na matéria escura. Também

com o joelho machucado? Me diga, vocês formavam um belo casal?

Eu sempre me divertia com a instabilidade dos dois. Bem, de fato, gosto de ver pessoas que ainda são humanas, que são como pobres cobaias que repetem os mesmos erros de todas as pessoas que já passaram pelo mundo. Sempre se enganam com as mesmas coisas, tropeçam nas mesmas pedras, são ingênuos e estúpidos até a morte. Mas eu continuo adorando esse tipo de gente boboca que ainda se engana, que sempre leva a vida em plena instabilidade. Gosto de ver ou de ouvir pessoas assim. As outras, as inumanas, as que ultimamente são muito niilistas ou muito inteligentes, parecem-me frias e chatas e, acima de tudo, ter pretensões grotescas. Ainda hoje espio diariamente a espécie humana mais tradicional, a mais afável e ao mesmo tempo a mais burra. Espio-a de meus potentes computadores. E sempre vejo pobres vizinhos humanos atolados na escura e grande piada do mundo.

Albert se defendia dizendo que tinha visto uma sombra, não uma mulher. Defendia-se como podia, enquanto tratava de enxugar os pratos em meio a uma chuva de insultos possivelmente um pouco mais que injustos. Lydia o acusava de só ser capaz de imaginar mulheres na matéria escura e de praticar, ainda que apenas mentalmente, a infidelidade mais absoluta. Albert deve ter se cansado das acusações e não pensou em nada melhor para dizer a Lydia senão que já chegava de ofensas, que definitivamente e para falar a verdade ele era incapaz de imaginar qualquer mulher perdida na matéria escura. Se fosse o caso, seria um homem, jamais uma mulher.

— Muito bem! — disse Lydia. — Até que enfim! Para você, Deus não pode ser uma mulher. Não é isso? Vá, diga, diga. Deus não pode ser feminino, não é isso? E então, o que está esperando para falar?

— Não entendo você. Ou melhor, acho que já sei o que quer dizer. Pois é claro que não, você não é Deus, era só o que faltava. Não consigo nem imaginar você no meio da matéria escura. E além disso, mas que droga! Eu disse que tinha visto uma sombra. Não sei por que você tem que complicar tudo. Uma sombra, está ouvindo?

Como nada me impedia de pensar que sua linha telefônica tinha

sido restaurada, liguei para a casa deles e o aparelho tocou perfeitamente, em claro contraste com o silêncio profundo de meu Kowsky27W. Lydia, entre o susto e a surpresa, atendeu o telefone.

— Alô. Aqui é Rienkowsky — disse eu.

Minha voz, de fato, era parecida com a do equilibrista.

— Ah! — disse Lydia.

— Aqui é o vizinho polonês de vocês, bem do centro do universo.

— É Rienkowsky — disse Lydia.

— O vizinho? E o que ele quer? — perguntou Albert.

— O que você quer? — perguntou-me Lydia.

— Convidá-los para a casa de Deus — disse eu.

E desliguei.

Pensei que os situara a alguns segundos de serem os primeiros seres do mundo a conseguir resolver o mistério do universo, pois estavam a apenas quatro passos de saber se seu apartamento se comunicava com o vazio ou com a grande risada do espaço sideral: a dois passos do mais duro abismo ou de minha acolhedora hospitalidade.

Não demorou e pude ouvi-los sair de casa, dar quatro passos em silêncio no corredor e plantar-se diante de minha porta, onde começavam a hesitar entre bater ou não. Fiquei observando os dois pelo olho mágico. Estavam mortos de medo, como se estivessem conscientes de que tanto podiam estar a um passo do abismo mais cruel quanto da dança mais alegre num céu infinito.

— Não pretendo abrir para vocês de jeito nenhum — disse.

— Por quê? — perguntaram, cada vez mais mortos de medo.

Decidi falar no estilo de um pregador.

— Por que o mundo é grande e nele há somente uma porta fechada e todas as outras estão abertas, com todas as pessoas do lado de fora. E porque há uma ideia geral, por parte de todos, do que poderia ser visto se a única porta fechada fosse aberta. Mas o que todos acreditam que poderia ser visto nunca é realmente o que se vê se a porta for aberta.

Silêncio.

— Não vou abrir — repeti.

Pelo olho mágico, sigilosamente, comprovei que lhes fizera um

favor. De repente se ouviram, ao ver que eu não iria abri-la, seus suspiros de profundo alívio. Pareciam quase chorar de alegria e de tranquilidade recuperada. Ficaram ali mais um pouco, sem a menor intenção de dar outro passo, muito menos de pedir que os deixasse entrar. Era como se soubessem que sua salvação estava no abismo, mas que não era nada urgente que cruzassem o bendito umbral.

Nunca fez nada por mim

“Embaralhou tanto os personagens no longo romance que estava escrevendo que até esqueceu quem eram e o que faziam esses personagens. Fez reaparecer uma mulher morta, por exemplo, na hora do jantar. E no dia em que se supunha que o assassino ia ser eletrocutado, fez com que ele comprasse flores para uma menina...”

Leio tudo isso de pé na plataforma iluminada do bonde que, ao entardecer, devolve-me, como todos os dias, a casa. Ergo os olhos por um momento, e depois continuo lendo: “E, no entanto, nunca fez nada por mim. Fui ficando mais velho e rabugento, como era de se esperar, num pequeno povoado descuidado que ele sempre descrevia como *morto e irrelevante*”.

Na plataforma do bonde crepuscular permaneço raptado por esse começo de conto. E vem-me a impressão de estar indo para um hotel de algum pequeno povoado, morto ou irrelevante. Começa a chover.

Fora daqui

1

Neva sobre Novonikolaevsk quando Andréi Petróvich Petrescov, promotor do distrito, começa a tirar as luvas no escritório de sua casa enquanto a preceptora de suas filhas gêmeas lhe dá notícias alarmantes sobre a conduta das meninas durante a tarde. Estamos no final de um dia que para Andréi Petróvich Petrescov foi de atividade frenética em meio a um clima rigoroso, de frio siberiano extremo e intenso.

17 de janeiro de 1904. Um recorde histórico nas temperaturas da amena cidade de Novonikolaevsk. O notório promotor do distrito, Andréi Petróvich Petrescov, que acaba de chegar de uma longa sessão de trabalho no tribunal e de uma reunião da comissão de festas que ele preside, sente-se imensamente cansado. Mesmo assim escuta com atenção o que a preceptora, Maria Gergiev, está dizendo. Segundo ela, as gêmeas Olga e Vasha ficaram brincando de esconde-esconde com seus dois irmãos mais velhos, Dimitri e Seriozha, e os deixaram meio abobados e transtornados, pois com grande ousadia se esconderam entre os impolutos lençóis da antiga cama de seus senhores pais, a cama do quarto proibido. Lá, é claro, ninguém pensou em procurá-las. Não conseguindo encontrá-las, os pobres Dimitri e Seriozha, dois e três anos mais velhos do que elas, viram-se humilhados por suas irmãs caçulas e ainda não parecem recuperados da grande afronta.

— Bem, pelo menos isso vai servir para essa dupla de sem-vergonhas — diz Andréi Petróvich Petrescov. — E quanto às meninas, que idade têm? É uma pergunta estranha, eu sei, mas é que sempre tenho dúvidas em relação à data. Estou mais

sobrecarregado de trabalho a cada dia. Gostaria de ter mais tempo para elas, mas sempre me acontece a mesma coisa e no final da jornada tenho de me contentar em ler um conto para elas dormirem.

— As meninas já têm sete anos, senhor.

— É o que eu pensava. Sete. Ainda são muito pequenas, não há de ser nada. Não sou adepto de castigos nem de grandes sermões. Mas a partir de hoje, sem dúvida, fecharemos o quarto de sua finada mãe à chave e esse problema deixará de existir. Coitadas das meninas. Não têm maldade.

— Têm sete anos, mas considero meu dever informá-lo de que nos últimos tempos elas têm se mostrado inquietas, anormais, estão ficando muito estranhas. Têm a cada dia, de forma sempre simétrica, o olhar mais perdido. Estão com sete anos, mas é nessa idade que se começa a fazer uso da razão. Pode-se dizer que Olga e Vasha usam essa razão, mas de um modo, senhor, que me abala profundamente. Se me permite dizer, considero que na triste e irremediável ausência da mãe, só a autoridade paterna poderia pôr as coisas no lugar. Preciso que o senhor me preste certa ajuda, essa é a pura verdade. Suas filhas parecem viver na estratosfera.

A estratosfera! Depois da exaustiva jornada de trabalho, essa palavra celestial soa excêntrica e musical no escritório de Andréi Petróvich Petrescov, que sorri enquanto olha de maneira contida para a preceptora, tentando impedir que certa voluptuosidade aflore em seu olhar. Trata-se de uma mulher de quarenta e dois anos que conserva uma indiscutível, quase incisiva, beleza física. Por outro lado, é de um profissionalismo irrepreensível. Uma preceptora da velha escola, com importantes experiências profissionais em Moscou e Vladivostok.

Em muitas ocasiões, como hoje, Andréi Petróvich Petrescov chegou a pensar em pedi-la em casamento, embora jamais tenha decidido dar esse passo. Maria Gergiev não parece esperar uma proposta dessas e poderia reagir de forma intempestiva, mandando tudo às favas, até mesmo se demitindo do emprego, e isso não convém nem um pouco a Andréi Petróvich Petrescov. Maria é uma excelente profissional e seria difícil encontrar uma preceptora de

sua categoria que desejasse se mudar para Novonikolaevsk.

De qualquer modo, pensa Andréi Petróvich Petrescov, ainda terei tempo, mais adiante, de lhe fazer essa oferta matrimonial. É isso que diz para si o promotor, que a cada dia sente-se mais sozinho na vida e mais sobrecarregado com o trabalho no tribunal e, sobretudo, com a agitada prole familiar, ao que é preciso acrescentar sua presidência da comissão de festas, responsável pelas solenidades que dentro de uma semana terão lugar em Novonikolaevsk para comemorar o status recente de cidade que lhe foi concedido oficialmente pelo czar.

Andréi Petróvich Petrescov já ficou viúvo duas vezes. De seu primeiro casamento lhe restaram as cargas insuportáveis de seus filhos Anna e Mikhail, de vinte e de dezoito anos, respectivamente: dois filhos cheios de conflitos, metidos em conspirações e que cultivam amizades perigosas com elementos subversivos, inimigos não muito secretos do czar de todas as Rússias. Anna e Mikhail planejam a derrocada violenta de todas as instituições da sociedade, em nome de um princípio de igualdade, de felicidade igual para todos ou, então, de infelicidade igual para todos. O mais difícil dessa história é que planejam tudo isso de forma tão visível que podem ser detidos a qualquer momento. Mas o que ocorre, além disso, é que seus movimentos são estúpidos. E, de fato, a maior estupidez é planejar a queda do czar numa cidade tão insignificante e periférica quanto Novonikolaevsk.

Andréi Petróvich Petrescov vive sobrecarregado com o peso, com a carga de ter sobre as costas duas gerações de filhos, duas famílias numa mesma casa. E nenhuma mulher. Andréi Petróvich Petrescov olha agora para Maria Gergiev e volta a passar por sua mente a ideia de atrever-se a pedi-la em casamento. Mas no fim sente novamente um medo profundo da reação de sua empregada e decide se ocupar de suas responsabilidades paternais e chamar a seu escritório as gêmeas bagunceiras.

Embora as reuniões no tribunal e especialmente as reuniões com a comissão de festas tenham sido extraordinariamente exaustivas, tentará pôr nos trilhos a imaginação de suas duas filhinhas, que nasceram ao mesmo tempo em que sua mãe morria e caía sobre

Andréi Petróvich Petrescov a aura de ser um marido que trazia muita má sorte a suas esposas. Esta é, justamente, outra das razões pelas quais não se atreve a propor nada a Maria Gergiev, e certamente o motivo pelo qual ela, que viajou encantada quando ele lhe propôs que trocasse Vladivostok pela rude e dura Novonikolaevsk, sempre se mantém afastada dele com grande discrição, na realidade afastada o máximo possível, pois com certeza teme que a fatalidade a conduza ao mesmo destino das duas desafortunadas primeiras esposas.

“Elas morreram porque morreram”, o promotor gostaria de dizer agora, de imprevisto, a Maria Gergiev.

Mas sabe que é melhor não dizer nada. Em outra época, teria se atrevido a tudo. No entanto, ultimamente foi vendo como sua ousadia e o orgulho de sentir-se um ser livre iam diminuindo, como se parte de sua coragem e da liberdade de outrora tivessem ido se dobrando dolorosamente à medida que um corrosivo tecido morto ia crescendo em seu espírito adormecido.

Quando a preceptora sai do escritório, o promotor se acomoda numa poltrona diante da escrivaninha, fecha os olhos e se entrega a suas reflexões. Sem saber muito bem por que, sua memória o leva para o dia da primavera de 1898 em que teve lugar a missa de um ano de falecimento de sua segunda esposa: um dia um tanto especial porque coincidiu em Novonikolaevsk com a tão celebrada abertura ao tráfego da ponte sobre o rio Ob, abertura que trouxe prosperidade ao povoado, pois ao mesmo tempo concluíram a construção da grande estação ferroviária (pela qual num futuro muito próximo passará o Transiberiano), os depósitos e oficinas. Depois daquilo, muitos construtores deixaram o povoado para construir outros povoados com um possível futuro urbano, mas o assentamento de Novonikolaevsk não desapareceu, uma vez que muitas pessoas vinham das aldeias próximas pela grande quantidade de mercadorias que chegavam pela estrada de ferro. E graças ao intercâmbio e ao surgimento de novos negócios o povoado foi rapidamente se transformando numa pequena grande urbe. Agora só faltava arrematar tudo aquilo com as grandes comemorações pela chegada oficial, havia um mês, do status de

cidade.

Em suas reflexões, Andréi Petróvich Petrescov vê, mais uma vez com muita clareza, que Novonikolaevsk logo poderá se transformar num lugar onde o capital bancário irá se concentrar. Está prevista a chegada imediata do Siberian Bank, e sem dúvida outros bancos virão atrás. Embora seu trabalho como promotor vá lhe trazer cada vez mais grandes benefícios, Andréi Petróvich Petrescov intui que seria mais conveniente para ele renunciar à promotoria e entrar para o mundo dos negócios, que já estão bem às portas da reluzente cidade nova. Possui a larga experiência dos tantos anos sendo promotor em Vladivostok e não quer que aconteça de novo o mesmo que aconteceu quando chegaram àquela cidade os pujantes bancos. Já foi promotor por tempo demais e seu talento para o dinheiro exige novos horizontes. Além disso, seis filhos são uma carga séria e preocupante, ainda mais considerando que os dois primeiros não dão sinais de querer trabalhar, e sim de ter um vínculo com a idiotice e outro com a conspiração e o delito.

Pela mente de Andréi Petróvich Petrescov vão passando todos esses pensamentos, pontuados pelo ruído de fundo de certas ambições secretas que parecem nascer do próprio cansaço. Está ensimesmado em todos esses pensamentos e à beira de um colapso e do sono quando, sem sequer bater à porta, Olga e Vasha entram rindo em seu escritório. As meninas riem de uma forma infinitamente séria. As gêmeas dão risadas e mais risadas e dir-se-ia que não pretendem parar nunca. É verdade que estão com o olhar um pouco perdido. Dão um pouco de medo.

— Tekelili-lili-lo! — repetem algumas vezes.

Na certa — pensa seu pai — elas inventaram uma linguagem própria, ainda que não pareça a mais adequada.

— Chega! — reage finalmente Andréi Petróvich Petrescov, com inesperada autoridade paterna.

As meninas não parecem impressionadas e começam a imitá-lo quando fuma. De novo, o promotor não consegue acreditar no que vê. Imitam-no de maneira tão perfeita que ele tem a impressão de ver a fumaça.

— O que significa tudo isso? — pergunta-lhes de repente, quase

apavorado.

Silêncio. Fim das risadas infinitamente sérias. Um cansaço brutal batendo em cheio no senhor promotor. O dia foi duro. Tira os óculos.

— Tekelili-lili-lo!

— O que significa tudo isso? Vamos. Fale, Vasha — diz finalmente Andréi Petróvich Petrescov. — Por que estão rindo de forma tão atrevida? Sabem o que significa atrevida? Não conhecem a história da rã atrevida?

— Vai nos contar esta noite? — diz Olga.

— Tekeló-lo-lo! — grita Vasha.

— Queria perguntar uma coisa — diz Olga com um fio de voz.

— Pois pergunte, filha.

Golpe teatral. As meninas desaparecem de repente, como num passe de mágica, e quando Andréi Petróvich Petrescov está se perguntando que diabos aconteceu para que elas tenham se esfumado dessa forma, reaparecem rindo, novamente de uma forma infinitamente séria.

O regresso do idêntico, limita-se a pensar, resignado, Andréi Petróvich Petrescov.

As meninas começam novamente a imitá-lo quanto está fumando. O que está acontecendo aqui?, pergunta-se de novo, inquieto, Andréi Petróvich Petrescov. Silêncio. Fim das risadas infinitamente sérias.

Estética do gêmeo, pensa Andréi Petróvich Petrescov à beira da fadiga total. Só lhe ocorrem coisas do gênero.

— Queria perguntar uma coisa — insiste Vasha, agora com um notável vozeirão.

— E essa voz? — pergunta o pai, surpreso, cada vez mais surpreso com tudo, muito especialmente com as cenas que se repetem. Devo estar muito cansado, pensa. E seca o suor da testa. Sem dúvida foi um dia duro. A comissão de festas, muito especialmente, deixou-o exausto. Está quase sem ânimo para jantar, embora seja o que ele mais necessita, e além disso deseja, quase com urgência, fazer nesse momento.

— É uma pergunta sobre o universo — diz Olga.

— Sim, sobre o firmamento — diz Vasha.

— Por que tem alguma coisa? — diz Olga.

— Como? — pergunta o pai.

— Por que é que tem alguma coisa em vez de não ter nada? — amplia Olga.

Andréi Petróvich Petrescov fica um pouco lívido, rígido, petrificado. Não dá crédito ao que ouviu.

— É. Diga. Por que tem alguma coisa em vez de não ter nada? — repete Vasha.

Silêncio.

“Porque Deus fez o mundo em sete dias”, pensa em responder, mas não diz nada, porque sabe que já explicou isso às gêmeas muitas vezes. Por outro lado, se suas filhas falam de “alguma coisa em vez de não ter nada” é que chegaram a pensar em tempos remotos nos quais, de fato, não havia nada, ou seja, tempos distantes nos quais só existia Deus. Mas se Deus existia, é que havia alguma coisa, sempre houve alguma coisa, a não ser que Deus não existisse quando não havia nada...

Andréi Petróvich Petrescov põe os óculos novamente. Sente-se vítima de sua própria perplexidade e confusão. Tanto esgotamento, pensa, pode prejudicá-lo. Sofreu uma importante operação há seis meses e ainda não se recuperou totalmente. Sua saúde corre perigo com tanto esforço e atividade. A operação foi especialmente dolorosa, angustiante e pérfida. Ainda não se recuperou totalmente dela. Ainda se sente frágil, vulnerável. Pensa que nada mais será como antes em sua vida e que, de qualquer modo, deveria cuidar mais do corpo. Ultimamente, com tanto trabalho diário, ele está sendo muito maltratado.

— Em vez de não ter nada — repete em voz baixa para si mesmo.

Ao notar que ficou abatido e que provavelmente está passando uma imagem lamentável de pai para as gêmeas, tenta reagir, mas vê que não consegue. O dia atribulado deixou-o um trapo. Precisa, urgentemente, comer alguma coisa.

As gêmeas o olham, expectantes. E espectrais, porque a luz da lua, entrando pela janela do escritório, parece só querer iluminá-

las.

— É, diga pra gente. Por que tem alguma coisa em vez de não ter nada?

— Chegaremos a nos suicidar como espécie? — pensa ouvir Vasha dizer, agora em voz muito baixa.

— Existe vida depois da morte? — pergunta Olga.

Começa a pensar se não será verdade que suas filhas são da estratosfera, se as pobres gêmeas serão da época em que nasceram ou se vêm de planetas distantes onde a ciência já conseguiu decifrar o enigma do mundo. O que elas estão escondendo, o que as duas meninas sabem e não querem dizer? Andréi Petróvich Petrescov pensa que está pensando tudo isso porque está muito cansado, o que lhe causa transtornos mentais e o faz acreditar que viaja, já faz um bom tempo, por uma nuvem perigosa que vai atordoando todos os seus pensamentos. Mas, de qualquer modo, perguntas como se chegaremos a nos suicidar como espécie — supondo que Vasha tenha perguntado isso — parecem ter sido formuladas com uma linguagem do futuro.

Será que suas filhas são viajantes do espaço e na verdade não são suas filhas? Andréi Petróvich Petrescov não sabe o que fazer com seus óculos, muito menos com suas gêmeas.

— É, diga pra gente. Por que tem alguma coisa em vez de não ter nada? — pensa ouvir Vasha dizer, sempre repetitiva.

Quer jantar e, depois, contar uma história para as meninas e deixá-las dormindo direitinho. Não lhe ocorre nada melhor. Quer também se reencontrar com sua cama e, se possível, desabar num sono profundo. As gêmeas olham para ele, sorridentes, com uma risada de estratosfera. Volta a pensar se suas filhas não terão escolhido esse seu momento de confusão e de extremo cansaço para comunicar que pertencem a uma civilização superior de algum planeta distante. Mas não, diz para si novamente, só tenho essa suspeita porque estou muito cansado e com os nervos à flor da pele.

Como jamais pensara em coisas desse gênero, Andréi Petróvich Petrescov fica apavorado e decide tocar a sineta que há em seu escritório, reclamar a presença e a ajuda da sensata preceptora.

Nesse ínterim, Olga e Vasha crivam-no de perguntas.

— O que há fora da família?

— O que há fora daqui?

— Há vazio fora da família?

Depois da saraivada de perguntas, Andréi Petróvich Petrescov teme ser assaltado por uma vertigem profunda. Quando Maria Gergiev chega, encontra-o meio prostrado na poltrona principal de seu escritório. A cabeça sonolenta, as pálpebras pesadas. Andréi Petróvich Petrescov lembra que ontem surpreendeu seus filhos mais velhos, Anna e Mikhail, ditando em unísono uma lista de políticos de quem não gostavam e planejando castigos sanguinários para eles. O senhor seu pai, o promotor do distrito, também estava incluído na lista. Lembra que desde então não parou de trabalhar na comissão de festas e no tribunal e chegou a pôr em risco sua saúde precária, talvez para esquecer o forte desgosto e a posterior discussão endiabrada que teve com eles. Suas pálpebras pesam como chumbo.

As meninas estão diante dele, com os olhos perdidos, olhando para ele sem olhar muito.

— Fora daqui — sussurra Olga.

— Pai, fora daqui, fora do universo — diz Vasha com sua linguagem quebrada.

2

Uma hora depois, o jantar é interrompido pelas batidas na porta de dois agentes enviados pela polícia para comunicar respeitosamente a Andréi Petróvich Petrescov que seu filho Mikhail foi acusado de pertencer ao bando conspirador do insubordinado Kirov e encontra-se detido nos calabouços dos porões da delegacia central. Embora esperada, para Andréi Petróvich Petrescov não pode haver notícia pior. Desespero. Não ter nascido para suportar uma carga familiar tão pesada. E Anna? Ela também anda com o bando do maldito Kirov, já haviam comentado com ele alguns bons

amigos. Mas parece que Anna não foi detida. Onde estará ela? É melhor que a encontre antes que seja tarde demais. Por Anna sente um certo afeto, mas na verdade esse carinho é tão mínimo que é quase como se não existisse. Naturalmente, não consegue sentir esse afeto por Dimitri e Seriozha, que não param de se mexer à mesa e estão se bombardeando nesse momento com migalhas de pão tentando recuperar o império da lei vergonhosamente perdido naquela tarde diante das gêmeas. Quanto a elas, já não é questão de afeto, mas de saber dominar o espanto que lhe causam sempre que as vê agir como se fossem as enviadas de uma estrela ignorada de um desconhecido firmamento.

Nesse exato momento, as gêmeas estão girando circularmente as órbitas de seus olhos diante dos olhares atônitos dos dois agentes, aos quais acabam de perguntar, sem dúvida no momento menos oportuno:

— Senhores policiais, por que existe alguma coisa?

— Como?

— Sim, senhores policiais. Por que existe alguma coisa em vez de nada? — diz Vasha.

Parece que a árdua jornada não vai terminar nunca para Andréi Petróvich Petrescov, honrado cidadão de Novonikolaevsk que não vê com otimismo nem o fato de ter de arcar com seus filhos ingratos nem o que o espera, ou seja, a perspectiva feroz de ter de ir até a delegacia central para prestar os primeiros auxílios jurídicos ao filho subversivo.

Agora nada mais tem volta nem remédio. O jantar foi intempestivamente interrompido. E Andréi Petróvich Petrescov deverá calçar novamente as luvas e o casaco e acompanhar os agentes.

A neve abundante, ao sair para o ar livre, aturde-o com sua súbita brancura. Por que existe alguma coisa em vez de não existir nada?, pergunta-se agora o próprio Andréi Petróvich Petrescov. Pergunta-se isso em seu desespero. Se em vez de seis filhos ingratos não houvesse nada, tudo estaria melhor, pensa limpando os óculos.

Com a visão da neve Andréi Petróvich Petrescov é invadido por

uma vontade de fugir que lhe vem de muito longe, da infância, dos dias em que desejava ser invisível. São sonhos muito precisos de invisibilidade que o acompanham desde que tem memória, são anseios de ser invisível e de se mover entre outros seres que também se mostrem etéreos.

O ideal: um sonho preciso, pensa Andréi Petróvich Petrescov. E ato contínuo pergunta a si mesmo: e que ideal melhor do que a invisibilidade, que é meu sonho mais preciso? Mas como tornar-se invisível tendo seis filhos, uma promotoria, uma presidência de festas, uma saúde frágil, um casarão imponente no centro da cidade?

Com o ritmo lento da carruagem que o leva à delegacia, Andréi Petróvich Petrescov pensa que para julho desse mesmo ano está previsto, após treze anos de muito trabalho, a passagem do Transiberiano pela estação de trem de Novonikolaevsk. Com uma extensão de dez mil quilômetros, o trem novo, moderno, que todo mundo chama assim, de Transiberiano, vai ligar Moscou à costa do Pacífico da Rússia, mais concretamente a Vladivostok, a cidade na qual Andréi Petróvich Petrescov viveu durante alguns anos e à qual sempre disse que não se importaria em voltar.

— Novonikolaevsk — sussurra para si, como se nessa palavra estivessem resumidos todos os seus problemas.

Com o ritmo lento da carruagem, o abatido promotor passa diante dessa futura estação do Transiberiano enquanto pensa em como seus filhos Dimitri e Seriozha são vulgares. Fica horrorizado com sua mediocridade repugnante e sua semelhança, como duas gotas d'água, com tantos cidadãos cinzentos de Novonikolaevsk. Quando forem mais velhos, Dimitri e Seriozha não poderão passar de uns imbecis, como a maioria dos cidadãos dessa cidade siberiana em crescimento. Dimitri e Seriozha foram contagiados pela pobreza de espírito da região e dir-se-ia que representam animicamente o próprio presente de Andréi Petróvich Petrescov: um presente do qual de algum modo também fazem parte Anna e Mikhail, com seus ideais sanguinários. E além de tudo, aparecendo no horizonte, o desconcertante futuro, sem dúvida representado pelas gêmeas estratosféricas.

Ai, pobres Dimitri e Seriozha, emparedados entre a revolução de seus irmãos mais velhos e a Novonikolaevsk futurista das meninas. Enquanto Andréi Petróvich Petrescov pensa em tudo isso, chega à delegacia central da cidade e desce lentamente da carruagem com um medo terrível de escorregar na neve e de repente ver o dia exaustivo coroadado por mais uma desgraça.

— Onde está Anna? — pergunta a Mikhail quando, após longos trâmites e declarações, consegue ficar alguns segundos a sós com ele.

— Você não a verá mais — diz seu filho, com um olhar de desprezo. — Vai se sacrificar pela Causa.

— Que Causa? — pergunta horrorizado Andréi Petróvich Petrescov.

— A Vingança do Povo. Vamos assassinar os reacionários até conseguirmos a derrocada do Estado. Deixarão de existir todos os oficiais de polícia, os altos funcionários do judiciário, os ministros corruptos. Vamos executar os promotores que não estiverem conosco.

— Você pretende ser um criminoso — diz compungido Andréi Petróvich Petrescov. — Só consigo entender desse modo, que você quer ser um assassino. Mas, de resto, não entendo nada. Você pertence a uma célula e, embora eu possa mais ou menos imaginar, não sei nem sequer o que isso pode significar para você. Só entendo que quer ser um assassino e que seria capaz de me matar em nome de sua célula. É isso?

— Não exatamente — limita-se a responder Mikhail com arrogância.

Depois de longas gestões inúteis, Andréi Petróvich Petrescov descobre que sua influência na polícia não é suficiente para atenuar as graves acusações que recaem sobre seu filho e sobre o bando de Kirov e acaba empreendendo a dolorosa viagem de volta para casa perguntando-se onde estará escondida sua filha Anna. A polícia foi apenas atenciosa com ele, permitindo que visse seu filho e pondo à sua disposição a carruagem. Mas os favores pararam por aí. De novo em casa, Andréi Petróvich Petrescov sente que o extremo cansaço desvelou-o ao máximo e decide acender um charuto em

seu escritório enquanto se lembra da inesperada imitação que, duas horas antes, suas filhas gêmeas fizeram dele fumando. Tem os dois olhos como faróis no meio da noite profunda de Novonikolaevsk quando se pergunta se as gêmeas terão conseguido dormir sem que ele lhes contasse alguma história. A casa está em silêncio, todos estão dormindo, menos Suvorin, o mordomo.

— Suvorin, Anna não voltou para casa, não é?

— Não voltou, senhor.

— Ai, Suvorin — diz, soltando uma poderosa baforada. — Deus anda um pouco duro ultimamente. Estou pedindo ao Ser Supremo que Anna retorne às ideias certas, mas não tem jeito.

— Não sabe o quanto sinto, senhor.

Andréi Petróvich Petrescov confirma, mais uma vez, que não pode dialogar com ninguém neste mundo, que não pode comunicar seus problemas a ninguém, muito menos, por mais confiança que tenha nele, a Suvorin, pois ele, bem ensinado, sempre lhe responderá:

— Não, senhor.

— Não sabe o quanto sinto, senhor.

— Sim, senhor.

Está sozinho na noite e no mundo, Andréi Petróvich Petrescov, com uma família inteira para cuidar. É um ser isolado e no fundo muito solitário, que só poderia respirar, talvez, se ousasse debruçar-se no espaço vazio que — pensa Andréi Petróvich Petrescov apagando de repente o charuto no cinzeiro — deve existir fora de sua família. Mas como alguém se debruça num espaço vazio? E como é possível, além disso, que um espaço vazio possa substituir a felicidade que a própria família proporciona?

— Vou conferir se as gêmeas conseguiram dormir sem minha história de todas as noites.

— Sim, senhor.

— Boa noite, Suvorin. Pode ir descansar.

— Obrigado, senhor.

Enquanto avança pelo longo corredor da ala ocidental do casarão, sente sua solidão com mais intensidade, mas também com mais prazer do que nunca. Esse prazer é absolutamente novo para ele e parece estar estreitamente ligado à sua dor de avançar a sós pelo

corredor familiar. Enquanto segue caminhando por esse corredor adentra com tanta profundidade na análise desse novo prazer que acaba tendo a sensação de estar entrando em terra desconhecida, no espaço onde se encontram os limites de sua capacidade de pensar. É como se tivesse chegado ao lugar onde já não consegue continuar pensando. Sente uma rápida vertigem, como se agora estivesse andando pelo corredor que leva ao espaço vazio que há fora de toda família humana, a começar pela sua. Desde que o operaram tem sentido, dia após dia, uma estranha expansão dos meandros, ou melhor, das células de seu cérebro.

Sobre as células — não exatamente sobre as do bando de Kirov, que para ele são um enigma —, há anos ele vem lendo muito. Sempre foi fascinado pela leitura de Robert Hooke, que foi quem introduziu em 1665 o termo “*célula*” — um diminutivo com o qual estabeleceu uma comparação com as celas das abelhas — em seu livro *Micrografia*, escrito após uma minuciosa observação de lâminas de cortiça no microscópio, nas quais descobriu uma série de alvéolos que na realidade eram cavidades vazias, limitadas exclusivamente pelas paredes celulares da cortiça, um tecido morto.

Nessas cavidades vazias, limitadas por paredes celulares, vai adentrando Andréi Petróvich Petrescov à medida que avança pelo corredor que desemboca — é o limite do corredor, mas lhe parece também o de sua mente — no quarto silencioso de Olga e Vasha, as gêmeas. Entra nesse quarto num estado de agitação tão grande que qualquer história do mundo agora lhe parece algo muito limitado. Jamais o silêncio da noite lhe pareceu tão profundo quanto nesse momento. As meninas, com dois sorrisos gelados, parecem dormir. E Andréi Petróvich Petrescov olha para elas por um bom tempo, observa-as, tenta descobrir traços físicos que reconheça com toda a exatidão como seus, como próprios dos Petróvich ou dos Petrescov. Olha e volta a olhar e chega mesmo a imaginá-las voando pelo espaço, viajando diariamente de uma estrela distante para visitar o casarão do promotor de Novonikolaevsk no qual fingem ser suas filhas. Pensando que não o escutam, Andréi Petróvich Petrescov conta-lhes uma história:

Era uma vez um homem que sempre pensava em suas duas esposas geladas, mortas, as duas enterradas em ataúdes de ferro, sob montes de terra nevada, as duas no velho cemitério de uma cidade na qual todas as famílias compõem um fúnebre tecido morto. Esse homem é o pai de vocês, que sempre foi apenas um personagem de um conto, mas também um promotor de Novonikolaevsk que já enviuvou duas vezes e que de seus dois casamentos teve seis filhos que complicam muito a sua vida. É um homem que foi operado há alguns meses e que está deixando para trás sua doença da melhor maneira que pode e que, tendo se inteirado de que na África algumas tribos da selva equatorial consideram que, ao se curar, um doente deve mudar de nome e arrumar outro novo, pensa em levar a cabo tal mudança nessa mesma noite. É um homem que todos os dias conta para suas filhinhas uma história como esta, como a que agora estou contando a vocês, tão adormecidas. A história de hoje diz que era uma vez um promotor de Novonikolaevsk que vivia amargurado porque seus dois filhos mais velhos tinham se tornado assassinos de uma célula criminosa, seu terceiro e quarto filhos eram uns perfeitos imbecis e suas duas filhinhas pequenas eram extravagantes e estranhinhas e tinham sido enviadas à terra por uma raça misteriosa de alguma estrela distante. Capturado entre a revolução, a vulgaridade e o futuro sideral, o promotor de Novonikolaevsk trabalhava como um escravo todos os dias, até a exaustão, para levar à frente sua ingrata família. Mesmo estando muito cansado, todas as noites contava uma história para suas filhinhas, enquanto em seu cérebro consolidava-se, cada dia com mais força, a viçosa ideia de deixar tudo, mudar de nome e começar uma vida nova longe da Sibéria. Ele sim tinha um verdadeiro plano para uma revolução em Novonikolaevsk. E um dia, num 17 de janeiro de 1904, em plena noite fechada, sentindo-se infinitamente cansado mas sem conseguir pregar o olho, enquanto contemplava suas duas pobres filhas adormecidas, decidiu em silêncio abandonar o casarão familiar e ir andando até a porta do *Diário de Notícias* de Novonikolaevsk, esperar os primeiros funcionários chegarem e

redigir um anúncio que no dia seguinte ocupasse um canto discreto de uma página do jornal, um anúncio anônimo que diria que era mais necessário do que nunca pôr em marcha a revolução dos inimigos da sociedade cristã montada sobre as raízes das famílias egoístas e dar o primeiro passo para uma sociedade mais justa e fraterna de indivíduos sozinhos. “Eu, ser isolado que deve respirar a partir de agora rodeado de um espaço tão vazio quanto afastado de toda família cristã, convoco todos os cidadãos que assim o desejem a unir-se e constituir a ‘Sociedade de Pais de Família Solitários’”, terminaria dizendo o anúncio, que jamais permitiriam que fosse publicado, mas que, no mínimo, ele teria tido a ousadia, a coragem, o bom humor de redigir.

Assim terminava sua história. Depois o promotor calou-se por um bom tempo e terminou acrescentando, pelo puro prazer de pronunciar:

— Novonikolaevsk.

Anton Tchekhov estreou nesse dia, 17 de janeiro de 1904, *O jardim das cerejeiras* em Moscou. Seria a última obra de teatro de sua vida. Mas certamente não chegou a saber disso Andréi Petróvich Petrescov, que certamente ouvira falar de Tchekhov, já muito popular na Rússia da época, mas sobre o qual mal tinha informações ou livros. Andréi Petróvich Petrescov não podia saber que esse 17 de janeiro passaria para a história por ser o último dia em que Tchekhov estreou uma obra. Como Andréi Petróvich Petrescov tampouco podia saber que meu avô Maurice escolhera esse dia para vir ao mundo, para nascer numa casa de campo em Massiac, não muito longe de Clermont-Ferrand, França.

Acho que faríamos bem vendo Andréi Petróvich Petrescov apenas como personagem de um conto, que era o que ele realmente queria ser, que era como ele queria ser visto pela posteridade e assim o disse para suas filhas Olga e Vasha naquele dia, pensando que elas estivessem dormindo, quando na realidade Vasha esteve o tempo todo acordada escutando em silêncio aquela história sussurrada no meio da noite patética e profundamente provinciana e prescindível de Novonikolaevsk.

Vasha recordaria, durante muitos anos, palavra por palavra daquela história que, sussurrada no silêncio noturno, aspirou, sempre em vão, a dissolver-se no vazio. E em 1914, no exílio em Berlim, Vasha contou-a como tal — como uma história — a seu amigo de coração, a meu avô Maurice, e um dos netos dele sou eu, a quem a história chegou quase incólume, transmitida com fidelidade por uma cadeia familiar que preservou do esquecimento a memória quase exata das palavras notívagas daquele promotor de Novonikolaevsk que, certa noite, quis ser tão somente o simples personagem de um conto e o fundador de uma sociedade mais justa de homens solidários e solitários.

Sua história chegou aos dias de hoje, chegou a mim a salvo de muitas transformações. E eu não faço outra coisa senão ser mais um elo da cadeia e transmiti-la para que solitários do futuro levantem a luva e se organizem como queria se organizar o pai da amiga russa de meu avô. Conteí sua história respeitando escrupulosamente sua vontade de passar pela vida sendo apenas o personagem de um conto. De um conto russo, acrescentaria eu agora, sentado comodamente no terraço deste bar em Malibu, sob um guarda-sol listrado, em plena onda de calor tropical. Estou usando calças de cor magenta, sapatos de couro num tom cereja, e uma camisa esporte que parece um fino pijama azul. Não estou muito elegante, porque sou americano e porque, sinceramente, hoje está muito quente e não estou a fim de me vestir conforme a etiqueta. Tenho trinta anos recém-completados e, talvez por ainda não ter visto neve em minha vida, sinto uma leve, estranha saudade dela. Às vezes tenho a impressão de perceber gotas de chuva deslizando trêmulas pelas células de meu cérebro, que no mínimo é tão fúnebre quanto o tecido morto no qual se movem todas as famílias de Malibu: famílias enterradas em vida em ataúdes de ferro que descansam ao sol destas praias do Pacífico, onde um simples *bloody mary* me coloca em breves segundos — como agora — no paraíso.

O dia assinalado

Isabelle Dumarchey tinha dez anos quando uma cigana vaticinou que ela morreria sedenta e de pé, talvez dançando, num dia de inverno muito chuvoso, de um ano impossível de determinar. Seus pais não deram maior importância a essas palavras. Morrer de pé, sedenta, uma dança no inverno, a chuva... Tudo era estrambótico, beirando o absurdo e, por outro lado, bastante impreciso. Mas a menina Isabelle ficou impressionada, e quando, poucos dias depois, chegaram os dias inverniais e chuvosos, foi vista de pé em muitos lugares, sempre sofrendo ou se balançando estranhamente, rindo nervosa, com uma garrafa de água mineral, como se temesse começar a dançar e quisesse sentar-se o mais rápido possível. No ano seguinte, tudo passou para o esquecimento. Mudaram-na de colégio e, além disso, ao entrar na adolescência, Isabelle passou a se preocupar com coisas muito diferentes dos vagos oráculos de uma cigana de feira.

Esqueceu tudo até que, um dia, quando já estava com vinte anos, teve um sonho estranho no qual ela era Calpúrnia Pisonis, a mulher do imperador Júlio César, a mesma que teve um presságio terrível enquanto dormia e predisse a seu marido que morreria nos "Idos de março". Isabelle, em seu sonho estranho, de repente deixava de ser Calpúrnia para transformar-se na própria Isabelle, e tinha uma revelação na qual lhe prediziam que morreria vestida com uma blusa ou talvez uma saia preta, dançando, sedenta, num dia dois de fevereiro chuvoso. Ao acordar, comprovou que ficara, como nos velhos tempos, aterrorizada. Os presságios da cigana tinham reaparecido e agora, além do mais, com o acréscimo de uma roupa preta e uma data assinalada, dois de fevereiro. Após longas reflexões, decidiu não dar excessiva importância a tudo aquilo, pois pensou, com bom senso, que não podia passar a vida, a cada dois

de fevereiro, prestando atenção se estava usando uma blusa ou uma saia preta ou se chovia, e, no caso de chover, se estava dançando, ou com sede.

Mas dois anos depois, enquanto caía a tarde de um frio dois de fevereiro, essa voz incontrollável que às vezes fala em nosso interior lembrou-lhe, em forma de parca mensagem, do velho augúrio, acrescentando a novidade de que sua morte estaria relacionada ao filme *O Álamo*, dirigido por John Wayne em 1960. Um estranho acréscimo ao velho vaticínio. Na época, Isabelle, que quando menina havia morado em Clermont-Ferrand, já possuía um apartamento em Paris, e um namorado que era teólogo e bastante entediante, divertia-se aprendendo a arte da esgrima e estava prestes a terminar seu curso de jornalismo. Naquele dia não chovia e ela não estava usando nenhuma roupa preta, o que a deixou tranquila, mas um tanto inquieta pelo estranho acréscimo que caía sobre o velho augúrio. Lembrou que vira o filme *O Álamo* quando era menina, mais ou menos nos dias em que a cigana lhe predisse sua morte de pé, talvez dançando, sedenta, num dia de inverno chuvoso.

Em *O Álamo*, narrava-se a verdadeira e legendária história de um grupo de soldados que sacrificaram suas vidas num combate desesperado contra o exército mexicano. Pensou que também não era motivo para se preocupar tanto, mas não se atreveu a contar isso a ninguém, nem ao namorado. Manteria a morte na linha, disse Isabelle a si mesma, desde que nunca mais voltasse a ver esse filme de Wayne nem viajasse ao Texas, nos Estados Unidos, e lhe ocorresse visitar as ruínas de O Álamo. Também não era difícil evitar aquele filme que John Wayne afirmara ser o maior da história do cinema, mas do qual na verdade quase não se falava nada. Não pareceu a Isabelle que O Álamo pudesse se intrometer muito em seu caminho, nem o filme, nem as ruínas texanas. E decidiu novamente não dar muita importância à profecia, ainda que nos dias seguintes tenha continuado a cismar em tudo aquilo, e certa noite, ao ir dormir, talvez por estar com o moral baixo, tenha se perguntado se na verdade o presságio não quisera lhe indicar que morreria simplesmente junto de um álamo, um álamo qualquer.

Isso a deixou, por alguns minutos, transtornada. Chegou a se perguntar, angustiada, se não morreria dançando, sedenta, vestida de preto num dois de fevereiro chuvoso, perto de um álamo qualquer. Devia começar a levar mais a sério tudo aquilo, pensou. E embora tenha superado os momentos mais álgidos de seu terror, o assunto permaneceu obsessivo em sua memória e complicou-se nos dias seguintes quando soube, por exemplo, que havia um povoado chamado El Álamo perto de Madri. E também outra em Nueva León, México. E deu por consumado o fato de que certamente o mundo estava cheio de lugares chamados El Álamo, isso sem falar em paragens cheias de álamos.

Certo dia, decidiu dar um fim a tudo aquilo, dar um basta. Resolveu, com toda a razão do mundo, que, como era impossível tomar muitas precauções em relação àquele perigo em forma de Álamo, tinha de esquecer a ameaça, do mesmo modo que para qualquer pessoa normal — por normal Isabelle entendia alguém sem augúrios como os seus — não era conveniente temer a morte, temer uma coisa tão breve durante tanto tempo. O melhor era desterrar o presságio para um quarto de despejo, para uma espécie de desvão esquecido. Não podia passar a vida pensando no dia de sua morte.

Essa decisão deu mais estabilidade a sua vida cotidiana. Casou-se com seu namorado teólogo, avançou em suas práticas de esgrima, prometeu muitos filhos ao marido, encontrou um bom trabalho como redatora num interessante canal de tevê privada. O velho augúrio só aparecia de vez em quando e jamais de um modo que pudesse ser considerado inquietante. Houve, isso sim, algum dois de fevereiro em que Isabelle se lembrou perfeitamente da data e viu seus nervos um pouco alterados ao perceber que estava chovendo. Mas a coisa não passava disso. Chovia e estava de pé na redação da tevê, mas não tinha sede nem vontade de dançar nem havia nenhum álamo espreitando lá fora.

Chegou um dois de fevereiro que foi um pouco diferente dos anteriores com relação ao presságio. Chovia com uma força quase descomunal. Isabelle estava de pé na redação folheando as memórias de Winston Churchill, o político sobre o qual devia

escrever algo para os noticiários da uma da tarde. De repente, deparou com um trecho que, por dar-se a coincidência de que naquele momento ela tinha certa sede, sobressaltou-a ligeiramente:

- *Você sempre tem sede? — perguntaram a Fields.*
- *Nunca permito que as coisas cheguem tão longe.*

Foi quase correndo buscar uma garrafa de água na máquina automática do corredor do quarto andar e, enquanto se dirigia para lá, disse a si mesma que se além disso Churchill tivesse escrito que Fields estava descansando à sombra de um álamo, ela poderia ter tido um colapso ali mesmo. Mas Churchill não chegara tão longe. Isabelle passou um bom tempo do resto da jornada sentada junto a uma janela, onde às seis da tarde constatou com grande alívio que o céu se desanuviara, e já não havia nenhum perigo de chuva, e então suspirou e riu e até contagiou com sua misteriosa alegria toda a redação.

Isabelle ignorava, naquele dia, que a esperava no ano seguinte um dois de fevereiro que não esqueceria. Em dezembro houve modificações na direção da empresa e pensou-se imediatamente nela para uma promoção, nomeando-a correspondente no México. Isso significava uma mudança importante em sua vida, pois a partir de então deixaria o anonimato da redação e apareceria na tela da tevê e seu rosto podia até se tornar popular. A oferta da transferência lhe deu muita esperança. Havia um pequeno inconveniente, seu marido teólogo não parecia estar contente com a mudança de país e de domicílio. Na verdade, o que menos o convencia era o México, até parecia que, em vez desse país, disseram Tanzânia. Seu marido não só era pouco dado a viagens — em claro contraste com Deus, seu objeto de estudo constante e uma figura claramente cosmopolita —, como, além disso, ainda que bem escondidos, tinha severos preconceitos raciais.

— México — dizia, lamentando-se, todas as noites antes de apagar a luz do quarto conjugal.

— Como?

— México — repetia, e parecia estar com raiva ou chorando.

O marido teólogo foi se tornando um inconveniente para Isabelle, que almejava subir na profissão e via na função de correspondente uma oportunidade única de ficar conhecida dos telespectadores daquela interessante cadeia e subir alguns degraus em sua carreira.

E um dia, dois meses antes de ter de viajar ao México, Isabelle Dumarchey abandonou o teólogo.

— Deus é grande e eu também — disse Isabelle.

E como seu marido nem ao menos sorriu, ela o deixou. Você fica aí, assinalou. Não lhe deu nem oportunidade de mudar de opinião sobre o México. Não tinham filhos, ela já estava muito cansada daquele tedioso marido inútil e, no fim das contas, decidiu que o México lhe abria a possibilidade de começar uma vida nova. Naquela mesma noite, teve um sonho terrível no qual pensou descobrir que a cidade do México se ligava, através de um túnel, às ruínas do fortim de El Álamo. Mas não deu maior importância a tudo aquilo, não estava disposta a deixar que velhas superstições complicassem seu caminho triunfal rumo ao cargo de correspondente. Se ela havia sacrificado seu marido por aquele novo trabalho, estava ainda mais disposta a sacrificar qualquer vislumbre de preocupação que pudesse vir do velho presságio da cigana de feira.

Nem pestanejou quando lhe disseram que já tinha as passagens para viajar para a cidade do México no dia primeiro de fevereiro. Voltou a se dizer que não estava disposta a deixar que superstições e velhos augúrios atormentassem sua vida, mas, em compensação, ficou preocupada com algo que leu sobre o ar da capital mexicana: “México é uma cidade muito fumante e tem os pulmões podres, a tosse asmática, a respiração entrecortada, os olhos vermelhos. As montanhas e vales que rodeiam o vale no qual está a cidade impedem a renovação normal do oxigênio. A altura também não ajuda muito.”

Não faltaram a Isabelle, por outro lado, os amigos que a assustaram antes que ela tomasse o avião falando, sobretudo, do perigo inevitável de beber água não potável e padecer cinco dias seguidos de uma diarreia atroz. Também houve quem a deixou

apavorada falando-lhe do mal das alturas que, ao chegar à cidade do México, a paralisaria deixando-a prostrada na cama durante dois dias como se estivesse com uma fortíssima ressaca de álcool — *la cruda*, chamavam-na no México —, muito, mas muito espantosa, agônica. Outros lhe disseram que lá ela não poderia praticar esgrima, como se no México não conhecessem esse sublime esporte. Tudo isso lhe deu a vantagem de ir diminuindo a importância da pequena superstição do presságio cigano, uma preocupação que na última hora chegou mesmo a se diluir diante das importantes mudanças que sua viagem sofreu. Quando ia subir no avião, avisaram-na de que devia, assim que chegasse à cidade do México, cobrir a urgente e atrativa notícia do furacão caribenho Dolores, e para isso tinha de ir, quando chegasse à capital, ao porto de Veracruz, no Golfo do México.

Como aquelas instruções de última hora prolongavam a viagem e, além disso, obrigavam-na a estrear com uma rapidez imprevista, tudo aquilo acabou por situar num plano discreto qualquer inquietação com a proximidade do dia dois de fevereiro. E não foi só isso: ela esqueceu completamente aquela minúcia do velho vaticínio cigano e as preocupações por ter de estrear tão rapidamente diante das câmeras passaram para um primeiro plano estelar, pois não sabia muito bem como ia fazer para cobrir a chegada do tufão Dolores no litoral do Golfo do México.

No avião, dormiu nas primeiras horas e depois, ao acordar, falou por um bom tempo com seu companheiro de assento, um advogado de Oaxaca que a cumprimentou por falar tão bem e de forma tão simpática em seu idioma. Quando Isabelle lhe falou que ia fazer a cobertura do Dolores, o advogado ficou um pouco compungido e quis saber se não seria perigoso ir até lá e se não iam obrigá-la a ir de capa de chuva e fazer tomadas arriscadas, como essas em que ao fundo grandes ondas se chocam contra um barco do porto de Veracruz. Conseguiu deixar Isabelle preocupada, tanto que ela até desejou, por alguns segundos, que seu marido teólogo estivesse a seu lado para consolá-la.

O advogado de Oaxaca quis mudar de assunto, não preocupá-la mais, e por um tempo dedicou-se a falar sobre a idiosincrasia de

seu país. Explicou que as relações do mexicano com os outros estavam imbuídas de receio. “Cada vez que o mexicano confia em alguém, cada vez que se *abre*, renuncia. E teme que o desprezo do confidente siga-se a sua entrega”, disse-lhe. E explicou que essa sensação não procedia apenas do temor de serem usados por confidentes, mas da vergonha de terem renunciado à solidão.

Quando o advogado caiu num sono profundo depois de comer, Isabelle começou a se perguntar muitas coisas, principalmente quando se deu conta de que não sabia se iriam buscá-la no aeroporto da Cidade do México para encaminhá-la a Veracruz. Como não lhes perguntara isso antes? Estava muito atordoada com as instruções e não havia esclarecido todos os detalhes. Mas o mais lógico, pensou para se acalmar, era que alguém estivesse lá para recebê-la e lhe desse o bilhete de conexão para Veracruz. E ainda, o mais provável era que estivesse à espera dela uma equipe inteira de tevê, com a qual viajaria para fazer a cobertura do furacão.

Voltou a dormir, desta vez profundamente, e ao acordar pensou que estava tendo alucinações. Já estava chegando à cidade do México, e o avião sobrevoava a cidade sobre a qual acabava de cair a noite. A grandiosa cidade, que se estendia com seus limites a perder de vista, impunha respeito. E o mais impressionante de tudo era o silêncio absoluto que havia no avião, como se todo mundo estivesse alucinado e estremecido diante da visão noturna, do ar, da cidade mais populosa do mundo.

Sabendo que era sua primeira viagem ao México, seu companheiro de assento lhe disse que México D. F., vista de cima e de noite, assustava, mas que ela não devia se deixar levar por nenhum temor, pois a cidade era simplesmente uma grande festa e certamente quando ela tivesse terminado seu trabalho em Veracruz e voltasse à capital para lá instalar-se, ia ficar muito bem. “Você vai ver como não estou enganado”, disse o advogado com um olhar amistoso.

Amistoso? Ao falar que ela não devia se deixar levar por nenhum temor, introduzira a palavra *temor* onde antes não havia nem palavra nem temor. Talvez aquele advogado de Oaxaca tivesse silenciado sobre o verdadeiro motivo por que o México podia acabar

infundindo muito medo ao visitante: um pânico que nasceria da sensação de não poder abarcar toda a cidade, de não poder alcançar todas as margens, da pessoa ficar limitada à visão de um bairro, talvez somente à visão de um quarto de hotel, ou à reduzida visão de duas iniciais misteriosas: D. F.

Sabendo que era sua primeira viagem ao México, a aeromoça da Air France — com a qual trocara quatro palavras antes de adormecer pela segunda vez — comunicou-lhe sua própria inquietação quando falou de certos problemas que podia ter quando se relacionasse com os habitantes daquela gigantesca cidade. Contou que a princípio podia parecer simples falar com eles, podia-se falar do tempo, por exemplo. “Hoje o tempo está ótimo”, certamente comentaria com ela um motorista de táxi. Mas ao responder que a luz, principalmente, era muito bonita, o motorista não lhe responderia nada, um curto-circuito se produziria na linguagem, o típico curto-circuito que se produzia naquela cidade até nas conversas mais banais. “Ninguém aceita, nessa cidade, falar uma linguagem comum”, disse a aeromoça, concluindo.

Pensou em confiar seus temores a seu companheiro de assento, mas limitou-se a suspirar, pois não demorou a perceber que se confiasse a ele seu medo, depois arrastaria a vergonha de ter renunciado a sua solidão. Pensou: aquela que se confia, se aliena. De algum modo, era como se tivesse se tornado mexicana sem ter pisado terra. Então decidiu se calar, ficou olhando pela janela a pavorosa imagem da infinita, inabordável, inacabável Cidade do México.

Já em terra, tudo transcorreu muito rápido. “Hoje faz muito frio”, disse a jovem que foi recebê-la em nome da cadeia de televisão e lhe explicou que estava ali para facilitar seu traslado para Veracruz, onde era esperada por toda a equipe de transmissão, sete pessoas no total. Mas aquele “Hoje faz muito frio” forçosamente deixou Isabelle um pouco desconcertada, pois para ela o calor era esmagador, de modo que deduziu que a palavra *frio* tinha conotações diferentes no México. “No entanto, a luz é esplêndida”, respondeu Isabelle. Estava avisada e não se surpreendeu. A jovem não respondeu. Produziu-se um curto-circuito

na conversa. A jovem não lhe disse mais nada até que chegaram ao carro, que em uma hora as deixou no Hotel Majestic, bem no centro da cidade, no Zócalo. “Amanhã virão procurá-la. Hoje é conveniente que você descanse um pouco”, disse a moça, e, depois de lhe dar uma breve série de instruções, foi embora.

Isabelle resolveu se deitar, esperar na cama o tempo que fosse necessário, até que fossem buscá-la na manhã seguinte. Assim se ajustaria à diferença de horário. Não estava muito convencida de que devesse sair um pouco sozinha na rua, dar um breve passeio, ver como era o Zócalo, por exemplo, e entrar em sua imponente catedral. Sabendo que era sua primeira viagem ao México, achou mais prudente tomar certas precauções, não se mover do quarto de hotel até que viessem buscá-la na manhã seguinte. Era preciso evitar, por exemplo, pisar no Zócalo e de repente ser acometida pelo mal das alturas. Bebeu água de uma das duas garrafas com rótulos que haviam deixado sobre sua mesa de cabeceira e alegrou-se por lembrar que não devia tomar água da torneira, pois não era potável.

Olhou por um bom tempo pela janela e observou a vida noturna no Zócalo. Viu tudo um pouco borrado, mas teve a impressão de que as pessoas andavam muito devagar, algo que decidiu atribuir à altura. Ninguém se atrevia, pensou, a descer sozinha ao Zócalo para andar por ali tão devagar e de noite. Da janela viam-se, na entrada da catedral, muitos engraxates. E pensou que era aquilo que tinha visto num filme de John Huston, *O tesouro de Sierra Madre*. México D. F. estava dentro de um filme? Viu que só homens entravam na catedral para rezar para a Virgem de Guadalupe, e, embora já soubesse disso por um livro ou guia turístico que levava, não deixou de achar o fato muito excêntrico. Não eram na França os homens mais homens, principalmente em sua Clermont-Ferrand natal, se não pisassem na igreja, que era coisa de mulher? Depois pensou, ou melhor, perguntou-se se realmente havia pisado em domínio mexicano. Porque até agora, pensou, só pisei brevemente o asfalto do aeroporto e esse par de paralelepípedos que separavam o carro da entrada do Hotel Majestic. Mas ficarei firme aqui, continuou pensando, não vou me mover até que venham me

buscar amanhã, não quero sentir o mal das alturas nem que *la cruda* me deixe imobilizada, não quero correr riscos.

As duas garrafas de água da mesa de cabeceira se acabaram rapidamente e ela ligou para a recepção pedindo mais garrafas, que nunca chegaram. Dormiu e sonhou que a cidade do México era um deserto e ela sentia uma sede terrível por causa das excessivas precauções que tomara como visitante daquela cidade estrangeira, cheia de cartazes nos quais se dizia que era obrigatório, quando chovia, vestir-se de preto, desidratar-se e dançar.

Ao acordar, sentia muita sede. E precisava lembrar que era dois de fevereiro. Ligou de novo para a recepção. E voltaram a prometer que lhe mandariam imediatamente duas garrafas de água mineral. Se começar a chover agora, vou morrer, pensou Isabelle. O pesadelo do presságio que a perseguia desde menina tinha voltado. Mas o dia estava ensolarado e não parecia oportuno perder muito tempo com antigos augúrios. Logo lhe trariam a água, com a qual escovaria os dentes, pois fora advertida de que não devia tocar na água da torneira nem mesmo para a higiene dental, pois a menor bactéria podia lhe causar a infecção mais grave.

Telefonaram para ela e ouviu a voz muito doce de um homem que falava em diminutivos e disse que estava lá embaixo, na recepção, prontinho para acompanhá-la de táxi até o terminal de ônibus interurbano, onde pegaria um que a levaria até Veracruz.

Vestiu-se apressadamente e pediu à recepção que mandassem alguém para transportar a notável bagagem.

— E a água, senhora? — perguntaram.

Hesitou por alguns instantes. Tinha se esquecido dela.

— Mandem subir, claro.

Distraiu-se vendo uma revista em que havia uma entrevista com o escritor Carlos Fuentes, cujo avô fora banqueiro em Veracruz. Acabou parando justamente num parágrafo em que o escritor dizia:

“Um dia fui ao cinema com meu pai ver um filme sobre a independência do Texas. E em meio à batalha de El Álamo, ao lado de meu pai diplomata, levantei-me e gritei: viva o México! Morram os gringos! E papai me tirou do cinema correndo: ‘Você não percebe que sou diplomata, e você dando esses gritos no cinema?’ Mas eu

tinha dez anos e uma emoção muito mexicana.”

Ela pensava que não havia relações diretas entre El Álamo e Veracruz? Pois agora tinha a prova de que existia alguma. Não era para se preocupar, mas sim para levar em conta.

Passou-se um tempo e não levaram a água. Veio, em compensação, o camareiro, disposto a descer suas malas. Já na recepção, antes de entrar no táxi que a esperava na porta, pediu um copo de água, urgente. Tinha tanta sede que parecia ter estado na batalha de El Álamo. Trouxeram o copo d'água e ela o bebeu imediatamente e, por um momento, deixando-se levar por um pânico inesperado, teve a impressão de que aquele copo não só não saciara em nada sua sede, como, além disso, nublara sua vista, como se quisesse afogar seus olhos. Não, não. Deve ser imaginação minha, estou muito alterada, nervosa, pensou com bom senso. Mas via tudo levemente mais borrado do que antes, como que filtrado por uma areiazinha de deserto.

Principalmente, não fique nervosa, repetiu a si mesma, e depois suspirou com força quando entrou no táxi que, após um longo percurso, deixou-a bem na porta de entrada de um ônibus de luxo que ia para Puebla, Xalapa e Veracruz. No trajeto de táxi, o homem de voz doce, um funcionário muito amável da rede de televisão, começou a falar do bom tempo que estava fazendo naquele dia. Isabelle pensou em responder-lhe que a luz era esplêndida mas, como já sabia ao que se expunha, não comentou nada disso com ele. Preferiu dizer: “Permita-me que lhe faça uma confidência, o senhor sabe que tenho a estranha impressão de que ainda não pisei verdadeiramente em terra mexicana?”. Produziu-se um curto-circuito. O homem que falava em diminutivos não respondeu nada. Como se a palavra *confidência* tivesse causado esse curto-circuito. Viajaram em silêncio até que o táxi os deixou ao pé do ônibus de luxo. Ali o motorista do táxi desceu todas as malas e as deixou no bagageiro do ônibus. E o homem de voz doce lhe deu a passagem e desejou-lhe, com palavras mais carregadas do que nunca de diminutivos, uma boa viagem.

Isabelle subiu no veículo e, assim que se acomodou em seu assento, notou que sua sede estava aumentando. O homem da voz

doce ficara junto do ônibus à espera de que Isabelle partisse para despedir-se. Quando o ônibus de luxo arrancou, o homem acenou e lhe disse adeus.

— Uma aguinha — respondeu-lhe Isabelle.

Mas a janela fechada impedia sua voz de ser ouvida, e o homem da voz doce não entendeu o que ela dizia. Mas quem ouviu e entendeu foram os jovens de terno e gravata e pasta de executivo que estavam sentados perto do assento de Isabelle e que, pouco depois, após perguntar se queria água, mostraram que havia uma geladeira no fundo do veículo. Era um magnífico ônibus de luxo. Só doze lugares e grandes janelas panorâmicas, e principalmente muito confortável. Mas dois problemas pareciam se interpor no horizonte de Isabelle. Por um lado, continuava com sede. Em segundo lugar, quando olhara para o fundo do ônibus, para a geladeira coletiva, confirmara que estava vendo tudo borrado, como que filtrado por areiazinha de deserto.

Teria ficado míope de repente no México? Era uma possibilidade. Para tanta sede, em compensação, não tinha nenhuma explicação. Muniu-se de paciência diante do borrado e foi pelo longo corredor até a geladeira do fundo, e lá bebeu uma garrafa inteira de água. Achou até estranho, por fim sua sede se acalmara. Soava, como música ambiental, um fragmento de *La Traviata*. Com esse fundo melódico italiano e um ar-condicionado que a divorciava completamente da realidade exterior, o ônibus foi deslizando pelas estreitas estradas secundárias dos arredores da Cidade do México.

A música de *La Traviata* dava um estranho matiz italiano à desolada paisagem que se via lá fora. Mulas vacilantes, barracos miseráveis, crianças nuas tomando banho em riachos. Pobreza galopante. Só alguma conversa no interior do ônibus a ligava à realidade exterior. “Proibi que nessa noite se *atracasse* com qualquer homem porque a lua estava brava”, ouviu um dos passageiros dizer. E de repente notou que o mistério daquela frase e a música de ópera lhe causavam, em feliz confluência, um inesperado e breve bem-estar e disse para si — e até anotou, para não esquecer, em sua caderneta de viagem — que para ela o fascínio de viajar estava, por exemplo, em passar inúmeras vezes

junto a cenários opulentos e saber que cada um deles poderia ser seu e seguir em frente, como uma grande senhora. E na sequência também anotou que era muito hipócrita e cínico ter escrito aquilo, pois não eram exatamente opulentos os cenários pelos quais o ônibus passava, em todo caso só os passageiros eram opulentos.

Dormiu um pouco e sonhou que estava em sua casa de Paris toda vestida de preto e, envolta numa nuvem etílica, dançava alegremente sobre um divã vermelho que nunca vira antes. De repente começava a chover. Havia uma taça de vinho sobre uma mesa. Depois de cobrir o rosto com a máscara de esgrima, sentia-se muito sedenta e pegava a taça, mas, em vez de bebê-la, dava com ela um salto mortal para trás sem derramar uma única gota de vinho. Um público de estranhas sombras aplaudia, e então, depois de trocar sua máscara pelo véu que havia herdado de sua mãe, ela alterava estranhamente sua altura ao baixar a cabeça sem mover os ombros e depois esticar rapidamente o pescoço como uma sanfona, igualmente sem mover o corpo. Novamente grandes aplausos das sombras estranhas, o que a animava a dançar de novo sobre o divã vermelho. Grande alvoroço. A chuva parecia entrar na estância, em cujo exato centro caía pouco depois, fulminada pela morte, em plena dança, a pobre Isabelle.

Ao acordar, já estavam na metade do caminho, na altura da cidade de Puebla, e ela tinha uma sede real imensa. A sede saciada de antes fora uma miragem. Foi novamente pelo corredor apanhar outra garrafa de água, que tampouco acalmou totalmente sua sede. Ao sentar-se novamente em seu assento, teve a impressão de que sua barriga estava tão cheia que mal conseguiria levantar-se novamente no caso de ter de ir buscar mais água. Continuava vendo as coisas bastante borradas. E agora ouvia mal. “Aqui a víbora diferente, não potável”, pensou ter ouvido um passageiro dizer. Ficou pensando no véu de sua mãe e se perguntou se na última hora se lembrara de incluí-lo na bagagem. Achou que sim, que o estava levando. Era um fetiche importante e queria muito não tê-lo esquecido em Paris.

Continuava com sede e não tinha outro remédio senão pensar que alguma coisa estranha estava acontecendo com ela. Não

seriam os nervos? O medo de sentir muita sede num dia dois de fevereiro? Nunca bebera tanta água engarrafada numa única manhã e não entendia por que continuava se sentindo daquela forma. Começou a passar mal porque não podia prescindir da ideia de que se transformara numa espécie de vegetal gordo, que há anos não era regado. Sua barriga estava quase doendo. Tomou um calmante e logo depois ficou meio sonolenta. Acordou fresca como uma rosa, mas com certa sede. Já não tinha complexo de barriga cheia e até seguiu pelo corredor com graça. Grande contratempo. Observou com terror que, enquanto dormia, as garrafas de água tinham se esgotado, e teve de passar para a coca-cola. Alguns minutos depois, voltou a ter complexo de fardo pesado e com barriga, e mesmo sabendo que era injusta, culpou a coca-cola por tudo aquilo. Lá fora, começou a chover.

— Já são os ventos vindos de Dolores — pensou ouvir um passageiro dizer.

A frase lhe pareceu sombria e alarmante. E nos minutos seguintes não conseguiu deixar de pensar, em momento algum, no aguaceiro. Caía uma chuva oblíqua, em forma de cortinas de água profundamente ameaçadoras. Ao cruzar Xalapa, uma brutal rajada de vento, com uivos furiosos, pareceu varrer tudo. E ficou tão assustada que chegou a pensar no consolo que seu marido teólogo poderia lhe dar naquele momento, aquele marido que se entediava tanto em toda parte que — era o que menos suportava nele — dedicava-se a escutar as conversas dos outros.

Quando chegou a Veracruz mal conseguiu entrever, pelo vidro embaçado, as pessoas que a esperavam. Estavam ali, postados na estação e fazendo-lhe sinais, vários integrantes de sua equipe de gravação. Da grande janela do ônibus na qual estava apoiada sua melancólica e desesperada cabeça, tentou fazê-los compreender que seria melhor que subissem para buscá-la. Sentia-se mais do que nunca um fardo de barriga gorda, e sua sede continuava sendo tão considerável quanto inexplicável. Desde que a chuva aumentara, ela não tinha parado de beber tequila. Na falta de garrafas de água, e odiando coca-cola como odiava, passara para a tequila e já bebera meia garrafa.

Bateu várias vezes a cabeça no vidro de sua grande janela, como quem pede ajuda. Tudo parecia estar cada vez mais borrado, como se nadasse no fundo de um mar de tequila. O pessoal da equipe técnica a olhava sem entender nada.

— Água — tentou dizer a eles.

Mas a grande janela panorâmica, tão cheia de cortinas de chuva, impedia que se visse bem Isabelle, e muito menos que se entendessem as palavras que seus lábios desenhavam. Só queria que subissem no ônibus e lhe dessem uma mãozinha e a ajudassem a carregar seu estômago encharcado. Mas um novo curto-circuito da linguagem tinha se criado.

— Víbora não bebível — disse desesperada.

E deu leves cabeçadas no vidro grosso. Teve a impressão de que as gotas escorregavam em fios grossos como lágrimas.

— Bem-vinda, Isabelle. Você está com algum problema? — perguntavam-lhe pouco depois.

Ela permanecia sentada em seu assento no ônibus e estava convencida de que tinha o ventre descomunal e que a qualquer momento podia cair para a frente como uma parede de tela soprada numa casa japonesa.

— A água sempre tem a cor do afogado — ouviu um passageiro dizer.

O som forte da chuva não impediu que se ouvissem ao longe os dobres dos sinos da catedral de Veracruz. Era meio-dia, essa hora em que haviam dito que no México, ainda que haja tempestade, todo mundo se aproxima das cantinas para tomar o primeiro trago do dia.

Levaram-na a Boca del Río, para uma suíte no espetacular nono andar do Hotel Camino Real, um grande aposento com um terraço maravilhoso que imitava o convés de um transatlântico, um grande terraço de frente para o mar. Ali era ainda mais impressionante a tempestade elétrica que caía naquele momento sobre Boca del Río, uma praia muito próxima de Veracruz. Como lhe haviam dado três horas para se recuperar — fariam a gravação por volta das sete da noite e o texto, prevendo que ela estaria cansada, estava sendo escrito por todo o pessoal da equipe —, Isabelle decidiu, em

primeiro lugar, não beber mais álcool, saciar sua sede com água mineral do frigobar e, sobretudo, tomar uma boa ducha e ficar sóbria. Chega de tequila, disse a si mesma, consciente de que naquele dia iria estrear como correspondente televisiva.

Chamou muito sua atenção e até a deixou levemente apavorada o fato de haver no fundo daquele grande quarto um divã vermelho. Ligou a tevê e viu que na CNN estavam justamente falando do ciclone. As notícias diziam que a tempestade tropical Dolores já adquirira a categoria de furacão, transformando-se num dos tufões mais implacáveis da temporada atlântica. A força dos ventos de Dolores estava aumentando nas últimas horas, e após levar chuvas e fortes correntes de ar ao Haiti, rumava para Cuba, país contra o qual podia investir a qualquer momento...

Mudou de canal e ficou vendo, numa emissora mexicana, as imagens de um filme em que alguns marinheiros enfrentavam uma tempestade em alto-mar. Um vento soprava com força de furacão, em rajadas caprichosas que retumbavam como as salvas de grandes canhões que estivessem disparando sobre o oceano. A chuva caía inclinada, como cortinas oscilantes, e nos intervalos vislumbrava-se o aspecto ameaçador do revoltoso mar alto.

No fundo, pensou Isabelle, tudo o que se passava dentro e fora do quarto era quase idêntico. Deixou a tevê ligada naquele canal e naquele furacão de ficção e começou a pensar em como iria se vestir, naquela noite, para aparecer pela primeira vez na televisão. Tinha de causar uma boa impressão em sua estreia. Enquanto ia para o chuveiro, pensou que para aparecer na tevê bastariam algumas palmeiras atrás dela, bem agitadas pelo vento, ou seja, algumas palmeiras bêbadas, com ela, por sua vez, se mostrando serena, com certo sangue-frio, não afetada pelo vendaval perigoso.

— Boa, mas nem tão boa noite, senhoras e senhores. De Veracruz, fala Isabelle Dumarchey em meio à tormenta...

Imaginava-se assim, já falando para a numerosa audiência. Levaria uma capa e um guarda-chuva na mão para tornar tudo ainda mais dramático e começaria informando, com cara séria: "A tempestade tropical Dolores adquiriu, há poucos minutos, a categoria de furacão, transformando-se numa ameaça importante

para Cuba e quem sabe também para esta zona do estado de Veracruz onde nos encontramos...”.

Ao sair do chuveiro, ficou gelada. Viu na tevê John Wayne e Linda Cristal numa sequência de *O Álamo*. Hesitou por instantes, mas logo não teve mais nenhuma dúvida do que estava vendo. Seu olhar chegara acompanhado do breve relâmpago de terror que acompanha uma imagem que, para nosso próprio bem, não esperávamos, muito menos desejávamos.

Também havia relâmpagos lá fora. Continuava chovendo. E ela continuava sedenta. O divã era vermelho. Era dois de fevereiro. As coincidências eram muitas.

Tentou escapar com uma lufada de humor e, ao ouvir o conselho que Wayne acabava de dar a Linda Cristal, decidiu que controlaria seus nervos: “Não se preocupe tanto com o que possa lhe acontecer. Já está suficientemente nervosa preocupando-se com o que está acontecendo”.

Não pensara em exibir certo sangue-frio em sua aparição na telinha? Decidiu que se comportaria da mesma forma que na vida real. E mais, desafiaria a morte. Vestiu uma saia preta. Procurou nas malas o véu de sua mãe e a máscara de esgrima. Decidiu que se moveria nas fronteiras do vazio, tentaria ver o que aconteceria se resolvesse debruçar-se no abismo.

Deixou uma taça de vinho sobre a mesa. E depois, cobrindo o rosto com a máscara de esgrima, pegou a taça e deu um salto mortal para trás tentando não derramar uma única gota de vinho, mas acabou se estatelando escandalosamente no divã vermelho, como todo o vinho derramado no tapete.

Levantou-se, trocou a máscara pelo véu de sua mãe e, tal como vira no sonho, tentou alterar sua altura abaixando a cabeça sem mover os ombros e esticando depois o pescoço rapidamente como uma sanfona, também sem mover o corpo. Mas não soube fazer direito e por pouco não quebra a nuca. Levantou-se de repente e subiu no divã vermelho, onde dançou até cansar.

Depois, foi contemplar, do umbral do terraço, as descargas elétricas sobre o mar imenso. O panorama tinha algo de pavoroso e ao mesmo tempo de iniciático. Foi ao banheiro e começou a se

arrumar para o programa de tevê e, pouco a pouco, foi retornando à vida cotidiana. Provou umas bolachas, secou os cabelos, pôs uma blusa preta para combinar com a saia. E às sete da noite estava de pé diante da câmera, rodando na piscina de seu próprio hotel, junto a umas palmeiras que o vento movia com certa violência. Isabelle estava coberta com uma capa amarela e um guarda-chuva verde, e continuava sedenta e continuava chovendo e continuava viva, e continuava temendo que alguma coisa pudesse acontecer.

— Os efeitos do furacão Dolores — estava dizendo aos telespectadores — podem ser vistos mesmo aqui, a tantos quilômetros de seu epicentro, no Golfo do México, onde a população tomou suas precauções e só alguns corajosos se atrevem, como nós, a desafiar os elementos...

Falou durante dois minutos e no final confundiu Veracruz com El Álamo e teve de voltar atrás e pedir desculpas e sorrir. O que estava acontecendo com ela? De onde saía aquela exasperação e nervosismo se, afinal de contas, tinha decidido se acalmar, tinha desafiado a morte e continuava perfeitamente viva? Estava se perguntando isso e ainda estava ao vivo diante das câmeras quando uma rajada de vento a desequilibrou de tal forma que ela quase caiu para a frente, como poderia acontecer numa casa japonesa com uma frágil parede de tela soprada.

Para não cair nem perder totalmente o equilíbrio, deu quatro passos de dança, como se estivesse praticando esgrima. E em seguida, para não desmoronar contra a câmera, viu-se obrigada a dar, como se tratasse de uma despedida zombeteira, um último passo de dança.

— Isabelle Dumarchey, informando de Veracruz.

Como era ao vivo, sua conduta não tinha mais conserto. O pessoal da equipe olhava para ela, consternado. Talvez até ficasse um pouco famosa depois daquilo. Mas tudo fora pouco ortodoxo. André, o câmera, foi o único que se atreveu a perguntar por que havia esboçado aqueles passos saltitantes tão fora da ordem do dia. Isabelle foi enigmática.

— A morte é agradável. Ela nos liberta do pensamento da morte.

E entrou no restaurante do hotel, onde o jantar do grupo estava

preparado. Isabelle pediu um copo d'água. Possivelmente em virtude do medo que passara, estava com a boca completamente seca, muito mais seca do que no resto do dia.

O relógio de uma igreja próxima deu as horas, uma após a outra, uma após a outra, como se o tempo tivesse encolhido.

— Os relógios estão parados — comentou Isabelle de repente.

E aquilo sem dúvida tampouco vinha muito ao caso. Ninguém soube o que lhe dizer. Ficaram olhando para ela com certo receio. O jantar foi animado e houve uma longa conversa na sobremesa, com brincadeiras sobre seus egrégios passos de dança, como se tentassem diminuir a gravidade de tudo aquilo, embora soubessem que podia custar-lhe o cargo. Na França deviam estar se perguntando por que aquela nova correspondente no México era bailarina e debochada, tão brincalhona. Num certo momento, até brindaram a ela.

— Gosto da solidão, mesmo quando estou só — disse Isabelle.

Comportou-se daquela forma arisca justamente no momento em que se levantavam as taças em sua homenagem. Mas todos riram pensando que ela estava meio bêbada como eles. O fato é que não havia parado de dizer frases fora do comum desde o início do jantar. Ninguém parecia ter percebido isso, tampouco que às vezes, durante breves lufadas de tempo, ela ficava imobilizada, olhando para a frente, boquiaberta, lívida, tão rígida que nenhum músculo de seu rosto se movia, carente de qualquer expressão.

Era como se a tempestade tivesse revirado sua alma, como se já não fosse a mesma de algumas horas atrás, quando descera do ônibus.

— Além da tormenta, há outra vida — disse, pondo-se de pé.

Aplausos.

Ficou rígida, olhando para a frente, imóvel, boquiaberta, sem fôlego.

— Você diz isso rindo — assinalou André, ainda entre aplausos e brincadeiras.

— Digo isso rindo porque é muito sério — reagiu ela.

Todos riram, agora sem saber o motivo. Isabelle continuava de pé. Ouviu-se novamente o relógio da igreja próxima. Meia-noite em

ponto.

— Meu pai me legou sua vontade de dormir — disse.

E todos a viram de repente inverossimilmente distante, apesar de estar ali tão tranquila despedindo-se deles, pedindo a André um último copo d'água, que este lhe passou enquanto piscava um olho para ela, como se perguntasse se queria que a acompanhasse para continuar a festa em seu quarto de hotel.

Risadas, clima de fim de trabalho e de festa. A chuva persistente. Um dos assistentes de André acendendo um cigarro. Outro lendo a borra de uma xícara de café. Cheiro de maresia. Isabelle diante do elevador, de novo boquiaberta por alguns instantes, imóvel e com uma expressão envelhecida. As luzes do vizinho Hotel Mocambo refletindo a chuva no mar. Luzes de néon lilases brilhando na piscina e arbustos ásperos além dela. Retirada geral. Vozes e risadas na noite.

— Sinto como se alguém caminhasse sobre nós.

— Como se chamava a Estátua de Sal? — perguntou alguém.

— Não gosto de tanta chuva — disse outro.

— De que estátua está falando?

— Quem sabe amanhã o tempo melhora.

— Agora nada mais me dá medo.

O mundo parecia seguir seu curso habitual, do mesmo modo que, mesmo nos casos extremos em que tudo está em jogo, segue-se vivendo como se nada estivesse acontecendo.

Amei Bo

Saímos para Nova York, num dia radiante de primavera, há dezessete anos. Partimos alegres e confiantes a bordo da reluzente nave BAW775 e nem nos passou pela cabeça que nunca chegaríamos a nosso destino. Dentro de alguns dias completarei quarenta anos e se no momento há algo irreversível em toda essa história é que perdi minha juventude aqui na nave. Dormir, acordar, comer, defecar, jantar, dormir, acordar. Uma vida miserável.

— Escute, não durma — digo a Bo. — Preciso falar com você.

Não se move. Silêncio. Bo não consegue reagir de outra forma. Está chateada há dois anos. Mas uma coisa é verdade. Seria bom para mim falar com ela e, também, que me perdoasse. Irritou-se comigo para sempre no momento menos oportuno. Seu doloroso silêncio me acompanha, como um longo funeral, há dois anos, ao longo desta inacabável viagem espacial a Nova York.

Não sei se conseguirei descrever o que aconteceu aqui na BAW775, mas o certo é que sou o único que pode fazer isso. Todos os outros morreram. A última a sucumbir foi Bo, há dois anos. Agora ela é uma cápsula que viaja a meu lado, meu único fetiche. Os outros, incluído o reputado capitão e herói Fyeka, já foram reduzidos a pó por mim quando chegou sua hora, dispõem de cápsula mortuária própria, e para não ter de vê-los e recordá-los constantemente depusitei-os no Armazém Interior.

Não só ainda não chegamos a Nova York como todas as esperanças de consegui-lo são completamente nulas, porque já faz anos que passamos ao largo de nosso destino e não houve forma de girar no espaço, simplesmente de dar a volta oportuna. Se o episódio não fosse sumamente trágico (principalmente para mim, porque para os outros não importa mais) eu cairia na risada, ainda que tivesse de fazê-lo com o inevitável desespero sideral e elétrico

que tanto poderia prejudicar meus pulmões.

O ruim de tudo isso é que o serviço de automanutenção, dirigido pelo setor Buzatti de Marte&Xiacow por cérebros inovadores e sem dúvida muito competentes, continuou funcionando à perfeição. Teria sido desejável que os demais técnicos tivessem estado à altura destes peritos alimentícios e tivessem sido capazes, por exemplo (também não seria pedir muito), de corrigir o rumo da nave, isso sem falar de salvar as vidas de oficiais e passageiros. Mas a escandalosa inaptidão do setor de engenharia dos marxiacowianos da vaidosa última geração acabou sendo funesta para nós, os tripulantes e viajantes da BAW775.

Num primeiro momento, já faz a mixaria de dezessete anos que estamos nessa, todos imaginamos que o único problema era que estávamos girando em círculos, sem jamais diminuir a distância que nos separava de Nova York. Não passou pela cabeça de ninguém que, por imperícia dos técnicos de terra, já estávamos viajando sem nenhum limite, além de toda fronteira do espaço e que, por mais que avançássemos, jamais poderíamos chegar a nosso ponto de destino.

Depois de tantos anos dentro desta nave, a única coisa que sei, quase, é que ultrapassei amplamente a cidade para a qual nos dirigíamos e estou a aproximadamente dois bilhões e quinhentos mil veryciclos além de Nova York. Se ao menos pudesse topografar algo na escuridão do espaço, eu me sentiria ocupado numa atividade otimista parecida com a dos intrépidos exploradores do século XIX ou do século XXI que avançavam por intrincadas selvas ignotas, por exemplo. Mas nesta escuridão completa não há o que topografar, nada para ver, nada para pensar que não proceda da escuridão de dentro de mim mesmo. Porque da escuridão exterior não há nada a esperar. Quem diria que as insossas nuvens que eu via passar por cima de minha cabecinha quando menino, quando morava com meus pais na chuvosa região de Faial, acabariam se transformando numa lembrança estranhamente poética? Lembro que quando nossa família se mudou da ilha de Faial para morar em Marte&Xiacow eu não senti nenhuma saudade daquelas nuvens. Exatamente o contrário. Estava adorando o clima artificial de minha

nova residência e planeta e, além do mais, quando, muito tempo depois, aos vinte e três anos, empreendi esta viagem de volta a meu antigo mundo, quando parti de Marte&Xiacow para Nova York nesta BAW775, a última coisa que despertava minha curiosidade ou saudade era meu reencontro com as nuvens de minha infância insular.

Agora a única ilha que existe para mim é esta nave, mas sem as nuvens de antes. Uma tragédia duplamente grave, por ter nuances de desespero absoluto. Alguém disse, certa vez, que toda a infelicidade dos homens vem da esperança. Eu não posso dizer exatamente o mesmo. Porque, por não ter, não tenho nenhuma esperança. Às vezes penso que tudo seria bem diferente se eu visse uma luz mínima na escuridão do espaço, mas sem tê-la vislumbrado em dezessete anos, seria estranho que a visse agora e sem dúvida, se a visse, seria uma miragem. Por outro lado, como meu ânimo não está para miragens, o pior de tudo é que nem sequer há uma possibilidade remota de miragem. Já não me resta nem a esperança de desesperar-me.

— Escute, não durma — digo a Bo. — Preciso falar com você.

Gostaria de lhe contar como é estranho não só estar sentindo saudade das nuvens de minha Faial, mas também da cidade de Nova York, onde nunca estive. Eu tinha a expectativa de chegar lá e, mesmo sendo a primeira vez a estar ali, de ter a sensação de já ter vivido nessa cidade todo tipo de amores truncados, desenlaces felizes, ilusões perdidas e festas inesquecíveis. Eu estava entusiasmado com a ideia de caminhar pela primeira vez nas ruas da pujante Nova York chinesa de agora e sentir em cada esquina a memória difusa de já ter dobrado essa esquina em outra ocasião. Quando? Não saberia dizer. Mas sem dúvida eu teria estado ali antes de nunca ter ido, já teria estado ali antes de jamais estar.

Saudade de poder me sentir como se, por exemplo, estivesse nessa cidade no século XX, a vinte e sete quadras de onde se instalou a capela ardente de Marilyn Monroe, a trinta e seis do lugar onde o historiador John Gould quebrou um rádio em pedaços diante de todo mundo, a treze quadras de onde Harry Thaw atirou em Standford White, a trinta e quatro de onde um dia Truman Capote

viu Jacqueline Kennedy atravessar a rua como uma folha movida pelo vento. Saudade de poder me sentir como se, por exemplo, estivesse nessa cidade no século XXI, a vinte quadras de onde estavam as Torres Gêmeas, a trinta e quatro do lugar onde assassinaram Billy Forest-Meyer, a quinze quadras de onde Clarence Stone declarou perdida a desastrosa guerra com o império de Chinakow, a cinquenta quadras de onde Barry Williams e Sean Zedong ordenaram a demolição de Wall Street.

Gostaria também de contar a Bo que agora não posso me sentir mais angustiado, não só porque ela não pode me ouvir mas também porque este diário de viagem não vai ser lido por ninguém. Não posso me sentir mais isolado, e no entanto continuo escrevendo, porque me parece a única possibilidade que me resta para não ficar completamente angustiado, pois minha realidade é tão catastrófica que, salvo a alimentação, todo o resto está fora de meu alcance, incluído o suicídio.

A nutrição — elogios à parte para os acreditados técnicos que criaram a máquina de alimentar Zijk — transformou-se na coisa mais inumana que existe nesta nave. Sem que eu possa evitar, uma injeção intravenosa me é aplicada de forma regular, a cada oito horas, graças ao impiedoso dispositivo XVF9 de Zijk, dispositivo que foi acionado tarde demais para salvar a vida dos outros sete passageiros, mas a tempo para salvar a minha e me deixar sozinho com este profundo e perpétuo aborrecimento e uma pesada sensação de para quê.

Para que permitem que Zijk me mantenha vivo fazendo-me ingerir alimentos insípidos e viajando em linha reta no espaço rumo a um destino que não existe? É infinitamente inquietante minha situação. Sem amor e sem nada ao fundo, sem uma luz que alimente uma paisagem remota. Apenas uma injeção nutritiva que penetra sem pedir licença a cada oito horas, prolongando assim minha sensação de que estou me afastando cada vez mais de minha meta. E tudo isso amenizado por uma obsessiva voz de fundo, uma voz tipicamente marxiacowiana (minha própria voz, claro), que me lembra, a fim de estragar minha festa, que não vou acabar em Nova York.

Uma sensação de para quê. Como se na verdade, em vez de viajar, eu não fizesse outra coisa senão despencar por um opaco firmamento infinito, sem avançar. Como se, viajando em linha reta na escuridão, estivesse me jogando no vazio, e aí acabasse o trajeto, e ainda por cima sem saber quando acabará totalmente.

— Escute, não durma — digo a Bo. — Preciso falar com você.

Gostaria de lhe contar como foi tola e lamentável sua irritação e mais ainda sua despedida desta nave e desta vida miserável. Eu tinha avisado que devia controlar melhor suas injustificadas irritações contra mim. Já havia explicado que naquele ritmo corria o risco de se despedir do espaço sideral com uma frase banal. Hoje só posso lamentar que tudo aquilo tenha sido tão grotesco. Disse-lhe que estava cansado de ouvi-la morder a maçã. E isso foi tudo. Ela comia seis por dia, quando o regulamento da nave dizia explicitamente que devia ingerir cinco. Mas não me incomodava que comesse uma a mais por dia. O que realmente me indignava era o barulho que fazia ao mordê-las. Parecia nem ligar para o fato de estarmos sozinhos no universo.

— Mas quem, com os diabos, está mordendo as maçãs? — disse-me de repente.

E compreendi que tinha ficado louca, que a raiva que sentia de mim a fizera perder a razão. Deu sua última mordidela na maçã e de repente ficou muito rígida ali, não só com a razão, mas também com a vida perdida. Ela era meu amor e, também, minha última companhia no mundo, porque os outros, nesta altura da viagem e devido aos erros da sede central, já estavam mortos. Era meu amor e tinha partido deste mundo com raiva de mim, em meio à mais banal das discussões e de uma das mais ridículas frases de despedida.

Avanço com a lembrança difusa da lua e do sol e dos gestos humanos que para mim já ficaram para trás para sempre. Avanço num espaço vazio: vazio, além do mais, de vazios vazios. E para não ficar louco, imagino que há algo ali fora e digo para mim mesmo que, enquanto a nave avança, teias de aranha a envolvem sem que eu perceba. E me distraio procurando as teias de aranha, mas também lembrando toda aquela agitação que havia em meu

planeta e à qual alguns se referiam dizendo que era *a vitalidade dos tempos*, só porque tudo aquilo tão inovador era agressivo e estridente e na verdade, agora que me dou conta, pertencia ao reino da morte como qualquer um desses cemitérios de naves enferrujadas BGH que existem disseminadas pelo universo inútil. Tomara que um dia eu possa ver, ainda que de muito longe, um deles, um desses cemitérios de naves aeroespaciais putrefatas. Por todos os deuses Buzattos, preciso ver alguma coisa, não posso continuar vivendo desse jeito, atravessando perpetuamente a escuridão mais opaca e entretido com as variações e indicações da bússola. Não posso ficar o tempo todo assim, imaginando teias de aranha que me envolvem e que eu não percebo. Até da ativa e revolucionária bússola a gente se cansa. No começo eu achava graça, porque nunca tinha visto uma bússola com um calendário incorporado. Mas agora esse calendário só faz com que eu me lembre inutilmente da hora, do dia e do ano em que me encontro. Sem dúvida, trata-se da invenção mais estúpida da vaidosa última geração de técnicos da minha terra.

Vejo Nova York, nem consigo acreditar. E não acredito mesmo. Porque continuo sem ver nada. Como poderia ver Nova York? Não é só isso, de acordo com a bússola já estou a trinta bilhões de veryciclos dessa cidade. É a sétima miragem em muito poucos dias e por isso decidi retomar este caderno que não devia ter abandonado há trinta anos. Quero pensar que escrever me ajudará a me afastar de novos enganos visuais. Depois de quase meio século de viagem, eu já deveria saber que não posso esperar nada nem dos deuses Buzattos nem do escuro exterior, salvo a queda em miragens prejudiciais para meu ânimo abatido.

— Escute, não durma — digo a Bo. — Preciso falar com você.

— Eu estava pressentindo — disse ela, há mais ou menos um ano, com seu tradicional mau humor. — Eu estava pressentindo que isso acabaria mal.

Como foi a única coisa que me disse em trinta e dois anos, desde então venho cismando interminavelmente no que ela tentou me comunicar e não cheguei a nenhuma conclusão. Sem dúvida, deve ter visto ou ficado sabendo de algo terrível para decidir romper seu

silêncio e me advertir de que tudo isto vai acabar mal. Não acredito que estivesse se referindo à manutenção de Zijk, que progressivamente, com sua esmagadora ênfase mecânica, vai perdendo a qualidade, talvez para não se transformar na apoteose da monotonia. Mas não acredito que seja por isso. Seria presunção demais de minha parte acreditar que alguém ainda está pensando em mim. A qualidade baixou porque a idade não perdoa; e, por outro lado, o temível tempo não parou e meu físico vai perdendo o sentido do paladar e do tato.

— Fiquei velho, Bo.

Talvez ela quisesse me avisar de que cruzei a linha dos limites do universo conhecido e continuo avançando. Mas não é preciso me mostrar isso, acho que já sei, estou ultraconsciente disso. Ultrapassei os limites não sei do quê. Mas a verdade é que, além desses limites do universo, as coisas não variaram muito e a escuridão é a mesma, nada muda nesse sentido, nem em nenhum. Pergunto-me, além do mais, de que sentido estou falando. Sentido pareciam ter, em outros tempos, há quarenta e sete anos, os primeiros pedidos de socorro que enviamos. Mas quando descobrimos que aquelas mensagens desapareciam no horizonte pelo lado oposto, todos nós entendemos que estávamos perdidos e mortos, e hoje é possível ver que não estávamos, nesse aspecto, nem um pouco errados. As falhas técnicas fizeram o resto. Mas estou falando de uma coisa que aconteceu há muito tempo. A lembrança de tudo aquilo se tornou vaga para mim, imprecisa. Amanhã faço setenta anos.

— Vou sair para fumar um cigarro de ar, Bo.

Só o odioso calendário da bússola e este caderno têm pensado em me dar os parabéns. Acho que sou o primeiro ser humano que descobre, além dos infinitos buracos negros e do espaço etéreo, que o humor é a última coisa que se perde. Não foi bem isso que me ensinaram nas escolas e academias. Lá diziam que a esperança é a última que morre. Mas não. Descobri que só existe o humor além dos limites dos limites dos limites ilimitados.

Por estar além dos buracos negros que atravessei e que sei perfeitamente que não estão vazios, não sofro nem sequer o tão

temido e horrível senso de um vazio concreto. Pois o vazio não é assim porque tem o humor de um inquilino perpétuo. O humor ocupa o lugar da esperança em tudo. O humor é o inquilino eterno do vazio. Foi isso que descobri e que não posso comunicar a ninguém. Então não é verdade que a esperança é, como disse alguém, a resistência do ser diante das previsões de sua mente. Não. O humor é a verdadeira resistência de fundo.

O humor é a verdadeira essência do cosmo e do que existe muito além dele. Descobri isso graças a minha viagem pioneira rumo ao nada e quero crer que isso me transforma num descobridor da estirpe dos melhores descobridores da história. A única essência do universo é seu próprio humor, esse fluxo ou humor do cosmo que até nos mais recônditos becos laterais de ar etéreo se derrama e chega além dos mais remotos buracos negros, que não estão exatamente vazios, contendo, antes, uma energia de ausência que termina sendo uma estranha presença, também humorística.

— O humor é o inquilino eterno do vazio, Bo.

Silêncio também imortal.

Contudo, devo dizer que, se eu tivesse agora alguma esperança, ela seria depositada inteiramente numa falha técnica que me fizesse desaparecer no horizonte pelo lado oposto. É claro que a única coisa que me resta é o humor. Ou não é puro humor e desespero confiar ainda numa falha técnica sabendo que isso é impossível? Uma falha, por exemplo, que me permitisse, além dos confins do espaço, desaparecer por uma fresta do firmamento, uma fresta que estivesse cheia de fortes correntes desse fluxo ou humor do cosmo mais desconhecido, que é no qual me encontro agora, eu, descobridor até das periferias siderais do riso.

Não tenho lembranças da juventude. Se guardo alguma é porque anotei neste breve caderno. Amei Bo. E isso é tudo. Nesta frase se resumem todas as lembranças de minha frustrada juventude, de minha vida inteira. Agora sou só puro humor, confundo-me com o fluxo do universo.

Amor e humor? Não. Só disse que amei Bo, e disse isso no passado. Daquilo tudo só restaram suas risadas. O universo é humor. Nada de amor. Eu só disse que amei Bo, do mesmo modo

que certa vez li para alguém que se perguntava por que, em determinadas horas, era tão necessário dizer *amei isto, amei uns blues, uma imagem na rua, um pobre rio seco do norte*. Eu só amei Bo, ponto final. E por hoje chega. Porque preciso prestar atenção ao estranho ritmo veloz que já faz alguns dias minha BAW775 está tomando. Sem dúvida estou indo mais rápido, como se tivesse alguma pressa, e chego a ter a impressão de que no fundo do ultrafirmamento uma luz tênue se irradia. Não sei, mas é como se eu estivesse me aproximando de uma zona de menor opacidade, aí, onde o humor, presente em todo o cosmo, teria uma reserva especial de brilho.

Um dia (dizer “dia” é manter bastante elevado o senso de humor) comecei a ser escoltado por luzes minúsculas que, movendo-se ao meu redor, pareciam ir reconduzindo, de maneira quase imperceptível, a direção de minha BAW775. Eu desconfiava que essas luzes pertenciam, provavelmente, a minúsculas naves que viajavam a meu lado, mas que a escuridão severa me impedia de ver. Tudo indicava que estavam suavemente corrigindo a rota e me desviando da monótona linha reta na qual minha vida se fossilizara ao longo de quarenta e sete anos.

— Estou pressentindo que isso vai acabar mal, Bo.

Foi mais uma nota de humor de minha parte. De Bo eu já não esperava nada. Mas precisava ouvir de vez em quando minha voz, mesmo que falasse sozinho. Por outro lado, contanto que a monótona viagem em linha reta chegasse ao fim, qualquer coisa que pudesse acontecer, fosse o que fosse, seria bem recebida. Eu até achava perfeito que tudo acabasse mal, o que, diga-se de passagem, era a única forma daquilo acabar, caso acabasse.

Agora, pelo menos, as possíveis pequenas naves, talvez pequenos caças bombardeiros do outro mundo, com suas luzes minúsculas, escoltavam-me em silêncio e anunciavam algum provável tipo de conclusão ou desenlace. Minha nave estava, gostasse eu ou não disso, à disposição dos invisíveis aviõezinhos, pois havia anos minha BAW775 era uma espécie de foguete grande

completamente indefeso, pois não fora projetada para se defender de possíveis ataques nem para ir lutar em nenhuma guerra além dos limites dos limites dos limites do cosmo.

Agora, depois de quase cinquenta anos viajando pelos fluxos de humor do universo, pelo menos *acontecia algo*. O que eu não esperava era que fosse continuar *acontecendo* isso e somente isso durante tanto tempo. Fiquei assim por mais de um ano, percebendo que me desviavam muito suavemente de minha linha reta e pouca coisa mais, porque a escuridão continuou sendo severa e *só acontece isso*, a ponto de as luzes minúsculas começarem a se tornar familiares para mim e em mais de uma ocasião eu ter chegado a suspeitar que eram o mero reflexo de minha BAW775, que comecei a chamar diretamente de Bo, como se minha cápsula amada tivesse passado a se confundir com a própria nave.

Eu me transformara no inquilino eterno do vazio, no inquilino perpétuo do humor do universo, e começaram a me assaltar certos lampejos de loucura que o próprio humor do além-mundo parecia encarregar-se de introduzir em minha nave indefesa. A cada dia eu tinha mais medo de cair nas redes de alguma dessas doenças da memória tão próprias de meu século XXII. Era grato ao humor e às estrelas e aos deuses Buzattos por não ter tido nenhuma doença física até então, a não ser pequenas indisposições que o próprio dispositivo alimentar XVF9 de Zijk, com o delicado tratamento médico incorporado, resolvia. Mas as doenças do cérebro não podiam ser controladas por Zijk, e isso começava a me inquietar, ainda que relativamente, pois no fundo eu via a perda de minha raquítica memória como uma solução para os meus problemas.

De repente, certo dia — talvez seja melhor dizer certa noite, embora aquilo tampouco fosse exatamente uma noite — os pequenos caças me encurralaram suavemente e foram me obrigando a corrigir, com elegante lentidão, minha enalhada e tão obsessiva rota em linha reta.

— Amei Bo — disse.

Disse isso como se fizesse o sinal da cruz cristão ou me encomendasse ao deus chinês de todos os deuses Buzattos. À guisa de superstição. E eu já não sabia se amava minha nave, que era

palpável, ou a pobre Bo, que nem sequer era palpável, a não ser que eu tocasse carinhosamente a cápsula.

Na realidade, a própria BAW775 passara a ser uma superstição, meu único apoio espiritual, minha única possibilidade de superstição.

Fizeram-me descer até uma pista de pouso muito negra, que parecia pintada com uma forte cor de azeviche, num planeta completamente branco, muito nevado, e que logo vi que estava superpovoado. Não sabia a que me ater nesse momento. É lógico. Mas não tinha medo do que pudesse acontecer comigo. Qualquer coisa seria melhor do que continuar entre as quatro paredes metálicas de minha eterna cabine de voo. Estou no planeta branco e preto do qual não me falaram na escola, pensei, só para pensar em alguma coisa e não ficar obsessivamente centrado na situação complexa e difícil que eu estava vivendo.

Todo mundo lá usava óculos de sol e roupa escura, em claro contraste com a neve que se perdia no infinito. Suas roupas, em geral, lembravam as velhas batinas de antigamente, e muitos usavam luvas brancas. Para que ou por que respeitavam minha vida? Por que não conheciam a agressividade? Possivelmente minha percepção era influenciada pelo fato de se vestirem como os jovens seminaristas que tanto proliferaram em séculos anteriores na Faial de minha infância. Observei que tinham certa tendência a se comportar como crianças e brincavam inocentemente com bolas de neve que atiravam uns nos outros, ao mesmo tempo que, de repente, como se fossem pausas na diversão, eles aproximavam-se muito perigosamente dos abismos da paisagem, como se fossem movidos por uma súbita necessidade especial de investigar com seus óculos escuros o vazio profundo que os rodeava. Pareciam estranhar muito o que viam, quando na verdade não viam nada.

Autodenominavam-se, entre eles, de *karibenhos*. E logo eu soube, por seus gestos, sinais e desenhos, que o planeta se chamava Kajada, que para mim foi, desde o primeiro momento, uma variante da palavra *risada*, ou *carcajada*,^{1} como preferirem. A capital era Karibe, que era onde eu me encontrava.

Kajada — como se o nome já dissesse tudo — é um planeta magnífico, feito para a felicidade. Os kajadenhos vivem em perpétuo bom humor, em perfeita sintonia com a risada e a grande gargalhada do universo. Seus habitantes são muito educados e consideram que o bem da república vem antes do interesse pessoal. Todos trabalham em pé de igualdade para alcançar a felicidade comum. São singelos, alegres, soltam um grasnido rouco quando riem ou gargalham demais.

Naturalmente, com tanta neve em volta da gente, é desconcertante que se chamem *karibenhos*. Lembrei que, ao chegar às primeiras ilhas americanas, o descobridor Cristóvão Colombo soube que seus povoadores se autodenominavam *cariba* ou *caniba*, algo assim. A história parecia se repetir comigo agora. Descobridor, per se, eu já era. Mas agora se tratava de algo mais sutil. Era como se eu estivesse num mundo paralelo e fosse o Cristóvão Colombo do além das estrelas anãs e dos buracos negros: esses buracos onde, certamente, tanto se notava a intensidade da ausência, mesmo que fosse somente pelo fato de eu sentir muito a falta de Bo, muito mais que do antes, talvez porque eu teria gostado de comentar com ela todas essas extravagâncias ou divertidas esquisitices de Kajada.

Lembrei que a ideia fixa que levava o conquistador genovês tão longe era alcançar as Índias, e que foi por isso que decidiu que *caniba* não era outra coisa senão “a gente do Gran Cã, que deve ser aqui mui vizinho”. Os caribes não tinham nada a ver com o soberano mítico do Oriente conhecido como Gran Khan ou Gran Kan. Mas assim ficou sendo seu nome. Eu fiz meus pequenos esforços para tentar saber de onde vinha esse nome de karibenhos que os habitantes da capital da república nevada de Kajada ostentavam, mas não consegui descobrir nada. O máximo que chegavam a me comunicar com suas palavras, às vezes um tanto incoerentes ou simplesmente incompreensíveis e que eu havia batizado de *kajadadas*, era: “É que sempre nos chamamos assim, karibenhos”. Depois, eles se partiam de rir. Caíam no chão de tanto rir e dar gargalhadas. E mostravam os dentes brancos da felicidade. A pureza do branco da neve e de seus dentes, em curioso contraste

com o preto de suas batinas, eram um permanente delírio visual.

— Amei Bo — eu dizia para eles.

Sempre se ouvia uma risada de fundo. Era uma risada que devia ser entendida como geral, uma risada na qual todos colaboravam. Era uma risada triste, porque soava como uma folha seca de outono que, ao enrugá-la, alguém fizesse crepitar. Digamos que era a única nota de tristeza em toda Kajada, a inevitável e clássica exceção à regra geral hilariante.

Mas, triste ou não, aquela risada, acima de tudo, era infinitamente séria. Eu estava vivendo — tudo me lembrava isso o tempo todo — na capital universal do humor, certamente no centro nevrálgico do riso geral da risada geral do cosmo. Não em vão, tempos atrás ocorrera em Kajada um combate transcendental entre algumas pessoas muito sérias e aqueles que tinham uma aversão insuperável pela seriedade quando esta aparecia como um disfarce para a ignorância ou a idiotice, pois sempre tiveram a impressão de que a própria essência da seriedade era a maquinação e, conseqüentemente, o engano.

Tempos atrás, ocorrera o combate, e todos os que vestiram a máscara da seriedade para dissimular suas intrigas tinham sido vencidos e expulsos e apagados para sempre da face de Kajada. A efeméride era lembrada naquilo que para mim é um escudo geral do planeta e para eles, mais que um escudo, é um Kajdeizbeño (o que, afinal de contas, é a mesma coisa que um escudo, só que chamado de maneira diferente), onde se pode ler esta legenda que vigora para todos os súditos do planeta: “A seriedade é um misterioso continente do corpo que serve para ocultar os defeitos da mente”.

Enfim, e caso não tenha ficado completamente claro: aterrissei na capital mundial do humor. Três anos depois, aprendera a falar amplamente a língua dos karibenhos. Dominava seu estranho mas ao mesmo tempo fácil idioma, pois praticara bastante, uma vez que, depois de umas homenagens risíveis que fizeram para comemorar minha chegada, procedente de meu “exótico além-mundo”, tinham me arranjado um trabalho neste ativo departamento burocrático que se dedica a arquivar as cartas que

não chegam ao destino e onde, paradoxalmente, eu escrevo nos momentos livres frases para este caderno, frases que sei que também não vão chegar a nenhum destino, mas que escrevo para não me tornar um *tarumba*, palavra que significa tantã e que, certamente, é a única que é igual na minha língua e na deles.

Sou um empregado do mui respeitável Departamento de Cartas Perdidas de Kajada. Um dia, tive a ideia de anotar num papel uma coisa que li numa delas e que me agradou muito:

“Primeiro,
pintar retratos sem modelo.
Depois, pintar autorretratos sem modelo.
Talvez então se possa
pintar o nada com modelo.”

Por um curioso equívoco, alguém leu essa inscrição em meu papel e desde então, pensando que essas linhas eram minhas, sou classificado como *infalível*, que para as pessoas de Kajada significa o mesmo que em minha terra significava ser niilista. Em meu expediente como secretário das Cartas Perdidas agora apareço como *infalível*, o que significa que estou fichado como tal numa pasta. Entre as vantagens de ser infalível — pesquisei há pouco — está a de que poderei me aposentar no próximo ano. O problema é que falta muito para o próximo ano, pois aqui os dias duram três meses. Quer dizer, quando me aposentar já estarei morto.

Desvantagens de ser infalível? Ser, por exemplo, considerado um extravagante, pois pensam que estou divorciado da neve. Como se fosse preciso escolher entre o Nada e a Neve! A verdade é que — esquisitices à parte, e não que as daqui também sejam tão especiais — estou bem em Kajada e dou risada o tempo todo. Integrei-me a este mundo feliz que perdeu de vista os conspiradores e os falsamente sérios. De vez em quando, um pequeno sobressalto. Ontem, por exemplo, derretemos e depois enterramos três vezes (três, para prestar-lhe uma homenagem póstuma) o único suicida que tivemos em Karibe (em Kajada é mais comum a morte pelas próprias mãos) nos últimos três anos.

Tratava-se de um homem que estava em tratamento médico (“tratamento brando”, dizem eles) porque odiava a risada, e isso sempre o levava a rir três vezes, em sinal de protesto. Com o tempo, como se fosse uma vingança do próprio humor do universo (uma vingança que ele não teria notado, justamente por sua falta de humor), apaixonou-se pelo número três e começou a reduzir todos os aspectos de sua vida a uma questão de tríades. Há três dias, voltou para casa abrindo caminho duramente por entre a copiosa neve, e ao chegar em casa serviu-se de três xícaras de café, pôs três colheradas de *karhizka* em cada uma delas, cortou três vezes a jugular com o pacote pontiagudo da própria *karhizk* e com mão agonizante rabiscou na janela do quarto de sua mulher: “Havana, havana, havana!”, que quer dizer: “Adeus, adeus, adeus!”.

A verdade é que nunca imaginei que acabaria sendo auxiliar de escritório na metrópole do humor do universo. Realçadas pela extrema brancura da neve, vejo por toda parte pessoas de batina, todas se debruçando com seus óculos escuros nos abismos. Essas pessoas não têm nada para espiar porque sabem que elas mesmas são o centro do espaço infinito da risada e fora delas não há nada em vários bilhões de veryciclos ao redor. Mas não se cansam de repetir para mim que gostam de se abismar.

— E o que veem quando se abismam? — perguntei um dia, só para ver o que diziam.

— A realidade que nos olha — responderam bem tranquilos.

É interessante. A realidade olha para eles. Trata-se de um fenômeno de Kajada que agora já me parece a coisa mais normal e comum. Em Kajada, se você se concentrar bem, vai perceber que está sempre sendo observado pela realidade. Então agora eu também sou um dos que se abismam. Dou meia-volta e olho para qualquer precipício sideral e sei que a realidade está atrás de mim e me observa. Tudo é questão de costume.

— Como foi sua juventude? — às vezes me pergunta Diaghilev, uma boa amiga.

— Amei Bo — digo a ela.

Não tenho muito mais o que explicar. Por um lado, passei toda a minha vida num foguete monótono. Por outro, tive tempo mais do

que suficiente para ir deslizando em direção ao simples. A complexidade dos primeiros anos de minha adolescência e juventude foi sendo substituída por uma simplicidade absoluta. Nada de pensamentos retorcidos e de ficar ruminando muito as ideias. Aqui em Kajada, principalmente em Karibe, tudo é fácil, leve, risível, amável, republicano, simples. Aqui ninguém complica a vida. Não é preciso ficar ruminando nada.

Encontraram na vida a simplicidade que só existe quando contamos uma história, quando definitivamente narramos algo. É essa ordem tão simples que consiste em dizer, por exemplo: "Aconteceu isso, depois aconteceu aquilo. Depois que aquilo aconteceu, veio aquele outro lance...". A sucessão dos fatos os acalma e eles gostam das ilusões derivadas dessa sucessão tão organizada, sua aceitável aparência de causalidade. Fico aliviado que seja assim porque em Marte&Xiacow, o lugar do qual parti rumo à achinesada Nova York há mais de cinquenta anos, tudo se tornara não narrativo.

Aqui a gente se sente bem, tudo é tão simples, organizado, ilusório. Não troco por nada (nem posso) essa fantástica oportunidade de viver na república nevada de Kajada, centro exato do humor do universo. Ah, o humor, a única coisa que realmente existe no firmamento! Às vezes penso que acreditar nisso mostra que acredito em algo e ridiculariza aqueles que me veem só como niilista, *infalível*, para eles.

Outro dia aconteceu uma coisa muito estranha comigo. Ouvi por acaso um programa de uma rádio daqui de Karibe, um programa em que contavam uma história aterrorizante de ficção científica com sons metálicos esquisitos e vozes de extrakajadianos que supostamente estavam invadindo Kajada e coisas do gênero. Com uma linguagem um tanto críptica e misteriosa, dizia-se que os extrakajadianos eram tão pequenos que dormiam em suas orelhas. E que de manhã, ao acordar, matavam nossos pássaros. (Os pássaros, aqui em Kajada, são muito feios e são todos mecânicos, dispõem de umas wekpilhas elétricas que podem durar mais de três anos, uma eternidade.)

Foi estranho, porque senti a mesma atração e curiosidade que,

quando jovem, tinha pelas histórias de invasões de nosso planeta e outros contos futuristas, também conhecidos como histórias de ficção científica. Eu fui um bom consumidor de histórias do gênero e vi que o tempo não mudara muito meus gostos. Não perdera nada da curiosidade pelas histórias de invasores interplanetários desconhecidos e outras coisas assim. Mas o mais curioso e estranho de tudo foi esse súbito grande interesse que de repente despertaram em mim as histórias de extraterrestres quando na verdade eu me encontrava agora em pleno centro do desconhecido, ou seja, no próprio centro de uma história de ficção científica, que de fato eu mesmo protagonizava. Já não bastava a minha?

— E como era Bo? — pergunta-me agora Diaghilev, que usa luvas brancas para que eu me lembre que ela é apaixonada por mim.

Pelo que sei, só os apaixonados usam luvas brancas aqui, luvas que em sua alvura rivalizam com a neve sempre eterna. O que não sei mais se é verdade — eu não os vi — é que há alguns dissidentes que se negam a cair nas paixões amorosas e são enterrados com luvas pretas.

— Era Bo, e ponto — digo a ela.

Quanto mais simples as respostas, menos problemas.

Entre mim e Diaghilev há uma dessas adorações ternas, repletas de silêncio e timidez, e isso lhe dá prazer, e nisso eu encontro o único remédio para meu tédio. Vamos nos casar em breve. Celebrarão o casamento jovens com batinas moldadas para parecer capas de vampiros. Ela guarda seu enxoval enterrado na neve. E, para a cerimônia, vão me obrigar a atravessar, com uma imitação minúscula de meu velho foguete, um quarto branco de brilho espectral à luz do sol da manhã eterna. Ou seja, vão me obrigar a representar meu próprio papel, a ser um viajante sideral que chega num estranho artefato a um planeta de neve perpétua e céu deslumbrantemente vazio.

A diferença de idade entre nós é incalculável. Sei que meu fim está próximo, mas vou me casar do mesmo jeito. Sou muito velho e acumulei o cansaço de muitos anos de foguete. Às vezes dá pra notar que sou um ancião, porque sinto saudade daquela chuva oblíqua da manhã de minha infância. Sempre sonho que o tempo se

detém no crepúsculo, o que é impossível de acontecer. Depois, já acordado, penso. E pensando aprofundo o silêncio.

— Para desenterrar o enxoval vou ter que chamar a costureira antártica — me diz agora Diaghilev.

Não sei de que costureira antártica ela está falando, parece que são novas condições para o casamento.

— E tem mais alguma coisa? — digo, para perguntar algo.

— Um dia você me disse que, há muitos anos, saiu de casa para ir a uma cidade chamada Nova York. Não é verdade?

— É — respondo, estranhando um pouco, porque agora não sei mais para onde a conversa vai.

— E uma vez ouvi você dizer que desejava ver a destruição total do mundo? Não é?

— Bem, eu disse isso, é verdade. Quis manifestar minha vontade de ver um fim do mundo bem espetacular antes de morrer. Já que vai acabar também para mim, gostaria que acontecesse isso junto comigo e que eu pudesse ver o espetáculo de sua destruição, uma destruição que imagino de gelo e de fogo, belíssima, grandiosa. O fim do mundo! Não me conformo em simplesmente morrer e que tudo continue igual, como se nada tivesse acontecido. Não me conformo em morrer e que os pássaros mecânicos continuem cantando e que esses bichinhos nem se importem que eu parta. Enfim, já que vão me desterrar da festa da vida, não posso querer menos que o fim completo do mundo.

Diaghilev (eu a chamo assim por seus inconfundíveis passos alegres e dançarinos) ficou boquiaberta. Não sei se me entendeu. Depois vejo que sim.

— Preciso lhe contar que as últimas notícias de hoje dizem que foram destruídas em uníssono as cidades de Nova York e de Xangai e outras logo serão. Marte&Xiacow já foi totalmente apagada há dois meses, embora não tenhamos contado a você para não angustiá-lo. É o começo da destruição total de tudo.

Agora quem ficou boquiaberto fui eu. Como já não existe minha casa, nem Nova York nem Shangai, e logo cairão o planeta Júpiter e a cidade de Londres, cada vez tenho menos pontos de referência para me sentir pertencente ao universo.

— Isso era previsível — digo a ela. — Nossa cultura era penosa, não tinha nenhuma ligação com a transcendência, nem mesmo com os deuses que dizia adorar. Nossa cultura se baseava em conquistar tudo, até o universo. Pura atividade sem fim. Uma corrida enlouquecida em direção ao nada.

Olho para Diaghilev, como se fosse minha última ligação com o mundo e com a compreensão dele. Ela é ingênua e encantadora, e sei que sabe muito de finais felizes. Pelo visto, doutorou-se nessa matéria.

— Esqueça — me diz ela — de ver o fim belissimamente espetacular do mundo, não vai poder presenciá-lo, porque a grande destruição apenas começou e por enquanto só desapareceram Marte&Xiacow, Nova York, Shangai e outras minúcias. Ainda falta o principal. E isso vai demorar aproximadamente mais umas duas vidas suas. Vai levar muito tempo. Você quer um final feliz? Só o terá se parar sua história antes desta acabar. Lembre que na vida todos os momentos podem ser felizes, mas o final é sempre aquele que você já sabe. Não me faça dizer qual.

Não acho que ela esteja enganada. Tem toda a razão e não pode ser mais lúcida. Só vai acabar tudo bem se eu parar a história antes e disser havana a tudo. Tenho uma crise de choro. Calço luvas brancas. Havana, havana. Um rio de lágrimas inunda o fluxo perpétuo, o eterno bom humor do universo.

— Amei Bo — diz Diaghilev, secando minhas lágrimas.

Iluminado

Nos recreios do colégio havia um menino que às vezes ficava com a cabeça obstinadamente encostada em qualquer parede do pátio de areia. Como se chamava Iluminado, não parávamos de fazer brincadeiras com ele. Perguntávamos, por exemplo, se estava esperando que as ideias lhe viessem pela parede. O nome daquele menino se prestava a todo tipo de gozação e alguns acreditavam que ele tinha vindo do Paraguai, pois naquela época havia um jogador de futebol, do Atlético de Madri, também com esse nome. Mas seu contundente sobrenome, Castelltort, desmentia tudo isso e deixava bem claro que ele era catalão, como a maioria de nós. Então de onde vinha esse lance de Iluminado?

O fato é que o menino passava muitos recreios com a cabeça encostada na parede. Tentamos não sei quantas vezes puxá-lo pelas mangas, balançá-lo, abraçá-lo, derrubá-lo. Mas o menino continuava, quando podia, com a cabeça encostada em algum muro. E fomos desistindo dele, porque era impossível. Na sala de aula, quando não o vigiavam, também encostava a cabeça, neste caso sobre a carteira. Um dia, o senhor Blas Colás, nosso professor de História, gritou com ele muito enfurecido e mandou-o para casa e perguntou qual de nós podia acompanhá-lo e dizer a seus pais que viessem falar com ele. Só eu me ofereci, e todo mundo me olhou estranho, pois a missão era antipática.

Mas eu preferia ir para a rua a ficar na sala de aula naquela manhã de dezembro, por mais desagradável que esta se apresentasse. Ameaçava chuva, mas eu achava preferível escapar da asfixia da sala de aula e ter o prazer de ir até o Paseo de San Juan, sentir o ar fresco no rosto. Além do mais, eu estava com certa curiosidade acerca daquele menino, que estava conosco havia dois meses e do qual não sabíamos quase nada, pois ele não se

relacionava com ninguém. Chamava-me muito a atenção que sua vida, até onde eu sabia, estivesse infestada de pequenos acasos ligados à minha. Além do fato de ter nascido uma hora antes de mim e no mesmo dia e ano, aconteciam com ele pequenas desgraças que depois não demoravam a acontecer comigo.

Certa vez, por exemplo, quando Iluminado caiu no pátio, depois de uma briga, não demorou nada e eu também caí. Se o castigavam, logo acabavam me castigando também, e às vezes chegavam a fazer isso sem nenhum motivo, como se fosse obrigatório por lei que tivessem de acontecer comigo as mesmas desgraças que lhe aconteciam. Se o reprovavam em alguma prova oral, logo acabavam me reprovando também. Com as coisas assim, Iluminado estava na minha mira. Eu chegara até mesmo a espiá-lo na sala de aula para ver se, descobrindo o que acontecia com ele, conseguiria saber o que logo ia acontecer comigo.

Naquela manhã desagradável, no momento em que Iluminado e eu saímos da sala e fomos para o corredor, ouviam-se as vozes dos mais baderneiros da classe, no fundo com inveja de nossa saída para tomar a fresca no Paseo de San Juan. A brincadeira foi a de sempre com o falso paraguaio, um menino estranho que só estava havia dois meses em nosso colégio.

— Adeus, senhor Clarividente.

A fuzarca com ele era incessante. Também o chamávamos de Radiante, Resplandecente, Reluzente, Refulgente, Castelltort, Esplendente. Aquele foi um dia de grandes risadas, de muito alvoroço, carteiras que se abriam para fechar-se com estrondo, de gargalhadas. Eram os mesmos debochados que, quando o professor não estava lá, rimavam Blas Colás com *no no matarás* ou com qualquer outra coisa. Mas naquele dia toda essa algaravia desesperada ia apagar-se e ficar para trás muito rapidamente. Em poucos segundos, Iluminado e eu chegamos à Calle Valencia e a atravessamos para entrar na Confeitaria Cabero, onde compramos alcaçuz, e depois fomos até o Paseo de San Juan e começamos a subir por sua parte central em direção à Diagonal. Em comparação com o ar viciado da escola, dava para notar, no mínimo, apesar de estarmos na tremenda Barcelona do pós-guerra, certa sensação de

liberdade e ar fresco, que era dada pelo bulício natural da rua naquele dia de trabalho, tão próximo das festas de fim de ano.

— E você, Castelltort — disse —, agora que ninguém está ouvindo, pode-se saber por que encosta tanto a cabeça?

— Acelero o fluxo da informação paterna — respondeu sem piscar.

Eu gelei. Não sabia que ele podia falar daquela maneira. Na classe parecia um idiota. Quem passou a parecer imbecil fui eu.

— Mas... o que, o que foi isso, que você disse?

— A informação paterna? É uma coisa que me chega pela cabeça. Meu pai morreu há quatro anos.

Ficou calado e eu, para dizer alguma coisa, dei-lhe os pêsames, mas de uma forma muito ridícula. Iluminado fingiu não ouvir.

— Agora tenta me mandar informação sobre o que devo fazer — continuou, impassível —, guia meus passos na vida. Sua informação, no entanto, chega muito fragmentada, como se ele tivesse dificuldade em me dar as instruções com clareza.

— O que você quer dizer com isso?

— Que só me chegam frases ou indicações bruscas, confusas. Há meses ele prometeu que vai procurar uma ideia original para mim. Com essa ideia, disse-me ele, eu abrirei caminho facilmente na vida. Mas parece que antes ele deve procurá-la. É sempre assim. Parece que vai me orientar e depois...

Comigo não acontecia isso. Meu pai tinha morrido havia três anos, ou seja, pouco depois que o dele, mas nunca se comunicava comigo nem procurava alguma ideia luminosa para mim.

— E por que ele tem dificuldade em falar com você? — perguntei.

— Ele se engana de mensagem toda hora. Acho que é porque está cansado. Bem, disso eu tenho certeza. Está muito cansado. Diz que precisaria descansar mais e não ficar andando tanto por aí com seus pais.

— Com os pais dele?

— Sim. Ele anda o dia todo por aí com meus avós, e vão pensando em alguma coisa original para mim, alguma coisa que, apesar de eu ter que suportar o eterno inconveniente de me chamar Iluminado, ajude-me a prosperar, a ser alguém na vida.

Uma boa ideia original para mim, entende? Mas acho que eles não a encontram.

— Andam por aí? E onde é esse aí?

— É o outro mundo.

Eu me calei. Aquilo era estranho, mas preferi ser cuidadoso. Primeiro devia cumprir minha missão e levá-lo até sua casa. Pedi-me que nos sentássemos um pouco num banco muito concreto do Paseo de San Juan, um que ficava um pouco além da Diagonal, subindo pela esquerda. Ou seja, neste mesmo banco de madeira no qual, cinquenta anos depois, estou agora, de costas para a Confeitaria Baylina, onde em outra época eu comprava, com minha pobre mãe viúva, as sobremesas de todos os domingos.

— É que aí na frente — disse-me Iluminado assim que nos sentamos no banco — está o escritório de uma gravadora. Ontem Los Shadows estavam por aqui. E, outro dia, Los Sirex.

Ele parecia saber que eu queria uma guitarra elétrica. E Los Shadows, além do mais, era minha banda favorita.

— E como você sabe o que tem nesse escritório? — perguntei.

— Minha mãe trabalha nele nos dias ímpares.

— Ah!

Estávamos num dia par.

— E sua mãe viu Los Shadows?

— É claro — disse com um ar de suficiência insuportável.

Sentamo-nos como dois velhinhos. Embora só tivéssemos dez anos, parecia que, como o pai de Iluminado, estávamos cansados de andar por aí. Naturalmente, o Paseo de San Juan também tinha algo do “outro mundo”. Para começar, era muito diferente do ambiente fechado do colégio. Passou uma enfermeira que sabíamos que era irmã do Marzo, um colega de classe cujo sobrenome se prestava a zombarias, principalmente porque havia outro na classe cujo sobrenome era Abril. Com a enfermeira Marzo nós dois imaginamos a mesma coisa: que ela não estava usando nada por baixo de seu avental branco. Foi o começo de nossa amizade.

— E o que seu pai diz dessa enfermeira? — perguntei depois de um tempo.

Iluminado Castelltort ficou pensativo. E comigo aconteceu a

mesma coisa, também fiquei pensando.

— Para saber eu teria que encostar a cabeça no banco — respondeu Iluminado finalmente.

E a encostou. Pouco depois, mandou-me um sorriso grandioso.

— Para saber, você terá que ficar comigo até de noite e não podemos sair daqui, principalmente isso, não podemos sair deste banco — disse.

— É o que seu pai diz?

Ficou pensativo novamente. Meu recente novo amigo continuava com a cabeça encostada no banco. Até que reagiu:

— Espere! Contraordem! Tudo vai acontecer quando encontrarmos minha mãe — disse de repente, levantando-se e falando como se estivesse fora de si.

— E o que estamos esperando?

De novo, ele ficou reflexivo. Com a cabeça encostada daquela forma, parecia estar falando com o banco pelo telefone.

— Quando encontrarmos minha mãe — repetiu, um pouco exaltado. — Está me ouvindo? Então vai acontecer tudo. Tudo!

E logo depois:

— Na verdade, deveríamos ir vê-la agora mesmo, agora mesmo.

Até me deu medo. O que era que devia acontecer? Decidimos subir o Paseo de San Juan e ir até a Travesera de Gracia, onde Iluminado dizia que ficava sua casa. Ali, seguindo de algum modo a vontade de seu pai, cumprimentaríamos sua mãe e eu, de passagem, daria a ela o recado de Blas Colás.

Nesse exato momento, quando íamos nos levantar do banco, aconteceu uma coisa que, para dizer da maneira mais simples, aconteceu muito rápido. Até então minha infância fora um trajeto lento, mas de repente as coisas se precipitaram e agora iam demorar muito para parar.

Saíram do prédio de escritórios, despreocupados e muito alegres, Los Shadows. Embora o céu estivesse bem nublado e se visse que ia chover, de repente a manhã para mim se tornou radiante. Cheguei a soltar uma discreta blasfêmia de admiração, algo incomum em mim. Eu quase não podia acreditar. Los Shadows, a passos rápidos, estavam descendo pelo Paseo, em direção ao sul,

rumo ao nosso colégio, em direção ao mar. Tudo aquilo me impressionou tanto que não hesitei em considerar a coisa mais importante que tinha acontecido na minha vida.

Surpreendido pela emoção, eu mal conseguia falar. Quando finalmente consegui, expliquei a Iluminado que eu queria ter uma guitarra elétrica como Los Shadows, mas que em minha casa não aceitavam que eu seguisse a carreira de artista. Iluminado não disse nada. Por um momento, pareceu-me muito ausente, como se seu pai estivesse fazendo testes dentro de sua cabecinha. Mas não dei muita importância a tudo aquilo porque o que realmente importava naquele momento era que eu tinha diante de mim os integrantes de minha banda favorita, que iam caminhando de forma descontraída pela calçada, Paseo de San Juan abaixo. Caminhavam quase transgredindo as normas cívicas, porque caminhavam como se dançassem, algo que parecia proibido na Barcelona cinza daqueles dias tristes do obscuro ano de 1963.

Iluminado e eu fomos caminhando atrás deles, a uma distância prudente. Tudo o que tinha de acontecer, aconteceu sem necessidade de ver a mãe de Iluminado, mas ele não concordava comigo, e insistia em que tudo aconteceria verdadeiramente quando nós a víssemos.

— É aí que tudo vai acontecer. Palavra de meu pai — dizia.

Mas eu só me perguntava como fazer para pedir um autógrafo ao guitarrista de óculos grandes, àquele que era a grande figura de Los Shadows, a Hank B. Marvin, meu ídolo.

Eu me sentia fora de mim ao perceber que estava tão perto dele. Para minha tranquilidade, Los Shadows não foram muito longe nem saíram dali em algum veículo, sentaram-se no terraço no Bar Pabellón na esquina do Paseo de San Juan com a Diagonal. Era o café onde às vezes meus pais iam se encontrar com amigos e vizinhos do bairro. O terraço estava deserto àquela hora da manhã em que todo mundo trabalhava. Era um lugar muito agradável, mas tinha o inconveniente de não facilitar nenhuma espionagem. Não havia nenhum banco de madeira, por exemplo, como os do Paseo de San Juan, algum lugar próximo onde posicionar-se de forma mais ou menos disfarçada. Ou a gente ficava sentado no terraço e

então a espionagem estava garantida (o que era impossível pra gente, por nossa idade minúscula), ou então a gente ficava de pé ali diante das mesas e em poucos segundos despertava todo tipo de suspeita. Restava a possibilidade, sem dúvida, de nos fazermos passar por transeuntes ocasionais e desfilar várias vezes diante do terraço.

De repente, o pai de Iluminado parecia ter certa urgência para comunicar a seu filho qual era a ideia original que tivera para que ele abrisse caminho na vida. Iluminado resolveu dar uns passos e recostar sua cabeça na imitação muito tosca de uma coluna dórica que havia na entrada do Bar Pabellón e que fora colocada ali como decoração obrigatória das iminentes festas natalinas. Fiquei a seu lado, como se quisesse escutar o que seu pai dizia. Se nos perguntassem alguma coisa, eu diria que estava simplesmente cumprindo a missão de que o professor Colás me encarregara. Enquanto isso, não podíamos estar mais bem situados, a dois passos de Los Shadows.

— *Tomaré un café* — ouvi Hank B. Marvin dizer em espanhol depois de assobiar alguns compassos de “Guitar Tango”.

Momento maravilhoso, também na lembrança. Marvin continua sendo meu ídolo. Agora, sentado aqui neste banco do Paseo, evoco sua maestria com as seis cordas. Sua música sempre me acompanhou.

— E eu um Cinzano branco — disse com voz rouca o espanhol de terno escuro que acompanhava o grupo.

Eu me sentia paralisado e ao mesmo tempo deslumbrado vendo-me tão perto de meus artistas favoritos. Tinha ali, a meu lado, os quatro Shadows e o curioso homem com bigodinho recortado e terno escuro que os acompanhava, os cinco falando ao mesmo tempo e rindo com uma desenvoltura e alegria pouco habituais naquele bairro fúnebre.

Então aconteceu, nunca vou esquecer, então *aconteceu* o que, de alguma forma, o pai de Iluminado anunciara. Apareceu em pleno terraço uma mulher estonteante e muito sorridente, os lábios bem pintados, um lenço cor-de-rosa na cabeça. O corpo e o rosto belíssimos, a meio caminho entre Ava Gardner e Silvana Pampanini.

Pálpebras sombreadas de cinza sobre uns olhos muito verdes. Bonitos joelhos e elegantes meias. Sapatos pretos baixos, uma saia plissada muito alegre e um atraente bolerinho cor de laranja. Era de uma modernidade deslumbrante, estranhíssima para o bairro e para a própria cidade. Como se não bastasse, estava usando, jogada com descuido sobre os ombros, uma gabardine avermelhada. Linda de morrer. Plantou-se entre Los Shadows e deu um beijo cinematográfico no homem do bigodinho. Os outros continuaram falando de suas coisas. Disse algo no ouvido do homem de terno escuro, algo interminável, parecia estar comendo sua orelha.

De repente, quando ela levantou a vista por um momento, descobriu nossa presença e seu rosto se transformou como jamais vi em qualquer outra pessoa. Olhou-nos incrédula, e depois caminhou cambaleante até onde estávamos. Descobri que era a mãe de Iluminado.

— Mas o que você está fazendo aqui? — perguntou a seu filho.

— Íamos lá em casa ver você — disse Iluminado, também com o rosto alterado.

O coitadinho só conseguiu pensar nisso para dizer. Estava subitamente pálido e tão ou mais surpreso que sua mãe e que eu mesmo, que andava até mais assustado do que eles, o que já era dizer muito.

Comecei a entender por que o pai de Iluminado nos alertara, lá do outro mundo, insistindo em que tudo aconteceria quando víssemos sua mulher. Lá do outro mundo ele estava sabendo tudo o que acontecia entre sua viúva e Los Shadows?

— O professor Colás me encarregou de entregar-lhe seu filho — disse solenemente à mãe, tentando mudar de conversa e, de quebra, acalmar as coisas, embora já soubesse que seria impossível.

A chuva agora parecia iminente. Ouviu-se um trovão ao longe. Estavam servindo as bebidas a Los Shadows e o garçom, ao fazer isso, olhava-nos de soslaio. O céu, cada vez mais carregado.

— Entregá-lo a mim? — disse a mãe de Iluminado.

— Sim, senhora. O professor Colás me mandou que lhe pedisse

que fossem vê-lo.

— E quem são os que devem ir vê-lo?

Ela tinha razão. Se não havia pai, o plural era absurdo.

— O professor Colás quer que a senhora vá, só a senhora, para vê-lo — corrigi.

— Para quê?

Fiquei tão nervoso que respondi que na certa o senhor Colás queria adverti-la de que Iluminado “pensava com a cabeça”. Logo percebi que me expressara ridiculamente mal, mas já era tarde para modificar o que dissera.

— Para quê? — repetiu ela muito nervosa.

— Paraguai — disse.

A verdade é que me saiu da alma. Seguiu-se um breve momento de silêncio. Outro trovão à distância, embora este já mais próximo.

— Escute, esse menino não é muito estranho? — perguntou ela a seu filho.

De repente eu me senti tão perdido e tão desamparado que me lembrei que tinha família. Mais, três anos atrás eu chegara a ter pai e mãe e podia até me considerar membro de uma família completa. Lembrei-me de meu pobre pai, já morto, dizendo todas aquelas bobagens, sempre. Lembrei-me nada mais nada menos de quando — era tão desajeitado o coitado —, para fazer um galanteio a minha mãe, ele dissera um dia em S’Agaró, na praia:

— Talvez você não seja a mais bonita da Espanha, mas está impregnada de santidade.

Coitado do meu pai. Depois voltei a mim e à realidade. A mãe estava dizendo a Iluminado:

— Olhe, filhinho, acho que você não deveria ter vindo aqui. Mas, já que está, vai ficar comigo. Despeça-se de seu amiguinho. Nunca mais você vai fugir com meninos tão estranhos e malvados.

Foi a pior coisa que me aconteceu até então na vida. Não só me mandavam para longe da vista de Los Shadows, como também me tratavam de estranho e malvado e me deixavam completamente sozinho na cidade, em plena rua. Tentei me negar a ir embora dali. Mas Iluminado, alterado pelos beijos que espiou sua mãe dando, não se comportou como um amigo e me enfiou a bandarilha.

— Vá embora ou vou lhe dar um pontapé na barriga — disse-me.

Essa frase é o de menos, depois de cinquenta anos, já esqueci. Voltei ao colégio com a cabeça baixa, como se eu também recebesse mensagens ou lamentos do pai de Iluminado. Voltei para a escola em meio a uma nuvem de confusão absoluta, que chegou ao auge quando o professor Blas Colás me perguntou se eu cumprira minha missão.

Ouviram-se risadinhas no fundo da sala.

— Não, senhor — disse eu. — Estive com Los Shadows.

Uma grande explosão de gargalhadas. Todas aquelas risadas me deram uma raiva imensa e me lembro muito bem de que a primeira coisa que pensei foi que eu demoraria muito tempo para esquecer aquela manhã estranha, não só por seus aspectos extraordinários, como o fato maravilhoso de ter visto Los Shadows, ou pela história de Iluminado e a surpresa que chegara de mãos dadas com sua mãe, mas também pelas malditas risadas zombeteiras daqueles imbecis que não conseguiam entender minha paixão por guitarras elétricas e minha emoção de ter estado, naquele mesmo dia, junto dos maiores músicos de minha época.

— Também vou me lembrar dessas risadas — disse a meu colega de carteira, que não entendeu, claro, nada daquilo.

Minutos depois, começou a chover. Depois caíra um dilúvio colossal durante dois dias seguidos, chegaram a fechar o colégio. Chuvas fortes daquele dezembro de 1963. Algumas nuvens pesadas e sujas sobrevoaram interminavelmente a cidade durante dois dias. Finalmente tudo acabou e na manhã em que voltei ao colégio a primeira coisa que soube foi que Iluminado nunca mais voltaria a pisar lá. Sua mãe o levava fulminantemente com ela para morar em Londres, cidade que naquela época considerávamos muito distante e que dava, sobretudo, inveja. Corria o boato de que Iluminado deixara uma mensagem de despedida que dizia: “Acho todos vocês desprezíveis”. Mas era só um boato.

Lembro que durante algumas horas eu quis acreditar que, se era verdade que muitas das coisas que aconteciam com Iluminado depois aconteciam comigo, eu também acabaria indo morar com Los Shadows e acabaria, além do mais, achando desprezíveis todos

os meus tristes colegas de classe. E naquele dia não preguei o olho a noite inteira. Foi justamente nessa noite que meu pai apareceu entre as sombras de meu quarto. O coitado estava muito sombrio, e também tropeçava nos móveis.

— Com sono, triste, abandonado — disse com a voz muito rouca.

Repetiu isso duas vezes. E depois não disse mais nada, só disse isso. Depois ficou mudo, como se estivesse apagando a si mesmo. E acabou se desvanecendo depois de tropeçar em outro móvel. Ele me pareceu mais morto do que nunca. Fiquei contente ao pensar que, de qualquer maneira, eu também conseguira estabelecer contato com meu pai. As coincidências não acabariam ali. Dois dias depois, na saída de uma matinada musical no Price, minha mãe me mostrou a fotografia do senhor de Granollers com quem pensava em se casar se eu lhe desse — disse isso com uma voz muito apagada — minha permissão. Chamava-se Juan e era vendedor de móveis, embora sua verdadeira inclinação fosse para a matemática.

— É um homem muito bom, que vai nos amar muito — disse minha mãe.

Voltei a olhar a foto. Era espantoso. Os grandes óculos, sua cara, tudo me lembrava Hank B. Marvin, o guitarrista de Los Shadows. Até seu nome, Juan, conforme era pronunciado, soava como Hank.

— Vou chamá-lo de Papai Hank — disse sem muito entusiasmo enquanto pensava, resignado, que aceitar aquele homem de óculos grandes podia ser como viver, de forma indireta, com Los Shadows.

— E este será o Natal de Papai Hank — acrescentou minha mãe, surpresa diante de minha reação dócil, sorrindo feliz ao ver que eu aceitava tão facilmente aquele estranho.

E foi o Natal de Papai Hank, caramba, se foi.

Sei que não vou demorar muito para ser um transeunte a menos no dia a dia deste Paseo, mas por enquanto sou alguém que ainda lembra, ou que lembra ainda. Depois de cinquenta anos afastado, cumpri meu velho sonho de vir até este banco do Paseo de San Juan, este banco acolhedor situado atrás da Confeitaria Baylina, e ali evocar aqueles dias de minha infância em que os acontecimentos se precipitaram e, diferentemente do resto de meus dias, muitas coisas aconteceram em grande velocidade em

pouco tempo, coisas que mudaram completamente minha vida e que interromperam bruscamente minha infância e determinaram, sem dúvida, meu destino.

Sim. Naqueles dias minha infância foi interrompida. E por isso são dias que não pude esquecer. Além do mais, outra história ficou interrompida. Porque sempre pensei que se eu pudesse saber como continuou a vida de Iluminado, possivelmente hoje em dia poderia me explicar melhor como a minha continuou.

Sei que se um dia eu encontrasse Iluminado por aí, a primeira coisa que faria seria perguntar pelo amante de sua mãe, o homem de terno escuro. Porque eu não estranharia que ele tivesse morrido naquele mesmo Natal. Porque meu Papai Hank durou dois dias. Eu estava preparando com minha mãe a noite de Natal quando ligaram e nos disseram que ele acabava de morrer atropelado por um carro na confluência da Bailén com a Via Layetana. Foi, logicamente, um grande pesar para minha mãe. E um Natal horrível.

Coitado do Papai Hank. Eu ia conhecê-lo naquela noite. Durante anos quis desenhar a figura daquele homem, compor seus contornos, fazê-lo adquirir uma forma que não conseguiu alcançar diante de mim em vida. Mas o que eu podia dizer se nunca soube quase nada dele? Lembro apenas, ao pé de seu leito mortuário, de um cão imóvel. E daquele velório interminável. E daquele cheiro horrível dos móveis, que preciso pensar que não era o mesmo fedor dos móveis que Papai Hank vendia. E das lágrimas grossas de minha mãe. Um Natal infeliz. Outra história interrompida naquele espaço tão mínimo de tão poucos dias. Papai Hank deixou — e isso foi realmente muito tocante — um tratado de matemática que era dedicado a mim e que ele pensava em me dar de presente naquela noite de Natal, que foi interrompida para sempre. “Para meu novo filho, este tratado *amateur* sobre a obstinada possibilidade da luz”, escrevera numa das margens. São coisas que não se esquecem.

No dia seguinte ao enterro, minha mãe me disse que em dois meses estaríamos indo morar em Madri. Não quero nem pensar no que teria sido a vida com Papai Hank. Prefiro pensar em Iluminado e ter fé em que algum dia saberei seu paradeiro e poderei comprovar se, tal como suponho, nossas vidas seguiram um

percurso paralelo. No dia seguinte, começaram os dois meses precedentes à mudança para Madri, onde ela conseguira um trabalho graças a Papai Hank. Em Madri, tive minha residência principal ao longo dos últimos cinquenta anos. Tive problemas renais e me operaram há seis meses, depois que eu sofri um importante colapso físico. Não me ocorrera nada parecido antes, e me transformei numa pessoa melhor depois disso (poderia ter acontecido o contrário, mas agora isso é o de menos), porque a verdade é que nenhuma pessoa sai ilesa de uma experiência dessas. Agora sou um mastigador de comida sem sal. É ridículo, mas eu me conformo e vou tocando da melhor maneira que posso. Tenho três filhos, quatro netos, duas casas, dois carros e uma infância suspensa em Barcelona e no tempo. Em todos os lugares do mundo para os quais viajei nesses anos procurei Iluminado na lista telefônica ou perguntando para as pessoas, sem sucesso. Devo ter ido a Barcelona uma dúzia de vezes ao longo desse meio século, sempre a trabalho. E em todas essas viagens indaguei o mais que pude, com grande intensidade em algumas ocasiões, mas nunca encontrei um só rastro, um só vestígio de Castelltort. Também o procurei na própria Madri e em cidades da Inglaterra, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos, do México, até da Austrália. Nem sinal do Iluminado. No máximo, risadas pelo nome do desaparecido.

Também investiguei, bastante a fundo, nas biografias dos amigos e conhecidos dos Shadows, e não encontrei nenhum sinal da mãe de Iluminado. Em certa ocasião, um amigo escocês me disse que havia topado com um Castelltort na lista telefônica de Blackburn, e fui até essa cidade expressamente em busca do Iluminado, mas também não encontrei nada. Meu amigo escocês simplesmente lera mal o sobrenome. Estou procurando Iluminado há cinquenta anos e às vezes imagino que o encontro em plena Londres e que nos reconhecemos de imediato.

— Vá embora ou vou lhe dar um pontapé na barriga — ele me diz.

Rimos, e nos abraçamos. Ele me fala de sua vida, conta-a de fio a pavio e eu recupero a infância. Vejo que ele também teve problemas renais e saiu de uma operação recente, tem três filhos,

quatro netos, duas casas, dois carros e uma infância suspensa em Barcelona e no tempo.

É verdade que tudo passa e que nossa sina é passar. O que houve com todas aquelas pessoas que naquela época pareciam eternamente assentadas neste Paseo? Não resta ninguém daquele tempo, só eu, que voltei para olhar com perplexidade este espaço de lembrança e, trêmulo, contemplar a infância, vista hoje como uma história repentinamente interrompida certo dia no Paseo pelo qual hoje não circula mais a vida de antes. A infância, esse deserto. Não ignoro que amanhã também serei eu que deixará de passar por estas ruas, aquele que talvez alguém evocará vagamente perguntando-se o que teria sido feito de mim, perguntando-se o que teria sido daquele que um dia, tendo completado sessenta anos, veio a este Paseo de San Juan para lembrar de alguns dias de sua infância que mudaram sua vida e que cinquenta anos de pois recordou escrevendo justamente estas linhas que agora concluo imaginando que me encontro com Iluminado, que aparece de repente, arrastando o peso dos anos e falando com sotaque argentino, apresentando-se aqui e agora junto ao velho banco de madeira, de costas para a eternidade e para a Baylina.

— *Sabe?* Nunca saí do bairro.

Vida de poeta

Nunca vou esquecer aquela visita a Ronda. Fui para lá quando era adolescente, com meus pais e meus irmãos, numa dessas viagens familiares tão comuns na década de setenta. Era a época em que o país começava a prosperar economicamente e as famílias de classe média, como a minha, compravam automóveis modestos e se entregavam a um tímido turismo por terras de Portugal e Espanha. Não esquecerei a visita a Ronda, onde morava um tio distante da família de minha mãe. Tratava-se de um homem seco e introspectivo, velho republicano, professor num instituto da cidade, um homem com um discurso pavorosamente antiquado, muito encarquilhado. A família dizia que ele levava uma vida de poeta. Parecia obcecado pela poesia de Rilke, e meus pais e irmãos ouviam-no com estranheza. Nós não tínhamos interesse por poesia, saíamos de uma difícil luta pela sobrevivência nua e crua e não estávamos para florituras nem loucuras. O poeta, com seu ar envelhecido e seu discurso arcaico, não parecia perceber nada disso e nos falava repetidamente de Rilke, que passara uma longa temporada em Ronda, inspirando-se todas as tardes no Puente Nuevo, olhando sempre dali para o impressionante precipício que os moradores de Ronda chamam de El Tajo.

Ao entardecer, me afastei um pouco do grupo familiar e fiquei debruçado, por um momento, no espantoso promontório que dá para o vazio no centro de Ronda e a cujos pés se estende o vale fechado pelas montanhas. O poeta não demorou a se aproximar e me perguntou se eu gostava daquela vista tão imponente. Eu disse, com minhas palavras de adolescente, que meu olhar era atraído exclusivamente para aquela pavorosa queda de cem metros, para o soberbo precipício. Então o homem, imprimindo a sua voz uma súbita grandeza, sussurrou-me estas palavras no ouvido, como

quem transmite um segredo herdado de geração em geração e felizmente preservado:

— As obras de arte, escassas, dão conteúdo intelectual ao vazio.

Nunca esqueci sua frase. Soou como um prolongamento de seu discurso vagamente tresnoitado, mas me abriu os olhos e sempre pensei que me salvou a vida.

Vazio de poder

E hoje vem perfeitamente ao caso aquela viagem fascinante empreendida pelo personagem central de "El hechizado", o conto de Francisco Ayala que Borges considerava um dos mais memoráveis da literatura hispânica. A estrutura da narrativa de Ayala foi pensada para nos levar por um intrincado labirinto burocrático e corrupto exatamente até o próprio vazio de poder da época. A história, situada nos tempos de Carlos II, o Enfeitiçado, narra como um modesto súdito parte da periferia andina e inicia uma viagem com a íntima e última esperança de se aproximar da capital do império e do próprio centro do poder e, se possível, ver o rei da Espanha. Passa por mil peripécias e atravessa o mais complicado e burocrático labirinto até chegar a Madri, onde suborna uma anã no Palácio Real e consegue que lhe abram a porta da câmara do monarca e ali vê, sentado em seu trono, um triste enfeitiçado imbecil, um sujeitinho com uma renda belga umedecida pelas babas infatigáveis que fluem de seus lábios e com umas vestes que, devido à incontinência que o aflige, despedem um forte, insuportável cheiro de urina. Ali, no núcleo puro e duro do oco império, termina o sonho e a viagem do súdito andino, sem dúvida com a indelével revelação de que todo estado é pura aparência e ficção que responde a uma estrutura falsa, armada em torno de um centro abissalmente ausente.

Exterior de luz

Um amigo diz que leio os demais até torná-los outros. Embora eu fosse consciente disso, nunca tinha parado para pensar no assunto. Esta manhã, enquanto lia *Prosas apátridas* de Juan Ramón Ribeyro, lembrei-me da frase de meu amigo e passei a me observar na operação de ler Ribeyro com admiração e paixão, mas também com um ânimo muito ativo de leitor.

Trata-se de ler de uma forma criativa. Gosto tanto dessas *Prosas apátridas* que as leio do começo ao fim, de mil maneiras diferentes, e lhes dou orientações e leituras de todo tipo, torno-as minhas sabendo que são de todos. Esta manhã, sentei-me na poltrona de casa diante do sol frio deste inverno e entrei ao acaso nessas admiráveis *Prosas* que Ribeyro qualificou de *apátridas* porque, não encontrando lugar em seus livros já publicados nem se ajustando inteiramente a nenhum gênero, careciam de um território literário próprio.

Eu saberia essas *Prosas* de cor se não voasse mentalmente enquanto as leio. Invento-as, transformo-as e oriento-as em múltiplas direções. Com a imaginação eu as reescrevo, e depois volto a elas para ver se consigo averiguar o que dizem realmente essas prosas apátridas tão rápidas, tão apegadas ao voo.

Na rua Gay-Lussac, Ribeyro cruza com o colombiano que viajou em seu camarote quando voltou ao Peru em 1958 a bordo do *Marco Polo*. Na época, ficaram muito amigos, viviam fechados num pequeno espaço, liam, fumavam e bebiam juntos. Agora, seis anos mais tarde, cruzam-se como dois desconhecidos, "sem ânimo de avançar para um aperto de mãos".

Não é apenas a fragilidade da amizade que surpreende Ribeyro,

mas a coincidência de terem se cruzado em Paris, de os dois terem estado outra vez, ainda que por alguns segundos, ocupando um espaço reduzido. O que surpreende Ribeyro é o infinito encadeamento de circunstâncias favoráveis para que esse encontro se produza. “Desde que nos despedimos em Cartagena de Indias em 1958 até há pouco na Gay-Lussac, todos os atos de sua vida e os meus devem ter sido dirigidos, regulados com uma precisão inumana para coincidirmos, ele e eu, na mesma calçada.”

Em meio às reflexões de Ribeyro (“Na vida, na realidade, não fazemos outra coisa senão cruzar com as pessoas. Cruzar com elas e sempre por acaso. E sempre nos separarmos”), meu olhar repousa no simulacro de escaravelho que comprei em Paris há, hoje, exatamente trinta anos e que, desde o primeiro momento, encontrou na superfície do móvel vermelho seu lugar idôneo nesta casa, pois jamais se movera dali. Seu grande colorido me dá uma alegria de viver e uma constante ideia de estar renascendo. É tudo o que posso dizer dele para explicar que tenha sobrevivido às numerosíssimas mudanças a que em trinta anos estiveram submetidos todos os objetos desta casa.

Pensando em casualidades, lembro-me agora daquela que Jung conta sobre uma paciente que sonhava obsessivamente com escaravelhos. Jung estava em seu consultório em plena terapia com a doente quando ouviu umas batidinhas na janela. A mulher interrompeu a narração de seu mais recente pesadelo com os coleópteros. Jung foi até a janela e, ao abri-la, entrou voando um escaravelho de uma espécie muito rara na Suíça, que era o lugar onde eles estavam.

A *sincronicidade* foi o termo que o próprio Jung cunhou depois da visita daquele escaravelho que surpreendeu os dois, médico e paciente, e que causou um choque tão grande na mulher que a ajudou a superar a situação que inconscientemente se negava a enfrentar. Como se não bastasse, Jung encontrou nos antigos egípcios o simbolismo do Renascimento naquela sincronia de escaravelho e consulta médica. O doutor e a paciente saíram

renascidos e mais fortes daquela estranha experiência.

Ao mesmo tempo que me digo que a história dos grandes descobrimentos está tecida de casualidades, fico admirado ao observar que todos os atos da vida do escaravelho e da senhora devem ter sido dirigidos, regulados com uma precisão inumana para coincidirem, ela e o coleóptero, no mesmo consultório ilustre.

De noite, enquanto leio um trecho no qual Ribeyro diz que quase nunca nos parecemos conosco mesmos, pouco a pouco vou me acostumando à escuridão das trevas, e começo a ver formas. Todas são parecidas com relâmpagos e estão acompanhadas de um assobio que me revela uma nova dimensão, desconhecida, dos raios. Descubro, espantado, que já não tenho lembranças da infância. Saio para um exterior de luz e há velas muito brancas de barcos estalando e chicoteando ao vento. Lá em cima, algumas estrelas impassíveis. Peço à pessoa com a qual acabo de cruzar e que não via fazia trinta anos que me diga que esta vida não passa de um prólogo confuso e que o texto propriamente dito ainda não começou. “Já faz um tempinho que você pulou o prólogo. Ou será que ainda não percebeu?”, responde-me com uma voz suave, amenizando assim o efeito que suas palavras possam me causar, pois está me dizendo que estou no outro mundo. Fui além de todos os abismos. Silêncio e luminosidade. E um velho conhecido, o estúpido de sempre, com uma gabardine elétrica, no final de um cais sob a chuva. A eternidade, que conspira para romper a linha do horizonte, de repente me mostra — falsa, cruel e bela, repetindo-se obsessivamente como um fotograma encajado num velho filme — a única certeza de que agora disponho: a imagem das marcas noturnas que um escaravelho vai deixando nesse exterior de luz, no fio prateado da distância.

Um tédio magnífico

Eram os primeiros minutos do amanhecer. Simone pensou que se não houvesse ninguém interessante nas alturas, teria de procurá-lo em terra firme. Ou não precisava mais procurar nada? Ficou na cama se espreguiçando lentamente, com uma preguiça infinita, observando as partículas de pó que se aglomeravam num raio de sol dentro de seu quarto às escuras. Então ouviu o grito. Alguém havia gritado ao amanhecer, numa casa próxima, talvez em seu próprio imóvel, talvez em seu próprio quarto. Para Simone foi a coisa mais parecida com uma catarse, porque teve a sensação de que em seu despertar ia existir um antes e um depois daquele grito. Logo viu que não seria assim. O grito havia passado e tudo continuava igualmente cinzento e monótono como antes. Voltou a seu tédio e chegou a uma firme conclusão sem que tenha, previamente, se dedicado a procurá-la. A partir daquele momento, enfrentaria diretamente a verdade e suportaria o vazio e, portanto, aceitaria a morte. Afinal de contas, pensou, a verdade se encontra do lado da morte, sempre disse isso. Depois voltou às partículas de pó, aquela espécie de poesia do invisível. Irei além da preguiça do infinito, disse para si. Esta era sua meta na plenitude de seu magnífico despertar de morta. Porque tinha acordado morta, espreguiçando-se suavemente ociosa, esplendorosa.

Porque ela não pediu isso

I. A VIAGEM DE RITA MALÚ

1

Nunca houve melhor imitadora de Sophie Calle do que Rita Malú. Rita gostava que a considerassem uma artista, embora não estivesse nem um pouco segura de ser uma. Fizera experimentos variados com a verdade, o que alguém havia batizado como *romances de parede* e que não passavam de modestas homenagens a sua admirada Sophie Calle, a “artista narrativa” por excelência, a artista que tinha apenas um ano de diferença dela. Havia entre as duas mulheres uma notável semelhança física. Seus rostos, por exemplo, se Rita se maquiasse bem, poderiam parecer quase idênticos. No que as duas eram menos parecidas era na altura, pois Rita Malú era alguns centímetros mais alta. Ela se divertia dizendo que era “alta e mundial”, se divertia dizendo isso a seus amigos, mas só era alta, nem um pouco mundial. Se fosse mais baixa, poderia até guardar uma semelhança decisiva com Sophie Calle, que era, ela sem dúvida, uma figura mundial. Mas a altura de Malú era um obstáculo para que se produzisse uma semelhança física decisiva, quase absoluta. Mesmo assim, não se pode dizer que Rita Malú não tentasse imitar em tudo sua admirada Sophie Calle. Entre outras coisas, penteava-se e se vestia como ela. Além disso, espiava-a com muita frequência. Espiava-a pelo bairro, pois fora morar em Malakoff, bairro de Paris, para ficar mais perto daquela mulher que secretamente imitava.

Quando podia, Rita Malú tomava nota até das menores mudanças físicas que se produziam em Sophie Calle. Sabia onde ela comprava roupa e comida e às vezes a seguia no metrô ou num táxi para averiguar com quem, longe de Malakoff, ela se encontrava e que amantes, namorados, amigas, maridos ou parentes tinha. Sonhava com o dia em que Sophie Calle notaria sua existência e lhe faria o favor de comparecer a uma dessas exposições que de vez em quando ela montava numa galeria de arte da Rue de Marseille, uma galeria no térreo, bem embaixo do piso onde Rita nascera.

Apesar de ter ido viver em Malakoff e de ter um temperamento meio hermético (ou talvez simplesmente melancólico), Rita Malú continuava sendo muito querida na Rue de Marseille e na galeria permitiam que ela expusesse de vez em quando seus *romances de parede*, um peculiar gênero artístico copiado de Sophie Calle: narrações reais mas de corte romanesco, contadas por intermédio de fotografias penduradas nas paredes das salas de arte e com a própria fotógrafa como centro dessas histórias.

Suas relações com os homens sempre haviam sido estranhas, desconcertantes. Quando tinha vinte anos, seu pai — de origem mexicana e milionário secreto — morreu deixando uma pequena fortuna que nem ela nem ninguém sabia que ele fora entesourando unicamente para sua filha. E todo mundo, na Rue de Marseille, pensou que ela não demoraria a arrumar um namorado. Afinal de contas, era bonita. Ainda que desajeitada. Parecia incomodada com seu corpo, que ela considerava muito alto comparado ao de Sophie Calle. Isso fazia com que muitas vezes ela andasse curvada para ajustar-se à altura de sua admirada artista. Na verdade, enganava-se ao se curvar e o fato é que isso a foi prejudicando, sem dúvida absurdamente, pois não havia por que transformar a questão da altura num problema.

Houve dias em que ela foi vista falando encurvada demais com os jovens do bairro. Começou a se fechar em si mesma e em sua a princípio secreta (e depois mais evidente) adoração por Sophie Calle. Todo o bairro amava Rita, e ela amava o bairro e ninguém em particular. E com o tempo ficou cada vez mais esquiva e, principalmente, mais silenciosa. Apenas de vez em quando, sozinha

em sua casa ou numa reunião ou junto de algum pretendente, rompia seu hermetismo para dizer em voz baixa e de forma ligeiramente educada e refinada: “Que tédio”. E pouco depois voltava para sua melancolia.

E assim, quase sem perceber, chegou o dia em que completou trinta anos, uma idade que alcançou transformada na melhor imitadora que Sophie Calle tinha neste mundo. Ela começara a admirá-la de uma forma muito precoce, pois lera casualmente (com uma atenção exorbitante, como certamente ninguém mais neste mundo) o primeiro recorte de jornal que falou de Sophie Calle e percebeu a semelhança física que havia entre as duas e ficou fascinada ao ter notícias da estranha obra dessa artista que também havia nascido em Paris, como ela, e desde esse primeiro momento passou a imitá-la, preenchendo assim, modestamente, o vazio de sua vida.

E depois completou trinta e cinco anos, já transformada no vivo e secreto retrato de Sophie Calle. E continuava sem namorado, pois rejeitava todos. No dia em que completou quarenta, viu-se na grande sala de sua casa junto a um enorme buquê de flores. “Vejam só. Ainda tenho meus apaixonados”, disse com uma expressão de tédio absoluto. E alguns meses depois deixou de morar na Rue de Marseille, onde só voltaria para expor seus *romances de parede*. Expôs ali três vezes, e na última só havia fotografias nas quais se contava a história de uma mulher que perseguia, com câmeras fotográficas e sem ser notada, diversos desconhecidos. “Que tédio”, era ouvida dizendo de vez em quando. E sempre rejeitando pretendentes.

2

Um dia, Rita Malú decidiu começar o ano de 2006 dando leves retoques em sua vida. E não porque fosse início de ano — época em que geralmente as pessoas fazem grandes planos para si mesmas e tentam mudar suas vidas —, mas porque já não aguentava mais,

simplesmente não conseguia mais suportar; já fazia alguns meses que sua casa no bairro de Malakoff a deixava entediada a tal ponto que começara a detestá-la.

“Odeio o domicílio”, escreveu naquela manhã em letras vermelhas numa caderneta na qual costumava anotar algumas impressões acerca de seus estados de espírito. Até a palavra *domicílio* lhe parecia horrível. A primeira coisa que fez para mudar ligeiramente sua vida foi nomear-se detetive particular e decorar parte de sua casa como se fosse o escritório de Sam Spade no filme *O falcão maltês*. Baseando-se em fotografias do filme, uns homens instalaram para ela em poucos dias a mesma porta de vidro que se vê no filme de Huston, a mesma porta com o nome de Sam Spade gravado nela, ou melhor, com o nome de Rita no lugar do de Sam. Depois, montou por conta própria um escritório com muitos papéis revirados e arquivos e até comprou um ventilador totalmente desnecessário para aquela época do ano. E pôs anúncios em vários jornais da cidade: “Podemos encontrar a pessoa mais escondida da terra. Rita Spade. Detetives particulares”.

Ao longo de duas semanas o anúncio saiu todos os dias em diversos jornais, mas ninguém ligou para o telefone que aparecia no pequeno classificado. Ninguém solicitou seus serviços. Um dia, cansada de esperar (e pensando que, afinal de contas, tudo aquilo não estava funcionando mas sempre podia lhe servir para um novo *romance de parede* na Rue de Marseille), partiu para a ação e, penteando-se com brilhantina, vestindo-se como um homem de expressão vil, tirou quatro fotos de carteira de identidade e com elas foi a vários bares e hotéis de Montparnasse perguntar se o tinham visto por ali, perguntar, na verdade, por ela mesma.

“Você já viu este sujeito antes?”, perguntava.

Ninguém sabia nada daquele homem. Algumas brincadeiras. “Deve ser um grande de um safado”, disseram-lhe no balcão do Select. Antes de sair dos bares que visitava, deixava um cartão com o endereço e o telefone de seu escritório e pedia que ligassem para ela se vissem aquele monstro por ali. “Que crime ele cometeu?”, perguntou um garçom do Blue Bar. Rita deu de ombros e depois, curvando-se mais do que nunca, disse: “Não sei, sei que me

encarregaram de procurá-lo". "E você acha que vai encontrá-lo?", disse o garçom. Rita inventou na hora: "Acho que na verdade é fácil encontrá-lo. Basta ir procurá-lo em sua casa". Conseguindo desconcertar o garçom, foi embora, voltou para seu odiado domicílio. Aquele dia tinha valido a pena, no mínimo por ter visto a cara de estúpido daquele homem.

3

Certo dia, quando ninguém esperava, Rita Malú recebeu um telefonema de uma mulher que disse ter uma proposta a lhe fazer, mas que não podia ser por telefone. Finalmente um cliente! Naquele dia, a vida pareceu adquirir outro sentido para ela. Combinaram de se ver duas horas depois no escritório detetivesco. A mulher tinha um rosto muito pálido e era muito magra, devia ter uns trinta anos, vestia-se com sobriedade, parecia triste, seu nome era Dora. Chamara muito sua atenção, disse a mulher, que no anúncio — "tão original", sublinhou — garantissem que podiam encontrar um homem escondido. Isso combinava, disse, com o perfil de investigador de que ela precisava. Queria que procurassem seu ex-marido, um jovem e famoso escritor que há meses tinha paradeiro desconhecido, sem repassar a pensão mensal a que ela tinha direito. O escritor publicara, não havia muito tempo, um romance, o quinto de sua carreira literária. Nele, dramatizara seu próprio desaparecimento. Ou, dizendo de outro modo, esfumara-se dentro do texto. Não fora mais visto desde a publicação daquele livro. Chegaram rumores de que ele se refugiara na ilha de Pico, nos Açores. Tratava-se de uma ilha ocupada quase que inteiramente por um grande vulcão, um lugar perdido no meio do Oceano Atlântico. Uma ilha da qual seu ex-marido já falara em outro de seus romances e que ele conhecia muito bem. Certamente estava escondido lá, mas o lugar ficava longe para ir descobri-lo. Confiava em que naquela agência — ela pagaria esplendidamente bem — pudessem investigar e encontrá-lo, fosse em Pico ou em

qualquer outro lugar, descobri-lo e instigá-lo a fazer a droga do favor de voltar a lhe pagar a pensão mensal.

Bastaram cinco minutos para que Rita Malú não tivesse mais dúvidas sobre o que estava acontecendo. Aquele escritor desaparecido existia, chamava-se Jean Turner, e um dia já ouvira falar dele. Até aí tudo certo, mas aquela mulher, aquela primeira cliente, estava louca. Apaixonara-se por um livro de Turner que tinha acabado de ler. E começara a pensar, a querer acreditar que o personagem central desse livro (o jovem escritor) era seu ex-marido.

Rita teve até um pouco de medo ao ver que estava diante de uma perfeita louca. E quando, depois de muito esforço, conseguiu se livrar dela, disse a si mesma que no dia seguinte fecharia o escritório. O jogo havia terminado. Se continuasse naquele rumo, parecia destinada a ter somente clientes perturbados. Deitou-se e sonhou com uma pequena casa totalmente pintada de vermelho no alto de um pequeno promontório, uma casa que lhe agradou muitíssimo. Incapaz de esconder seu encantamento, batia à porta da pequena casa vermelha, que finalmente era aberta por um ancião. Na hora em que ela começou a falar com o velho, acordou. Mas essa casa vermelha permaneceria em sua memória durante muitos dias. A casa e o velho. Pensou que era possível, mesmo, que ambos estivessem num lugar real.

Fossem quais fossem os motivos, a visita da estranha cliente louca a deixara um pouco impressionada. E no dia seguinte foi comprar o livro de Jean Turner, o jovem escritor que a louca via como seu ex-marido. A quarta capa lhe confirmou que nesse livro Turner narrava, de fato, seu desaparecimento, mas Rita também comprovaria, horas depois, que na verdade o autor só desaparecia no livro. Na vida real, simplesmente se retirara para a ilha de Pico e não escondera isso de ninguém.

Que pensar de tudo aquilo? Rita ficou olhando a foto de Turner na quarta capa: jovem de trinta anos, muito alto, extremamente magro, orelhas de morcego, o rosto bem estreito e uma abundante barba castanha; casaco roído pelas traças, um boné de beisebol e um cachecol azul marinho. Um sujeito bastante horrível. Mas

comprou esse livro e os quatro anteriores do autor. Afinal de contas, o pobre Turner, sem saber, afastara-a um pouco de seu tédio cotidiano. E naquela mesma tarde pode ver que os Açores eram um motivo recorrente em seu quarto livro, onde falava muito do Peter's Bar da cidade de Horta na ilha de Faial, ilha que ficava diante da de Pico.

Rita convenceu-se de sua ideia de fechar seu estéril escritório de detetive e deixar seu nada excitante percurso pelos bares de Montparnasse perguntando por ela mesma. E pensou em viajar. Por que não fugir da monotonia e viajar para as ilhas dos Açores procurando um homem, o próprio Turner, por exemplo? Nunca tinha ido atrás de um homem. Uma variante dessa história de não ir atrás de homem nenhum podia ser viajar aos Açores para encontrar um sujeito feio, vulgar, alguém por quem não tinha o menor interesse. O homem, o escritor de abundante barba castanha, era o de menos. Por que não, por um tempo, começar uma caminhada no estilo da Alice de Lewis Carroll (este livro que, quando ela era adolescente, tanto lhe agradara) e viajar errante sem saber bem os motivos que a levavam a ir de um lugar para o outro?

4

Três dias depois, Rita já estava em Lisboa, uma parada obrigatória antes de dar o salto para os Açores. Em sua mala (uma espécie de *boîte-en-valise* no estilo de Marcel Duchamp) levava resumida, miniaturizada, a obra de Sophie Calle, bem como um livro de Simone Weil, uma escritora que mexia com ela desde que soubera que desprezava as artes da imaginação, pois lhe pareciam um truque para dissimular o imenso vazio de nossa mortalidade.

Decidiu conhecer Lisboa e adiar para o dia seguinte a conexão do voo para a ilha de Faial, nos Açores. O dia estava frio, bem invernal. E Rita, sem saber por que, como se tivesse recebido uma ordem (como se alguém, atrás dela, pensasse que ela não ia a lugar nenhum e a mandasse ir a algum), foi a esse lugar aterrador perto

de Lisboa, a três quilômetros de Cascais, a esse lugar terrível no inverno que é a Boca do Inferno. Ali o mar sobe e chega nas enseadas e fendas que há nas rochas, fazendo com que as águas rujam com um ruído pavoroso e respinguem a grande altura nos dias de tormenta.

Boca do Inferno é o lugar tradicional dos suicidas de Lisboa. Ali, num gesto gratuito e no mínimo contrário à ideia bastante propagada de encomendar-se a Deus nas viagens, Rita se pôs ao amparo da fantasmagórica figura do mago e ocultista Aleister Crowley, aquele homem que em 1930 viajou a Lisboa para cumprimentar Fernando Pessoa e que simulou seu desaparecimento na Boca do Inferno deixando abandonada ali sua cigarreira de ouro com um bilhete dentro (esse bilhete deu a volta ao mundo, pois na época aquele ocultista era uma figura muito conhecida e, além disso, um cúmplice dele se encarregou de informar o *Diário de Notícias*, de Lisboa), no qual ele dizia ter se suicidado.

Rita copiou o gesto do diabólico Crowley e numa cigarreira comprada na rua dos Douradores deixou na Boca do Inferno uma mensagem na qual comunicava ao mundo seu suicídio, ao mesmo tempo que, com palavras de amor, escritas em português, despedia-se de Sophie Calle.

Em poucos minutos, imprevisivelmente, sentiu como se aquele gesto tão gratuito de escrever uma mensagem acabasse retribuindo sua confiança no jogo, e o recompensasse permitindo-lhe ir espiritualmente longe, bem longe dela mesma, e o que ainda pareceu mais estranho: permitindo que, durante alguns segundos que lhe pareceram eternos, ela sentisse que se havia transformado em Sophie Calle.

Teve até a impressão de estar perdendo centímetros de altura.

Então escreveu outra mensagem e a substituiu pela que depositara antes na cigarreira. A mensagem dizia exatamente a mesma coisa, só que nessa ocasião estava assinada por Sophie Calle: *“Não posso viver sem ti. A outra Boca do Inferno apanhar-me-á — não será tão quente como a tua”*.

Depois, recuperou sua personalidade e saiu da Boca do Inferno andando visivelmente curvada, como se a mala estivesse muito

pesada. Existe uma meta, mas não um caminho. O que chamamos de caminho são hesitações, pensou por pensar.

5

Quando, dois dias depois, Rita Malú chegou a Faial, a ilha que ficava em frente a de Pico, confirmou sua impressão de que, embora nunca tivesse ido atrás de um homem, uma variante dessa história de não ir atrás de ninguém era o que estava fazendo, ou seja, viajar aos Açores a fim de encontrar um sujeito feio, vulgar, alguém por quem não tinha o menor interesse.

As ilhas lhe pareceram, desde o primeiro instante, a própria lonjura. Ilhas no meio do Oceano Atlântico, distantes de tudo. Da Europa e da América. Talvez essa lonjura fosse o encanto dos Açores. Em todo o caso, o lugar era ideal para deixar para trás o ruído mundano. O primeiro entardecer que viu era moroso, muito lento. Belo crepúsculo ensanguentado. Viu-o do terraço de seu quarto da pousada de Santa Cruz na ilha de Faial, com a misteriosa Pico em frente.

A ilha de Pico era um cone vulcânico que se destacava do oceano, não passava de uma elevada e abrupta montanha pousada sobre o mar. Tinha apenas três pequenos povoados costeiros ao pé do vulcão: Madalena, São Roque e Lajes, onde havia um pequeno museu de baleias. Era uma ilha muito estranha, muito inquietante, bastava olhá-la de Faial para entender, bastava contemplar furtivamente a silhueta imprecisa de seu vulcão. Mas parecia ainda mais estranha se a pessoa — como ela estava fazendo — a visitava no inverno, aproximava-se para vê-la de perto, pois tudo aquilo impunha respeito, era como tocar o portal do tempo perdido.

Na ilha de Faial ficava o Café Sport, também conhecido como Peter's Bar, um lugar extraordinário: a meio caminho entre uma taberna e um local de encontro, uma agência de informação e uma agência postal; ali iam os velhos pescadores de baleias, mas também o pessoal dos barcos que faziam a travessia atlântica e

outros percursos mais longos; havia um quadro de madeira que recolhia todo tipo de notas, telegramas, cartas, lembranças inventadas, desenhos de barcos com frases que muitas vezes pareciam escritas por náufragos da vida.

Quando Rita Malú chegou ao Café Sport, fazia pouquíssimas semanas que morrera José Azevedo, batizado de Peter pelos ingleses na Segunda Guerra Mundial, o mítico Peter. Agora era seu filho, José Henrique Azevedo, que dirigia esse bar que num primeiro momento, já há quase um século, nascera para dar bebida aos estrangeiros, aos navegantes solitários do Atlântico e aos pescadores de baleias. O tempo no canal que ligava Pico a Faial era péssimo, muito tormentoso, e impedia a saída dos ferrys. Não que Rita tivesse pressa de ir a Pico em busca do escritor da povoada barba castanha. Que poderia dizer a esse homem quando o encontrasse? Provavelmente não se atreveria a dizer nada.

À espera de que a tormenta amainasse, passou dois dias intensos conversando no Café Sport com os antigos baleeiros, os quais fotografava enquanto estes contavam as mais apaixonantes histórias sobre os dias em que a caça de cetáceos era permitida nos Açores.

Herman Melville, em *Moby Dick*, dizia que os pescadores mais corajosos do mundo eram os dos Açores. E Rita, que ficara sabendo disso, fora se sentindo cada vez mais à vontade entre os herdeiros daqueles titãs, gente que contava velhas histórias do mar que ela anotava em seus cadernos. Ao registrar todos esses relatos sobre o mundo perdido dos antigos baleeiros teve a sensação de estar vivendo momentos felizes de sua vida, talvez porque nunca — nem na Boca do Inferno — sentira-se tão próxima de Sophie Calle, da pessoa que sempre havia modestamente imitado.

De noite, quando passava a limpo alguns dos relatos dos marinheiros, pensava na exposição que, quando voltasse a Paris, faria na Rue de Marseille e para a qual se atreveria a convidar a própria Sophie Calle para que esta pudesse ver como sua melhor imitadora começara a saber imitá-la de verdade. Com todos aqueles antigos baleeiros de Faial ela faria um surpreendente *romance de parede*. Todo o bairro veria o que ela fora capaz de

conseguir.

Sentia-se quase perfeita. Porque, além do mais, não só eram histórias de caça a baleias que eles lhe contavam, também escutava suas histórias de espionagem da Segunda Guerra Mundial, de quando Faial era um lugar estratégico e ponto de abastecimento dos barcos aliados e dos hidroaviões americanos — os célebres *clippers* — que fundeavam na baía de Horta diante do Café Sport.

Dois dias depois de sua chegada, tendo se assegurado de que naquele momento ninguém a via, Rita Malú, a título de piada interna, pendurou no quadro de madeira do Café Sport uma mensagem anônima: “Sou uma náufraga da vida que está aqui para rejeitar o que considera seu último pretendente”. Rita sempre teve certeza de que ninguém ia pensar que essa mensagem tinha sido escrita pela prosaica jornalista que se movia entre eles com medo — isso os outros não sabiam — de que o mau tempo no canal cessasse e ela se sentisse obrigada a pegar o ferry até Pico em busca do pretendente que sentia que — embora ninguém lhe pedisse isso, na verdade ninguém lhe pedia nada — devia rejeitar para assim, de algum modo, despedir-se de uma vez por todas do fantasma do amor.

“O amor? Acredito nele, mas não é para mim, que nunca estive nem estarei apaixonada”, escreveu Rita num pequeno papel que pendurou algumas horas depois — também quando ninguém a via — na zona mais povoada de cartas de amor do acolhedor quadro de avisos do Café Sport.

No dia seguinte, o bom tempo finalmente permitia a navegação do ferry que ia para Pico. Alguns velhos baleeiros — transformados em pretendentes chatos — tinham se oferecido para acompanhá-la, mas Rita deu um jeito de evitar a companhia de tantos homens impertinentes. Para que a deixassem em paz, chegou a tirar da mala uma foto de casamento, uma foto que sempre levava consigo para se proteger de possíveis carrapatos. Embora não parecesse, era na verdade a foto de outra, a que Sophie Calle tirara em seu falso casamento. Como se parecia muito com a artista que imitava, todos acreditaram que era ela no dia de suas núpcias.

“Que tédio”, disse-lhes depois como despedida, e embarcou rumo

à ilha de Pico e de seu espetacular vulcão, a montanha mais alta de Portugal. No barco ia pouca gente, ela contou oito pessoas, quase todas levavam cestas ou canastras, nenhuma era turista. Certa sensação de estranhamento foi tomando conta de Rita à medida que se aproximava da ilha. Sabia, pelo menos, o que devia fazer ao chegar a Pico. Num episódio do penúltimo romance de Jean Turner lera que ali naquela ilha só havia dois motoristas de táxi: um velho e um jovem. Não devia hesitar nem por um instante e entrar no táxi do velho, pois o jovem — segundo Turner — era um inescrupuloso. E foi o que fez ao chegar a Pico. Não quisera averiguar em Faial o endereço do escritor — de fato, não mencionara seu nome em nenhum momento —, mas previra, isso sim, dizer ao velho motorista de táxi que a levasse ao povoado de Lajes, tal como fazia um personagem do romance de Turner. Como este, ela queria visitar o Museu das Baleias. Em todo caso, decidiu que seria já no táxi que trataria de averiguar onde vivia o jovem alto e magro de povoada barba castanha por cujo mundo de ficção-realidade ela andava circulando já havia alguns dias.

O porto e o povoado de Madalena eram fantasmagóricos. As oito pessoas que iam no ferry desapareceram poucos segundos depois de pisar em terra, como se tivessem se desvanecido no pequeno labirinto de ruas do povoado desabitado naquela época do ano, um povoado deserto pelo menos àquela hora.

Havia, de fato, dois motoristas de táxi esperando a chegada do ferry e a impressão era de que tinham sido avisados, desde o embarcadouro de Faial, da presença de Rita no ferry. Ela se dirigiu diretamente ao motorista velho e entrou em seu carro e pediu para ser levada ao Museu das Baleias no povoado de Lajes. O motorista jovem soltou vários palavrões e agiu como se já esperasse que aquilo fosse acontecer com ele; possivelmente os palavrões eram também insultos a Turner.

A estrada que, ao pé do vulcão, ligava Madalena a Lajes mostrou-se um caminho estreito que corria ao longo de um molhe ou quebra-mar, com muitas curvas e buracos pronunciados, sobre um Oceano Atlântico muito azul e rebelde. A estrada, que outrora estivera repleta de vinhedos e das suntuosas casas dos patrões

(todas agora em ruínas), atravessava uma paisagem pedregosa e melancólica, com raras casas, mínimas e solitárias, em pequenas colinas varridas pelo vento.

Rita decidiu que chegara a hora de perguntar por Turner e perguntou ao motorista se podia levá-la até a casa do escritor da ilha. O homem não deve ter entendido bem o português de Rita e pensou que lhe perguntavam por uma escrivãzinha. Não havia lojas que vendessem isso em Pico, disse o motorista. Essa situação também aparecia no romance do escritor procurado, e isso fez Rita pensar na graça, às vezes sublime, de sentir nitidamente que de alguma forma estava vivendo nas páginas de um livro já escrito.

Como era de se esperar — já fora avisada em Faial —, o Museu das Baleias de Lajes estava fechado. E então, subitamente, encerrou-se também para ela a busca pelo escritor oculto. “Que tédio”, murmurou, dizendo para si mesma que o próprio Turner certamente também era um museu fechado. Náufraga de sua vida, Rita Malú queria voltar ao Peter’s Bar, onde se dava bem imitando — sem que ninguém ali percebesse — Sophie Calle.

Quanto a Turner, preferia nem vê-lo. Para quê?

Antes de empreender o regresso ao embarcadouro de Madalena, Rita decidiu visitar a igreja de Lajes e zanzou por ela durante um bom tempo. Depois, no pub na praça principal, convidou o motorista de táxi para um café, e ele lhe falou, com melancolia, dos tempos de esplendor de sua juventude e de Pico. “Como os homens são chatos”, murmurou. E pouco depois pegavam o caminho de volta para Madalena e para o embarcadouro.

Numa curva do caminho, já perto de Madalena, viu a breve trilha que levava a uma pequena casa vermelha idêntica a de seu sonho de alguns dias antes. Pediu ao motorista que parasse, e não estranhou muito ao ver que, como em seu sonho, o caminho subia se dobrando brevemente em direção ao pequeno cimo da frondosa colina e a deixava diante da casa vermelha, cujos mínimos detalhes ela começou a recordar nesse momento com a máxima precisão.

Era como se tivesse estado sempre ali desde que sonhara com a casa, cuja porta fora aberta em seu sonho por um ancião. À medida que se aproximava, ficava com mais vontade ainda de bater à porta

dessa mínima mansão vermelha pela qual sentia ater uma estranha atração. E foi o que fez, bateu à porta. E voltou a abrir-lhe a porta o velho que vira no sonho, só que agora o ancião era bem alto, extremamente magro, orelhas de morcego, o rosto muito estreito e uma abundante barba branca. Usava um casaco roído pelas traças. Era Turner com cinquenta anos a mais. Diferentemente do sonho, nesta ocasião Rita pôde falar com o velho, a quem resolveu perguntar se a casa estava à venda. Estava, mas o velho aconselhou-a a não comprá-la.

— Está casa está habitada por um fantasma — explicou o ancião.

Houve um breve silêncio.

— E quem é esse fantasma? — perguntou ela.

— Você — disse o ancião, fechando suavemente a porta.

II. NÃO BRINQUE COMIGO

1

Escrevi a história *A viagem de Rita Malú* para Sophie Calle. Isso porque, digamos, ela me pediu isso. Tudo começou, uma tarde em Barcelona, quando ela ligou para minha casa. Eu gelei. Sentia admiração por ela, considerava-a inacessível. Não a conhecia pessoalmente, nem pensava que fosse conhecê-la algum dia. Ligou e me disse que uma amiga comum (Isabel Coixet) lhe dera meu número e que desejava me propor algo, mas que não podia ser por telefone.

Havia em suas palavras uma estranha, por mais involuntária que fosse, carga de mistério. Sugeri um encontro em Paris no final daquele mês, pois estava pensando em passar o fim de ano na cidade. Estávamos no final de 2005. Combinamos no Café de Flore de Paris no dia 27 de dezembro, ao meio-dia.

No dia marcado, cheguei ao bairro uma meia hora antes, um pouco inquieto com o encontro. Sophie Calle sempre teve certa fama de ser capaz de tudo e eu sabia de suas esquisitices e de sua coragem, em parte pelo que Paul Auster contara em seu romance *Leviatã*, no qual Sophie era personagem e se chamava Maria Turner. Auster escrevia ali no começo do livro, como uma dedicatória: "O autor agradece efusivamente a Sophie Calle por lhe permitir misturar ficção com realidade".

Eu sabia disso, mas também de muito mais coisa. Lembrava, por exemplo, de ter lido que durante um tempo, sendo ela muito jovem, na volta de uma longa viagem pelo Líbano, sentira-se perdida em Paris, em sua própria cidade, pois já não conhecia ninguém, e isso a levava a seguir pessoas que não conhecia, para que fossem elas que decidissem aonde ela iria. Lembravam disso e

também de suas *ações* mais célebres: do convite para dormir em sua cama feito a desconhecidos que aceitassem se deixar olhar e fotografar e responder a perguntas (*Les dormeurs*); a perseguição a que submetera em Veneza um homem de quem soube por acaso que estava viajando naquela noite para lá (*Suite vénitienne*); a contratação, por intermédio de sua mãe, de um detetive para que tirasse fotos dela e a seguisse, sabendo-se seguida, e no final a retratasse em seus relatórios com a falsa verdade nua de um observador objetivo.

A caminho do encontro no Café de Flore, lembrei-me também de que Vicente Molina Foix dissera que pelos modelos que a inspiravam, pela forma em que as palavras estavam sempre na origem de seus projetos visuais, por seu empenho memorialista e a boa prosa de seus relatos, por fazer de si mesma protagonista, vítima, argumento e sujeito de uma narrativa onisciente, Sophie Calle estava no reino da imaginação verbal e era uma das maiores romancistas do momento.

Fui ao encontro marcado um tanto inquieto, perguntando-me por onde ela ia aparecer, se não seria estranho ou perigoso o que estava pensando em me propor. Procurando chegar mais seguro de mim ao encontro no Flore, entrei num bar próximo, o Café Bonaparte, e ali de pé, no balcão, virei duas doses de uísque caubói, sem gelo, em menos de cinco minutos. Saí do Bonaparte andando devagar (ainda faltavam dez minutos para o meio-dia) e parei na vitrine da livraria La Hune, a dez metros do Flore. Ali estava em exposição a tradução para o francês de um de meus romances, mas não a olhei, pois estava muito ocupado me perguntando o que Sophie Calle ia me dizer.

De repente, um homem baixo e de aspecto norte-africano me perguntou muito educadamente se podia falar comigo um momento. Pensei que queria me pedir dinheiro e me incomodou que me fizesse perder a concentração em Sophie Calle.

“Desculpe, mas eu o estive observando e gostaria de lhe oferecer minha ajuda”, disse o homem. E me entregou, escrito à mão na folha arrancada de um pequeno bloco, um endereço dos Alcoólicos Anônimos. Estivera me seguindo desde o Bonaparte. Fui incapaz de

responder. Pensei em dizer que eu não era nem alcoólico nem anônimo. Pensei em explicar que não bebia tanto quanto podia parecer e também em lhe dizer que eu não era exatamente uma pessoa anônima e mostrar meu livro que estava na vitrine. Mas não disse nada. Guardei num bolso da calça o endereço para alcoólicos e tentei não entrar curvado ou retraído no Flore.

Logo notei Sophie Calle entre os fregueses. Ela tinha chegado antes da hora e arranjara uma mesa bem localizada. Respeitosamente, pedi licença para sentar-me. Sorriu, assentindo. Anunciou-me que falaríamos em espanhol, pois vivera um ano no México e conhecia bem meu idioma. Sentei-me e contive minha timidez começando a falar imediatamente. Passei a lhe contar a história da espionagem e perseguição a que acabara de ser submetido por um alcoólico redimido que parecia saído — o homem e a história da perseguição — de um dos *romances de parede* que ela tanto gostava. Será que ela mesma não o teria contratado?

Sophie sorriu levemente e, quase sem rodeios, mostrou-me um trecho de meu livro mais conhecido. Meu trecho, disse, estava diretamente relacionado com o que ela queria me propor. Eu quase não me lembrava desse episódio do livro. Falava-se nele de uma história que Marcel Schwob incluiu em *Vidas imaginárias*: uma história sobre a vida de Petrônio, de quem se contava que, tendo já completado trinta anos, decidiu escrever as histórias que suas incursões pelos *bas-fonds* de sua cidade lhe haviam sugerido. Escreveu dezesseis livros e, quando os terminou, leu-os a seu cúmplice e escravo Sírio, que riu como um louco e não parava de aplaudir. Então Sírio e Petrônio conceberam o projeto de levar a cabo as aventuras compostas por ele, transportá-las dos pergaminhos para a realidade. Petrônio e Sírio se disfarçaram e fugiram da cidade, começaram a percorrer os caminhos e a viver as aventuras escritas por Petrônio, que renunciou para sempre à escrita desde o momento em que começou a viver a vida que havia imaginado. “Para dizer de outro modo (acabava dizendo eu nesse trecho), se o tema do *Quixote* é o do sonhador que se atreve a transformar-se em seu sonho, a história de Petrônio é a do escritor que se atreve a viver o que escreveu, e por isso deixa de escrever.”

O que Sophie Calle queria me propor era que eu escrevesse uma história, qualquer história. Que criasse um personagem que ela transportaria para a realidade: um personagem que agiria — no prazo máximo de um ano — conforme o que eu escrevesse. Queria mudar de vida e estava, além do mais, cansada de decidir suas *ações* e preferia que agora alguém fizesse isso por ela, que alguém decidisse o que tinha de viver. Ela obedeceria ao *autor* em tudo... Houve um breve silêncio. Em tudo, exceto se a mandasse se matar.

— Resumindo — disse —, você escreve uma história e eu a vivo.

2

Permanecemos longos segundos em silêncio, até que ela recobrou a voz e me contou que, anos antes, já fizera a mesma proposta a Paul Auster, mas este tinha considerado a responsabilidade excessiva e não aceitara. Disse, ainda, que mais recentemente fizera a mesma proposta a Jean Echenoz, que também acabara declinando do convite.

Aquela proposta de Sophie me fez pensar que o que ela procurava era o desaparecimento do autor, justamente o que em meus últimos textos eu dizia desejar tanto, sem ousar levá-lo a cabo, limitando-me apenas a esfumar minha identidade em meus escritos. Disse para mim mesmo que Sophie parecia estar a par de minhas inquietações e por isso me escolhera para que transpusesse, de uma vez por todas, minha literatura para a vida.

Começou a me contar que sua mãe só tinha mais dois ou três meses de vida e que era importante que eu soubesse disso, pois só essas circunstâncias podiam condicionar e deter provisoriamente em algum momento nosso projeto comum, supondo que eu estivesse disposto a aceitar o projeto, claro.

— Pois eu ainda não disse, mas aceito com prazer — disse.

Sophie sorriu — sempre pensei que o sorriso é a perfeição da risada —, e pareceu-me que ela ficara alegre ao ver que eu mal hesitara na hora de aceitar. Mas eu não podia esquecer que tudo

dependia — voltou a me dizer — da saúde de sua mãe.

3

Meia hora depois, eu voltava ao Hotel Littré, na Rue Littré, onde me esperava minha mulher, a quem contei, um tanto agitado, da estranha encomenda. Eu me sentia agitado mas ao mesmo tempo satisfeito diante da perspectiva que se abria em minha vida, ainda que fosse melhor dizer em minha obra, pois da vida Sophie ia se encarregar. O problema agora era que tipo de história escrever. Num primeiro momento só me ocorreram bobagens: fazer com que Sophie viajasse para Barcelona, por exemplo, e se matriculasse num curso de catalão. Enfim, verdadeiras bobagens. Minha mulher me aconselhou a procurar histórias melhores. “Você já vai achar alguma. Sempre encontra saída nas situações que o deixam preso”, disse-me.

No dia seguinte, voltei com minha mulher para Barcelona. Tinha a impressão de que quanto antes escrevesse a história, melhor seria para mim, pois sentia uma curiosidade urgente de esclarecer tudo o mais rápido possível, ou seja, de saber o quanto antes como as coisas iam se desenrolar e se era realmente interessante entrar naquele atraente, mas estranho e incerto, projeto. Tinha até receio de que, se deixasse o tempo passar, a própria Sophie Calle voltasse atrás, ou se esquecesse do que me propusera. De modo que, assim que cheguei a Barcelona, pus mãos à obra e em muito pouco tempo escrevi *A viagem de Rita Malú*.

Confiando em que ela tentaria vivê-la (e ansioso em relação à maneira pela qual poderia fazê-lo: encontraria, por exemplo, o fantasma, que não era outro senão eu mesmo com cinquenta anos a mais?), enviei por e-mail a Sophie, num arquivo anexado, *A viagem de Rita Malú*, mandei-o exatamente no dia 12 de janeiro.

Mas sua resposta demorou a vir. Passaram-se muitos dias e não me chegava nenhuma mensagem de resposta dela, nenhuma. Tinha de anotar todos os dias em meu diário (desde setembro

escrevia uma espécie de diário num caderno vermelho) que ela continuava sem dar sinal de ter recebido minha história.

Será que não gostara de meu relato? Teria descoberto que minha história era, na verdade, a busca, por certas geografias mentais, de um autor fantasmagórico que era eu mesmo, ainda que visivelmente mais velho?

Não ter nenhuma notícia dela foi criando em mim certa incerteza. Eu não achava que tivesse feito um trabalho ruim. Minha história se encaixava com o que me fora pedido. E era, além disso, um relato elástico, que tanto podia ser um conto fechado como o primeiro capítulo de um romance. Isso dava certa liberdade para embarcar na história até viver um romance completo, mas também para se envolver no primeiro capítulo e abandoná-lo num simples conto, apear logo da viagem.

Os dias foram passando e, numa tarde, ainda sem nenhuma notícia de Sophie, descobri que seu estranho silêncio me aleijara como escritor, pois para narrar eu dependia, pela primeira vez na vida, de outra pessoa e de que essa pessoa passasse à ação, ou seja, que vivesse o que eu havia escrito e me pedisse, se a oportunidade se apresentasse, que continuasse a história para ela. Era óbvio que o que eu não podia (e era isso que eu costumava fazer quando escrevia romances) era continuar por minha conta a história do fantasma dos Açores, não podia continuá-la até que ela partisse para a ação e encontrasse o fantasma e me perguntasse como a história continuava, se é que ia querer continuá-la.

Não ter nenhuma notícia de Sophie me deixou nervoso. Além do mais, sua falta de resposta me deixou inerte, literalmente paralisado, sem conseguir continuar escrevendo até que ela me respondesse. Estava diante de um livro que não avançava, pois isso não dependia de mim. Comecei a me perguntar se todo o projeto de Sophie Calle não teria sido pensado por ela para acabar comigo como escritor.

Eu avisara Sophie naquele encontro no Flore de que em 23 de janeiro viajaria para um congresso de literatura em Cartagena das Índias, Colômbia. E foi como se ela tivesse anotado isso mentalmente. Porque quando por fim chegou sua tardia resposta por e-mail, chegou nesse 23 de janeiro (onze dias depois que eu lhe enviei minha história), chegou curiosa e justamente nesse dia em que eu acabava de deixar Barcelona e já estava voando para a Colômbia. Minha mulher, que estava preocupada porque me vira muito inquieto com toda aquela história, ligou para meu hotel em Cartagena e me informou que Sophie Calle finalmente me escrevera e que dizia isto em seu e-mail: “Ainda não recebi nada seu. Mas não há urgência. Tive um problema de internet. Um defeito, na semana passada. Receio que você pense (no caso de ter enviado algo) que permaneci em silêncio”.

Percebi que era preciso, quase, começar de novo. Ao voltar de Cartagena das Índias, reenviei *A viagem de Rita Malú* a Sophie. E então aconteceu o pior. Porque seguiram-se dias de um novo e estranho silêncio. Refleti minha angústia em notas atribuladas, escritas em meu diário ou caderno vermelho.

Até que no dia 3 de fevereiro finalmente chegou uma mensagem de Sophie: “Minha mãe quis ver o mar novamente antes de morrer e fomos a Cabourg. No que nos diz respeito, finalmente entendi por que não recebia seus e-mails nem sua história: tudo ia parar em minha caixa de spams, incluída a pobre Rita Malú. Enfim. Logo lerei sua história”.

Lembro que na noite daquele dia sonhei que Cabourg era a capital de uma das ilhas dos Açores. Mas foi um sonho mais tranquilo que o dos dias anteriores. Como se a promessa de Sophie de que ia ler minha história tivesse me acalmado.

5

Lembre-se de desconfiar.

No dia seguinte, fui a Girona dar uma conferência e depois, no jantar com alguns amigos, contei em breves pinceladas, um pouco nervoso pelos efeitos do álcool, o projeto no qual me envolvera com Sophie Calle; precisava contar, era minha forma de escrever, já que não conseguia escrever nada, devia ficar de braços cruzados à espera de que Sophie se decidisse a fazer alguma coisa. Naturalmente podia começar um conto ou um romance que não tivessem nada a ver com o projeto de Sophie, mas me sentia incapaz de iniciar um projeto paralelo.

— Estou paralisado — disse — porque não posso desejar a morte da mãe de Sophie para retomar o romance. Não posso nem lhe escrever um e-mail, não posso fazer nada. Não posso, na verdade, nem me interessar pelo estado de saúde de sua mãe, porque eu pareceria ansioso para que aconteça alguma coisa grave e eu possa voltar a trabalhar no projeto.

E acabei me lembrando do patético caso de Truman Capote em *A sangue frio*: o escritor sofrendo indizivelmente porque, tendo concluído o livro, não podia entregá-lo sem a cena da execução.

Na volta da viagem a Girona não aguentei mais tanta inação e por e-mail, levado por um impulso incontrolável, apertei suicidamente uma tecla e enviei a Sophie uma bela imagem da ilha vulcânica de Pico, uma imagem em que a ilha recordava vagamente a do filme *Stromboli*, de Roberto Rossellini. Pelo menos que alguma coisa nova aconteça, que aconteça alguma coisa, nem que seja um leve sopro de vento, lembro que disse a mim mesmo.

Nesse mesmo dia, com surpreendente rapidez, ela me respondeu. Enviou-me uma fotografia que me deu medo porque se tratava do rosto de sua mãe anciã: olhos de olhar intenso, como se estivessem reprovando minha obscena impaciência por querer vê-la morta.

Ao pé da foto, Sophie escrevera: “E eu, de minha parte, envio-lhe um retrato de minha mãe. É o que ela escolheu para que figure em sua tumba e que irá acompanhado deste epitáfio: *Já começava a me entediar*. Envio esta foto para você porque de alguma forma ela se interpõe entre mim e a Ilha do Pico. Disseram-me que você

estará em Paris em 16 de março. Talvez então possamos nos ver”.

Eu tinha de ir, de fato, no dia 16 de março ao Salão do Livro de Paris. Mas esse dia ainda estava longe. Achei que era esperar tempo demais para o reencontro. Era — pensei — como se ela e eu estivéssemos fadados a nos comunicar a conta-gotas. Mas o que mais eu podia fazer? Embora ficar inativo me deixasse nervoso, não podia matar sua mãe para que Sophie passasse finalmente à ação e levasse a cabo sua viagem.

Escrevi em meu caderno vermelho: “Alguém em Paris quer que eu descubra que já não quero escrever. E tenta isso, ainda por cima, com uma perversidade absurda. Terei de escrever sobre isso para poder continuar escrevendo”.

Alguns dias depois, decidi me atrever a enviar a Sophie um e-mail que talvez pudesse desbloquear um pouco — não tive muitas esperanças a respeito — a situação na qual me encontrava. E escrevi:

“A vida é um processo de demolição (Francis Scott Fitzgerald).”

Apertei a tecla. Não podia mais voltar atrás. Era irreversível. A frase sobre a demolição já viajara até a casa de Sophie. Minutos depois, de novo com surpreendente rapidez, a resposta de Sophie era a fotografia de um túmulo no qual se podia ler *Don't expect anything*, ou seja, *Não espere nada*.

Aquilo me caiu muito mal. Como se esse *não esperar* fosse dirigido a mim. Respondi no ato, desesperado e tentando defender minha dignidade. Mandei-lhe uma frase de Julien Gracq que dizia: “O escritor não tem nada a esperar dos outros. Acredite, ele só escreve para si mesmo!”.

O silêncio desceu novamente sobre nosso correio eletrônico. Desceu o silêncio por alguns dias. Numa tarde do final de fevereiro, encontrei-me com meu amigo Sergi Pàmies e desabafei com ele contando toda a história de Sophie Calle e do estranho labirinto de e-mails em que me perdera. Sem saber se a história ia lhe interessar, tentei absurdamente que se identificasse com esse assunto lembrando que ele também nascera em Paris, como Sophie. Não era necessário, claro, dizer uma coisa dessas para ele. Sergi me ouviu com sua amabilidade e curiosidade habituais e,

depois de pensar um pouco, terminou por me insinuar algo bastante aterrorizante e em que eu também havia pensado. Disse-me que talvez não houvesse nenhuma agonia da mãe e todo o jogo consistisse numa troca de e-mails que podiam acabar se transformando num *romance de parede* de Sophie Calle e também num estudo de meu comportamento ético durante a espera silenciosa da suposta morte da mãe.

— Todos os e-mails que você tem escrito a Sophie — disse Pàmies —, você pode um dia ver reproduzidos em grande escala nas paredes de algum museu. A partir de agora, tome muito cuidado com o que escreve, pois de repente pode vê-lo com lente de aumento.

Quando eu lhe disse que as relações entre mim e Sophie tinham a estrutura mental de uma história de amor (pelos ciúmes respectivos de não saber o que a outra pessoa pensava, pois na verdade nisso consistiram, sempre, os ciúmes no amor: não saber o que o outro pensa; leia-se Proust para melhor compreensão), Sergi não quis se mostrar transcendente e me falou simplesmente de uma canção francesa intitulada “Les histoires d’amour”, que era interpretada pelo duo Les Rita Mitsouko. Nela se cantava isto:

“As histórias de amor em geral acabam mal”.

6

Nesse mesmo dia, ao voltar para casa, me deparei, surpreso, com a resposta de Sophie a minha frase de Julien Gracq. Agora não havia texto, apenas uma sóbria fotografia com a cruz de um túmulo. Irritado com a cruz muda e solitária, decidi expulsar aquela imagem enviando-a a Sergi, que, por sua vez, acabava de me mandar por e-mail a letra inteira da canção de Les Rita Mitsouko.

“Veja, Sergi, o que la Sophie me mandou”, escrevi a Pàmies. Mas foi horrível. Não percebi e, levado pela precipitação, mandei minha mensagem, na verdade, para a própria Sophie. Ela não demoraria a inteirar-se de que eu a chamava de “la Sophie”, sem muito respeito,

e que, além disso, reenviava seus e-mails a um tal de Sergi.

Quando percebi o erro, fiquei apavorado.

Seguiram-se dias de um imponente, severo, espantoso silêncio por parte dela. Certamente, estava tudo acabado.

De repente, uma tarde, quando eu menos esperava, chegou um e-mail dela: “Espero que não tenha pensado que meu *plurien* significava mais nada”.

Referia-se com esse *plurien* a seu *Não espere nada?* Sua frase estava acompanhada de uma foto da entrada de um povoado que se chamava FAUX. Entendi que com essa mensagem uma coisa ficava muito clara: ela estava me chamando de “falso”. E uma coisa ficava ainda mais clara, ou melhor, parecia se confirmar: estava tudo acabado entre nós, pois eu demonstrara ser um porco.

7

Passei vários dias feito um sonâmbulo, escrevendo somente pequenas notas ridículas em meu caderno vermelho. Prostrado. Até que certa manhã, levado pela euforia da noite de álcool do dia anterior, comecei a me dizer que não tinha nada a perder se tentasse uma reconciliação com Sophie e me atrevi a enviar-lhe este e-mail: “Estarei de 16 a 21 de março em Paris, no Hotel de Suède, na Rue Vaneau. Como às vezes não informam os hóspedes dos telefonemas, gostaria de comentar com você que, se quiser me dizer alguma coisa, o fax pode ser mais útil para nos comunicarmos”.

Tratava-se, no fundo — no caso de Sophie decidir me responder — de perguntar se era admitido um fax intruso em meio a uma coleção de e-mails encaminhados provavelmente para constituir seu hipotético *romance de parede*. Enviei o e-mail e — como dizia minha mãe quando meu pai começou o longo serviço militar de sua época e ela se dispôs a esperá-lo sem saber em que data ele reapareceria — sentei-me para esperar. Foi isso que fiz nos dias seguintes: sentei-me para esperar, instalado em minha escrivaninha

o tempo todo, mas sem escrever nada, dedicando-me apenas a esperar e a pensar, a pensar em assuntos variados. Lucubrava pensamentos. Calculava, por exemplo, quanto faltava para a primavera chegar e lembro que me dizia coisas neste estilo: Na primavera precisamos ser irônicos e sei que, só se eu o for, sobreviverei a esta próxima estação. Coisas assim, várias sem muito sentido. Até que chegou o dia 16 de março e viajei para o Hotel de Suède da Rue Vaneau em Paris.

Estava havia apenas algumas horas no hotel quando chegou um fax de Sophie no qual ela me animava a ligar para sua casa. Minha primeira reação foi de alegria e chateação ao mesmo tempo. Por um lado, o que eu mais queria era ser perdoado por ela, mas, por outro, sentia que podia ser um aborrecimento se toda aquela complicada relação renascesse.

Depois de muita indecisão, finalmente decidi ligar. O telefone tocou três vezes. Atenderam.

— Sou eu, é o... — balbuciei.

Um breve silêncio. Depois a voz de Sophie:

— Ah! Você recebeu meu fax?

— Sim. Já estou em Paris. Tudo bem, Sophie?

Outro breve silêncio. E depois estas palavras, quase escandidas:

— Ontem de tarde minha mãe morreu.

Era a última coisa que eu esperava ouvir.

Não sabia se devia acreditar nela. Parecia muita coincidência que sua mãe tivesse esperado eu chegar a Paris para morrer. Comecei a me sentir perdido. Finalmente, murmurei algumas palavras de pêsames.

— Oh, vamos... — interrompeu-me ela.

Nesse momento tocou na casa de Sophie a campainha de outro telefone, provavelmente o de seu celular. E ela me pediu que “a desculpasse um segundo”. Ouvei parte do que ela conversava com a pessoa que tinha telefonado. Pronunciou com clareza e diversas vezes a palavra *exéquias* e isso me fez pensar que, por mais inverossímil que tudo aquilo pudesse ter-me parecido, confirmava-se mesmo como verdade — seria muito feio se fosse uma farsa — o falecimento de sua mãe.

Desligou o celular e voltou a falar comigo. Disse-me que as exéquias seriam dois dias depois, no cemitério de Montparnasse, e que não seria ruim que eu comparecesse. Nesse mesmo dia do velório apareceria no *Libération* o necrológio. Em todo caso, ela dispunha de tempo para me ver, acrescentou. Se eu quisesse, podíamos nos encontrar em algum lugar de Paris em menos de uma hora. No próprio Hotel de Suède, por exemplo.

Uma hora e cinco minutos depois, Sophie entrava no hall do Hotel de Suède com uma câmera de vídeo e um sorriso largo. Lá estava eu esperando por ela. Pediu dois cafés na recepção e, sem que eu estivesse disposto a vê-las, passou a me mostrar imagens recém-filmadas de sua mãe morta e uma fotocópia do peculiar necrológio que apareceria dois dias depois no *Libération*.

Não demorou a me explicar que, depois do assunto de sua mãe, agora outro obstáculo se interpunha entre a Ilha do Pico e ela. Tinha sido convidada para a grande Bienal de Arte de Veneza e pensava em preparar sua participação nessa importante Mostra. Ela sentia muito, mas nosso projeto devia se atrasar. Olhara mapas dos Açores e, por outro lado, gostava da ideia de voltar a Lisboa, cidade que não conhecia bem. Não que a viagem de Rita Malú não lhe interessasse, mas a Bienal de Veneza era — como eu podia entender perfeitamente — primordial para ela.

Podia, de fato, entender isso perfeitamente, mas uma pergunta pairava no ar e não demorei a fazê-la:

— Então, quando você poderá se dedicar a viver *A viagem de Rita Malú*?

— Em maio do próximo ano — respondeu sem pestanejar.

Meu Deus! Maio de 2007 parecia estar muito longe. O que eu faria até lá?

— Esperei muito tempo, mais de oito anos, para abordar essa experiência do relato *vivido* e agora já não me importa esperar mais um ano — acrescentou, à guisa de explicação.

— Oito anos?

— Sim. Desde que fiz a proposta a Paul Auster até o dia de hoje já se passaram oito anos. Posso esperar um pouco mais, não acha?

Aquela me pareceu uma oportunidade única para encenar uma

ruptura e dizer-lhe que de maneira nenhuma eu ia esperar quatorze meses e, enfim, que ela ficasse sabendo que aquilo punha fim ao nosso contrato imaginário. Eu não ia esperar aquela barbaridade de meses!

No entanto, em vez disso, só houve de minha parte sorrisos e certa resignação e docilidade.

Uma hora depois, despedíamo-nos na porta do hotel e combinávamos de nos ver no dia seguinte, no Salão do Livro, na porta de Versalhes, onde eu ia autografar exemplares de meu último romance. Ela iria até lá, pois ficava bem perto de sua casa. Despedi-me e fomos caminhando para nossos respectivos encontros, cada qual caminhando em direção oposta à do outro. Eu fui a uma festa de amigos perto da praça da Bastilha, e ali contei alguns detalhes de meu recente encontro com Sophie. E a redatora de uma revista de rock e literatura ouviu minha história e exclamou de repente: "Ai, meu Deus! Ela propôs isso pra você também?"

Eu não queria saber muito bem a que estava se referindo com esse "pra você também". "Pois é, também me ofereceu", acabei dizendo. E depois perguntei se por acaso ela tinha feito a proposta a mais alguém além de Paul Auster e Jean Echenoz. E é claro, ela havia proposto a mais de dois escritores. Também fizera a oferta a Olivier Rolin, por exemplo.

No dia seguinte, soube que não eram três, mas quatro, no mínimo. Pouco antes de sair do Littré em direção ao Salão do Livro, ligou-me de Segóvia um bom amigo, o escritor e cineasta Ray Loriga, convidando-me para ir a Madri participar de *Carta libre*, um programa de uma hora em que a TVE lhe dava a oportunidade de entrevistar os artistas de sua tribo imaginária. Ele pensara, disse-me, que entre seus convidados podíamos estar Sophie e eu, falando de nosso projeto em comum. Perguntei-lhe como sabia da existência desse projeto e me disse que a própria Sophie lhe contara, que ela era amiga dele há muito tempo. Também ele, três anos antes, recebera aquela atraente proposta de Sophie. Quase ficou louco, disse-me, pois tentara destemidamente levar a cabo o plano sedutor, mas topara com todo tipo de inconvenientes estranhos, Sophie incluída. É claro que ele, pelo menos, não

chegara nem a escrever a história. Sem dúvida, para mim a coisa devia ser pior, pois já estava com a história escrita mas ela não avançava.

Fiquei bastante aborrecido ao saber que já haviam estado naquele projeto mais homens que os que ela mencionara para mim. Mas eu não disse nada, guardei a chateação para mim. Aceitei comparecer ao programa de Loriga, entre outras coisas porque pensei que seria uma nova oportunidade de me encontrar com Sophie e pelo menos teria algo mais que falar por escrito de minha relação com ela, sempre à espera — que ameaçava tornar-se eterna — de que se decidisse a embarcar na aventura, na viagem de Rita Malú ao encontro com meu fantasma.

8

Duas horas depois, eu estava autografando exemplares de meus romances no Salão do Livro quando Sophie apareceu, acompanhada de uma amiga que me foi apresentada como Florence Aubenas, ou seja, como a famosa jornalista do *Libération* sequestrada e posteriormente libertada no Iraque. Eu até assinara em Barcelona um manifesto em favor de sua libertação, mas não vira fotografias dela, de modo que não pude evitar a desconfiança de que ela fosse realmente Aubenas. Ainda vivia com a inércia de desconfiar que Sophie me enganava em tudo, que tinha mentido pra mim com aquela história da mãe e que agora queria caçar de mim me apresentando a uma falsa Aubenas.

— Não me engane — disse a Sophie.

Isso surgiu do fundo de minha alma. Foi algo que surgiu espontaneamente, como se explodisse depois de tantas ambiguidades. Começara até mesmo a confiar nela.

— O que significa não me engane? Quer dizer que *no juegue contigo*? — disse então Sophie num espanhol mais que correto.

— Exato — sorri. — Não brinque comigo.

(Pareceu-me um bom título para um romance.)

No entanto, Florence Aubenas era Florence Aubenas. Todo mundo ao meu redor confirmou isso. A própria Aubenas, para que eu confirmasse que era ela, convidou-me a ir até seu estande, onde me presenteou e dedicou *La méprise*, seu livro recém-lançado. Depois, voltei para meus assuntos, para o meu estande, e continuei autografando livros. De vez em quando Sophie aparecia, movendo-se entre o estande de Florence e o de minha editora.

Sophie aparecia me olhando fixamente e rindo de forma contagiante. Acabei rindo com o rosto alterado em minha inútil tentativa de mostrar-me irritado.

— Não brinque comigo — voltei a dizer.

E me escapou uma risada. E isso foi tudo. No dia seguinte eu estava indo para Barcelona e ela tinha de comparecer ao enterro de sua mãe. Pareceu-me ridículo censurar-lhe que no passado houvesse tantos homens envolvidos em seu projeto de viver uma aventura escrita, tantos colegas rotos. Não quis censurar-lhe nada porque me pareceu grotesco e, além do mais, eu não tinha o menor direito de fazer isso.

Afinal de contas, a ideia era dela e podia levá-la a cabo como bem entendesse e quando quisesse. Convenci-me, por outro lado (para não ter um ataque de nervos), de que tudo, no fundo, era irrepreensível. Eu não tinha por que ficar tão ansioso. Por que não esperar maio? É claro que era o mês de maio do ano seguinte... Isso me incomodava, indignava-me ter me mostrado sempre tão submisso quando tínhamos combinado que seria eu quem ordenaria o que ela tinha de fazer e o que tinha de viver. Não conseguia explicar a mim mesmo porque me comportava daquela forma tão dócil. Pensei que, afinal, no programa de tevê de meu amigo Ray Loriga eu teria uma nova oportunidade de me rebelar, de dar, ao menos, algum soco na mesa. Sentia-me prisioneiro da estranha impressão de que eu tinha na mão um martelo forte mas não podia usá-lo porque seu cabo estava pegando fogo.

Já em Barcelona, recebi um e-mail de Sophie no qual ela me dizia que iria a Madri no dia 6 de abril para gravar com Ray Loriga desde que eu lhe garantisse que também iria, embora se sentisse na obrigação de me dizer que não via muito sentido naquele encontro televisivo, pois a pergunta era: de que poderíamos falar ali diante das câmeras se o projeto ainda não tivera início?

Eu me apresentei no dia 6 de abril em Madri e gravei com Ray Loriga. Durante minha intervenção no programa contei o que acontecera até então entre mim e Sophie. Não que tivesse acontecido muita coisa, mas eu soube tirar leite de pedra. Ela não compareceu aos estúdios. Alegando confusão no horário e nas datas, não foi ao encontro em Madri e Loriga decidiu transformá-la na convidada fantasma do programa. Eu, por minha vez, ao chegar a Barcelona, controlando minha irritação, limitei-me a enviar a Sophie um relógio com uma legenda em português:

“Contagem regressiva”.

Uma mensagem que era um protesto modestamente raivoso, e até um começo de ruptura, como se quisesse lhe dizer que o relógio do tempo de minha paciência já começara sua contagem regressiva. Sophie logo me respondeu. Explicou-me que para a Bienal de Veneza preparava um *romance de parede* sobre o tema “dos desaparecimentos” e por isso estava viajando no dia seguinte para o sul da França, onde ficaria um longo tempo com Florence Aubenas, ilustre desaparecida, noutra época, no Iraque. Despedia-se por algumas semanas e queria me lembrar que em maio de 2007 podíamos retomar nosso projeto.

Tive a impressão de que, sendo eu quem desde o começo brincara de ser um fantasma, de repente tudo estava sofrendo uma virada imprevista e o fantasma se modificara, agora o fantasma — como na história de Rita Malú — era ela. Disse com meus botões que o espectro da casa vermelha da colina de Pico certamente fizera muito bem ao lhe fechar a porta suavemente.

10

No começo de maio fui a Buenos Aires para promover meus romances e, principalmente, com a ideia de eu também desaparecer por alguns dias, e depois acabei sendo internado no Vall d'Hebron em Barcelona. Não me sobrou muita vontade de tentar me esfumar novamente num hotel argentino. O curioso é que em Buenos Aires eu até me gabei de ter me tornado forte em meu hotel da Recoleta e de não ter pisado nas ruas da cidade em momento algum, salvo nas duas horas dedicadas a uma intervenção pública na Feira do Livro. O público sorriu quando eu disse que me transformara numa sombra e que, como o personagem de um de meus livros, não me movera do hotel desde que chegara à cidade. Mas isso, na verdade, era apenas literatura no estilo da *viagem ao redor de meu quarto*, vontade de encobrir um segredo íntimo: eu me cansava até quando caminhava pelos corredores daquele hotel. E só isso explicava, por exemplo, que não tivesse ido ver nem a praça da Recoleta, que recordava de outras viagens e que estava a apenas duzentos metros do hotel.

E eu ainda não sabia do pior: tinha uma insuficiência renal grave e estava viajando para um estado de coma irreversível. Mas como eu poderia imaginar uma coisa dessas? Como podia imaginar que estava morrendo? Eu não soube de nada disso senão dias depois, quando voltei para Barcelona e me comportei como um sonâmbulo no aeroporto de El Prat (um fluxo úrico envenenado já estava chegando a meu cérebro e eu era incapaz de perceber) e respondi desta forma tão estranha, e com os olhos arregalados, aos que me perguntaram por que eu estava chegando sem mala:

— A vida não sabe que tipo de vida leva.

Quatro dias inteiros entocado naquele hotel argentino brincando de me esconder e vendo sempre de minha janela (quase como uma premonição do que ia acontecer comigo) uma única e fúnebre paisagem: certas tumbas do cemitério vizinho da Recoleta, certos panteões de alguns próceres da pátria argentina. Flores sobre o

mausoléu de Eva Perón. Uma vista obsessiva, doentia, mortal. Que viagem!

11

Lembro-me da vista obsessiva que W. G. Sebald tinha da janela de hospital da qual nos fala no início de *Os anéis de Saturno*: “Logo depois que me internaram em meu quarto do oitavo andar do hospital fiquei preso à ideia de que as distâncias de Suffolk, que percorrera no verão passado, tinham-se contraído definitivamente num único ponto cego e surdo. De fato, em minha prostração, não se podia ver do mundo mais que um pedaço de céu incolor na moldura da janela”.

Sebald conta que durante o dia assaltava-o com frequência o desejo de garantir (mediante um olhar pela janela do hospital, estranhamente coberta por uma rede preta) que a realidade, tal como se temia, desaparecera para sempre. Esse desejo, com a irrupção do crepúsculo, adquiria tal força em Sebald que depois de deslizar, meio de bruços e meio de costas, pela beirada da cama até o chão e alcançar a parede engatinhando, ele conseguia se levantar apesar das dores que isso lhe causava, erguendo-se com esforço contra o parapeito da janela. Como um Gregor Samsa ou um escaravelho qualquer.

Enfim. No meu caso, demorei três dias para conseguir chegar pela primeira vez ao ponto cego e surdo de minha janela do décimo andar e dali, incrédulo, ver a vista — surpreendentemente cheia de vida — que se estendia do bairro do Vall d’Hebron até o mar. De modo que o mundo continua aí, disse para mim mesmo. Achei espantoso todo aquele formigueiro de gente que eu podia ver dali de cima atravessando febrilmente avenidas e ruas: a mesma enlouquecida circulação humana que não se alterou quando o jovem de “O veredicto”, de Kafka, atirou-se da janela da casa paterna.

Pensei em como agora estavam ao mesmo tempo distantes e

próximos meu hotel da Recoleta, Sophie Calle, as tumbas e mausoléus com suas flores funéreas, Rita Malú e Eva Perón, meus dias perigosos de desaparecido no ultramar.

12

Lembro-me de que nos momentos em que conseguia me sentir otimista acabava desconfiando que o otimismo também era uma doença.

13

No quarto dia consegui ler um pouco. Pedi um livro de Sergio Pitol do qual recordava uma frase que sempre me chamara a atenção: “Adoro hospitais”. Não me lembrava de como o texto continuava depois daquela frase chocante. Descobri que o que Pitol dizia aí não podia estar mais de acordo com minha própria experiência: “Adoro hospitais. Eles me devolvem a segurança da infância: todos os alimentos estão ao lado da cama na hora certa. Basta apertar uma campainha para que apareça uma enfermeira, às vezes até um médico! Dão-me um comprimido e a dor desaparece, dão-me uma injeção e durmo na mesma hora...”

De noite a coisa piorava. Minha doença se transformava num ponto mais surdo e mais cego que o de minha janela para a vida e para o mar. Lembro que na última noite me dediquei a espantar a angústia — uma forma como qualquer outra de esquecer que estava num hospital — explorando a palavra *hospitalidade*. E tive sorte porque o enfermeiro guineano do horário noturno me viu pensativo e, tentando acalmar minha inquietação, acudiu para me ajudar perguntando no que eu estava pensando. Ao lhe dizer que refletia sobre a palavra *hospitalidade*, ele fez um longo silêncio que de repente rompeu para me dizer que eu nunca me esquecesse de

que tudo era relativo e que, por exemplo, os franceses sempre tiveram fama de hospitaleiros, mas ninguém se atrevia a entrar em suas casas. Isso me fez rir e senti certo bem-estar no resto da noite. Mas ao amanhecer, com as primeiras luzes rosadas sobre o ponto cego e surdo de minha janela do Vall d'Hebron, a angústia reapareceu com força inusitada e fiquei esperando um movimento do ar, um só que fosse, um único movimento do ar: só uma prova de que eu ainda vivia e esperava.

14

À espera dessa operação que vai acabar com os meus problemas e que será feita dentro de algumas semanas, preciso usar uma Prótese incômoda — uma sonda no pênis — que limita meus movimentos. Posso ir para a rua se quiser. A sonda desemboca num saquinho no qual vai parar a urina e que está disfarçadamente, por debaixo da calça, amarrado à minha perna direita. Dá pra disfarçar bem, mas por enquanto só saio para pegar um táxi e ir fazer exames num centro médico na rua de Aribau ou para visitar no hospital, indistintamente, o nefrologista ou o urologista que cuidam do meu caso, ou para me sentar no terraço do bar da esquina. Embora o médico tenha dito que eu posso levar uma vida normal, saio o estritamente necessário, não vou muito longe.

15

Li numa nota na internet que “a terceira seção de *Double Game* surgiu do convite que Sophie Calle fez a Paul Auster: transformar-se no *autor* de suas ações, inventar um personagem fictício que ela tentaria imitar, fazer, em suma, o que quisesse com ela, por um período de no máximo um ano”. Ao que parece, Paul Auster, não querendo se responsabilizar com o que pudesse acontecer com

Sophie, enviou-lhe algumas *Instruções pessoais para S. C. sobre como melhorar sua vida em Nova York (porque ela pediu...)*. Sophie seguiu suas indicações e o resultado do projeto se chamou *Gotham Handbook*. Sorrir o tempo todo, falar com estranhos, dar comida e cigarros aos indigentes e cuidar de um lugar que ela mesma escolhesse se transformaram nas regras deste jogo, que se prolongou pelo período de uma semana durante o mês de setembro de 1994, tendo como epicentro uma cabine telefônica situada na confluência da Greenwich com a Harrison. Segundo Sophie Calle, o resultado de tal operação foi: 125 sorrisos dados para 72 recebidos, 22 sanduíches aceitos para 10 recusados, 8 maços de cigarros aceitos para 0 recusados, 154 minutos de conversa.

Li tudo isso como se anos e anos tivessem se passado desde que a proposta de Sophie me entusiasmara. Ocorre que meu colapso físico tinha deixado minha saúde em primeiro lugar e esse assunto do meu projeto com ela passara para um sexto ou sétimo plano em minha vida. Tanto era assim que seu nome e sobrenome, Sophie Calle, tinham-se afastado até do que eu anotava diariamente (inventando muito desde dezembro) no caderno vermelho.

De vez em quando, é claro, voltava-me à lembrança aquela nota lida na rede e eu ficava pensando sobre o título que Paul Auster dera a seu trabalho, sobretudo aquele *porque ela pediu*, que ia entre parênteses. Não sabia por que, mas nos momentos mais idiotas a lembrança de Sophie me voltava e eu não parava de pensar naquele “*porque ela pediu*”.

Quanto isso acontecia, eu também não parava de pensar em tudo o que tinha acontecido entre mim e Sophie e acabava corroborando novamente que o fantasma da casa de Pico fizera muito bem ao fechar *suavemente* a porta para Rita Malú.

Minha sonda — como continua acontecendo agora — parece empenhada em agir o tempo todo como um desses esgares de Arlequim que interrompe a peripécia que se desenvolve na cena e desfaz obstinadamente a trama.

De fato, a sonda, a doença, o colapso — deem-lhe o nome que preferirem — não fez mais que desfazer a trama de minha história com Sophie e distanciar-me a todo instante, suavemente, dela.

III. O PRÓPRIO IMBRÓGLIO

1

Ontem me lembrei de um amigo que dizia que todos nós já pensamos, algum dia, no que teria acontecido se tivéssemos nos aproximado dessa mulher de outra maneira, se tivéssemos feito um gesto que não fizemos... E me lembrei também de umas palavras dele: "Pensamos ter vivido o que vivemos como se fosse um rascunho, algo que pode ser modificado."

Talvez seja um bom plano para fugir um pouco dessa prisão em que vivo com minha sonda. Desde ontem estou repassando meu diário dos últimos meses, o caderno vermelho de notas rápidas que comecei em setembro passado e no qual me inspirei para recriar no computador minha história com Sophie Calle. Pensei que, como ela ainda não se decidiu a viver o que escrevi em *A viagem de Rita Malú*, eu mesmo poderia tentar dar o salto da literatura para a vida, justamente agora que só uma sonda me liga a ela, à vida. E para isso me proponho selecionar alguns trechos de meu caderno vermelho e, no estilo de Petrônio (que se atreveu a viver o que escreveu), aventurar-me a viver alguns desses episódios, ou seja, atrever-me a vivê-los de novo, corrigindo-os, se preciso. Como se certos trechos de meu diário tivessem sido até agora apenas rascunhos de minha vida.

2

Inspeciono as primeiras linhas de meu caderno vermelho. Foram escritas em 1.º de setembro do ano passado: "Amanhece em meu

quarto das janelas altas quando, ao inaugurar este caderno vermelho de notas ou diário que escreverei em Barcelona e em outras cidades nervosas, pergunto-me qual é meu nome, quem escreve, e me ocorre que meu quarto é como uma cavidade craniana da qual surjo como um cidadão inventado...”

Caramba!, como fazer para *viver* essas frases tão sumamente literárias? Estou no mesmo aposento onde as escrevi, mas é difícil para mim, por exemplo, experimentar a sensação de que meu escritório é como uma cavidade craniana da qual surjo como um cidadão inventado.

Percebo que todas essas frases com as quais inaugurei meu diário não são transferíveis à vida, são pura literatura. Por acaso eu posso me mover agora tranquilamente por meu gabinete de trabalho pensando que me movo por uma cavidade craniana? Em consequência disso tudo, bocejo, desabo, sinto-me mais paralisado do que nunca. E de repente tenho a impressão de que ao bocejar, ao abrir a boca encontrei a melhor fórmula para sentir como *vividas* essas minhas frases tão literárias. Acontece que bocejar operou um pequeno milagre e fez com que eu mesmo me dilatasse e me fendesse como um abismo e que também me mimetizasse com o vazio.

Agora em minha lembrança só resta a cavidade craniana, que neste exato momento estou depositando imaginariamente sobre minha escrivaninha, como quem coloca a cabeça sobre a mesa de trabalho.

3

De noite, em casa, decido ler de repente o resto de todos os trechos de meu caderno vermelho das notas rápidas e confirmo minha suspeita de que na verdade, até aquele dia de dezembro em que registro o telefonema de Sophie para minha casa em Barcelona, não há nada de relevante no relato dos acontecimentos triviais de minha vida. Não há nada relevante e todos os trechos

são, de fato, rascunhos. Mas não há nada passível de ser corrigido neles. Além do mais, o mais recomendável é deixá-los como estão, como o que são: rascunhos cinzentos de minha vida.

Costuma-se dizer que a literatura tem uma vantagem notável sobre o que vivemos: a de que a gente pode voltar atrás e corrigir. Mas no meu caso não me interessa nem um pouco voltar atrás nem corrigir; acho que é melhor deixar tudo tal como está, pelo menos tal como está até o dia em que digo que Sophie Calle ligou para minha casa. A partir daí, a questão é diferente. Esse dia marca um antes e um depois em meu diário porque foi o primeiro em que comecei a inventar uma história para mim. Até então tudo o que minhas notas rápidas contavam tinha acontecido comigo de verdade, mas nesse dia houve uma mudança e ocorreu-me inventar que Sophie Calle tinha ligado para minha casa para me propor um misterioso projeto que não podia me contar por telefone. Essa primeira nota rápida inventada acabaria, com o tempo, sendo elaborada literariamente e depois transferida para meu computador, dando origem a uma fabulação paralela à história que eu ia criando no enérgico caderno vermelho das notas rápidas.

Por que inventei que Sophie Calle ligou para minha casa? E por que inventei que me pediu que escrevesse uma história que depois pudesse viver? É bem possível que eu inventasse tudo justamente *porque ela não pediu isso*.

Sophie Calle nunca ligou para minha casa, isso pertence a minha imaginação, como também é inventada a história de meus encontros e desencontros com ela. Suponho que imaginei esse telefonema e todo o resto porque estava cansado da atonia de minha existência e precisava poder contar uma vida mais interessante em meu diário das notas rápidas.

Agora, pensando bem, vejo que com Sophie tenho uma história inventada, uma história escrita que a partir de hoje eu poderia ousar viver em vez de continuar imaginando-a. Mas como fazer para vivê-la? Para começar, não é fácil conseguir que Sophie Calle, que não conheço nem um pouco, ligue para minha casa. E mais difícil ainda me encontrar com ela no Café de Flore e que ela me peça tudo isso e que me proponha o que já propôs há oito anos a Paul

Auster. É difícil que eu consiga viver essa história, mas nada é impossível e não quero me sentir derrotado de antemão, de modo que vou tentar dar os passos que forem necessários para viver a história com Sophie Calle que até agora fui imaginando e escrevendo. Ou melhor, se o tema do *Quixote* é o do sonhador que se atreve a se transformar em seu sonho, minha história será a do escritor que se atreve a viver o que escreveu, neste caso o que inventou sobre suas relações com Sophie Calle, sua “artista narrativa” preferida.

4

Também não é tão complicado, afinal de contas, conseguir que Sophie ligue para minha casa. Simplesmente vou falar com Ray Loriga, que foi quem me contou as coisas que estavam acontecendo com Sophie nesses últimos meses. Devo a ele a informação sobre a lenta agonia da mãe e sobre o enterro em Montparnasse, bem como sobre tudo o que se refere à Bienal de Veneza e à amizade com Florence Aubenas. E tantas outras coisas que Ray me explicou sobre o que acontecia com Sophie e que me permitiram imaginar uma história de encontros e desencontros com ela. Entre o que ele me contou também está essa proposta que Sophie fez, há três anos, ao próprio Ray, esse convite para que lhe escrevesse uma história que ela tentaria transpor da literatura para a vida. Tratava-se de algo — Ray logo soube por outras pessoas — que ela havia proposto anteriormente a Paul Auster, Jean Echenoz, Olivier Rolin e muito possivelmente a algum outro escritor.

De fato, a invenção de minhas relações com Sophie teve início justamente no dia em que Ray, que é amigo dela há anos, contou-me a história desse convite que recebeu de Sophie para escrever um conto que ela tentaria transpor para a vida. Como ocorreu com Auster, Echenoz, Rolin, Ray me disse que tudo deu praticamente em nada. Lembro-me da inveja instantânea que senti ao saber de tudo isso, pois eu teria adorado que Sophie Calle me fizesse uma

proposta ou um pedido desses, ainda mais considerando que há muitos anos eu estava especulando sobre as relações entre vida e literatura e, ainda que às cegas, procurava ir além delas, principalmente além da literatura.

Aproximar-me de Sophie, só uma coisa assim poderia alegrar minha vida. Por que não tentava fazer com que minha "artista narrativa" favorita me propusesse transpor para a vida o que eu escrevesse para ela? Achei que eu tinha o mesmo direito dos outros de ouvir aquela proposta. Ou não? Não só a oferta de Sophie era perigosa e atraente, como, acima de tudo, parecia abrir as portas para a fascinante e enlouquecida ousadia de ir muito longe, de tentar, de uma vez por todas, ir além da escrita. De fato, dependendo do ponto de vista, deixava esta feito um trapo, rebaixava-a à condição de quinquilharia ou de simples lugar de trâmite para poder ter acesso à vida: a vida, sempre tão importante. Ou não? Não era isso que se costumava dizer? De repente fui assaltado por certas dúvidas. A vida, tão primordial. Repeti para mim mesmo outra vez: a vida, tão primordial. Tão essencial, acrescentei. O sangue e o fígado, tão fundamentais. As dúvidas aumentaram. A vida devia ter um lugar tão preferencial? Disse a mim mesmo que na verdade essa tensão entre literatura e vida foi, desde o primeiro momento, desde Cervantes, o tipo de debate que o romance desenvolveu. Na verdade, o que chamamos de romance é esse debate.

Lembro que, dias mais tarde, fiz reflexões no mesmo estilo em *Carta libre*, o programa que Ray Loriga realizou para a tevê espanhola e onde, sem dizer de jeito nenhum que era imaginada, dediquei-me a apresentar como real minha história com Sophie, a suposta relação profissional que vinha tendo com Sophie há tempos. Amante da falsificação de relatos, Ray se prestou ao jogo e em seu programa transformou Sophie numa espécie de convidada-fantasma, que na verdade, pensando bem, era a única coisa que ela podia ser nessa emissão na qual se falou de um projeto sobre o qual, como muito justamente eu fizera Sophie dizer na ficção, não podíamos explicar nada, pois "de que poderíamos falar ali diante das câmeras se o projeto ainda não tivera início?"

5

Ao acordar, liberei-me, como todos os dias, da bolsa-mala a que estou amarrado enquanto durmo (um tormento) e onde vai parar a urina noturna, e a substituí por esse saquinho plástico menor que vai amarrado à minha perna direita durante o dia. Tomei uma ducha e depois anotei o sonho singelo que acabara de ter e que girava em torno de uma mulher que nunca fechava totalmente as torneiras e sempre fechava suavemente as portas. Eu ia atrás dela, mancando, com minha sonda e com o látigo, ou seja, com a sombra dessa sonda, e meu sonho dentro do sonho era uma imagem de mim mesmo inédita: batia em seu traseiro com essa sombra.

Depois, liguei para Ray Loriga e fui direto ao assunto e contei que, com a brevidade possível, eu gostaria que Sophie ligasse para minha casa para me propor um projeto e me dissesse que não podia falar sobre ele por telefone e que devíamos procurar uma cidade e um lugar para nos encontrarmos. Ele riu. Estou falando sério, disse a ele. E expliquei que adoraria que, o quanto antes, Sophie marcasse um encontro comigo em Paris, no Café de Flore, para falar desse projeto secreto, pois quero tentar *viver* eu mesmo a história inventada que estive escrevendo sobre minhas relações com ela em meu computador, e essa história exige necessariamente uma cena nesse café de Paris, onde eu gostaria que Sophie, mesmo fingindo que me faz a proposta de verdade, perguntasse se eu gostaria de escrever uma história que ela depois trataria de viver.

Ray se mostrou bastante incrédulo diante do que eu dizia. Alguns dias antes ele me telefonara para perguntar pelos graves problemas renais que vão me levar para a sala de cirurgia. “Mas, você está falando sério?”, perguntou ele. “Completamente”, disse eu. “Mas, você quer mesmo, com a sonda e meio fodido, ir a Paris se encontrar com Sophie, montar toda essa farsa com ela?”, disse

ele, e riu. Um breve silêncio. “E por que você quer fazer tudo isso?”, perguntou. Pareceu-me um pouco enfático (e por isso me calei) falar para ele de Petrônio e dizer que eu tinha vontade de ver o que acontecia quando alguém vivia as aventuras que previamente havia escrito, ou seja, quando alguém dava o salto de sua própria literatura para sua própria vida. “Por que, me diga?”, insistiu. Outro breve silêncio. Resolvi como pude. “Para estar em Paris e, principalmente, para passar um tempo não escrevendo, e sim vivendo o que escrevi”, disse finalmente. Então Ray quis saber por que eu não me dedicava a outra coisa. “A quê?”, perguntei, mais curioso do que um menino muito curioso. Ele não pensou duas vezes: “Acho que você tem várias possibilidades de se divertir e nenhuma delas passa por ir com a sonda a Paris e viver o que escreveu”. Eu me senti mal, cheguei até a desconfiar que estava agindo contra mim mesmo. E mais, tive a sensação angustiante de que pelo fato de querer ir além de tudo estava fechando o caminho para mim mesmo. Disse isso a Ray. “O próprio imbróglio do mundo”, limitou-se a comentar. E não sei por que essas palavras me relaxaram, como se fosse a primeira vez na vida que eu compartilhasse com alguém a mais sossegada e evidente das verdades.

6

Dois dias depois, eu estava deitado sobre a dura carapaça de minhas costas (ou seja, quero dizer que estava meio dormindo, nu, de barriga para cima em minha cama, e sentia as costas muito duras, certamente em virtude do tempo excessivo em que já estava nessa posição, com a sonda no ar, uma vez que, sabendo que estava sozinho em casa, não tive compostura e não me cobri com o lençol) quando o telefone tocou. Era Sophie Calle.

“Finalmente voltamos a nos falar. Já era hora, não acha?”, disse-me num espanhol com marcado sotaque francês. Vi que o número de telefone era de Paris, mas ainda não me ocorrera pensar que

pudesse ser Sophie Calle quem ligava e perguntei, meio apavorado, quem estava do outro lado da linha. “É Sophie, só queria voltar a falar com você, não vá pensar que abandonei nosso projeto, continuo nele, mas é que tenho andado muito atarefada.” Minhas pernas tremeram levemente enquanto eu abandonava minha posição de escaravelho de barriga para cima e me sentava na cama. Ela agia como se estivesse retomando uma relação amorosa, meio truncada, entre nós dois. Não era isso que eu tinha pedido para Ray. Quanto a saber se era realmente ela quem falava, se era a verdadeira Sophie Calle, não havia a menor dúvida. Eu ouvira (e até estudara) sua voz em diversas gravações. E era ela.

Achei que devia deixar rolar. “Acredite, não exijo nada de você, eu também andei atarefado, tudo vai dar certo”, disse. Mas ela parecia empenhada em esclarecer as coisas: “A história de Veneza me tomou tempo, mas principalmente a papelada burocrática após a morte de minha mãe, que foi, continua sendo, extremamente fatigante. Só queria lhe dizer que nada ficou interrompido, que ainda quero levar para a vida sua história...” Eu disse que estava tudo bem, que não se preocupasse, e por alguns momentos tive a impressão de que estava falando com ela já com grande confiança, como se a conhecesse há muito tempo. Teria acabado contando de minhas dores renais e de uretra e até teria comentado que me encontrava num período clínico pré-operatório se ela não tivesse, de repente, mudado o tom de voz, que se tornou mais grave, quase agressivo.

“Tem certeza de que está tudo bem? Sua voz é a de alguém ligeiramente decepcionado”, disse subitamente. Fiquei calado, imóvel, sentado ali na cama, nu, desconcertado, com uma repentina taquicardia. “Como?”, perguntei. “Devo lhe propor algo, mas não posso fazer isso por telefone. Poderíamos nos encontrar? Gostaria de saber se você pensa em viajar a Paris nas próximas semanas”, disse. E não demoramos a combinar um encontro para quatro dias depois, na sexta-feira, 16 de junho, no Café de Flore, para a cena da farsa. Ou será que não ia se tratar de uma farsa e ela estivesse pensando em me propor a sério que lhe escrevesse uma história? Essa era minha grande esperança. Se me fizesse a

mesma proposta feita a Auster e a Loriga, eu poderia surpreendê-la entregando-lhe uma cópia de *A viagem de Rita Malú*. Liguei para Ray para agradecer sua gestão, mas não o encontrei. Depois, soube por amigos comuns que ele viajara — algo relacionado ao filme sobre Santa Teresa que acabava de rodar — e não voltaria antes de duas semanas.

Decidi propor a minha mulher que me acompanhasse a Paris, mas ela se negou terminantemente a semelhante loucura. Primeiro eu devia me operar — disse —, e só depois, quando a sonda já tivesse se evaporado, dedicar-me a entrevistas com Sophie Calle e a outras bobagens. “Aliás”, disse, “o que é que você tem com a Sophie Calle? Porque uma coisa é você admirá-la e até invejar o que ela propôs a seu amigo Ray, mas outra, bem diferente, é você arriscar a sonda e até a vida para ir vê-la”.

Eu sabia que suas palavras eram sensatas, mas também sabia que a arte não o é, nunca foi, ao contrário, sempre foi como uma bomba contra o senso comum e uma tentativa de ir além de certas sendas já trilhadas. Além disso, sem dúvida minha mulher estava exagerando, pois eu tinha todas as licenças médicas para viajar de avião e não estava de maneira nenhuma brincando com minha vida indo até Paris. Além disso, eu podia me divertir — e muito — com essa aventura de começar a viver o que eu havia escrito e, por outro lado, nada impedia que eu chegasse a tempo em Barcelona para meu encontro com o anestesista do Hospital do Vall d’Hebron na quinta-feira, 22 de junho.

“E se o hospital resolve adiantar o dia e a hora com o anestesista, como lhe avisaram que podia acontecer? E daí? Hein? E então? Você vai atrasar a operação urgente só porque quer ir tomar um café no Flore?”, disse minha mulher, mais que indignada. Não sei o que respondi, só sei que não consegui convencê-la a me acompanhar.

O fato é que no dia 16 de junho, logo cedo, sozinho como um rato e com um importante remorso e o conseqüente aborrecimento monumental de minha mulher, como se fosse um pobre solteiro aleijado, subi num avião e me plantei em Paris, com bilhete de volta a Barcelona para aquela noite. Cheguei uma meia hora antes

ao bairro de Saint-Germain onde fica o Flore, cheguei um pouco inquieto para o encontro, na verdade mais do que esperava. O ideal seria ir primeiro ao Café Bonaparte tomar dois uísques e ser assim totalmente fiel à história que eu escrevera em meu computador e que desejava reproduzir. Mas sabia perfeitamente que beber aquilo beirava o suicídio, pois meus rins não iam admitir facilmente os uísques. Ia dar um trabalho duplo a meus rins e colocá-los, desnecessariamente, considerando minhas circunstâncias físicas, numa situação de alto risco. Finalmente, entrei no Bonaparte e no balcão pedi uma água sem gás. Também a bebi de um trago. Olhei ao redor para ver se minha atitude ansiosa com a água tinha chamado a atenção de algum cliente, mas, logicamente, o mundo continuava igual, seguia seu curso sem problemas e sem que ninguém se perguntasse por que eu tomava ou deixava de tomar copos de água. Fui ao lavabo e esvaziei da urina a bolsinha de plástico que levava colada a minha perna direita. Depois voltei ao balcão, paguei e saí do Bonaparte andando bem devagar e, como ainda faltavam vinte minutos para o meio-dia, parei na vitrine da livraria La Hune, a dez metros do Flore. Olhei para ver se alguém tinha me seguido, mas ninguém fizera isso. Não olhei mais, porque não queria parecer paranoico. Embora isso fosse um absurdo. Aos olhos de quem eu podia parecer paranoico se ninguém, absolutamente ninguém, me observava?

Olhei para a vitrine da La Hune e lá estavam expostos vários livros do escritor que eu mais odiava neste mundo. Por sorte, pude continuar olhando a vitrine porque esses livros dividiam espaço com uma magnífica e grande reprodução de *A noiva despida pelos seus celibatários*, mesmo, o enigmático vidro duplo de Marcel Duchamp, pintado a óleo e dividido horizontalmente em duas partes idênticas por um fio de chumbo. Na parte mais alta da metade superior, domínio da Noiva, via-se uma perfeita reprodução da nuvem de cor acinzentada (sempre ouvi dizer que era a Via Láctea) pintada por Duchamp. A nuvem envolvia três painéis cuja função (também sempre ouvi dizer) consistia em transmitir a “uns solteiros” situados na parte baixa do vidro os disparos da Noiva, possivelmente suas ordens, seus mandamentos. Atentei muito especialmente para o

que sempre me intrigou e mais interessou nesse vidro duchampiano: uma área de pontos na extrema direita da parte superior. Nessa área, esses pontos sempre foram conhecidos como o lugar dos disparos dos solteiros.

Fiquei quase extasiado olhando para esses pontos, até que minha vista me traiu e voltei a ver os livros de meu escritor mais odiado. Pensei em lhe enviar um disparo de solteiro. Será que eu devia pensar que a própria Sophie Calle pusera aqueles livros ali para me irritar? Isso era pouco mais que improvável. Pensei então na intervenção cirúrgica que me esperava quando voltasse a Barcelona e na morte e também pensei — não sei por que — que podia perder tudo.

A morte me levou a refletir sobre a vida. Mas que vida? Disse para mim mesmo que já era hora, numa época tão confusa quanto a nossa, de começarmos a nos perguntar o que realmente entendíamos por *vida*, ou seja, de nos perguntar do que falávamos quando falávamos dela e se não estávamos, no fundo, sempre falando da morte. Certamente seria preciso começar a nuançar a definição de experiência... Eu também tinha uma lembrança um pouco distante, meio confusa dela. Quem vivia em total plenitude? Alguém vivia? E, certamente, que tipo de vida levava a vida?

Decidi sair da valeta escura em que tinha me enfiado e passei a especular sobre o que Sophie me diria quando nos encontrássemos. Era isso que realmente importava naquele momento. Será que ia me propor que escrevesse uma história para ela para depois vivê-la e eu deveria entender sua proposta só em chave de farsa, de representação teatral? Ou será que ela faria uma proposta séria e eu, ao ver que se oferecia para levar minha escrita além da escrita, poderia até lhe oferecer imediatamente *A viagem de Rita Malú*, os doze fólios que levava tão cuidadosamente dobrados no bolso de meu paletó?

Enquanto eu pensava em tudo isso, eu não olhava os livros da vitrine nem vigiava o que acontecia ao meu redor; permanecia, antes, imerso numa nuvem futuante. Por isso fiquei levemente surpreso quando alguém se interpôs entre mim e a vitrine e, num francês com acentuado sotaque espanhol, cumprimentou-me

estendendo a mão e perguntou-me muito educadamente o que estava fazendo por ali. Eu nunca tinha visto na vida aquele jovem de óculos escuros, terno e gravata pretos, barba cuidada de quatro dias. De repente irrompeu a veia louca de meu humor e perguntei se ele era o decorador da vitrine. “Porque se for, gostaria de lhe apresentar meu mais enérgico protesto”, disse. E depois me escapou uma risadinha, que me fez notar que eu não estava com essa bola toda. Tentara me concentrar em meu encontro com Sophie Calle e tinham se interposto obstáculos de todo tipo, em forma de pensamentos negativos ou de sujeitos de óculos escuros.

“Você me seguiu desde o Bonaparte?”, perguntei, para dizer alguma coisa, uma vez que ele permanecia totalmente imóvel diante de mim enquanto me observava com cara de estranheza e parecia estar olhando especialmente para a parte inferior de minha perna direita, ali onde se notava um ligeiro volume. Engoli em seco. Seria um bêbado em vez daquele “alcoólico anônimo” que eu inventara para minha ficção baseada no caderno vermelho? “Mas, você não se lembra de mim?”, voltou a perguntar. E então percebi e o reconheci. Os óculos negros tinham me deixado desorientado. Era um espanhol que havia anos — mais ou menos desde que eu voltara a frequentar esse bairro de Paris — circulava pelas ruas do bairro cumprimentando muito educadamente as pessoas que encontrava e perguntando se não se lembravam dele. Para que ele o deixasse em paz bastava você dizer, claro, que se lembrava. Era só dizer isso e ele ia embora. Mas ainda me restavam alguns minutos para entrar no Flore e resolvi dizer que me lembrava perfeitamente dele, mas que não sabia a que se dedicava. Ele ficou muito sério. Fingiu-se incomodado com a pergunta, mas notei claramente que acontecia o contrário, ele estava adorando poder responder. Respirou fundo, feliz, e depois disse: “Sou um artista aposentado e agora vago pelo mundo”. Perfeito. Um artista aposentado. Nunca ninguém se definira para mim dessa forma. Sorri. Ele me disse: “O que eu pintava não interessava a ninguém, e um dia me cansei e me perguntei por que pintava e principalmente por que queria interessar a alguém. E sabe o que fiz? Me aposentei. E depois continuei pintando, como se nada tivesse acontecido. Mas

pintando apenas em minha imaginação. Por exemplo, olho para esta vitrine e para mim ela é uma natureza-morta. Há nela uma gralha morta. Não creio que você possa vê-la. Há dias em que não existe nada além de meu mundo mental. Palavra de artista aposentado”.

Com suas palavras ele fora muito além do que eu esperava ouvir dele. Agora tinha chegado a hora de eu saber me livrar do sujeito. Sophie Calle vinha em primeiro lugar. O artista aposentado devia se aposentar da minha vista. “Muito bem, até a próxima, sempre vou me lembrar de você”, disse. E fugi daquela situação andando a passos rápidos, com meu corpo levemente dobrado, a cabeça um pouco inclinada, andando como se um vento forte me arrastasse para um lado e para outro do boulevard Saint-Germain, a sonda enlouquecida também indo de um lado para o outro, as mãos cruzadas nas costas, e as passadas largas.

7

Entrei no Flore com cinco minutos de antecedência, mas Sophie Calle já estava lá, sentada numa mesa bem localizada. Aproximei-me tentando controlar meu pequeno pânico.

— Sou eu — disse com uma timidez quase de outro mundo.

E, esboçando um gesto respeitoso, pedi licença para me sentar. Ela sorriu, assentindo... Tentei disfarçar a dificuldade que sentia para me sentar em virtude da sonda que estava usando. Mas disfarçar foi pior porque fiz um gesto equivocado e senti um puxão no pênis e a conseqüente dor, que se prolongou por cerca de um minuto. Ela, alheia a meu drama, anunciou-me que falaríamos em espanhol, tal como havíamos feito anteriormente por telefone, pois vivera um ano no México e conhecia bem o idioma. E eu contive minha timidez e medo começando a falar imediatamente. Comecei a contar a história de uma suposta espionagem e perseguição a que acabara de ser submetido por um alcoólico anônimo que, disse eu, parecia saído — o homem e a história da perseguição — de alguma

parte daqueles *romances de parede* que ela tanto gostava. Será que não tinha sido justamente ela quem o contratara?

Sophie sorriu suavemente. Acariciou a câmera de vídeo que tinha sobre a mesa e abordou, sem mais rodeios, o assunto. Tentei mudar de posição na cadeira, acomodar melhor meu órgão genital e a sonda. Mas não consegui melhorar nada. O que ela queria me propor, disse, era que eu escrevesse uma história. Que criasse um personagem que ela própria transporia para a realidade: um personagem que atuaria — por no máximo um ano — conforme o que eu escrevesse. Queria mudar de vida e estava, além do mais, cansada de decidir suas *ações* e preferia que agora alguém fizesse isso por ela, decidisse tudo o que tinha de viver.

— Resumindo — concluiu —, você escreve uma história e eu tratarei de vivê-la.

Ficamos em silêncio por longos minutos, até que passou a me contar que, anos antes, já fizera a mesma proposta a Paul Auster, mas este considerara excessiva sua responsabilidade e renunciara. Também fizera a proposta, sem muito sucesso, a Jean Echenoz, Olivier Rolin, a meu amigo Ray Loriga e a Maurice Forest-Meyer.

Quem era este último? Perguntei isso de forma vacilante e quase ininteligível, e minha pergunta acabou parecendo um modesto disparo de água num lago — algo assim como um risível disparo de solteiro —, pois Sophie, alegando que não era o momento, simplesmente se negou a me esclarecer quem era Maurice Forest-Meyer, nome que pronunciava com certa ênfase. Percebi, além do mais, que na realidade o que eu queria perguntar era outra coisa, completamente diferente. O que eu na verdade queria arrancar dela era se a proposta que acabava de fazer tinha sido apenas uma encenação ou se era a sério. Mas para que perguntar isso, se estava claro que, fosse qual fosse sua resposta, ela não me esclareceria nem me orientaria em nada? Era inútil perguntar. Disparei de novo, dessa vez com mais energia. Perguntei se estava querendo que eu me transformasse num artista aposentado, e ela primeiro me observou com espanto e depois com um olhar que me pareceu glacial.

Longo silêncio, que finalmente rompi para dizer que ouvira dizer

que a poderosa inteligência de nossa espécie, que é um resultado ao mesmo tempo rico e vulnerável da evolução, encontra-se diante de certas portas que seria melhor não abrir, ou então fechar bem suavemente. Novo olhar glacial e, nesse caso concreto, olhar de absoluta incompreensão. Então não consegui mais me conter e disse, isso me saiu do fundo da alma, e disse vocalizando muito:

— Não estou especialmente interessado em ir além da literatura. Ela teria me ouvido bem?

— Por via das dúvidas — acrescentei — vou dizer isso de outra forma. Não quero mais indagar no abismo, ou seja, no além da literatura. Não há vida lá, e sim risco de morte. É parecido com essas descobertas bioquímicas que começamos a entrever e que acho que armam uma cilada para o homem. Por isso, falei de portas que seria melhor não abrir.

Não podia negar, continuei a dizer, que já sentira a tentação de ir além do que escrevia. Mas, pensando bem, preferia ficar onde estava. Não, não queria dar mais um passo no abismo do vazio e transportar-me da literatura para a vida. E mais, não queria deixar minha escrita nos braços desse tenebroso buraco que chamamos de vida. Estivera indagando, explorando nesse sombrio abismo que intuía no incerto além de minha escrita, e considerava que já era hora de nos perguntarmos — principalmente nos tempos que corriam — do que falávamos quando falávamos da “vida”.

Como quem reprime um sorriso, Sophie comentou que tinha de pensar em tudo aquilo. E eu, por minha vez, decidi concluir, rematar o que havia exposto e lhe disse simplesmente que para mim a literatura sempre seria mais interessante que a famosa vida. Primeiro porque era uma atividade muito mais elegante, e segundo porque sempre me parecera uma experiência mais intensa.

Não que eu tivesse muita certeza do que dizia. O que na verdade era elegante era o que dissera, mas a vida sempre seria a vida, isso era muito claro para mim. Não, não tinha nenhuma certeza de tudo o que acabara de dizer com tanta firmeza. A literatura tem sua intensidade, mas a vida não fica atrás.

Nada, não tinha nenhuma certeza do que acabara de dizer, mas já dissera. No fundo, agi assim porque me incomodava que não

tivesse sido por iniciativa própria que ela tivesse me pedido uma história para poder vivê-la. Claro, por que deveria fazer isso? Quem eu pensava que era? Não era, acaso, apenas um fantasma?

Neste ponto da conversa, e diante do incômodo e novo silêncio de Sophie, lembrei-me daquela canção que dizia que “as histórias de amor geralmente acabam mal”. Olhei-a nos olhos e nesse momento percebi que ela, ainda sem possibilidade de perceber isso, tinha diante de si o fantasma da Ilha do Pico. Sophie não podia saber, mas teria bastado ela me filmar alguns segundos e a viagem de Rita Malú, a história que eu levava cuidadosamente dobrada no bolso, teria chegado ao fim ali mesmo.

— Além do mais, já estou fora daqui — acrescentei.

E saí. Na rua, me encontrei com a famosa vida e com um tráfego que parecia interminável. Atravessei e fui além, além do bulevar.

A glória solitária

Quando eu era criança, vi Miles Davis em Barcelona tocando trompete no sagrado Palau de la Música Catalana, templo provinciano do jazz. Sua atuação causou um grande escândalo. Aquele músico — disse a grande maioria dos amantes do jazz em Barcelona — dava as costas para o público, mostrava-lhes o traseiro e tocava como se quisesse se esconder ou tivesse sido assassinado por seu próprio trompete. Naquela época, preferi pensar que, na verdade, Davis não mostrara o traseiro para ninguém e simplesmente se virara para poder ficar a sós consigo mesmo e assim tocar melhor, mais livre; certamente Davis descobrira a extraordinária qualidade de som que se dava naquela sala e desconfiava que, tocando para o fundo e no mais fundo do palco — para não dizer, com o olhar posto sob o palco —, podia se concentrar melhor em sua música. Não notei nada a não ser isso, não quis ver outra coisa senão a atuação de Davis, e acho que agora tanto faz o que eu vi ou quis ver naquele dia, pois hoje o que lembro essencialmente daquela apresentação de Miles Davis é que com ela pela primeira vez entrei em contato com certos problemas que a exasperante sociedade do espetáculo cria para alguns artistas. Hoje me lembro daquela atuação fundamentalmente por isso e também porque, com o tempo, isso acabou influenciando o segundo livro que escrevi: um breve romance feito com a intenção de dar as costas para o público e com a intenção de acabar com o leitor, de simplesmente assassiná-lo.

Isso agora me faz lembrar que quando criança Thomas Bernhard gostava de se fazer de morto, como se o livro que estava lendo o tivesse assassinado. Ele adorava aterrorizar sua mãe. Depois, escreveu muito para teatro e, de certo modo, tentou organizar sua vida (e sua morte) como obras de arte interpretativa. Don DeLillo

conta isso em *Contraponto*, onde também fala do pianista Glenn Gould, outra alma solitária, como Bernhard. A mera ideia de comer deixava Glenn Gould assustado, principalmente a ideia de comer com gente em volta ou seja, de se ver preso num almoço, de ter que falar com os que comem, e tudo o mais.

Thomas Bernhard falava com admiração de Glenn Gould e do dia em que decidiu se *entrincheirar* em sua casa. Bernhard sempre compartilhou com Gould o desejo de se blindar perante o mundo e explorar a sós os vazios de seu universo singular. Ambos foram fanáticos natos das barricadas, fanáticos desses jogos iniciáticos que tantos de nós praticamos na infância e que no fundo são jogos intimamente relacionados: um, o de encontrar um prazer especial em se esconder; outro, o de simplesmente se fazer de morto, uma brincadeira que quando éramos crianças levávamos até mesmo ao mundo exterior, até essas praias de nossos eternos veraneios, onde — com grande susto de nossos inocentes pais — flutuávamos, cadáveres, na superfície daquele *mare nostrum* de todos os verões.

Em seu relato autobiográfico *O tanque*, Robert Walser conta como, quando menino, escondeu-se num armário esperando que sua mãe perguntasse onde ele estava e como, ao ver que ela não se abalava nem o procurava, fingiu — deixou seu chapéu flutuando na superfície — ter se afogado no tanque próximo de sua casa.

O mais provável é que o prazer de nos esconder não residisse em sermos finalmente descobertos, mas no próprio fato de estarmos escondidos. De nos escondermos sob aquela grande cama, por exemplo, que havia no quarto proibido do casarão de nossa avó; um quarto no qual nossos incautos companheiros de brincadeiras não se atreviam a entrar, até que finalmente, depois de um longo tempo, os mais levados o faziam e, ao nos descobrir, acabavam com o feitiço incomparável de termos estado sozinhos sob a grande cama e, de alguma forma, de termos estado *mortos*.

Desta excitação infantil, diz Giorgio Agamben em seu ensaio *Genius*, provém tanto a voluptuosidade com que Robert Walser assegura as condições de sua ilegibilidade (os microgramas) quanto o obstinado desejo de Walter Benjamin de não ser reconhecido. Para Agamben, prazer e invisibilidade são os guardiães dessa *glória*

solitária que sua toca um dia revelou ao menino: “Porque o poeta celebra seu triunfo no não reconhecimento, como o menino que se descobre tremendo *genius loci* em seu esconderijo”.

Sem dúvida, falar do *genius loci*, falar do espírito do lugar, permite que pensemos sempre numa fascinante presença ultraterrena, invisível e ao mesmo tempo tangível. Porque Genius — como escreve Agamben — é nosso deus íntimo e pessoal, mas é também o mais impessoal que há em nós, a personalização daquilo que, em nós, supera-nos e nos excede. Há diferenças importantes entre nosso Eu e nosso Genius. Este vai conosco, é verdade, mas pertence a nossa vida somente enquanto não nos pertence, pois é preciso saber que toda tentativa de nos apropriarmos de nosso próprio gênio, de nosso espírito individual, de obrigá-lo a assinar em nosso nome, está necessariamente fadada ao fracasso. Isso souberam ver alguns artistas que consideramos gênios, quando, na verdade, seu gênio apenas os acompanhava com pequenos e contados fulgores na neve; só os acompanhava, não eram eles mesmos. No fim das contas, aí está essa suspeita de que não somos autores de nada se não estamos ausentes, escondidos ou mortos.

O gênio pessoal que há em toda criança se esconde pelo prazer do próprio ato de ocultar-se, do mesmo modo que o autor de uma verdadeira obra literária escreve essa obra pelo puro prazer de escrevê-la, e todo o resto — o reconhecimento, as medalhas, as aclamações do público etc. — lhe parece imensamente superficial, acessório e acima de tudo contrário a seus próprios interesses e aos da liberdade de seu duende pessoal.

O verdadeiro triunfo, *o prestígio próprio*, de que falava Juan Benet, a verdadeira e sublime glória solitária residiriam, então, em não ser descoberto no esconderijo, em não ser reconhecido. “A glória noturna de ser grande não sendo nada!” de que falava Pessoa. Afinal de contas, já faz anos que a pergunta surgiu entre nós e muitos nos tornamos um sóbrio eco dela. Falo de quando nos perguntávamos, quase obsessivamente, o que era exatamente um autor.

Talvez ser um autor seja fazer-se de morto, situar-se no lugar do

defunto, e não perder de vista certas perspectivas abertas por pensadores como Foucault, para quem o que a escrita põe em questão não é tanto a expressão de um sujeito que escreve quanto a abertura de um espaço no qual o sujeito que escreve não cessa de desaparecer: "A marca do autor está somente na singularidade de sua ausência; ao escritor é destinado o papel de morto no jogo da escrita".

No caso de Thomas Bernhard, tudo nos leva a pensar que ele não fazia outra coisa senão preparar-se para um dia ocupar esse lugar mortal do autor. "Eu me chamo Erik Satie como todo mundo", dizia Satie. Talvez ele quisesse dizer, com essa frase, que não se trata exatamente de que o autor esteja morto, mas que, como autor, ocupa o lugar do morto, deixa seus próprios rastros num lugar vazio.

Sabemos que também Thelonious Monk gostava de se esconder e de se fingir de morto quando era criança. Este grande artista do jazz foi tanto ou mais afeito à glória solitária do que Thomas Bernhard ou Glenn Gould, as outras duas almas radicalmente solitárias que Don DeLillo reúne em *Contraponto*, breve ensaio que relaciona sutilmente o mundo diversificado desses amantes da solidão, desses grandes artistas do isolamento, precoces abominadores da sociedade do espetáculo. Aí está Glenn Gould, que, diante do desconforto que sentia quando estava diante de um público qualquer, refugiou-se na tecnologia e no estúdio de gravação buscando um clima de anonimato. E aí está também Thomas Bernhard, isolado em seu mundo de literatura nua e crua. E Thelonious Monk, que se retirou misteriosamente e não voltou a se apresentar nos seis anos que transcorreram até sua morte em 1982.

Estou me referindo a um microcosmo de solidões, todas vinculadas entre si, com suas tumbas e seus respectivos mistérios, cada uma delas almejando ser Erik Satie e se dissolver no anonimato, que é o espírito do lugar, o espírito do mundo inteiro. Tanto Bernhard quanto Monk ou Gould precisaram da mais aleatória e sublime das brumas misantropas para aperfeiçoar sua arte da solidão radical. Eles nos lembram Julien Gracq dizendo: "O escritor

não tem nada a esperar dos outros. Acredite, ele só escreve para si mesmo!”.

Não vamos esquecer que da mente humana em condição de isolamento nasceu, por exemplo, o sujeito moderno. Montaigne isolado em sua torre perto de Bordeaux. E Descartes em seu quarto quente da cidade alemã de Ulm. No entanto, o solitário radical foi, em culturas mais antigas, uma figura maligna, pois se acreditava que punha em risco o bem-estar do grupo. Mas hoje nós conhecemos perfeitamente esse solitário, nós o conhecemos porque o encontramos em nosso próprio interior, e nos demais.

Solidões perduráveis de determinados artistas que se entrincheiraram diante do mundo e da sociedade do espetáculo. Não é fácil lidar com o público que o abraça e o odeia ao mesmo tempo. Basta ver a asfixia a que chegou Bob Dylan e que tão nitidamente se explica em *No direction home*, o filme de Martin Scorsese. “Eu é que vou embora”, diz Dylan quando o público o chantageia e ameaça ir embora se ele insistir em *não repetir* suas fórmulas de sucesso.

Um verdadeiro artista é sempre um solitário de si mesmo. Que depois chegue ao público é um outro departamento. O isolamento é absolutamente necessário para a criação. “O isolamento é um componente indispensável da felicidade humana”, costumava comentar Glenn Gould. E o que dizer de Monk? Permaneceu imóvel diante do piano num clube de Boston, pressionando as teclas, sem som, durante tanto tempo que, no fim, os que o acompanhavam abandonaram o palco. Estava ouvindo algo que eles não ouviam. E nenhum de seus amigos pôde esquecer aquele momento. Foi como se tivessem descoberto de repente a verdadeira essência de que estava feito o grande Monk.

Solitários muito corajosos, certos gênios entrincheirados sempre me trazem à lembrança aquela vontade de Kafka de ser como um pele-vermelha, sempre a cavalo, mas sem ver a cabeça do cavalo, num galope desenfreado. Solitários de si mesmos, exploradores do nada mais vazio que há por trás de toda plateia repleta de público, todos os artistas de que fala DeLillo terminaram sendo muito esquivos e se afastando. Thelonious Monk, por exemplo, me faz

lembrar da grande cama do quarto proibido de minha avó. Ocorre que, antes de isolar-se para sempre, Monk passou um bom tempo dormindo sob o palco no qual tocava todas as noites. Essa atitude sempre me pareceu o começo do fim da vida social de Monk e às vezes me leva a imaginar Miles Davis dormindo sob o palco do Palau de la Música Catalana, assassinado por seu próprio trompete.

Esconder-se era o destino de todos esses amantes da glória solitária, todos esses artistas que acabaram precisando do isolamento radical porque sabiam que isso os aproximava mais do absurdo geral da existência e da solidão que cedo ou tarde haveria de chegar-lhes na hora da morte. Solitários de si mesmos e obstinados exploradores do vazio, todos eles, um belo dia, partiram em direção a um horizonte gelado, “foram embora para longe para ficarem aqui”, como diria Kafka. Thomas Bernhard foi enterrado em segredo, em Viena, uma hora antes do previsto, para garantir a intimidade do ato. E na tumba onde jaz Glenn Gould estão gravadas sobre o duro granito as três primeiras notas do tema das *Variações Goldberg*. As tumbas desses artistas são hoje em dia sepulcros metaforicamente conectados, tumbas nas quais eles já podem descansar tranquilos, como se estivessem debaixo de seus antigos e desconfortáveis palcos. De certa forma, seus caixões imaginários lembram essa *roulotte* preta, esse escuro carro fúnebre, retangular e bem alongado, com o qual Raymond Roussel viajava pelo mundo todo e no qual às vezes dormia debaixo de sua escrivania, talvez feliz por ter encontrado o assento mortal do autor, e de passagem, o verdadeiro espírito do lugar.

Um dia, Maurice Forest-Meyer mandou construir uma *roulotte* preta idêntica para ele. O genial equilibrista queria ter um carro como o de Raymond Roussel. No final, mais que o carro de Roussel, sua *roulotte* acabou lembrando um desses *vagões funerários* que havia em Praga na época de Kafka, uns bondes pretos que serviam para o transporte de soldados mortos e nos quais havia espaço, no mínimo, para quatro caixões.

Com essa *roulotte* fez, durante anos, grande parte de suas viagens artísticas. E nunca vou me esquecer do dia em que, encontrando-me na praça central da cidade holandesa de Delft,

entregue à observação minuciosa da luz que ali mesmo o pintor Vermeer havia visto, de repente estacionou nessa praça uma silenciosa e preta *roulotte* de ar muito funerário, da qual pouco depois, muito discretamente, foram saindo Forest-Meyer e seus amigos e ajudantes, dentre os quais reconheci com emoção, por seu mancar elegante e inconfundível, a belíssima Delia Dumarchey, acompanhada de sua filhinha que devia ter, na época, uns dez anos, vestida a menina com uma maravilhosa roupa violeta.

Nunca vou me esquecer daquela visão fugaz de Delia Dumarchey, sua eterna acompanhante, a do olhar sempre único e perturbador. Todos foram saindo da *roulotte* e vi como em pouco tempo, sigilosamente, começaram a preparar, imagino que procurando a surpresa, uma exibição funambulesca. Duas horas depois, Forest-Meyer cobria sozinho, suspenso no ar sobre sua corda, a distância entre a catedral e o edifício mais próximo. Lembro-me dele mantendo, sem esforço aparente, o equilíbrio e observando das alturas, com um extraordinário sorriso permanente, o vazio esplêndido da mesma luz que viu, em sua época, o pintor Vermeer. Nunca vou me esquecer desse riso excepcional, diáfano, lá no alto, em claro contraste com o carro fúnebre que ficara estacionado ali embaixo.

Pela rapidez com que montaram tudo, não tiveram muitos espectadores naquele dia na praça de Delft, nem pareciam procurá-los. O que realmente parecia importar a Forest-Meyer era o gesto mínimo de encarapitar-se de surpresa lá no alto. O que ali parecia contar de verdade para ele era o prestígio próprio, aquela sóbria forma única de atuar para si mesmo e, em última instância, para Delia Dumarchey, que olhava tudo lá de baixo com seu elegante olho de vidro e aquele ar inesquecível de quieto mistério que me fez tremer diante da ideia de que talvez não houvesse outra ocasião, além daquele dia, sob aquela imensa luz de Delft, de vê-la.

Esconder-se era o destino de todos esses amantes da glória solitária. Com grande arte, em *Contraponto* Don DeLillo tece à perfeição as histórias de algumas solidões radicais que nos deixam impressionados, talvez porque as vemos como solidões incrivelmente sólidas, quase de granito. DeLillo é divertido quando

utiliza uma de suas frases imensamente crípticas: “O artista, afeito à solidão, vive à beira de um mundo de gelo e de meditação invernal”. O que ele quis dizer com isso?

“Acontece, no entanto, que é verão”, costumava dizer Monk quando nevava em sua cidade natal. E isso — também bastante críptico e, além do mais, estranho — curiosamente parece esclarecer tudo. Como a neve quando, isolada na paisagem, com os fulgores próprios de sua enigmática genialidade, consegue em sua radical solidão resplandecer como nunca.

Epílogo

Eu segurava maquinalmente a esferográfica apontando para as coisas. Quando percebi, desviei-a na hora para outra direção, *na qual não havia nada*.

PETER HANDKE, *O peso do mundo*

FIM

1 Gargalhada. [N. T.]